
This is a reproduction of a library book that was digitized by Google as part of an ongoing effort to preserve the information in books and make it universally accessible.

Google™ books

<https://books.google.com>





021373 - 0 21 7

BIBLIOTHECA RELIGIOSA SELECTA

HORAS DE PAZ



HORAS DE PAZ

ESCRITOS RELIGIOSOS

POR

CAMILLO CASTELLO-BRANCO.



PORTO:

LIVRARIA E TYPOGRAPHIA DE F. G. DA FONSECA, EDITOR

Rua do Bomjardim, n.º 72

=
1865

2001



PREFACIO



REIMPRIMEM-SE em livro alguns escriptos que, ha mais de dez annos, o author publicou em dois jornaes religiosos. Reconhece elle que não é desculpa á desvalia de taes escriptos o terem sido elles gratamente acolhidos em outro tempo; que não ha de o publicador de suas idéas, mórmente destinadas a doutrinarem e afervorarem espiritos em materia de religião, prevalecer-se da verdura d'annos e estudos, para republical-as. Assim é; mas tambem é certo que o author, ainda agora, tão longe para áquem das remançosas aguas em que descançou, por pouco tempo, o atormentado esquife de sua vida, ainda agora vive na fé, na crença, e na esperança d'aquelles tempos em que trasladava ao papel essas desambiciosas cogitações de sua alma, vivamente impressionada de coisas do céo, muito a occultas e de fugida das coisas da terra. E nenhuma outra defeza offerece o author já contra as razões respondiveis, já contra a mofa inoffensiva dos bons e máos censores.

No tocante á fórma, confessa o author que havia muito que limar n'este volume. A linguagem está delatando o principiante, quer desigualando-se em demasias de concisão, quer em derramamento de palavras occiosas. Era de meu dever cortar por tudo que me desagrada agora. Em parte o fiz; no restante, deixei-me alliciar da saudade que me chamava ao tempo em que assim escrevia. Parecia-me ouvir o coração a dizer-me: «Deixa-me esse modo de sentir e escrever, que é o tempo em que eu era feliz.»

E é doce escutarmos alguma hora o coração que lá do passado nos vem com uma flor fenecida pedir á lagrima da saudade o revião das folhinhas.

Denominamos este livro «HORAS DE PAZ.» Nenhum outro titulo viria a quadrar-lhe tão de molde. Verdadeira, deleitosissima para nunca mais esquecida foi a paz d'aquelle anno, em que eu, refugido do mundo, para as alegrias d'uma solidão, e d'uns livros, que todos me narravam maravilhas do Altissimo, escrevi essas paginas, que me são ainda refrigerio n'esta mais que cruelissima provação em que me corre a vida, não sei já se para acabar pela morte, se para renascer em contentamentos cujo sabor algumas vezes o espirito me tem presagiado.

Seja como fôr, e como Deus quizer.

Ahi vae o livro, para junto d'outros meus que não valem mais do que elle.

Porto — Janeiro de 1865.

CAMILLO CASTELLO-BRANCO.

HORAS DE PAZ

CAPITULO I

● padre

I



A terra não ha palavra que mais de prompto incenda o espirito em pensamentos do céo.

PADRE, este titulo augusto, que nunca se mancha das impurezas de quem mal o exerce, nada tem com o homem, indigno d'elle, e parece refugiar-se no seio de Deus, d'onde viera, como vinculo sagrado, entre os attributos divinos e as fraquezas do homem.

A sua historia é anterior á das nações. A sua presença na sociedade é eterna como o principio que representa: é a religião personificada na magestade de sua missão.

Buscae-o no berço das gerações: encontral-o-heis rei, como Melchisédech em Salém, chefe da raça, como Noé nas montanhas da Armenia, ou sacrificador como Abel.

Quem é o Padre?

« Somos os auxiliares de Deus » — responde S. Paulo.

É magnifica esta jerarchia definida pelos labios tímidos do apostolo! Será ella uma imagem oriental, uma

hyperbole d'orador, uma impostura de aventureiro? Deus, que fecundára o universo no seio do infinito por um acto incompreensivel da sua vontade omnipotente, precisaria do verme da terra em seu auxilio? O Padre, como assevera S. Paulo, será o auxiliar de Deus?

É.

Quando o Filho de Deus gotejou o sangue da Redempção, a face do mundo, orvalhada por aquelle sangue, devia ser, em seus fructos novos, um monumento perpetuo da passagem de Christo. Sobre as ruinas d'esse immenso emporio da corrupção, d'essa vasta cidade pagã, que abrangia os horisontes da terra, uma nova cidade era fundada. Com os alicerces na terra, e as cupulas no céo, a Jerusalém celeste carecia de operarios, cujos trabalhos fossem sacrificios, cujo suor fossem bagas de sangue, e cujas recompensas houvessem de ser-lhes caucionadas pelo thesouro das mercês divinas.

Os padres foram estes operarios, homens de trabalho, de lagrimas, de sangue, e de espirito ancioso por essas recompensas de gloria não comprehendida na terra. As pedras d'esse edificio celeste, devastadas pela palavra do sacerdote, e collocadas pela mão do ministro de Deus, eram os homens, somos nós, serão nossos netos, será a ultima das gerações.

« Nós somos os embaixadores de Christo » — accrescenta S. Paulo.

E ha desoito seculos que o são. O mais profundo segredo do Senhor é o sacrificio do Calvario. Dos labios do padre pôde o genero humano colher a revellação possivel d'esse augusto mysterio. Ha sobre a terra um reino divino que pertence a Jesus Christo, herdeiro de David.

Rei eterno, carecia de ministros iniciados no seu plano. Fôram-n'o estes homens, que passam entre nós, filhos d'um seculo desvirtuado, e desvirtuador das missões que nos deslumbram o entendimento, annullando-nos a razão, orgulhosa mesmo da sua fraqueza quando se vê aniquilada.

Quereis avaliar-os por um caracter que os separa dos *auxiliares*, dos *embaixadores* dos reis da terra? Olhae para vós, pequenos de hoje, que ainda hontem ereis grandes na republica social. Olhae para vós, que perdestes o caracter d'um alto dignatario apenas o arremesso da politica vos depôz do patriciado, que considerastes vinculado á vossa astucia, ou ao vosso merecimento.

Olhae agora para a frente do Padre, e lá vereis o signal glorioso, que a mão do Eterno alli gravára ha deoito seculos! Recordae as iras tempestuosas, que tem conspirado contra aquelle distinctivo mysterioso do embaixador de Deus; lembrae-vos do punhal revolucionario que intentou achar no coração do sacerdote o sentimento exclusivo do espirito; juntae á morte a perseguição, e a cólera dos aggressores á paciente humildade dos aggedidos; mas o caracter indelevel da sua soberania não lh'o vereis um instante perigoso nas tormentas do desprezo que lhe votam e nas guerras traiçoeiras que lhe fazem.

Ha mil e oitocentos annos, que o facho da verdade eterna entre as mãos dos levitas, illumina o mysterio d'aquellas palavras do mestre: « Vós sois a luz do mundo. » É que mão impiedosa pôde apagar os vestigios de seus passos na mais inculta das nações, e na mais polida das cidades modernas? As hordas errantes d'Africa, os selvagens da Oceania escutaram-lhes as palavras de vida, que hoje resôam nos templos de Pariz, vibradas pelos labios inspirados de *Ravignan*, *Ventura*, e *Lacordaire*. Que maravilhosa consonancia de vozes! Que caracteres tão profundos o Verbo insculpiu nos milhões de espiritos, que se exercem n'um mesmo pensamento! Que mensagem tão rigorosamente cumprida é a d'estes *embaixadores de Deus*! Que prodigioso derramamento de raios não espalha o pharol das nações, aquella privilegiada *luz do mundo*!

II

Dizei ao olho penetrante do legislador, ou ao executor da lei que sonde no fundo dos corações o pensamento do crime. Folheae os codigos penaes, e buscae ahi a punição d'alguns delictos que os tribunaes não interrogam, nem adivinham.

Ide espiar nas trevas os segredos que lá se riem das comminações sanguinarias da justiça, e dizei á justiça humana que devasse o fôro interior do homem, ou ao carrasco que vá punil-o no fundo da consciencia!

Quem tem a chave dos pensamentos reconditos, quem desce á consciencia com a luz das consolações, quem julga no tribunal do fôro intimo do homem, auctorizado por Deus, abraçado pela creatura, incomprehensivel mesmo no seu dominio, ao vêmos a docilidade com que seus irmãos lhe franqueiam os mais perigosos segredos da sua vida? É o padre; é o *sal da terra*, que, só não pode obstar á dissolução pútrida dos nobres sentimentos do coração, quando a alma recusa assimilar-o ás suas aspirações finitas, mortaes, e primitivamente terrenas.

Se quereis a historia da civilisação europêa, se quereis civilisar a Asia, estudae-a no Padre que passou, e encarregae-a ao Padre, cujas prerogativas não poderam ainda os civilisadores da espada substituir entre os selvagens. Dae-lhe essa grande missão de sacrificios incriveis, e não cuideis que elle a recusa, porque o seculo lhe tirou suas honras e riquezas. O bastão do peregrino, e o Evangelho no coração, esses é que ninguem pôde usurpar-lhe, e são essas as suas armas de triumpho; e os seus cantos de gloria são as palavras de benevolencia para os seus perseguidores. É que a margem que o Padre ambiciona aportar não é d'este mundo; mas é elle o ponto que reune as duas margens — a do templo e a da eternidade — assim como S. Paulo o intitulara — ponto lançado entre céu e terra.

Os resplendôres da gloria, e as riquezas do sacerdote estão na ordem espiritual. Como homem e como christão, o Padre tem uma patria, mas, como Padre, não a tem, se é que a sua patria não é o universo. Onde quer que a justiça reclama um executor, e o grito da innocencia a protecção d'um homem, ahi é a patria do sacerdote. O marco da cruz assignala a nacionalidade do padre; mas a cruz de Jesus Christo está arvorada nos confins do mundo conhecido, e á sombra d'ella o seu ministro, providencia viva dos infelizes, acerca-se de desvalidos, de viúvas, d'orfãos, e de toda essa porção immensa do genero humano que pena as amarguras da penuria corporal e espiritual.

Quereis avaliar por um só facto a santidade d'essa criação sublime? Quereis honrar o Padre, sem throno, sem respeitos, sem gloria, e sem vaidade da sua elevada jerarchia?

Contemplae-o na humildade com que recebe, em paga de seus desvelos pela humanidade, em paga da sua heroica renuncia, aos prazeres do mundo, a desdenhosa recompensa d'insulto, de desprezo, e de sarcasmo, todos os dias formulado no livro d'ensino, no romance de recreio, e no jornal desmoralizador. Os adversarios implacaveis do ministro do altar não choraram ainda aquellas lagrimas, que Deus consola, quando o sacerdote lh'as oferece como suas!

III

O profundo character da sociedade actual é a miseria de muitos, confrontada com as accumulações prodigiosas d'alguns.

O numero dos que precisam o balsamo da resignação

para não travarem do punhal de salteadores, é numerosissimo. O numero dos que vivem contentes da sua felicidade, e dispensam palavras consoladoras, ou conselhos paternaes do sacerdote, é muito pequeno. A guerra perenne, em que Hobbes fazia consistir o equilibrio social, nunca foi tão afogueada, nem tão surdamente lavrou nas entranhas da sociedade. São muitos os infelizes que pelem desesperados contra o mau exito das suas empresas. A desigualdade social, que os falsos amigos da humanidade lhes fizeram acreditar como causa efficiente das suas dôres, não admite consolações em quanto o pavoroso processo da anarchia não arruinar as instituições viciosas d'esta pessima sociedade.

O coração do homem, irritado pelas privações, banii de si a esperança, que sorri d'esses mundos invisiveis, onde não ha gozos semelhantes a estes dos sentidos; e o coração, desligado do espirito, não póde comprehender outros.

O Padre era o interprete que fallava a linguagem do espirito, e fazia calar as exclamações delirantes do coração. O Padre convertia a pobreza do christão em thesouros, que faziam o orgulho do soffredor, e do homem das consolações. O Padre era ouvido primeiro que os systemas reformadores, e o Evangelho valia mais em suas mãos que o estandarte revolucionario no punho de mentirosos curandeiros das humanas enfermidades.

Que importam ainda esses pregões de guerra, que chamam a humanidade para um progresso indefinido?

O que progride é o crime, e a impunidade. O que progride é a fome, e a desesperação. O que progride é o desengano das coisas, dos individuos, dos systemas, e até da significação das palavras, que d'antes eram a maneira de os homens se comprehenderem.

E, por isso que o progresso do mal avança até onde lhe ha marcado os horisontes a mão de Deus, o Padre, cada vez mais pequeno na presença dos regeneradores desacreditados, exerce hoje a missão divina, conferida a

anhos de paz no centro de irmãos em guerra, e no coração de uma sociedade em agonias.

O embaixador de CHRISTO não tem a recear-se das imprecações odiosas dos partidarios de Lucifer. O caracter sagrado, que o faz invulneravel no centro de seus inimigos, deve dar-lhe uma coragem sublime, um espirito de paciencia, uma resignação de martyr. Estas virtudes são a garantia de todos os triumphos do espirito. Ha outras oppostas, indignamente appellidadas virtudes, que precisam ser salpicadas de sangue, e victoriadas por hymnos de lagrimas e gemidos, para constituirem a gloria dos que não esperam outra fóra d'este terreno que pisam, juncado de cadaveres.

Estes triumphos, estas acclamações caprichosas, em quanto deliram no seu ruidoso enthusiasmo, não se occupam da viuva, nem do orfão, nem do infermo, que se reclina mutilado, no seu leito, em quanto o Senhor, a quem servira, galga ovante as escadas do Capitolio. A viuva bate ás portas da charidade, e pede alentos de paciencia ao ministro de Deus. O orfão, se a mão da beneficencia o não chamar para o seu regaço protector, chamará manhã ao tribunal das contas uma sociedade que o abandonára. O infermo, esse não chama um phisosopho para a cabeceira, nem um bravo para lêr-lhe a sua Iliada na enxerga dos paroxismos. Quem elle invoca, no seu extremo descoraçoar no mundo, é o Padre, e o Evangelho, e a linguagem da esperanza, que traz o doce esquecimento das precarias venturas, e inseparaveis desventuras da vida.

IV

Ministros do Senhor! quereis levantar o espirito á elevada consideração, que deve ser-vos tributada?

Ouvide os santos e os sabios:

S. Ignacio, martyr, diz que o sacerdocio é a dignidade suprema, entre todas as dignidades creadas (1).

S. Chrisostomo diz que o sacerdocio, posto que exercido na terra, deve ser contado no numero das coisas celestes (2).

Cassiano diz que o Padre é superior a todos os poderes da terra e a todas as grandezas do céu: inferior, só a Deus (3).

S. Diniz chama-lhe homem divino (4).

Jesus Christo manda-o ouvir como a elle proprio (5).

A sentença do Padre precede o consenso de Deus (6).

A dignidade sacerdotal é a mais nobre de todas as dignidades na terra (7).

A dignidade sacerdotal excede a dos anjos (8).

São tantas e tão magestosas estas definições, estes conceitos sublimes do sacerdocio, derramados nos livros dos oraculos ecclesiasticos, quanto avillanadas e lamentaveis as gratuitas indicações que desconsideram o clero no tribunal da impiedade *scientific*a d'estes nossos dias nublados.

Não sabemos aonde está a poesia e o sentimento d'este seculo, que tanto se ensoberbece d'aquelles attributos nobres! Sem crêrem no céu, nem no enlace do reino espirital com as cousas da terra, como pôdem estes *idealistas sensuaes* despegar o pensamento do que ha mais positivo, para o altearem ao que ha mais sublime na criação d'um Padre! Mandem estes homens de « grandes aspirações, » como elles se classificam, á ca-

(1) Omnium apex est sacerdotium (Epyst. ad Smyrn.)

(2) Sacerdotium in terris peragitur, sed in rerum cœlestium ordinem referendum. (Lib. 3, de Sac. Cap. 3.)

(3) O' sacerdos Dei, si altitudinem cœli contempleris, altiores; si dominorum sublimitatem, sublimior es; solo Deo, et creatore tuo inferior es.

(4) Qui sacerdotem dixit, prorsus divinum insinuavit virum (De cœl. C. 3.)

(5) Qui vos audit me audit, qui vos spernit me spernit. (Luc. 10, 16.)

(6) Præcedit sententia Petri sententiam Redemptoris . . . (S. Pedro Dam. Serm. 27.)

(7) Nihil excellentius in hoc seculo. (S. Ambr. De dign. sac.)

(8) S. Thomaz, 3 p. q. 22. art. 1. ad.

beceira do agonisante ajudar-lhe a partir sem dôr, os vinculos d'uma existencia, que o prendia á terra, á esposa, e aos filhos; mandem-n'os dulcificar aquellas lagrimas, que banham a cruz da redempção, suspensa nas mãos do sacerdote, cuja voz, abalada pelo seu proprio entusiasmo n'aquelle *adeus* solemnisado pela morte, revella a inspiração de cima, que vem aos labios de seu enviado com palavras d'amor, de esperança e de misericordia; chamem os « illuminados » e mandem-n'os entrar no oratorio do condemnado para absolver, em nome do jury celestial, o réo, que o jury da terra atirára aos braços do algoz. Mandem-n'os a elles, propagadores da impiedade, que sanctifica o crime, e, ao mesmo tempo, clamorosos pregoeiros contra a pena de morte, mandem-n'os atravessar as ruas do tranzito, com a face do justicado apoiada no hombro, com os labios collados no ouvido do réo, com o sorriso da esperança nas promessas que faz áquelle homem, cujo apoio na terra, depois do seio do Padre, é o cêpo da estrangulação, que uma sociedade « illuminada » lhe decreta.

Homens, que mofaes do que ha mais sublime entre nós, mostrae-nos a fonte das vossas inspirações, apontae-nos o vosso sublime, que anreamos por comprehendel-o!

V

Curritur passim ad sacros ordines sine consideratione.

É S. Bernardo, que se dóe e geme ao vêr tantos insensatos chegar ás ordens sagradas, sem considerar a sanctidade, que devem ter aquelles, que pertendem elevar-se a tão grande altura.

Quem sabe se a indignidade d'um homem, ultrajador das vestes sagradas de levita, fez tanto rebaixar a consideração da sua classe?

Quem sabe se o sordido desprezador de seu augusto

destino, foi dar-se em espectáculo aos olhos da philosophia, para que ella o apupasse? Iria; mas esse homem levava já na fronte o stygma do desprezo que o clero digno lhe fizera gravar pela mão da sua propria indignidade.

A esse abandonae-o, mas não o ultrajeis, porque o character sacrosanto da sua missão lá o tem indelevel como o de Judas. Affastae os olhos d'esse homeni, cujos crimes são a extrema offensa, a derradeira affronta ao Altissimo. *Nulla re Deus magis offenditur quam quando peccatores sacerdotis dignitate præfulgeant.* Mas se quereis dar todo o merito ao que é grande, comparando-o a uma grande magestade que voluntariamente se precipita n'um lodaçal, comparae o ministro do altar, digno d'este nome, com o máo Padre, réprobo de Deus e da sociedade.

CAPITULO II

Assumpção de Nossa Senhora



POESIA do Evangelista, enlevado na visão da rainha dos anjos, exclamava :

« Eil-a no céo como um signal prodigioso!... É uma mulher, que traja os resplandores do sol, e tem a lua a seus pés! »

Éra o discipulo amado quem fallava: o companheiro, o confidente das amarguras da Virgem, o bemaventurado de quem Jesus Christo dissera a sua mãe :

« Mulher! ahi tens teu filho! »

Levantem os homens o seu canticco d'amor á estrella d'Israel, e será pobre a sua lingua, e tibia a sua voz para acompanhar a voz do discipulo, a lingua do inspirado, e o coração do ultimo, que subiu da terra com o segredo das ultimas agonias do Redemptor! Elle, sim, que enchugára as lagrimas d'aquella Mãe! Elle, sim, que a vira, trajando a perfulgencia do sol, e alteando-se em ondulações de estrellas, entrar no seio luminoso das espheras, que rodam aos pés do Eterno.

A pena do homem, despontada n'este prurido esteril das glorias terrenas, não póde traçar os elogios de Maria, sem descahir nas ovações mesquinhas da linguagem commum.

Pronunciar esse nome sem commoção é sentir o verme da insensibilidade corroendo o órgão das mais sublimes elevações. Pronuncial-o com respeito e ternura de filho, é sentir pequeno o coração para tamanho sentimento, e debil a linguagem para revelal-o.

Mas o augusto nome da Mãe do Salvador attrahe, reanima, inspira a confiança, e desfere nos corações, escurecidos pelo peccado, a faisca da fé, a luz da esperança, o incendio do amor divino, e o divino condão de arrebatat almas, que crêem e esperam, com este simples e magnifico nome: MARIA!

Onde bate um coração catholico, que não sentisse o estranho jubilo, as consolações especiaes que são o mysterioso perfume d'esse nome ineffavel! Os afflictos, e os desgraçados, que nome invocam, e abençoam em recompensa das consolações que recebem? Quem não estremece de alegria, quando, a braços com o infortunio, espera vencer a dôr com a protecção reanimadora da Virgem Santissima?

Invoca-L-A, chorar-LHE aos pés as lagrimas de tantas angustias, que não remedeiam os homens, é reconhecer-LHE o poder sobre o infortunio, a superioridade nos tormentos, e a piedade maternal, a que temos direito, nós, os resgatados pelo sangue de seu Filho innocentissimo, de seu esposo espirital, do seu Deus, morto em seus braços.

MARIA adoptou, na pessoa do discipulo amado, todos os homens por seus filhos.

MARIA, vivendo, egualou o sacrificio de JESUS CHRISTO espirando. Vivia nos flagellos d'uma saudade incomprehensivel. Vivia os dolorosos instantes de martyr; egualava, vivendo, os martyres em seus tormentos, porque, morta com JESUS CHRISTO, a sua existencia converteu-se n'uma torrente de lagrimas, que deviam misturar-se com o sangue de seu Filho no calix da Redempção.

Quinhoando da sorte dos apostolos, os derradeiros annos de Maria decorreram em peregrinações no solo ex-

trangeiro. S. João, illuminado por aquella estrella, que o acompanhava em suas viagens, aperfeiçoou a maravilhosa sciencia, que brilha inspirada no seu Evangelho. Á luz d'aquelle candieiro de sete lumes, como os Santos Padres a denominam, o Evangelista penetrou o mysterio incomprehensivel da essencia increada do Verbo, e seu pensamento, voando audacioso, parecia divinar-se na intelligencia das coisas infinitas, apanagio dos céos.

O apostolado tinha cumprido a sua missão, e MARIA julgou cunprida a sua, porque a Egreja, nas suas proprias forças, tinha os alentos da perpetuidade.

Nas montanhas de Sião, pobre e humilde, sobre um pobre e humilde leito, acercou-se de fieis que se prostravam regando-lhe de lagrimas o estrado. D'improviso os apóstolos, dispersos no mundo, se encontram em redor d'aquelle leito de delicias. MARIA fallou a todos palavras de consolação, e ostentou um rosto sereno, uma voz segura, e una coragem divina, que eram, n'aquelle lance de separação, uma promessa de bem cedo se encontrar na região, onde as afflições eram galardoadas, por mão d'Aquelle que escreveu com seu sangue essa promessa.

MARIA parecêra adormecer n'um somno tranquillo. Aquelle coração, abrasado em amor divino, deixára de pulsar na terra. Um brilhante clarão inundára o aposento d'aquelle cadaver. Os canticos dos anjos resoavam em volta da sua Rainha. E os moradores de Jerusalém correram a venerar o corpo santissimo de MARIA.

Um sepulchro foi aberto em Gethsemani, e ahi, dos hombros dos apóstolos, desceu sobre um leito de rosas o precioso cadaver. Durante tres dias, diz Juvenal, patriarcha de Constantinopla, os apóstolos e fieis oraram, e velaram, ajoelhados em redor do tumulo, misturando suas vozes e cantares aos canticos dos anjos, que não calaram suas harmonias desde o extremo suspiro de MARIA. S. Thomaz, que viera depois dos funeraes, pedira com instancia a consolação de adorar o santo

corpo de MARIA. Vencidos por suas supplicas, os apóstolos tiraram a pedra, que fechava a entrada do sepulchro; mas apenas encontraram murchas flores, sobre as quaes o cadaver repousára, e os véus de que fôra revestido, exhalando perfumes, que embalsamavam os ares, e extasiavam os fieis.

Cumpriram-se as palavras do propheta:

« Levantae-vos, Senhor, e entrae na vossa pousada, vós e a arca, pela qual glorificastes vosso nome. »

CAPITULO III

Festa da Razão



Não sem profunda repugnancia vamos evocar amargas scenas d'um theatro de sangue, em que a « philosophia da impiedade » estreou as suas primeiras façanhas, na historia moderna.

Dóe-se o coração, e recusa o entendimento a historiar a inauguração d'esse gigante immoral, que veio cevar-se em cadaveres, e sentar-se em thronos, e victoriar-se em ruinas, que são hoje ainda os cimentos sobre que o seculo XIX intenta edificar o seu monumento de regeneração social.

Queremos fallar d'essa época, chamada TERROR, epitheto expressivo, que substituo o de IMPIEDADE.

Entre 21 de Janeiro de 1793, em que foi morto Luiz XVI, e 28 de Julho de 1794, em que na mesma cesta rolou a cabeça de Robspierre, ha lances, que fazem chorar a humanidade.

Os braços paralyzaram tolhidos pela atrophia do terror; mas eram os braços d'aquella parte da nação, que contemplava consternada a carnagem dos seus, em quanto a mão do algoz lhe não mostrava esgotado o ultimo bago da ampulheta, o ultimo suspiro da existencia.

Os proconsules, enviados de Pariz, decretaram a pros-

cripção da innocencia e da virtude, a inquisição domiciliaria, o roubo sem desculpa, o carcere sem esperanza, o cadafalso sem escolha, a violação de todos os direitos e principios, o cynismo cruento do paganismo, a reclusão de infelizes, sem distincção de sexo nem idade, nos templos outr'ora consagrados ao culto. Depois a tortura, a mutilação, a morte de todo o genero, de invenção « gloriosa » para o inventor, mais dolorosa que o cadafalso, mais demorado que a estrangulação, e mais sublime de horror que a tradição dos circos romanos: decretaram, finalmente, a abolição do Eterno.

Morreram *Maria Antoinette*, o duque *d'Orleans*, *M.^o Rolland*, *Baielli*, *Manuel*... tantos, quantos seriam os amigos, os respeitadores, os indifferentes a esses caracteres sublimes, que, martyres da honra, do Christianismo, e da nacionalidade, *em nome da nação*, expiraram, corajosos das esperanças do justo, em mãos d'algozes politicos, instrumentos forjados na fabrica impiedosa dos « philosophos » voltaireanos.

Maignet, o enviado a Orange com o facho do exterminio, gloriava-se de ter atulhado as prisões d'uma cidade com doze mil cadaveres.

Carrier, em Nantes, inventava a maneira *mais expedita*, como elle dizia, de desembaraçar-se dos seus: mergulhava-os no Loire, em feixes de ambos os sexos, e desenfasiava-se dos enojos do remorso, sorrindo na presença d'aquellas agonias, que elle chamava um *casamento republicano*.

Em Verdun foram decapitadas dezeseite senhoras, que dançaram n'un baile de prussianos. Ao mesmo tempo rolavam as cabeças dos marcehaes de *Noailles e de Maillé*, a do virtuoso *Malesherbes*, e a da angelica *Elisabeth*, irmã do rei.

Se um brado d'indignação protestava contra o delirio sanguinario d'uns poucos de francezes, embora um republicano fosse o pregoeiro da paz, a sua cabeça respondia pelo atrevimento, como as cabeças dos vinte e

dois girondinos, que tentaram erguer um dique á torrente de sangue, que ameaçava varrer a face da França.

Queremos fazer especial menção da mortandade no clero. Este facto explica a logica desastrosa, que encaminhou a França a essa primeira manifestação d'um iracundo atheismo. As disputas religiosas do seculo precedente, enfraquecendo os vinculos da charidade, obcecaram o sentimento da fé; e o espirito de incredulidade, descendo das classes superiores, insinuára-se nas multidões, cujo braço, desamparado do apoio da religião, e livre a beneplacito das paixões, é um instrumento de sangue, que faz empallidecer a memoria dos amphiteatros de Diocleciano.

A historia não consente que se occultem successos lamentaveis, que envergonham uma classe, aviltada pelos feitos escandalosos de um de seus membros. Diga-se em honra da verdade, e para que mais se admirem os effeitos da irreligião, que algum membro do clero em França travou do punhal assalariado á convenção para alistar-se na horda dos algozes de seus irmãos.

O padre *Gobel*, bispo constitucional de Pariz, depoz as insignias, negou o character do episcopado, apostatou em presença das turbas, e arrastou comsigo alguns d'aquelles traidores, que, em toda a parte, envenenam a pureza da sua missão, renegando-a, sem comtudo a renunciarem. O cura de *Vaugirard* declara que « reconhecendo os prejuizos, que o fanatismo semeára em seu coração, e seu espirito, abjurava e rasgava o seu diploma de sacerdote. » Os tribunos acolhiam, com applausos ferozes, estas renunciias, e abraçavam cordealmente os apostatas, que, pouco depois, estrangulavam, sem lhes dizer por que.

Reuniram-se as communas, e vieram declarar á assembléa, que haviam renunciado os erros da superstição, e apenas admittiam um culto unico e respeitavel — o da razão. Uma declara, que, d'ora ávante, o seu fanatismo é o da liberdade e egualdade, e o seu dogma as leis

republicanas. Outra declara que vae fazer uma divertida fogueira de todos os confesionarios, e livros d'ensino catholico. Esta declara que quer o busto de *Marat* levantado no altar mór de S. Sulpicio. Aquella proclama que, renunciando a todo o culto christão, offerece como religião do paiz as virtudes republicanas.

Repellido o catholicismo, como religião do estado, apossaram-se de seus thesouros, e edificios como bens nacionaes. Os moveis das egrejas foram empregados, segundo as necessidades do momento, e Fouché, ex-congregado, enviava, do departamento d'Allier, as baixellas que podéra accumular nos mosteiros, e toda a prata, que deparára *mal-empregada no serviço dos idolos*. Aos pés da convenção descarregavam-se os fardos de corôas, e relicarios, e calices, e d'esses sagrados objectos alguns truões, cantando *alleluia*, encarregavam-se de tirar motivo para a hilaridade sacrilega dos mesmos, que, no dia immediato, salpicavam de sangue o theatro das suas galhofas.

A 10 de Novembro foi celebrada a primeira festa da *Razão*, na igreja de Nossa Senhora. A esposa d'um ty-pographo representava de deusa. Vestiram-n'a de branco, engrinaldaram-n'a de rosas, soltaram-lhe os cabellos pelas espaduas, e levantaram-n'a em um throno, levado por quatro « benemeritos cidadãos. » Depois seguiam-se duas donzellas toucadas de flores, e as estatuas de *Lepelletier* e de *Marat*. Houveram discursos patheticos, e vivas estrepitosos de « Viva a republica, e morra Deus! » A superstição e o fanatismo, segundo elles, fôra até então o Deus de França, e da humanidade geralmente.

« Se attentarmos no quadro da França, n'esta época, (diz *Thiers*) vê-se que nunca maiores repressões foram exercidas sobre aquella parte inerte e paciente da população, sobre a qual se fazem experiencias politicas. Ninguem ousava emittir uma opinião pessoal; não se ousava vêr um amigo e um parente sem mêdo de compartilhar do seu perigo, e perder a liberdade, e muitas vezes a

vida. Cem mil prisões, e alguns centos de sentenças de pena ultima, tornaram o carcere e o cadafalso presentes sempre ao pensamento de vinte e cinco milhões de francezes. »

Fouquier-Tinville fizera erguer o patibulo na sala immediata á das condemnações. « Isto vae optimo ! dizia elle — As cabeças cáem como as ardoseas, mas na decada proxima ha-de ser melhor ainda. »

« Quanto mais suar o corpo social — dizia *Callot d'Herbois* — mais saude lhe fica. »

Robspierre era deista, e fez decretar á Assembleia que o povo francez acreditava na existencia de Deus, e immortalidade da alma. Em quanto a si, declarou-se Summo Pontifice do culto, e exerceu as funcções na grande festa das *Tuilleries*. Desde então eram executadas trezentas victimas por dia, segundo as estatisticas mortuarias que poderam alcançar-se. Uma testemunha ocular contou em Pariz; no espaço de seis semanas, mil trezentas e quatorze. « O meu fim é regenerar a nação » dizia *Robspierre* a quem lhe perguntava a utilidade de tantos cadaveres.

Como se explica esta aberração de todos os sentimentos nobres, esta negação de piedade para tantas dôres, esta crueza cervical contra tantos innocentes ?

O desprezo absoluto de Deus : não ha outra explicação possivel na linguagem humana.

Bayle semeára a duvida nas discussões religiosas. *Voltaire* salgára-as com o escarneo. *Rousseau* invectivára a desigualdade das condições. *Helvetius* dissera que a alma era uma chimera. *Holbac* déra a natureza como unico Deus possivel. O sangue da revolução franceza cahiu na posteridade que applaudira a obra d'aquelles responsaveis por tantas agonias.



CAPITULO IV

● Suicidio

I

NLUCTA-SE o coração, e amesquinha-se o pensamento, ao escrever estas oito letras, que se me afiguram o epitaphio d'esta sociedade, esvaída de coragem para lutar com a miseria e a desesperação! Eu não sei que seja possível transfigurar o homem moral, mandando-o soffrer com paciencia o infortunio, depois que a resignação desmereceu no conceito do homem irreligioso. Não sei que aproveitamento esperam as minhas palavras, sem uncção talvez para os que m'as lêem, e menos ainda para uma sociedade entretida em grangear-se amarguras, e incredula de mais para acreditar que possa um jornal religioso suavisal-as! Não póde, não, quando a impiedade entrou em casa do desgraçado, e foi sentar-se nos andrajos da sua miseria. Não póde, não, quando o infeliz, a quem envio esta pagina escripta diante da cruz do Jesus Christo, cerrou os ouvidos de sua alma ao chamamento do Senhor, e cahiu, de cançado, renegando o pezo da sua Cruz!

E o infortunio tem força de erguer um braço contra o peito a que está prezo pelas mãos de Deus! E a mão do homem tem força de encravar um ferro no coração, onde o Creador gravára seu nome, tres vezes santo! E o sangue, do seio fendido, é aquelle mesmo que pulsára ahi apressado, quando, em tempos felizes, a idêa da immortalidade, a ancia do infinito, o amor vehemente do céo, agitava esse coração, escaldava esse sangue, e erguia essas mãos em preces incendidas para o Senhor do Universo!

Os homens conspiraram contra Deus no fundo de seu coração, e vieram depois á luz do dia aggreir a Divindade. Suas armas eram hervadas no veneno mortal da arvore da « sciencia » e o seu estandarte, agitado nas mãos ensanguentadas do livre arbitrio, chamava-se « razão. » Este inimigo, poderoso como Lucifer, cantava o seu hymno de victoria, e nós, Christãos vencidos, nós, soldados da cruz, apupados nas ruas de Babylonia, e escarnecidos no Areopago dos philosophos, apontamos-lhe de longe os seus triumphos, e exclamamos:

« Levanta do chão esses cadaveres de suicidas! Levanta-os em obelisco de triumpho, que são teus! »

Chamaram a esta época uma época de transição. Por desgraça a geração, que vem, deverá lavar-se no sangue da que passa? Haverá um mysterio aterrador a cumprir-se antes que a sociedade se renove? Teremos de venerar, como martyres da renovação social, os que vão cahindo a nosso lado, apunhalados por sua propria mão? Os discipulos de Confucio, suicidando-se em honra de seu mestre, serão menos filhos da civilisação que os discipulos de Voltaire, suicidando-se em honra do atheismo? Nunca mais terriveis problemas torturaram a humanidade!

II

Não chamem ao suicidio o resultado d'uma demencia. O homem, que se mata, é responsavel da sua morte: é

arbitro d'aquelle ferro que empunha, d'aquelle braço que ergue, e d'aquelle sangue que derrama.

Vós não vêdes que a philosophia dos pantheistas creou o atheismo? Julgaes que o materialista, enfasiado de viver, não é coherente com seus principios acabando com uma vida, que lhe peza?

Não sabeis que os estoicos se matavam, raciocinando, quando viram ameaçada a republica pela espada de Cesar?

O cavalheiro d'Assas seria demente, quando, na ponta das bayonetas austriacas, exclamava, já com o peito atravessado: « A mim, d'Auvergne! »

Esses sacrificios admiraveis, que a historia nos relata, não são demencias.

Bisson, vendo-se aggreddido, no seu navio, pelos piratas gregos, fórça a equipagem a salvar-se; e, depois, occulto no paiol da polvora, espera a chegada de seus inimigos, e, de improviso, setenta piratas, com o navio, e o intrepido logar-tenente d'aquelle vaso, vôam em estilhaços entre as lavaredas do incendio. Bisson suicidou-se: seria elle um demente?!

Dous homens, perseguidos n'uma sociedade maçonica, estão sobre uma prancha, seu unico refugio, que estremece debaixo de seus pés e range para partir-se. A morte é inevitavel; e um d'elles exclama: « minha querida mulher! meus pobres filhos! » E o outro lhe diz: « tu és casado!... a tua vida é mais util... supplica a Deus por mim! » E suicida-se. « Se este homem estava demente — diz um jornal francez relatando o facto — são confusas todas as noções do nosso espirito, e invalidas as significações da nossa lingua! »

Os raros suicidios, que a medicina pôde capitular demencias, não devem, ainda assim, considerar-se taes. Antes d'esse extremo de infortunio, a logica da desgraça atravessára por todos os raciocinios que levam o homem a desquitar-se da vida, condição terrivel dos seus padecimentos.

Que lucram os religiosos em illudir-se, julgando louco o suicida? Se a demencia exclue a vontade, que contas póde a justiça do céo pedir a um homem, que se desvinculou da vida, que lhe não pertencia, mas que tambem não tinha a consciencia de possuil-a?

Os factos são aqui d'uma prova mais eloquente que as indagações abstractas. Citaremos alguns d'uma obra excellente, colleccionados por um medico, verdadeiro christão, e incansavel trabalhador no edificio da moral evangelica. Com quanto apresental-o's não seja rigorosa necessidade para o assumpto, eu penso que os desgraçados accidentes do materialismo, essencial no suicidio, não enfadam o espirito, nem desvirtuam o coração.

« M. M... de quarenta e quatro annos d'idade, recebêra da natureza uma intelligencia distincta, e aptidão para o trabalho. A carreira da medicina, que escolhêra, pareceu mostrar-se-lhe sob os mais agradaveis auspicios. Distincto nos concursos, e illustre por algumas obras que escreveu, casou-se, ainda moço, com uma mulher d'excellente educação. Cercado de lindos filhos, tudo parecia prometter-lhe uma existencia feliz e brilhante, quando um inesperado successo veio fulminar de espanto aquelles que o conheciam: prezo por um roubo feito n'um estabelecimento publico, foi julgado e condemnado a prisão. Na prisão, o seu comportamento foi tão regular, que a benevolencia real commutou-lhe o tempo da pena. Já me não lembrava d'elle, e um dia encontrei-o em sitio, onde não podia evital-o sem um desvio insultuoso. Confesso que tinha vontade de estudar esta natureza, cuja queda só podia attribuir-se a enfermidade moral, ou a uma paixão violenta. Fui polido com elle, aproximou-se de mim, e agradeceu-me com as mais animadas expressões o bom acolhimento que lhe eu fizera. M... , apesar da sua nodoa, chegára a recuperar uma boa clientela; e, passados alguns mezes, veio conduzir-me um alienado, cuja posição de fortuna lhe não permittia curar-se no grande estabelecimento, onde fôra collocado.

Desde então, foram frequentes nossos encontros, porque muitas familias o encarregaram de visitar os alienados em minha casa. A conversação de M... revelou-me qualidades que eu estava longe de suppôr-lhe, e que poucas pessoas poderam apreciar-lhe por causa da sua posição excepcional. Observações profundas e finas, conceitos engenhosos, vastos conhecimentos em historia e litteratura, taes eram as qualidades que M... mostrava na intimidade, e captivavam a attenção no mais elevado interesse. Mostrei-me um dia surprezo de encontrar em homem da nossa profissão tão variados conhecimentos; respondeu-me: « tudo é o resultado da divisão do tempo: cada manhã emprego duas horas na leitura d'obras da nossa arte; depois vou á clinica; consagro aos doentes a maior parte do dia; e duas horas da noite passo-as lendo os nossos melhores auctores em historia, economia politica, e litteratura. » Assim, em cada dia, este homem, nascido para melhor destino, cuja vida fôra desgraçada, e que tão miseravelmente devia acabar, consagrava seis horas ao trabalho! Como fôra elle conduzido á falta, que annullára o seu futuro? Era confissão que elle só podia fazer-me. Agitou-se uma conversação sobre as paixões, e M... confessou-me que a do jogo fôra a causa dos seus infortunios — « Nunca, me disse elle, pude resistir á sua influencia, e ao tempo da minha catastrophe eu tinha devorado o dote de minha mulher, uma parte do meu patrimonio, e estava carregado de dividas. O que então me succedeu curou-me para sempre, e hoje encontrei no estudo as melhores distracções. » Ninguem, com effeito, vendo a sua actual posição e gosto pelo trabalho, deixaria de crêr que elle triumphára d'aquella propensão terrivel! Desgraçadamente não era assim! M... gastava, quanto o seu trabalho lhe dava, em satisfazer a sua paixão insaciavel. Alguns dias antes do seu deploravel fim, esteve comigo: achei-o triste e abatido: « uma grande desgraça — me disse elle — me aconteceu. Meu filho, que annunciava um brilhante destino,

succumbiu antes de homem a uma tísica pulmonar. Este acontecimento desanimou-me, e estive esta manhã, quasi a suicidar-me com acido prussico, que trago sempre comigo desde a origem da sua doença. Era o laço que me prendia á vida, e o consolador das minhas desventuras. Eu vivia orgulhoso do seu adiantamento na estrada do bem... » Consolei-o quanto pude, deixou-me, e pouco depois li, nos jornaes, seu desgraçado fim, que um jornal contou por estes termos :

« Desde muito que mr. M... doutor-medico ia a casa d'um ourives, rua *Saint Honoré*, vender diversos objectos, como relógios, pulseiras, cadeias etc. M... dizia que tinha precisão de desfazer-se d'esses objectos preciosos, umas vezes para saldar dividas de rapaz, outras para uma viagem indispensavel, e estes pretextos pareciam sempre tão naturaes, e mesmo provaveis, que o ourives não tinha de que suspeitar. Comtudo eram tão frequentes as vendas, que o mercador acabou por julgar que o vendedor tinha á sua disposição uma mina de joias preparadas. O ourives attribuiu estes objectos a fonte illegitima. Deu parte ao commissario da policia. Este espantou-se de ser possivel deparar-se um ladrão na classe dos medicos, e recommendou-lhe sómente que o chamasse, quando M... viesse a fazer uma outra venda. Hontem, pelas 4 horas, chegou o medico, propondo a venda d'alguma baixella. O commissario, immediatamente prevenido, perguntou a M... d'onde vinham aquelles objectos de que elle queria desfazer-se, e outros anteriormente vendidos. O medico, reconhecendo a condição da pessoa que taes perguntas lhe fazia, titubeou. Todavia, depressa recuperou presença d'espírito, e respondeu que taes valores lhe vieram d'uma herança. Prestou-se de boamente a abrir as portas da sua casa. Mostrou o seu domicilio : era um pequeno quarto ao rez da rua, no qual nada existia, nem um leito, que revelasse ser aquelle o quarto do medico. Consultado o guarda-portão, soube-se que o medico habitava um ga-

binete no quinto andar. M... conveyio n'isso, e disse sorrindo, ao commissario, que em consequencia d'uma divida, que lhe queriam fazer pagar corporalmente, o monteavam como raposa, e como ella, tinha dois quartos para evitar a prisão. Antes de subir, M... pediu um copo d'agua ao guarda-portão, e galgou a escada apressado, como quem queria chegar adiante. O commissario, que o não perdia de vista, entrou conjunctamente n'um pequeno quarto, graciosamente mobilado, e, em quanto procedia á visita, M... pediu-lhe licença d'escrever uma carta a seu pae. Mr. D... não lh'a negou, com a condição de lê-la. A busca não teve resultados, e, quando terminada, Mr. D... viu que o seu prezo levava rapidamente aos labios uma garrafinha negra, que tinha occulta no lenço. O commissario segurou-lhe o braço, mas M... gritou: « é inutil! eu sou um homem morto! acabo de tomar o acido prussico. » Um momento depois M... tinha morrido... Suppõe-se, que, filiado n'uma horda de ladrões, este infeliz, aproveitando suas relações, indicava os assaltos, e encarregava-se de vender os objectos, que lhe traziam, e repartir o producto. »

« Julgamos completamente erroneas as supposições do jornal. M... vivia só, e tinha muita experiencia dos homens para se não ligar a algum. Subjugado por uma paixão, que não podera vencer, foi arrastado a acções cujo perigo elle concebia. A publicidade que teria esta infamia, o desespêro de seus parentes, a impossibilidade d'entrar, segunda vez, na sociedade, a privação de prazeres a que estava habituado, a obrigação fatal de viver com os miseraveis castigados pela justiça humana... taes foram os motivos que nutriram a idéa da sua morte. Os seus estudos haviam-n'o materializado. Fallava da morte como de um accidente natural, e sustentava o direito de acabar com a vida, quando, pela desgraça, se fazia insupportavel... Nunca se exaltava. Era um espirito frio, rasoavel, interessante na conversação, cujas idéas eram muitas vezes falsas,

segundo a inspiração das paixões. Mas não era um demente (1). »

Poderá alguém suspeitar demencia em Napoleão ? E, contudo, este seguro pensador tres vezes tentou contra a sua existencia. Seja elle que nos conte um d'esses lances, meditados em hora de claro raciocinio, e deduzidos como rigorosa consequencia de principios, infelizmente máos.

« Sempre só no meio dos homens, aparto-me para scismar comigo, e abandonar-me á vivacidade da minha melancolia. De que lado me accomette ella hoje ? do lado da morte. Na aurora de meus dias, posso ainda esperar longa existencia. Ha seis ou sete annos que estou fóra da minha patria. Que prazer eu não sentirei, tornando a vêr meus compatriotas, e meus paes ! Das ternas sensações, que experimento com o prazer das recordações d'infancia, não posso eu concluir que será completa minha felicidade ? E que furor me inspira a minha destruição ? Que faço eu n'este mundo ? Pois se eu devo morrer, que importa matar-me ? Se eu tivesse passado os 60 annos, respeitaria os prejuizos dos meus contemporaneos, e esperaria pacientemente que a natureza concluísse a sua obra ; mas, começando já a experimentar desgraças, sem que haja um prazer para mim, por que supportarei eu dias em que não tenho uma alegria ? Quanto os homens estão longe da natureza ! Como são vís, cobardes, e rasteiros ! Que espectaculo vou ver no meu paiz ? Os meus compatroitas, rojando cadeias, e beijando a mão que os algema ! Não são esses os bravos corsos, que um heroe animava com suas virtudes, inimigos dos tyrannos, do luxo, e dos vís corpezãos... O quadro actual da minha patria, e a impossibilidade de mudal-o, são nova razão de fugir de uma terra, em que sou obrigado, por dever, a louvar homens,

(1) A. Brierre de Boismont. Ency. Cath. art. Suicid.

que, por virtude, aborreço... Quando não existe patria, o bom cidadão deve morrer ! Se eu tivesse um só homem a destruir para livrar meus compatriotas, partiria já a ensopar no sangue do tyranno a espada vingadora da patria e das leis violadas... Peza-me a vida, porque não tenho um prazer, e tudo me é penoso (1). »

Napoleão conta os outros dois episodios da sua vida, que o levaram a pensar em matar-se. Sua mãe estava pobre ; suas irmãs em risco de deshonra, e elle sem recursos alguns. « Sahi — diz elle — com tenção de matar-me. Mais alguns instantes, e ter-me-hia precipitado na agua, quando o acaso me fez encontrar um individuo, vestido de simples operario, o qual, reconhecendo-me, lançou-se-me ao pescoço, exclamando : « E's tu, Napoleão? que prazer tenho em vêr-te ! » Era Démasis, meu antigo camarada d'artilheria... « Que tens tu? não me escutas? não gostas de vêr-me? Que desgraça te succedeu? pareces-me um tolo que vae matar-se ! » Este chamamento directo á impressão, que me dominava, produziu em mim uma revolução, e, sem reflexão lhe contei tudo « Se não é mais que isso... aqui tens 30,000 francos em ouro... toma-os esalva tua mãe — disse elle(2). »

A ultima, e mais expressiva tentação, é a do Napoleão, já imperador. Forçado a depôr a corôa quando os proprios, que elle elevára, o abandonaram friamente, o heroe d'Austerlitz resolve matar-se. E' elle que o confessa, no rochedo de Santa Helena, perto do seu tumulo, ao general Montholon :

« Desde o desbarate da Russia, trazia eu veneno, n'um saquinho de seda, suspenso ao pescoço... Minha vida já não era da patria... os acontecimentos d'estes ultimos dias fizeram-me senhor d'ella. Por que soffrer

(1) Souvenirs de la jeunesse de Napoleon, par M. G. Libri. (REVUE DES DEUX MONDES — janvier, fev. mars. 1842).

(2) Este Démasis, que a muito custo recebeu do imperador a dadiwa de 300,000 francos, foi depois administrador geral dos jardins da corôa com 30,000 francos annuaes ; e seu irmão governador d'uma praça.

tanto! — me disse eu — quem sabe se a minha morte collocará a corôa na cabeça de meu filho! A França será salva!... Não hesitei... saltei abaixo do meu leito, e, diluindo o veneno n'uma pouca d'agua, bebi-o com uma especie de felicidade; mas o tempo tirára-lhe a força... Dores atrozes arrancaram-me alguns gemidos... foram ouvidos... soccorreram-me... Deus não quiz que eu morresse ainda... Santa Helena era o meu destino... (4). »

Boismont extrahiu dos autos de suicidios, guardados no archivo do ministerio publico, milhares de factos, que revelam a maior segurança e a mais pensada deliberação dos suicidas. Copiarei o primeiro que é um pae que se asphixia, em quanto sua filha procura recursos para sustental-o. Eis-aqui a sua carta:

« Minha cara filha. Tenho 69 annos, estou doente, paralytico, e quasi cego. Tenho trabalhado por não estar ás tuas sopas, mas nada consegui. Quando pedi aos hospitaes que me recebessem, disseram-me que eu não tinha a idade! Ha seis mezes que esgotas os teus recursos: não se passa uma semana que não leves algum obejeto a empenhar: o fim de tudo isto é claro — a mais terrivel miseria para ambos nós: é cem vezes melhor que eu dê cabo da minha penosa existencia. Aproveitei o momento da tua sahida. Quando entrares todos os meus males serão terminados, e terás só de trabalhar para ti. »

Effectivamente aquella filha, voltando com o caro pão de seu pae, encontrou um cadaver. Queria ajoelhar ao pé d'elle; mas um pae, que assim morreu, legaria algumas crenças religiosas a sua filha?

Repetirei sempre; o suicidio não seria motivo de momentanea surpresa, se todos fossemos atheus. Não ha consequencia mais rigorosa, dadas as primicias do infor-

(4) Vide os folhetins da Presse, 5 e 44 de Fevereiro de 1846. Historia do captivo de Santa Helena pelo general Montholon.

tunio. Sem temor de Deus, sem confiança na providencia, grandes desgostos me levariam a mim a procurar a maneira de não sentil-os. Quando a vida fosse o preço, não compraria eu a morte com grandes sacrificios ?

O suicidio não é um delirio.

III

Quem vasou no seio d'esta geração torrentes de um veneno, despedaçador dos vinculos, que prendem o homem ao soffrimento, foi a anarchia das idéas, foi a mão destruidora que quebrou o freio da religião ás multidões licenciosas.

Houve ahi quem dissesse que tudo era divino na natureza. As afflicções poderiam aspirar aos consolos do céo; mas para isso devêra crêr-se que a terra não continha a suprema felicidade do homem. Deu-se o contrario como revelação da sciencia. Disseram-n'os que procurassemos o complemento dos gosos mundanos, e n'elle achariamos o nosso destino, n'um paraizo de deleites, com a perenne satisfação de todas as nossas paixões. Desde então julgamo-n'os deuses de nós mesmos, divinos em nossas acções, livres em todas ellas, senhores absolutos da nossa existencia, grandes aos olhos do universo, embora salpicados do nosso proprio sangue.

Transtornado o espirito, affluiram-n'os ao coração as gotas d'um licôr morbido, que nos embriagava em visões d'um espiritalismo, que nada tinha com Deus. *Chateaubriand* deu-n'os o *René*. Afeiçãoamos por elle, pelas suas ardencias inquietas, por aquelles desejos infinitos, por aquelles sonhos sem logica nem destino, a nossa alma aspiradora d'um céo imaginario, onde o Senhor não era o martyr da Redempção, nem as esperanças eram os fructos colhidos na arvore do Evangelho. Aprendemos

o desgosto sem o allivio, a melancolia poetica sem a poesia de Jesus Christo.

A Alemanha alimentou-n'os d'uma litteratura vaporosa, metaphysica, e descrida. Deu-n'os *Werter*, e divinisou o suicidio, decorando-o no seu altar de brilhantes imagens, que despertavam o appetite de morrer assim.

Não faltava nada para formular uma honrosa theoria de morrer, antes que Deus mandasse refluir o sangue ao coração, e cerrarem-se as palpebras a esta luz do mundo. A pratica lamentavel do suicidio lisongeou cabalmente a theoria. Eil-o ahi esse desforço que os desgraçados tiram das irregularidades da sua vida: matam-se! Eis-ahi o complemento d'um raciocinio que o homem faz sobre a sua existencia, sobre o seu destino, e sobre os seus infortunios: um tumulo!

CAPITULO V

Caridade

I

ESTA virtude, considerada o amor de Deus, e o amor do proximo, é a mais excellente de todas as virtudes. A fé é uma luz que se apaga ás portas da bemaventurança, porque a presença do Senhor é o seu complemento; a esperança cessará quando os prazeres esperados se converterem na dulcissima realidade das delicias celestes; mas a caridade subsistirá eternamente, como diz S. Paulo (4).

É lamentavel que a natureza humana, para elevar canticos d'amor ao Deus do céu e da terra, carecesse de um preceito em que o proprio Deus lhe ordena que quer ser amado! Se tão mysteriosas alterações não fossem as que operou a culpa no espirito do primeiro homem, não seria a sua existencia uma continuada aspiração áquelle Senhor Omnipotente, que, envolto no

(4) A caridade nunca jámais ha de acabar, ou cessem as prophcias, ou expirem as linguas, ou as sciencias sejam abolidas. — 1.ª Corinth. C. XIII, 8.

vêu da divindade, rege os destinos da creatura, que a cada instante mais se aproxima do seu Creator?

« Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, com todas as tuas forças, e de todo o teu espirito (4). »

Eis-aqui o preceito, cuja intensidade d'amor, avaliada por S. Bernardo, era o amor do infinito, amor incomensuravel, extasis celeste, que modificava a natureza do homem, identificando-a á natureza dos anjos.

O espirito questionador da irreligiosidade não se peja de interrogar o homem religioso ácerca d'esse amor que lhe estimula o coração em affectos ao Altissimo.

É impossivel — diz o incredulo — amar um Deus que pune o crime com penas infinitas.

Se não fosse a punição do crime onde estaria a justiça de Deus?

Sem a justiça quaes eram os attributos da divindade? Como poderia ser amado pelos bons um Deus não justiciero para os máos?

Resolvidas estas questões pelo silencio que é o mais cabal assentimento da razão, a negativa audaciosa da impiedade fica no goso d'aquella consideração, que outras muitas merecem, depois que o seculo da « philosophia » passou com ellas, e com seus desvelados propugnadores.

O amor é a primeira condição da felicidade do homem. As venturas da existencia multiplicam-se segundo a repetição d'essas commoções espirituaes que parecem distancear o homem da esphera material da sua natureza grosseira. O amor é anterior á razão: acompanha-a até ao seu derradeiro exercicio; e, quando é quasi extincto o pensamento no espirito, ainda no coração lavra o incendio dos affectos.

Incapazes de comprehender o amor de Deus, se ajui-

(4) Deuter. 6, 7.

zarmos pelo que nós operam estas raras afeições do mundo, que o materialismo dos sentidos não desvirtua, poderemos, se não definil-o, ao menos julgar do amor de Deus como suprema felicidade nos soberanos destinos do homem.

A verdadeira lei do progresso moral é a caridade; sem o seu impulso é impossível a perfectibilidade humana; e quantos esforços empregue o homem por attingil-a, n'um alvo excentrico ao amor de Deus e do proximo, serão esforços improficuos.

Nos amores da terra, afadiga-se o homem por ataviar-se de todos aquelles dotes, que devem fazel-o querido aos olhos de quem mais deseja sê-lo. Tortura-se o espirito em adivinhar-lhe os desejos; sacrificam-se os proprios por lisongear os alheios, e, á custa de penosas decepções e difficeis constrangimentos, procuramos fortalecer os vinculos do amor pela semelhança dos genios, que é verdadeiramente o ponto de contacto que estabelece as *sympatias* humanas.

No amor de Deus ha um sacrificio que faz a semelhança do que se ama no céu com o que se ama na terra. A observação dos mandamentos do Senhor constitue a caridade: d'este manancial fecundo manam as *lympidas* virtudes, que proclamam a grandeza do homem, a quem Jesus Christo promettêra perfeições eguaes ás do seu Eterno Pae. Todas as nossas acções, filhas do amor, devem gravitar para Deus, como centro de todas ellas. Fóra d'este movimento, ha a perdição das glorias promettidas, porque no reino do céu, no tribunal do Eterno, não ha a infracção das leis geraes do espirito.

A caridade é, pois, a essencia do Christianismo. S. Paulo julgava-se annullado em todas as suas boas obras, se a caridade as não perfumasse d'aquelle amor de Deus e do proximo, sem o qual amor, a alma, privada do principio vital, é esteril para o céu, porque os seus fructos são mortos.

« Predomine a caridade em todas as vossas acções »

diz S. Pedro (1). Eis-aqui — diz S. Matheus — o primeiro e mais importante de todos os mandamentos: o segundo que manda amar o proximo como a si mesmo, é semelhante ao primeiro: n'elles está incluída a lei e os profetas (2). »

O amor de Deus é inseparavel do amor do proximo. É impossivel no coração humano o incendio suavissimo do amor de Deus, quando o grito da miseria não desperta no coração a magoa das afflicções do proximo. « Amae-vos uns aos outros, como eu vos tenho amado » disse Jesus Christo. « Amae vossos inimigos, para que sejaes os filhos do Pai celestial, que beneficiou a todos (3) » — exclama o divino martyr da nossa redempção, quando pela sua morte vae exemplificar este preceito escripto pelo sangue de Deus, para que os homens o observem, sacrificando-se á desventura de seus irmãos.

A pobreza, a desgraça, e a doença — estes attributos de uma porção da humanidade que mais reclama o valimento dos felizes da terra, constituem a riqueza dos indigentes que Jesus Christo mais recommendou á ternura e compaixão dos poderosos. O Salvador não só legisla em favor dos pobres: identifica-os no respeito e no amor que a Elle proprio se deve; e julga-se amado ou desprezado na pessoa do indigente. « O que derdes aos mais pequenos d'entre os homens é a mim que o daes; e o que a elles recusardes a mim o recusaes (4) » são palavras do Justo, que, sentado no throno das maravilhas do Universo, acarinha o ente degradado entre os homens que lhe voltam a face anojada.

« Vêde como elles se anam! » diziam os pagãos, quando a sociedade christã repartia seus haveres em communas, onde o grande, despojado de suas galas, vinha

(1) S. Pedro — IV, 8.

(2) Math. XXII, 38.

(3) João XV, 12.

(4) Math. V, 45.

sentar-se ao lado do pobre, vestido de uma mesma tunica, e nutrido por um semelhante quinhão nos ágapes da caridade.

« Conhecemos muita gente — diz S. Clemente d'Alexandria — que se tem sacrificado ás algemas para resgatar os que estavam algemados; muitos que se tem dado ao captiveiro para com o preço comprar a uns a liberdade, e a outros o pão » (1).

No seculo III, quando em dez annos consecutivos, o flagello da peste destroçou o imperio romano, no meio dos mortos e moribundos, como anjos de consolação, eram os christãos a unica assembléa de homens que não fugiram apavorados pelo exterminio. A caridade, esse balsamo divino, que J. Christo legára aos seus no thesouro do Evangelho, foi n'esses dias d'angustia repartido por todos. Os pagãos que ainda hontem perseguiram os filhos da idéa christã, bemdiziam hoje a mão que os salvava, e os labios que proferiam as palavras do Christo: « amai os vossos inimigos. »

A caridade christã foi o manancial de prodigios que se desentranharam em instituições de beneficencia, pelas quaes muitas lagrimas foram enxutas, e muitas chagas guarecidas, quando os barbaros, escoltados pela fome e pela peste, invadiram as regiões meridionaes.

Atravez dos seculos, e inaccessible ao espirito perturbador das reformas, o sentimento da caridade é sempre o inalteravel inspirador de tudo que é sublime nas relações que prendem o homem com o seu semelhante, e a humanidade com o seu Creador. Não ha muitos annos que o cólera-morbus, em França, abriu aos christãos uma nova seára de fructos abençoados, para que, recolhidos ao abastado celleiro do catholicismo, germinassem em mais felizes tempos a colheita de virtudes, que nossos avós tiveram d'aquelle grão semeado nos primei-

(1) Epist. 1, n.º 7.

ros seculos do Christianismo. É então que o Clero, mal conceitado sempre, e n'aquelles dias aborrecido, se mostrou admiravel com essa eloquencia d'obras, que, como a dos apóstolos, falla todas as linguas, e é entendida de todos os corações (4). » É então que a caridade, rainha de todas as virtudes, coroada pelo divino diadema do seu Instituidor, se ostenta em toda a sua divindade de sacrificio, de abnegação, de fraternidade, e de magnificencia humilde.

O vulto da reforma delirante tentava esmagar entre os braços de ferro a Egreja Catholica, a mãe fecunda d'essa angelica virtude, quando um homem, pisando aos pés a estatua do egoismo, é proclamado o heroe da caridade nos modernos dias de aborrido individualismo.

S. Vicente de Paulo era esse homem prodigioso « a quem — na linguagem energica d'um orador francez — foram erguidos altares por esses mesmos que levantaram cadafalsos para a virtude. »

Contemplaremos a obra d'esse inspirado por Deus, não aqui onde os raios beneficentes d'aquelle astro não poderam inda chegar, mas no seio da França, n'aquella Pariz irrequieta onde a humanidade de 93, despedaçando-se, na embriaguez do sangue, parecia n'um padrão de immoralidade feroz insculpir para todo o sempre o timbre maldito da philosophia revolucionaria: « expirou a religião do Christo! »

Hospicios para os enfermos, para os velhos, para os viajantes, para os dementes, para os orfãos, para os engeitados, levantaram para o céu as suas cupulas, onde o symbolo da caridade — a cruz de N. Senhor Jesus Christo — foi hasteada, como atalaia de protecção celestial.

Organisaram-se congregações de homens e mulheres para assistir aos doentes, aos prezos, aos réos da jus-

(4) Rosely de Lorgues, — J. C. P. O SÉCULO.

tiça humana, e para o resgate dos captivos. Era mais ampla a missão desta sancta milicia exforçada pelo exemplo de Vicente de Paulo. Instituiram-se collegios, onde meninos pobres eram instruidos, e formados para o trabalho. Abriram-se as portas de uma sociedade nova ás victimas da devassidão, que buscavam no asylo da paz uma vida melhor, um coração novo, um sorriso d'amor e de esperança em alguns lábios, que lhe promettessem menos desgraçada velhice, e mais direitos á misericórdia do Senhor.

Viram-se então arrojos sublimes de quasi incrível sacrificio. Senhoras d'alto nascimento, renunciando as delicias da vida, descendo das alturas da sua faustosa posição, joelhavam no estrado do indigente que a pallida fome prostrára nos braços da doença.

Algumas foram nas florestas do novo mundo suavisar os dias de amargurado captiveiro ao horror, e ao iroquez, que, no seu grito selvagem de gratidão, bemdizia a « mulher branca de manto negro » que os ensinava a amar a existencia, apesar de attribulada por afflicções, que a Providencia de Deus converteria em perpetuo descanso e contentamento.

IRMÃS DA CARIDADE! eis um titulo trocado pelas pompas do mundo! Eis os pergaminhos com que as filhas dos homens se apresentam na fileira dos anjos para que o nosso joelho se curve respeitoso, e nossas lagrimas reconhecidas se não envergonhem prestando um tributo de amoroso respeito ás lagrimas d'essas heroínas, que não somos capazes de imitar nos prodigiosos feitos de sacrificio. Que magestade e que abatimento! que magestade sobre as fraquezas humanas, e que abatimento até rojarem a par dos homens que se revolvem na miseria de suas fraquezas! « As paixões desenfreadas — diz o erudito auctor das *Meditações* — que atacavam tudo, suspendiam sua furia á vista d'estes anjos da terra. Soldados freneticos, invadindo seus hospicios, vociferando inju-

rias, saham arrependidos, edificados, e cheios de veneração, por ellas (4).

É que, á cabeceira do doente, a *Irmã da caridade*, escuta cuidadosa o grito do enfermo, a cuja bocca sua mão piedosa ha de chegar o remedio, ou talvez um Crucifixo na hora derradeira. É que n'essa mulher, vestida de negro, expiraram a mocidade, a formozura, as brilhantes esperanças, e ficou em toda a sua pureza a mulher do Evangelho, a consoladora de Jesus Christo, que geme nos seus membros penalizados, nos pobres, nos afflictos, nos desamparados, em cujos padecimentos e consolações o Redemptor consubstanciara as suas recompensas e castigos.

Não é só ao lado do moribundo que as filhas de S. Vicente de Paulo satisfazem os preceitos penosissimos do seu instituto.

Nos cumes gelados dos Alpes, nas pestilenciosas enxovias de Constantinopla, nos tugurios infectos da Tartaria, e no interior das minas homicidas do Mexico, onde quer que a humanidade soffredôra mais perigoso trilho segue no caminho, que conduz á morte, é lá que as delicadas mãos da mulher levantam sobre as areias do deserto uma choça para o viajero perdido nos gelos, ou depositam o preço do resgate pelo infeliz que se arrasta debaixo dos flagellos d'um senhor turco, ou erguem do chão o trabalhador asphixiado, que revive ao ar livre, e desperta d'aquelle somno de morte, nos braços d'uma pobre mulher, que não vira talvez em toda a sua vida!

Acompanhae-a com a imaginação aos eternos gelos dos polos. Vêde-a, ao lado do missionario, com a cruz arvorada, buscando nas florestas o selvagem, que a não comprehende, e muitas vezes lhe embebe no seio um

(4) Cap. X. Pag. 130 — 3.ª Edição.

ferro envenenado! Vêde como, sorrindo nos labios e perdoando-lhe no coração, a virgem dos sacrificios lhe offerece o sangue de seu seio para lhe aproveitar como semente de vida e de salvação!

Que tocantes maravilhas as da caridade christã!

II

Inventae palavras, philosophos do dia! Creai systemas, turgidos de sciencia farta de indigestas hypotheses! Jogae com a humanidade esse vosso jogo de experiencias infructuosas, e de promessas a cuja impossivel realidade é forçoso caminhar sobre a estrada de sangue, onde renascem em cada seculo os espinhos do desengano! Agitae ao sopro das revoltas innovadoras o estandarte da mentira, agitado pela mão do egoismo! Pedi, com brados de perfida convicção, á economia politica o pensamento regulador da sociedade! Rolae no desfiladeiro, por onde se abysmaram os imprudentes que muitos seculos antes de vós, proclamaram principios, que ao menos tinham a virtude de uma boa fé, que em vós não póde existir sem o cunho da ignorancia! Trabalhae, manipuladores do veneno da humanidade, que vossas canceiras laboriosas, no tribunal dos seculos vindouros, não valerão uma pagina prestavel para escrever um codigo melhor que a « Republica de Platão » a « cidade do Sol de Campanella » e os dislates delirantes de Brissot!

Quizeram embotar no coração do rico o sentimento compassivo da pobreza, compellindo-o a contribuir, por obrigação, ao alimento de uma classe necessitada, que lhe despertava uma commiserção espontanea, e um respeito condoído á pobreza, que Jesus Christo fizera grande e veneranda aos olhos da opulencia.

Quizeram cavar com o alvião d'uma politica atheista

o cimento social, a cohesão de todos os elementos de governo, a caridade christã, que reluctava incessante contra uns outros elementos destruidores de divisão e discordia.

Quizeram destruir esse nivel, suspenso nas mãos de Deus, onde as cabeças dos reis se não alteam mais que as dos vassallos.

Quizeram desconjuntar as molas da machina social circumscrevendo os deveres do homem aos limites de um calculado patriotismo, dentro dos quaes a soberania é um ser dominador, que, forte da sua ascendencia sobre os que não podem compartilha-la, nenhuma conta tem que dar a Deus, visto que os olhos do Creador não descem a contemplar o fraco esmagado pelo pé do forte.

Quizeram, enfim, substituir ao sentimento divino um moderno sentimento humano, riscando dos corações a palavra « caridade » para escrever n'um codigo de regimen social uma outra palavra, que a impostura descrida apellida « philantropia. »

A philosophia politica, sentada no seu throno de chimeras, e cortejada pela cohorte dos que se promettiam uma existencia dourada no galvanismo das revoluções, levantou a mão imperiosa para o céo, e mandou suspender a influencia que de lá descia sobre a existencia das sociedades. Luctando contra Deus, o genio das reformas, o racionalismo, filho primogenito do orgulho humano, e paê de quantas extravagancias rebaixam a lei da sua influencia salutar, promettia-se uma victoria infallivel.

O fogo da caridade, que de sobre o altar irradiava o seu calor no coração do homem, foi extincto ahi, e, em recompensa, a philantropia, soprada pelos labios da mentira, accendeu-se em grandes incendios de palavras ôcas, n'um outro altar, que os sacerdotes do racionalismo denominaram « civilisação. »

A arvore da caridade nutria-se da seiva da graça. O sopro divino bafejava-lhe as vergonteeas vivazes; os

ramos, que ella bracejava, eram a sombra protectora de muitos desgraçados. Nenhum d'aquelles que se alimentavam do seu fructo iria dar seu nome á seita destruidora de uma arvore plantada por Jesus Christo, regada pelo seu sangue, fecundada pela sua omnipotencia, e, segundo as promessas do seu divino conservador, transplantada para o reino dos céos. Nenhum dos que, abatidos pela fome, se encostavam ao tronco venerando d'aquella arvore, levantaria contra seu bemfeitor a mão de mendigo convertida em mão de homicida.

Era preciso, pois, arrancar-a. Faltava uma planta, cujos fructos não deixassem os espiritos famulentos da nutrição da velha arvore. Buscaram no terreno safaro do racionalismo uma planta rachitica, enfesada, e desconhecida na sociedade catholica : baptisaram-n'a com um nome pomposo, e apregoaram, como charlatães embaidores da boa fé, as virtudes sociaes, o elixir humanitario, que lhe manava dos poros sobre as chagas da indigencia, e sobre os corações afistulados pelo cancro da desgraça.

A missão theorica da « philantropia » se não fosse desmentida pelo descredito da pratica, passaria por divina aos olhos da ignorancia orgulhosa. Não era, porém, possível aos reformadores do coração humano esconder por muito tempo a sua deusa pagã nos envoltorios d'uma linguagem affectuosa. Os factos rasgaram o véu que lhe occultava o semblante desanimador; e, exposta á luz de todas as comprehensões, a philantropia, tombada da sua peanha de barro, mostrou-se, como ella era, feitura de homens, e de homens fracos, que nem ao menos se tinham inspirado d'aquelle poder curativo, que o céo concede aos que sinceramente se doem das enfermidades do genero humano.

« A caridade regenerada — diz um « philosopho » da escola racionalista — desapegada da sua alliança impura, brilhará de novo sobre o mundo, cheio de força, de vida, e de actividade: desfazer-se-ha d'aquelle seu

decrepito nome, que recorda o perigoso e velho cortejo de mysticismo, e fé cega e ignorante; será depois chamada *philantropia*. »

Publicado o programma, a humanidade soffredora sentou-se á porta da philosophia, e esperou as consolações que lá dentro se preparavam com grandes calculos, e pomposos discursos, e vastas operações de arithmetica, cujo intuito era altear a um prodigioso acume de felicidade a porção dos infelizes d'outro tempo. Estes infelizes eram os que já não podiam, nas horas regulares de cada dia, sentar-se á porta do mosteiro, não só para receber o pão do corpo, mas a nutrição do espirito, a palavra de esperança, e os alentos christãos que dulcificam na face do pobre as suas lagrimas.

O padre foi exauthorado da sua influencia paternal sobre os filhos bastardos da sociedade. A philosophia fomentou e applaudiu a abolição das ordens monasticas, por isso que ellas fomentavam pela esmola a mendicidade preguiçosa, como se um mendigo, que não vê, e outro que se arrasta sobre moletas, e a viuva carregada de crianças, e o octogenario curvado pelos trabalhos, e os idiotas, e os orfãos de menor idade podessem prestar á republica dos economistas modernos um trabalho proveitoso.

« De certo não póde dizer-se — diz o padre Barthélemy — que a beneficencia moderna, alenta a preguiça, e a mendicidade: os fracos soccorros que ella presta são vendidos á custa de humilhações e ultrages; o que ella corrobora é a fome e a desesperação. Que piedade, ou antes, que amarga irrisão quando se compára aquillo que se dá com as grandes necessidades da maior parte d'aquelles que recebem a esmola! Por substituir os conventos, d'onde as esmolas e as consolações piedosas fluíam a jorros sobre as populações, cujas dôres alliviavam, abriram-se por toda a parte bailes publicos e theatros, nos quaes se impõe um direito de subsistencia para o pobre. Quem quer que estiver reduzido á vida de mil

privações póde ir testemunhar a exaltação dos gosos da fortuna e dos prazeres : quem tiver a alma e o corpo varados pela angustia, póde ir dançar e folgar se assim o quer; com os que tem o contentamento na alma e o sorriso nos labios; e, se lhe parecer, poderá ensinar ao pobre como é que se dá cabo da vida, quando ella peza como um fardo insupportavel. E chama-se a isto « progresso! » E alcunham-se de barbaros os tempos em que o pobre, nutrido, vestido, e consolado, não gosava 'd'essas *vantagens preciosas!* »

Não temos em Portugal vasto campo onde analysar os fructos da philantropia. Este paiz, quando muito, póde arremedar palavrosamente as grandes theorias do progresso; mas, falto de vida e de sangue, as congestões cerebraes não o deixam atirar-se a grandes experiencias, que são os delirios da civilisação descomposta e desatinada. Aqui tambem se clama em obsequio á pobreza : tambem se rifam prendas e galanterias em nome das agonias do povo ; tambem se arremessa á cesta do pobre um pedaço de pão amargo, comprado pelos 1\$200 reis dos bailes e illuminações para *asylos de mendicidade* ; mas, se quereis uma prova em cifras, se vos não cança uma analyse circumspecta sobre as formulas pesadas da arithmetica, que é o evangelho dos factos em economia politica, lêde a excellente obra, de que extrahimos este fragmento, elaborada no *grande-mundo* de Pariz, em presença dos grandes feitos da philantropia pratica :

« Installaram-se reaes habitações da indigencia : deuse-lhes uma administração em grande vulto : isto é, sob o pretexto de administração, introduziu-se-lhe, como o verme, no fructo para lhe roer a substancia. Comtudo, funciona-se, ha assembléas, delibera-se com grande luxo de secretarias, cifras, e empregados, entre tanto que os pobres, cujo quinhão é cercçado, tiritam á porta, ou morrem de miseria e inanição nas suas possilgas.

*

Atormentam-se as religiosas, vexam-se os esmoleres, embaraça-se o seu ministerio, trata-se mesmo de vencel-os pela fome : tomam-se grandes deliberações, agita-se, perturba-se, fatiga-se o céu e a terra, e tudo isto em nome dos pobres e para sua felicidade immensa ! Assim, trapanças, vexames, desleixos, excessos de despezas inúteis, são em summa os beneficios da caridade legal. Esta caridade administrativa, feita em nome da lei, com as lentas e impertinentes formalidades da moderna « *bureaucracia* : » esta caridade tão dura, tão fria, tão mesquinha, e ás vezes tão cruelmente surda, dá em resultado o descontentamento do pobre, e provoca os seus murmurios. Habitado a vêr na esmola, que se lhe dá, uma divida publica que lhe vão pagando, recebe-a sem reconhecimento, e, em lugar de bemdizer, maldiz a mão que lh'a dá. E que outra coisa poderia ser ? É assim que se dá a esmola ? É com esta friesa, arrogancia, soberba, impaciencia, e outros processos humilhantes ? Mais conselhos piedosos, mais acoroçoamento, mais doces palavras, e, por consequencia, mais consolações para o pobre, e mais allivios a seus males ! O desgraçado recebe com a esmola legal lições de irreligião e immoralidade. Diante d'elle, ridiculisam-se os mais sagrados objectos ; espantam-se de que elle tenha filhos ; e querem fazer-lhe comprehender que não devia tel-os. Foi um grande acto de juizo riscar a palavra *caridade* do frontispicio de taes escriptorios. Se a filha de S. Vicente de Paulo lá não estivesse (posto que ligada de pés e mãos, e obrigada a amoldar o ardor do seu zelo a todas as lentas e frias operações d'uma contabilidade sem coração nem sentimento) seria necessario raspar ainda o titulo *d'escriptorio de beneficencia*, e substituil-o por *escriptorio d'intrigas e humilhações*. Oh moderna beneficencia, como tu és maravilhosa ! pede-se-te pão, e tu respondes com cifras ! pede-se-te um asylo, e tu respondes que apenas tens habitação para alojar decentemente aquelles que vos representam ! Senhores, por quem sois !

menos cifras, menos empregos e administração, se vos parece, e um pouco mais de affecto e sacrificio aos desgraçados! Melhoraes, se podeis, o que tão mal obraes, ou deixai fazer aos outros o que fazeis tão mal e tão caro...

« Sendo impossivel soccorrer todos os desgraçados, aquelles que são soccorridos, serão sempre os mais dignos de o serem? Que barbaras exclusões, e odiosas preferencias! Quantas vezes os bens dos pobres são cercados por agentes prevaricadores! Quantas vezes o orçamento destinado á subsistencia do pobre não tem contribuido para sustentar a opulencia? A *tranquibernia* exerce a sua ingerencia nos viveres, nos bragaes, nos vestidos, nos fornecimentos de todo o genero, e até nos proprios medicamentos! Que importa que as cifras estejam d'accordo, se cada cifra é uma mentira?... Não quizeram depositar em mãos religiosas o patrimonio dos pobres, sob pretexto de que era mal administrado, e chamaram para administral-o uma multidão de funcionarios ricamente estipendiados. Não quizeram celi-batarios piedosos, caritativos e desinteressados, e chamaram para substituil-os homens ambiciosos e sem probidade, que desapparecem com os cofres que lhes foram confiados — homens, que teem mulher e filhos a sustentar, e que prevaricam porque são paes de familia. Considerando sómente as despezas legaes, vê-se que este systema d'administração mercenaria, em materia de caridade, é absurdo e insustentavel. Vêde o que é usurpado aos desgraçados:

O numero de familias soccorridas em Pariz pelos escriptorios de beneficencia é trinta e seis mil. O numero de individuos, que constituem estas familias, é oitenta e quatro mil; e a cifra das despezas geraes e gastos d'estabelecimentos 120:000,000 fr. diariamente.

Prosegue o profundo analytico dos mappas a sua austera critica sobre as tabellas da receita e despeza, e leva

á evidencia dos algarismos, que podendo cada familia receber quatro mil seiscentos e oitenta reis mensaes, apenas perceberão metade, porque a outra lhe é delapidada, cerceada, e á força de incriveis extorsões posta á disposição dos *philantropos* secretarios, thesoureiro, amanuenses, e não sei que outros figurões da administração que rodam os tylburis dourados da sua opulencia creada nos subsidios da pobreza.

« A sociedade de S. Vicente de Paulo — conclue Barthlemi — tem centenaes de membros á disposição do ministerio. Ha ahi homens tão recommendaveis pelos seus talentos como pelas suas virtudes e posição social, que fariam gratuitamente, e cem vezes melhor, o que tão caro é feito e por tão máos mercenarios (1). »

« O egoismo dos grandes — diz *M. Gaume* — cedo ou tarde acaba por suggerir murmurações, e, por fim, a revolta da plebe. As associações de caridade são as melhores companhias de segurança, porque (não nos estejamos a illudir) não é a philantropia, que dança a bem do pobre, que lhe refrigera as suas paixões — irrita-as: só a caridade, a caridade christã, que desce ao pobre, que chora com o pobre, que remeche a palha da sua enxerga, que se identifica com todas as suas misérias, só a caridade póde abafar a ambição no coração do pobre, ensinando-lhe que os ricos são verdadeiramente seus irmãos (2). »

Esta riqueza do pobre, thesouro fecundo de consolações para as suas penas, seára feracissima de fructos succulentos para o arido de seu espirito queimado pelas desgraças terrenas — esta sua unica propriedade, que Jesus Christo lhe garantira na propriedade dos ricos, foi-lhe confiscada pela « philosophia » d'estes infatigaveis reformadores do velho coração da sociedade.

(1) Encyclop. Catholica, art. CARIDADE.

(2) Cathecismo de Perseverança, T. IV.

Quando a mão *milagroza* da philantropia mandou afastar do pobre a mão da caridade, as multidões indigentes deveriam acotovelar-se á porta dos philosophos da beneficencia para lhes beijarem a fimbria do vestido, como a Jesus Christo em casa do Centurião. Por essa arrogancia imponente, caracteristica do seculo dos « humanitarios » julgar-se-hia que foram destruidas as causas que produzem a pobreza. Alguns annos mais de caridade legal, e de beneficencia dançante, e a sociedade, contente de si, delirante da sua felicidade, e coroada de flores, que uma primavera plena lhe enfloraria na frente, dançará, já não em beneficio dos pobres, por que todos serão ricos, mas em honra d'algum Jupiter da philantropia, á laia d'aquelle deus do Neo-Christianismo, que um « philosopho » francez do seculo passado se dignou fecundar na sua imaginação para bem dos seus patricios. Isto seria um bello sonho nas amarguras da vida positiva! Uma donosa creação orphica para sublimar a profecia d'um Deus de Homero, que viesse até nós brilhando nas epopeas mythologicas!

O peor é que a vida das sociedades é toda materialissima, se a contemplamos sobre a terra, chorando e rindo, com todo o positivismo mechanico das lagrimas e dos risos.

Nas attribuições da reforma cabia degenerar o espirito da caridade; mas destruir as causas da pobreza, com os sonhos d'uma reorganisação *humanitaria*, era o mesmo que destruir os revezes da fortuna, as revoluções, a velhice, as enfermidades, e a libertinagem, que são as causas do infortunio e da pobreza.

A diminuição dos pobres, aconselhada pelo programma da reorganisação, consistia em diminuir as esmolas. A execução d'esta receita era facillima, e não é á mingua de ensaios que a pobreza não se tem enriquecido. Difficillima julgára-mos nós a execução do conselho contrario, se d'elle pendesse a melhoria da classe mendiga.

É certo, porém, que desde a data do decreto que mandava afastar das ruas o indigente, cresceu o acervo dos necessitados admiravelmente. O numero dos pobres, que chamavam as atenções com uma gritaria mentirosa de dôres que não tinham, diminuiu; mas o numero dos verdadeiros pobres augmentou. Terminou uma certa industria, que jogava com a commiseração publica; mas outras industrias mais criminosas vieram substituir as primeiras. O pobre, que passava sua vida entretido com um aleijão fingido, e uma chaga de proposito aggravada, quando lhe impozeram o rigoroso preceito de outra existencia, ensaiou aquella que, á semelhança da que lhe tolhiam, menos trabalhada lhe proporcionasse a subsistencia. É certo que a mais bem policiada sociedade, por força da sua organização naturalmente defeituosa, mantém no seu gremio individuos, que a lei puniria se podesse devassal-os no segredo do seu viver. Mas um tal segredo é, pelo ordinario, insondavel ás investigações do codigo penal; e, quando um flagrante delicto desvenda o mysterio, augmenta a povoação dos carceres; e, em vez d'um mendigo astucioso, a sociedade tem de prover ás necessidades d'um criminoso forçado.

Á presença do infeliz, que se apresentava aos olhos da caridade, lacerado pela ulceração d'uma chaga esqualida, causava nojo ao rico, eventualmente encontrado com o aborrido contraste da sua opulencia. Era necessario, pois, desviar dos olhos do rico o espectáculo das miserias humanas. Desviaram-n'o, e conseguiram que o rico esquecesse a existencia d'esses filhos da desgraça, que uma lei da policia administrativa sacrificára á opulencia no altar da fome e da nudez.

« Endureceram-se os corações — diz um illustre orador francez — e para obter algumas miseraveis esmolos, foi necessario recorrer aos concertos e aos bailes: foi necessario prometter ao egoismo satisfações e prazeres: querendo consolar o mendigo, insultaram sua miseria. »

Na generalidade, estas idéas carecem de absoluta applicação ao regimen philantropico de Portugal. Como dissemos no primeiro artigo d'este vasto assumpto, podêmos exemplificar pequenos actos d'inspiração philantropica; mas, se os tomarmos como assumpto de philosophia christã, são de sobeja moralidade ao nosso intento.

A caridade christã é virtude que chora com a desgraça, quando não póde limpar-lhe as lagrimas. A philantropia é invocação aos prazeres de uma noite bem folgada por um preço dado, em que ao contribuinte não lhe importa que o seu dinheiro seja applicado á salvação de uma familia que se debate nas angustias da fome, ou ao sustento d'algum ambicioso que mercadeja com as lagrimas de seus irmãos, ou á construcção d'uma pyramide que conte aos vindouros as parvoas glorias d'este seculo de obeliscos. O que importa ao contribuinte é o passatempo, revestido de todas aquellas deliciosas circumstancias, que lhe favoneam commoções, que não gosaria, se as não comprasse.

A caridade, com todos os attributos do seu verdadeiro character, está aonde o christianismo influe sentimentos do amor do proximo, em toda a sua plenitude. Comparae entre si todas as nações da terra, e pelo signal da *caridade* reconheceréis as christãs. Comparae entre si todas as nações christãs, e reconheceréis, pela perfeição da caridade que as distingue, as que são catholicas. O exemplo do homem Deus incarnado — diz o padre Barthélemy — vivendo, soffrendo, e morrendo entre os homens, falla mais alto aos christãos que todos os livros dos philosophos. Mas este mesmo Deus, perpetuando e cada dia renovando seu sacrificio sobre todos os pontos do globo; este Deus, morando entre nós, vinculado pelo seu amor, fazendo de si proprio esmola ao homem, dando-se em alimento á sua creatura, eis-aqui o que diz mais que o sacrificio da Cruz aos corações catholicos; eis-aqui o segredo das maravilhosas dedicações

no seio do Christianismo ; eis-aqui o que gera e engrandece os heroes da caridade ; eis-aqui, finalmente, porque todas as seitas protestantes reunidas nunca produzirão um verdadeiro missionario, e uma filha de S. Vicente de Paulo.

CAPITULO VI

As sete palavras de N. S. Jesus Christo



' BORDA do lago de Tiberiades, um homem vestido com a tunica do povo, sentado nas ribas da montanha, alonga a vista pelas orlas do mar da Galilea, e contempla as ondas espessas das multidões, que se lhe avisinham, bradando clamores de vassalagem, como se a montanha fôra um throno, e o homem do povo o rei das multidões.

Este homem, saudado pelas turbas, fugira ao alarido que reclamava a corôa de David para aquella fronte real, onde a mão do Senhor escrevêra os gloriosos destinos da Judea.

Entre os que lhe apregoavam a magestade, estavam uns que juravam a grandeza d'aquelle homem pela formosa luz, que a sua vontade omnipotente lhes abria nos olhos, cerrados desde o ventre materno. Outros, ha pouco levantados do estrado da agonia, juravam a presença do Messias n'aquelle homem, que os mandára erguer e caminhar, como se a sua voz tivesse o imperio da que se ouvira entre os relampagos do Synai. O filho da viuva de Nahim, invocado das regiões da morte pela voz d'aquelle homem, jurava, em nome Deus, a divindade do que fôra sentar-se no cimo da montanha,

para dominar o universo como rei e auctor da creação. As irmãs de Lazaro, rodeadas de povo, contavam a resurreição de seu irmão; e Maria de Maglala rompia, vehemente d'amor, por entre as turbas, para derramar novas lagrimas aos pés d'aquelle homem de Nazareth.

Eram passados tres dias, e aquelle homem do povo, que arrastava apoz si as tribus, o imperador d'aquellas massas tumultuosas, que se prostravam ao aceno d'um hebreu, que não trajava as ricas franjas, nem ostentava os distinctivos dos principes da Synagoga, Jesus de Nazareth, fallando a homens tão pobres como elle, disse n'um tom de piedade, que revelava ao mesmo tempo a soberania de Mestre :

« Tenho compaixão d'este povo, porque ha tres dias
« que está comigo, e nada tem que comer; e se o des-
« peço para suas casas, sem ter comido, faltar-lhe-hão
« no caminho as forças, porque de muito longe alguns
« vieram... Quantos pães tendes? »

« Sete » — responderam os discipulos.

A um aceno de Christo quatro mil homens se assentaram.

Fallou a linguagem mysteriosa da sua vontade Omnipotente, e os sete pães se multiplicaram entre as mãos dos discipulos. Seus labios proferiram palavras de benção sobre alguns peixes, e as multidões ergueram-se saciadas, para de joelhos entoarem o cantico de graças ao Filho de David.

Bemdito sejaes vós, meu Deus, que mandastes erguer do sepulcro a Lazaro, e bafejastes o habito da vida na face morta do chorado filho da viuva de Nahim.

Bemdito sejaes vós, meu Deus, que déstes vista aos cegos de Bethsaida e Jericó, e áquelles que, nunca illuminados pela luz do sol, foram visitados nas suas trevas pelo raio da luz celestial, que lhes mostrou o Filho de Deus!

Bemdito sejaes vós, meu Deus, que tivestes piedade d'aquella grande afflicção, que dobrou a orgulhosa fronte da cananéa a vossos pés!

Bemdito sejaes vós, meu Deus, que sobre o dorso da tempestade, estendestes a mão ao discipulo, que se julgou perdido nas voragens da procella, com pavor retrahida quando a vossa mão lhe reprimiu as iras !

Bemdito sejaes vós, meu Deus, que reanimastes os membros entorpecidos do paralytico de Jerusalem, e o mandastes caminhar com o seu leito, que trinta e oito annos lhe fôra o eculeo tormentoso de dôres incuraveis pelos filhos dos homens !

Bemdito sejaes vós, meu Deus, que recebestes o possesso de Geraza, quando, sahido de entre os sepulchros, rojando os cadeados que lhe algemavam as furias, se prostrou perante vós, exclamando : « Que ha entre mim e vós, Jesus, Filho do Altissimo ? ! »

Bemdito sejaes vós, meu Deus, que sois o Pae d'este povo, sobre quem o Senhor, na hora da penuria, derramou os pães multiplicados, porque não quizestes que a vossa palavra descesse ao coração de vossos filhos, abatidos por fome e sacrificios pesados á sua fragilidade !

Eil-o, pois, alli o Senhor dos exercitos, que o povo hebreu conclamou ha pouco nas ovações ruidosas do Cedron.

Resôam nas ruas de Sião os eccos festivaes do hosannah ao Filho de David, a cujos pés a purpura dos mantos é alcatifa real que conduz o unguido do Senhor ao throno dos reis de Ísrael !

Descei, archanjos da gloria ! Vinde ser o cortejo d'este grande do céu, porque o Senhor do universo, d'aqui a pouco, rodeado de pobres, não terá, sentado sob o docel de Salomão, o seio d'um grande da terra, onde reclinar a sua frente real !

E d'entre os globos de luz, que passam desde o seu primeiro dia aos pés do Eterno, desceram myriades de seraphins para coroarem a frente do CHRISTO, que viera a triumphar do inimigo irreconciliavel do céu.

Era d'espinhos a corôa, porque o throno era uma cruz, e os hymnos da victoria eram imprecações blasphemias, e os oleos fragrantés das ceremonias reaes eram gotas de sangue espremidas pelos açoutes, pelos cravos, pela lança, pelos espinhos, e pela ingratição do genero humano !

A mão, que multiplicára os pães, e levantára o Lazaro do tumulo, e afastára a escurição dos olhos aos cégos de nascimento, era trespassada pelo cravo com que a justiça da Judea e de Tiberio decretava que a mão facinorosa d'um salteador, borrifado pelo sangue de innocentes, fosse atravessada.

Jesus, ha pouco erguido nos braços das tribus, que se atropellavam para beijarem os vestigios de seus pés, é agora, pelos mesmos braços, exaltado ao supremo fastigio dos flagellos !

Aos pés da cruz debate-se um coração nas agonias maternas ; lucta entre a vida e a morte um discipulo d'aquelle Justo, que expira ; e vociferam palavras de escarneo os labios d'um povo, que dias antes beijára os pés sacrosantos do enviado do Senhor.

O sangue de Jesus Christo, pedido pelas turbas no pateo de Poncio-Pilato, borrifa as faces dos deiçidas. Deus, que rasgára as cataratas do céu sobre a geração perversa dos primeiros homens ; Deus, que soprára fogo abrasador ao seio corrupto de Sodoma ; Deus que sepultara nas ondas o exercito de Pharaó ; Deus, que soprára o incendio do exterminio nas hordas amaldiçoadas dos philistheus ; Deus, que enviára seu Filho Unigenito a remir uma raça, que Lucifer algemára aos eternos postes do inferno ; Deus envia o anjo da desolação sobre o povo, que dilacera as carnes do Redemptor, quando seu Filho, elevando-lhe os olhos enturvados pelo sangue que lhe desce dos espinhos, exclama :

PAE ! PERDOA-LHES, QUE NÃO SABEM O QUE FAZEM !

Jesus Christo, nos dias do seu triumpho entre os ho-

mens, amados como filhos, dissera, que não queria a morte do peccador, mas a vida pela conversão.

O Senhor perdoára aos israelitas rebeldes, depois que generam longo captiveiro de lagrimas e trabalhos.

O Senhor attendera as afflicções da rainha Esther, que lhe pedia a conservação do seu povo.

O Senhor ouvira os gemidos de Jonas, que anciava as torturas da morte no ventre da balêa.

O Senhor perdoára duas vezes ao Rei-propheta, depois que o grito do coração repêso lhe estalou nas cordas da harpa.

O Senhor perdoára ao rei Achab, depois que os cilios da penitencia lhe ulceraram as carnes.

O Senhor permittira que a semente do perdão germi-nasse no coração criminoso, regado pelas lagrimas de Ezequias.

O Senhor erguêra sobre o throno o rei Manassés, que se revolvia no pó da humilhação.

O Senhor levantára ao fastigio da grandeza Nabucodonosor, que sete annos curvára a fronte de rei nos pastos, onde se alimentavam os cavallos de Babylonia.

O Senhor recebêra os publicanos, e enchêra o céu de canticos d'alegria quando um peccador afogava nas suas lagrimas o verme do crime, que lhe roía a existencia.

O Senhor, que, do alto da cruz, contemplava no fim das gerações o tremendo dia de juizo, pedia a seu Eterno Pae perdão para aquelles que não sabiam o que faziam, perdão para nós, que lhe roçamos nos labios a esponja de fel, perdão para nossos filhos, que mandarão ao fim dos seculos uma posteridade polluida pelo sangue do cordeiro innocente!

E nem a humildade com que morria aquelle Justo, sem lançar no rosto de seus algozes tantos beneficios que fizera a seus irmãos, serenou as iras da voseria tumultuosa, que lhe atirava á face ensanguentada affrontas e insultos. O anjo das trevas inspira os algozes de Christo, para que o beneficio da redempção não fosse

operado n'aquelles que blasphemaram até ao derradeiro instante da morte do Redemptor.

Ao lado do padecente ha dous homens que se estorcem no martyrio da cruz. O máo, como symbolo da desesperação na misericordia celeste, invectiva contra a impotencia d'um Deus, que se não salva, nem o livra a elle dos tormentos da cruz. O outro, imagem do crime que se lava nas doces lagrimas do arrependimento, pede ao bemfeitor de ingratos, que lhe dão em paga um supplicio, que, no reino do céo, lhe não sejam pesadas as suas culpas.

HOJE SERÁS COMIGO NO PARAIZO,

lhe respondeu o Filho de Maria, como se d'aquelle seu elevado eculeo de tormentos respondesse ao maior dos criminosos do genero humano, que na hora do remorso atribulador, n'esse instante de suprema afflicção exclama: « Jesus Christo! sêde misericordioso comigo! Eu creio na vossa omnipotencia, e não tenho lagrimas que valham o perdão do menos grave de meus crimes! »

N'estes trances, em que o homem cede ao grito da consciencia; n'esta intima pejeja das trevas com a luz; n'este subir d'espírito para o seio de seu Creador... qual de nós não anciará pelo amor de mãe celeste, que junto do Altissimo balbuciasse a supplica do nosso perdão?!

Felizes aquelles que acordaram do afflictivo pesadêlo do crime, porque o Senhor collocou a seu lado a mão carinhosa da mulher, que lhe enchugou as lagrimas! D'essa mulher foram ditos os destinos do calvario:

MULHER! AHI TENS TEU FILHO.

D'essa mãe fallou Jesus Christo ao discipulo amado, apontando para a sua:

AHI TENS TUA MÃE.

MARIA! coração ralado de tormentos, e sempre carinhoso em receber o deposito das nossas lagrimas! MARIA! bemdita entre as mulheres, pomba mystica que desces do seio dos anjos a poisar sobre o coração do homem, que te chama na hora do seu remorso! MARIA! formosa palma de justiça, lirio purissimo de castidade, que floresces no seio d'aquelles em que a mão do crime semeara espinhos de tormentosa desesperação! MARIA! carinhosa mãe, que me foi dada no calvario, a mim orfão dos afagos d'aquella, que tão cedo me abandonou no meu primeiro somno de innocencia! MARIA! cumpro em mim aquelles destinos, que vosso Filho nas agonias do passamento vos confiou! Sêde o meu amparo, para que eu não murmure, nas minhas horas de desfallecimento, aquella penetrante queixa de vosso filho:

MEU DEUS, MEU DEUS, POR QUE ME DESAMPARASTES?

Que exclamação é essa de filho abandonado nas ultimas aspirações de sua alma, nos ultimos arquejos de seu peito roxeado pelos vergões das disciplinas?

É a derradeira prova de amor de Jesus Christo ao genero humano.

É o Deus que se priva de todas as consolações, para lavar as nodoas do homem com a ultima gota do seu sangue. É o ultimo trago que o calix da agonia derrama n'aquelles labios, onde a palavra da Redempção deve ter o seu complemento pelo grito da sêde abraçadora.

TENHO SEDE!

exclamava Jesus, quando o anjo dos flagellos lhe descia o véo da morte nos olhos que se fechavam sobre o mundo resgatado. Era uma sêde espiritual da nossa salvação. Era o incendio do coração, que lhe escaldava os labios: o incendio do amor, que tão ingratos recompensamos com a perversidade da indifferença.

PÁE! EM TUAS MÃOS ENTREGO O MEU ESPIRITO.

O espirito do Filho de Deus expiara os peccados do genero humano.

Os nossos orgulhos tinham sido perdoados pelo preço dos opprobrios, soffridos por Jesus.

Quando Lucifer era lançado ás trevas eternas, Christo estendia-nos a mão ensanguentada ao fundo abysmo da culpa.

Do sangue do justo renascêra uma geração nova.

O mysterio da Redempção, em todos os seus lances de sangue, estava cumprido. A morte do Enviado do Senhor era a ultima letra das profecias.

O Enviado, pois, quando o extremo halito da vida lhe sahiu do peito, e a face lhe pendia morta, e a natureza se carregava de trevas, e os mortos surgiam dos tumulos, e o véo do templo se rasgava... murmurou a palavra final da sua paixão :

TUDO ESTÁ CONSUMMADO.

O ecco d'esta palavra será o brado condemnador para aquelles que a despresaram na vida, e, no ultimo dia do tempo, não saberão comprehendel-a.

CAPITULO VII

Do papa e do seu poder temporal (4)

I

UMA fantasia original ha ahi nos innovadores socialistas d'estes nossos dias, e é ella de si tão nebulosa e desapegada que, por força de consciencia, ou lhe havemos de chamar *fantasia*, ou cahiremos no desagrado de chamar-lhe *nada*.

A gente, de boa fé, forceja por atinar-lhe com a medula dos systemas, dá-se penas e vigílias em rebuscar-lhe o bocadinho do ouro no fundo do cadinho das utopias, e topa a volatil poeira d'um malgrado cansaço d'alchymia politica.

O peor de tudo são as incoherencias que pullulam do trabalhoso contexto de qualquer livro, de qualquer artigo, de qualquer pensamento, atirado para o abysmo escuro de theorias, que diariamente passam entre nós, senhoris e turgidas do seu bojo de palavras.

(4) Refutação ao artigo que, sob aquella epygrafe, foi publicado nos numeros 4 e 5 da «Peninsula» jornal litterario do Porto.

Se abris um livro, se estudaes um artigo, se dissecaes um pensamento d'essa prodigiosa bibliotheca de modernos civilisadores, para logo se vos aclára a idéa inspiradora de seus systemas, e vêdes o disvelo incansavel e fervoroso de todos elles, resumindo na palavra ASSOCIAÇÃO todas as venturas constituintes da felicidade do povo.

Associação industrial, associação agricula, associação commercial, associação mercantil, associação litteraria, associação á luz do dia, associação nas trevas da noite... é tudo associação, menos *associação religiosa*.

N'isto, manda a razão confessar, que não são contradictorios os que se intitulam *amigos do genero humano*.

Apostados em desviar os discipulos da escola estacionaria d'um espiritualismo sobre-humano, convem aos mestres fazel-os *carne*, embrutecêl-os na vida dos sentidos, acorrental-os ás sensações externas, materialisal-os em fim.

A unidade religiosa, o enlace mutuo da fraternidade evangelica, era-lhes um embaraço espinhoso, a não terem á mão a alavanca ardilosa com que arrazassem o edificio da Igreja, cantando um hosanna mentiroso ao Christo civilisador!

Segundo elles, as mil e uma associações do progresso não podem funcionar no centro do Catholicismo. É necessario desconjuntar as columnas da Igreja para construir a assemblea dos operarios. É necessario afastar o fantasma do sacerdote das portas d'essa assemblea para não assustar a mão laboriosa do artista. Em fim, é necessario dizer ao vigario de Christo na terra que a sua missão está cumprida, desde que o Eterno chamou Luthero a continuar a sua obra regeneradora.

A satisfação d'estas urgentes necessidades é altamente reclamada pela *Peninsula*, jornal de letras, e por mais mil vozes, entre as quaes o articulista da *Peninsula* é um vagido de creança.

Custa-n'os a tarefa de lhe analisarmos o artigo, e pêsa-nos a fallencia de uma certa linguagem doce e

humilde, que vá, senão insinuar verdades novas ao adversario dos papas, ao menos ferir-lhe de leve o seu orgulho de livre pensador.

A *Peninsula*, visando a scopo mui afastado, foi collocar-se muito longe para assestar a sua bateria ao vulto respeitavel e indestructivel da Egreja.

Conta-n'os a indole dos povos orientaes, propensa ás idéas do absoluto e do infinito, e d'essa propensão infere a immobilidade nas instituições *puramente theocraticas* d'essas nações.

A theocracia, bem definida por *Bergier*, é o governo em que o proprio Deus é immediatamente auctor das leis civis, politicas e religiosas, sem que a nação, regida por ellas, esteja privada de crear leis para os casos não providenciados.

Os judeus foram uma nação theocratica, e, desde o momento que a lei velha é vasada nos moldes do Evangelho, as nações christãs são theocraticas tambem.

O genio oriental não se estrema das propensões univ ersaes. O redactor da *Peninsula*, nascido em paiz catholico, onde os codigos de moral são affeioados pelo molde evangelico, está subordinado ao regimem theocratico, a não contradizer uma sua confissão, que textualmente vamos copiar, para collocarmos o Evangelho na sua divina origem :

« Jesus Christo em pessoa havia instituido o papado, « confiando a Pedro e seus successores a guarda da sua « grei... »

A grei de JESUS CHRISTO é estes cento e oitenta milhões de catholicos, dispersos na face do mundo, e sujeitos ao principio divino de todas as legislações derivadas da fonte divina.

A intenção, porém, da *Peninsula* applicada á palavra « theocracia » é dolosa e calculada. *Governo de padres*. Eil-a aqui em toda a sua nudez; mas, ainda as-

sim, insidiosa e perfida. Os egypcios, os syrios, caldeus, indios, persas, gregos e romanos não conheceram primitivamente o ministro civil funcionando em repartição diversa do ministro religioso. As funcções religiosas e politicas correram parellhas sob a direcção do homem do culto, em quanto as funcções da realza e do sacerdocio se não complicaram pela multiplicidade dos povos.

Queixa-se, porém, o escriptor, de que as instituições religiosas do oriente careçam de vida e animação, ao passo que nas Egrejas da Grecia tudo respira vida, actividade, e progresso. Em linguagem nãis lhana equivale isto a dizer — que a Egreja catholica é estacionaria, doentia, e retrograda, ao passo que a scismatica exubéra em *actividade, vida, e progresso*.

Estas tres prerogativas na Egreja constituem a felicidade das nações, ou não constituem. No primeiro caso a Grecia deve ser um povo feliz: no segundo a Europa catholica deve felicitar-se de suas prosperidades, em quanto a Grecia lamenta as suas desgraças. E se nada ha de cummum entre o progresso da Egreja e o progresso das nações, que importa o poder temporal do patriarcha de Constantinopla, ou o poder temporal do Summo Pontifice? Que importa o progresso na civilisação do sacerdote, ou que importa a immobilidade das instituições theocraticas na Egreja do Oriente? Importa muito: disse-o um homem das idéas da *Peninsula*, disse-o *Bordas-Demoulin* com a energia d'uma convicção atrevida:

« A Egreja só tem um inimigo real — é o clero, que
 « a perde pela sua ignorancia e preocupação, ob-
 « stinando-se a suppôl-a contraria á sociedade nova, e
 « incapaz de viver com os governos liberaes. Que o
 « clero comprehenda e professe a civilisação moderna,
 « e todo o mundo cessará de atacar o catholicismo (4). »

(4) Melanges — pag. 427.

O catholicismo, porém, rachitico de vida, tropego d'acção, e moroso no seu caminhar para esse sonhado mundo, onde a lampada da civilisação jorra inundações de luz, não pode ir onde tão depressa chegou a Egreja grega, com a sua exuberancia de vida, e progresso, e actividade.

Vamos, pois, cravar olhos de irveja n'esse mar de delicias em que se divertem os gregos.

Gemem ha vinte seculos nas algemas da servidão. Senhor e escravo — é o laço que prende o homem ao homem fóra da familia. « O grego collocado entre a cimitarra, e o bastão do bachá — diz o *conde de Maistre* — mal se atreve a respirar. Nada lhe é seguro, nem ainda a mulher com quem cazou. Esconde o seu thesouro, esconde sua filha, esconde até a fachada da sua casa, se ella pode trahir o segredo da sua riqueza. Lá não são possiveis tractados, convenios, ou tranzações. Os dous sexos não se atrevem a olhar-se. Olham-se, tremendo, como entes de naturezas oppostas, que o creador separou para sempre... » E, depois, a idéa da independencia e da soberania extinctas para sempre, e um estreito circulo de ferro a marcar-lhe a acção d'um patriotismo impotente !...

Esta é a Grecia illuminada pela suave civilisação d'uma Egreja vivedoura, activa e progressiva !

Os homens de razão que escolham entre o christianismo rude e amortecido dos catholicos romanos, e a civilisação rapida e activa dos scismaticos gregos.

II

O redactor da *Peninsula*, sentindo que na vitalidade fecunda da Egreja grega falte « um todo perfeito » acha que o systema possivel para esta perfeição era pegar

da vida da igreja grega e sopral-a no corpo inerte da igreja latina.

Esta operação infusoria é inconcebível em sincera argumentação, e a boa critica persuade-se que s. s.^a quer o scisma, como principio vital, na Igreja Catholica. Mas qual é esse bom elemento, que Roma póde dar á Grecia, para da mistura de ambas as Igrejas resultar « um todo perfeito? » É a *unidade sublime* da Igreja Catholica, responde s. s.^a; mas desconjunctada ella pelo scisma grego, onde está a *unidade sublime*? e perdida a unidade sublime, que resta de bom á Igreja romana?

Ha uma linha do *conde de Maistre*, que responde a tudo isto: « Comparar uma Igreja á Igreja é não saber o que se diz. » Na sciencia das coisas divinas *Igreja* não significa só *assemblea*. Os seus attributos característicos são laços internos da fé, esperança, o caridade; e os externos dos sacramentos. Na universalidade d'estes vinculos é que está a Igreja fundada por Jesus Christo e assistida pelo Espirito Santo. Unica, forte, e independente na sua vida immortal, nada tem de commum com as assembleas, que se destacam do centro da unidade. Comparal-a, é dar-lhe as fórmas caprichosas da imaginação.

Todavia corre-nos obrigação de seguir na presente refutação a nomenclatura que a *Peninsula*, aconselhada pelos protestantes, adduz invariavelmente a toda e qualquer assemblea religiosa de homens, embora cada um pregue o Evangelho, a seu talante.

Diz a *Peninsula* que as conquistas de Alexandre e uma philosophia elevada prepararam as intelligencias para acolherem a palavra de Christo. Diz que o Christianismo derrubára facilmente os obstaculos que lhe creou a civilização pagã: (1) depois accrescenta, no

(1) Em poucas palavras, a elevada philosophia dos romanos: — « Roma era, no seculo evangelico, uma cidade immensa, que contava cerca de tres milhões de habitantes. Os romanos tinham adoptado as religiões de todos os povos vencidos. Viam-se

mesmo periodo, que Constantino, renegando as crenças de seus predecessores, rompêra as passadas tradições, sagradas para os verdadeiros patriotas, porque lhes promettiam a eternidade da sua nação.

Eis-aqui tres idéas que se contradizem com pasmosa leviandade!

Permitta-se, por um instante, ao auctor d'elles que as maximas de Jesus Christo fossem bem recebidas pela sublimidade philosophica do imperio romano; mas muito grande difficuldade haverá em conceder-lhe que a civilisação pagã obstasse ao progresso do Christianismo! Pois a *civilisação pagã* não é a *elevada philosophia* dos romanos? É precisamente. E como comparar o philosopho romano abraçando o Christianismo agora, e logo repellindo-o, como prejudicial á civilisação pagã?!

Demais, que patriotismo era esse do povo romano, que se acobarda, apesar da sua elevada philosophia, no momento em que Constantino se declara filho da Igreja Catholica!?

Não portrahiremos as manifestas contrariedades, que affluem de reflexões tão contradictorias. A *Peninsula* não nos poderá dizer onde encontrou os fastos da civilisação romana, creada pelas conquistas d'Alexandre, ou fecunda de elevada philosophia? Roma, a devassa do imperador

ahi reunidas as superstições grosseiras, e as horrendas divindades dispersas sobre toda a terra. Seus costumes eram taes, que é vergonha dizel-os. Basta mencionar que os mais atrozes crimes eram auctorizados pela religião, pelo silencio das leis, pelos costumes, e eram publicamente commettidos por moços e velhos, pelos grandes e pelo povo. As suas leis, eram o odio e a crueldade. A mais dura oppressão vexava tudo que podia ser opprimido. A mulher era escrava de seu pae, que podia mata-la ou vendel-a; casada, era escrava do marido, que podia vendel-a, ou repudial-a a seu bel-prazer. Os filhos era licito mata-os no ventre da mãe: em certos casos o infanticidio era lei; nascido, era licito ao pae mata-lo, expô-lo, ou vendel-o; a religião tinha preferencia para que o menino fosse queimado em honra dos deuses. Os escravos eram vendidos como bestas, e marcados na testa por um ferro em brasa: de dia eram esporeados ao trabalho por um azorrague, de noite gemiam encadeados nos subterrancos. Prisioneiros de guerra, eram decapitados no tumulto dos vencedores, ou mandavam-n'os esganarem-se mutuamente no amphiteatro para entreter o povo. O credor tinha direito de espedaçar o devedor insolúvel. Os pobres chamavam-se animaes impuros, e por desfazerse d'elles, um imperador fez carregar tres navios, e mettel-os a pique em mar alto. Tal era Roma quando S. Pedro ahi chegou. ABBÉ GAUME. C. DE PERSÉVERANCE. *MŒURS DES PAÏRNS.* >

Tiberio, o amphiteatro sanguento de Nero, a mãe de entranhas ferozes que trucidava seus filhos nos festins de Trajano, de Decio e Diocleciano — Roma, em fim, borrifada pelo sangue de milhões de martyres christãos, não era por certo a Roma de *elevada philosophia*, que transpareceu nos sonhos da *Peninsula*. As actas do martyrio, que são, a bem dizer, o relatorio das ultimas contorsões da Roma pagã, fallam bem alto contra essa civilisação, que a *Peninsula*, umas vezes, imagina amiga, e, outras, adversaria do Christianismo.

O Christianismo, porém, não era uma *religião estrangeira*, como o auctor do artigo gratuitamente o acoima. Ha n'aquelle epitheto um pensamento materialmente atheu, e um não sei que de baixo e rude, que fere os ouvidos ao menos zeloso da religião do Crucificado! O Verbo divino reputado *estrangeiro* entre os homens — a palavra do Eterno, que desceu para todas as nações, como para uma mesma familia, considerada *estrangeira* para os ouvidos do imperio romano... é uma d'essas asserções que a *philosophia* não dispara inconsideradamente, nem a critica ressalva de sarcasmo ás crenças christãs.

Que devêramos pensar da orthodoxia da *Peninsula*, se lhe não deparassemos, algumas linhas depois, este solemne desmentido :

« De mais a Egreja Christã é essencialmente catholica, isto é universal! »

Pois bem : seja *catholica*, ou *universal*, mas não seja *estrangeira* para o imperio romano. O que o leitor não póde saber é qual é a convicção do auctor d'aquellas duas idéas assim postas em extremos diametraes. Contente-se em procurar-lhe o pensamento fundamental do seu arrasoado, e marchará comnosco, mais ou menos directamente, á conclusão d'este informe feixe de contradicções.

Conta-se-nos que os romanos, enfraquecidos pela corrupção e despotismo, e ao mesmo tempo desvirtuados

pelo Christianismo, não poderam suster o impeto das tribus septentrionaes. Pinta-se-nos, depois, essa religião, se bem que *estrangeira*, recebendo em seu scio os invasores, por isso que era *catholica*. Lisongeiaram-se-nos as crenças, conferindo a tal religião uma superior sublimidade de doutrinas, e um prestigio de mais adiantada civilização. Affigura-se-nos o Christianismo em risco de perder-se, pela rebeldia dos diversos chefes das tribus á dominação suprema do papa. Em *risco de perder-se!* — e comtudo assevera-nos o auctor que *Jesus Christo, em pessoa, havia instituido o papado, confiando a Pedro e seus successores a guarda da sua grei.*

Nenhuma confiança deposita a *Peninsula* no divino fundador do Christianismo, se elle, obra sahida das suas mãos divinas com promessa de eterna duração, *esteve com risco de perder-se!*

Considera a *Peninsula* que a conservação da Egreja n'esse perigoso conflicto foi devida á *sua unidade*, e, não sei por que inesperada transição, nos diz que a « infallibilidade do papa é uma consequencia necessaria das proprias palavras de Christo. » Aceitamos-lhe, porém, a affirmativa, e digamos — eu pelo menos que creio de todo o meu coração na infallibilidade do papa, como nas palavras de Jesus Christo — digo eu, pois, que o redactor da *Peninsula* no decurso do seu artigo escreveu uma verdade que será mais tarde a condemnação de todos os seus erros.

Uma das razões que o escriptor nos dá para recebermos o papa como infallivel, é a sem-razão com que, do contrario, concederíamos a infallibilidade aos concilios, e, ciosos do mando e da razão individual, iriamos d'encontro ás bullas papaes, convocando um concilio œcumenico.

Permitta-n'os a *Peninsula* dizer-lhe que não faz uma justa idêa do que é *infallibilidade*, nem *concilio œcumenico*.

D'onde nos vem a nós direito de convocar concilios

œcumenicos? Despojado o papa das soberanas regalias, que divinamente constituíram a sua infallibilidade, quem ha ahí que possa irrogar-se o dom de Pedro para convocar um concilio geral?

Esse pertendido concilio œcumenico não seria assembléa, não seria Egreja, mas sim conspiração e revolta contra o soberano.

O *conde de Maistre* judiciosamente o diz: « Os concilios œcumenicos nem são nem podem ser senão o parlamento ou os estados geraes do Christianismo, reunidos pela auctoridade e debaixo da presidencia do soberano. »

Esta idéa da infallibilidade do papa, superior á infallibilidade dos concilios, mas, ainda assim, considerada inutil para a convocação d'um concilio geral, contradiz-se. Os que negam aquella prerogativa ao bispo de Roma, bradam altamente que o concilio œcumenico pôde ser reunido sem que Pedro o chame. A *Península* que está de harmonia com este poder, e chega a temer as consequências da reunião dos membros da egreja em concilio geral, nega, ao mesmo tempo que affirma, a infallibilidade do papa.

Proseguindo na analyse do seu artigo, vamos com o auctor contemplar essa lucta impotente dos pontifices, que se afadigam em crear pela influencia espiritual um antigo imperio romano. Veremos o Christianismo augmentar-se porque os sacerdotes eram consoladores para os transfugas do dominio despotico dos senhores feudaes. Admiraremos, se tivermos a boa fé e docil ignorancia de acreditar o articulista, como o genio da dominação e conquistas predominou a Egreja e o Papa, como se o Papa, não fosse a Egreja. Ouviremos finalmente, com profunda descrença, fallar do progressivo augmento do Papa, por meio de aquisições territoriaes, e tributos que soube impôr aos soberanos da Christandade.

Falsidade, levêsa, imprudencia, e molestia do seculo,

tudo, se assim o quereis, e até *má-fé*, se com isto só explicaes de sobejo a condição do artigo.

O poder temporal dos papas data do seculo IX.

Senhores de vastos recursos, antes d'essa época em que o dominio temporal se encontrou insensivelmente nas suas mãos, nunca os Pontifices os fizeram valer para ampliar o territorio que lhes foi doado por Pepino, Carlos Magno, Luiz, Lothario, Henrique, Othon, e a condessa Mathilde. Amplissimo podéra ser o seu territorio, quando o papa concedia ao primeiro occupante as conquistas ser-racenas, não se adjudicando ao menos as duas Sicilias, que, segundo o direito publico d'aquelles tempos, lhe pertenciam por bem justificados direitos.

A suzerania que a Sancta Sé exercitou nos potentados christãos, nas raras vezes que assumiu esse expediente imposto pelas circumstancias, era um expediente para dar e não para reter, diz o insigne *de Maistre*.

Quando é que os papas tentaram reorganisar pela força o antigo imperio romano?

No 1.º e 2.º seculo eram pobres, e a sua riqueza era a cruz de S. Pedro, as fogueiras de S. Anacleto, e a garra feroz das feras devoradoras de S. Clemente.

As riquezas que a Igreja de Roma alcança no 4.º seculo, quereis saber que fructos produziam? Tomae o conselho do insuspeito Fleury: lêde o que fizeram os Papas desde S. Gregorio até Carlos Magno, ou reparando as ruinas de Roma, e restabelecendo egrejas, hospitaes, ruas, e aqueductos, ou salvando a Italia do furor dos lombardos, e da avareza dos gregos. Vereis então que emprego deram os papas aos bens da Igreja.

É bem singular — diz o sabio auctor da apologia da religião christã — que entre 250 pontifices que tem occupado a cadeira de Roma, não haja um só que obras-se religiosamente, mesmo quando faz um bem! Basta o absurdo d'esta calumnia para refutal-a.

Mas tal absurdo, por em quanto, não estatuiu o redactor da *Peninsula*.

Em compensação, alguma coisa nos dirá elle que faça inveja aos que disseram muito mais na apparencia, e muito menos nas funestas deducções que poderemos derivar do que vamos ouvir-lhe.

Recordemos primeiro estas proposições da *Península*:

« Jesus Christo, em pessoa, instituiu o papado.

« A infallibilidade do papado é uma consequencia necessaria das palavras de Christo.

« Desde que reconhecemos o dever de nos sujeitarmos sem appellação ás decisões de qualquer tribunal, consideramol-o como infallivel.

« Conceder a infallibilidade tão sómente aos concilios e aspirar ás franquias gallicanas, é aspirar á liberdade de preferir á nossa opinião individual a doutrina da Igreja. »

Agora... que consequencia esperaes de tão excellentes premissas?

Lêde-a:

« Mas ao mesmo tempo que os municipios romanos, perdidos nas ruinas da idade media, se reconstruiam de novo, Luthero descarregava vigorosos golpes na auctoridade papal. É que era já chegado o tempo em que nos decretos da Providencia o imperio da igreja, a quem havia promettido a perpetuidade, devia modificar-se e circumscrever-se ao dominio espirital. »

Ahi está, pois, Luthero reformando a Igreja. O dedo da Providencia apontou-o, quando soou a hora da reforma!

Cessou a infallibilidade. Cessou o tribunal de que não havia appellação. O papa desce ao tribunal das praças. Luthero sobe á cadeira interrogatoria. A igreja gallicana gosa a infallibilidade da doutrina. A insurreição é permittida em nome da reforma. O cardeal que morre aos pés do Pontifice, o Pontifice que foge ao punhal tingido pelo sangue de Rossi, o povo soberano que mergulha a barca de Pedro... tudo isso é a alavanca refor-

madora de Lutero, que opera nos dias designados pela Providencia !

Ahi está, pois, o corollario da consequencia que o redactor da *Peninsula* faz cegamente derivar de seus principios tão indignos d'ella!

S. s.^a, farto de contradizer-se, pôz o divino fundador do Christianismo em contradicções impropria da sabedoria divina.

Todo o mal dos homens é quererem afeiçãoar o que é de Deus pelas suas fantasias inspiradas do peor que tem a terra.

III

Ha 1852 annos que o genero humano era um mixto informe de grandeza e de miseria, de soberania despotica, e de vassalagem corrompida. Roma era a rainha do mundo, era o emporio das luzes do paganismo, era a patria dos Cezares, era o berço de Cicero, de Terencio, de Pollião, e Tito Livio.

Nada lhe faltava para fascinar as nações humildes, que vinham de rastos depôr a sua nacionalidade á sombra protectora das aguias do capitolio.

Lá dentro, porém, n'aquelle branqueado sepulchro remechiam-se os vermes, e rescendia o fetido d'aquellas osadas putridas, de que falla Jesus Christo, n'uma das suas divinas admoestações aos impostores, aos hypocritas do pharizeismo. Gemiam servos os que nasceram servos, e rojavam com a face no chão, molhado pelo seu suor, aquelles, que, encerrados nos curraes dos netos dos patricios, recebiam o aviltante apellido de *animaes immundos*.

O Filho do Altissimo, nascido no mais despresivel torrão do imperio romano, levanta a sua voz sobre o

murmurio gemente dos opprimidos, e a hilaridade cruel dos oppressores :

« Vinde a mim, vós todos os que padeceis, e sois opprimidos, que eu vos livrarei. »

Esta promessa, tão impossivel de realizar-se pelos simples desejos d'um homem pobre e desvalido como Jesus de Nazareth — impossivel, ainda quando os milhões de braços apprimidos estrebuchassem por quebrar as suas algemas — devia ser realisada no dia designado pelo Eterno, porque Jesus de Nazareth era a expressão do Eterno, era o braço visivel da Omnipotencia, era o proprio SENHOR, que no paraizo terreal se mostrára á Eva criminosa, e no alto do Calvario a MARIA, thesouro redemptor dos filhos de Eva.

A promessa, pois, realisou-se e os meios, que a sabedoria divina escolheu, no manancial da sua omnipotente vontade, são uma serie de fenomenos, que insensivelmente nos dobram o joelho á causa mysteriosa que os produziu.

As maximas de Jesus Christo, como fructos do seu amor pendentes da arvore da Cruz, dulcificavam a amarga existencia do genero humano, quando as turbas conquistadoras do septemtrião rasgavam em retalhos esse envoltorio brilhante, que parecia esconder aos olhos de Deus a perversidade de Roma pagã.

Quando o papa S. Leão afastou das portas de Roma o barbaro que a posteridade galardoou com o epitheto feroz de *açoute da humanidade*, n'esses vivas enthusiasmas, que os romanos bradam em torno da cadeira de S. Pedro, está significado o *salve* fervoroso da geração regenerada ás maximas de Jesus Christo, que, proclamadas pelo seu representante na terra, desarmam o braço cruento de Atila.

Talado o imperio d'Augusto, e retalhado em tantos dominios territoriaes, quantas eram as raças, e quantos eram os caudilhos aventureiros, Roma, como a arca do unico justo, boiando sobre as vagas do diluvio social,

permanece quêda e altiva da sua nobre soberania, continúa ainda com os minaretes dos seus pomposos edificios erguidos para o céu, como apontando á protecção divina que de lá lhe vinha.

Visível e prodigiosa era essa protecção, quando os homens selvaticos depunham o frankisk, salpicado de sangue europeu, e curvavam o joelho diante do summo pontífice, a quem pediam regras para governarem as suas nações mal firmes sobre o volcão das hordas insubordinadas.

Um d'esses reis devastadores não teme deixar sua mulher e suas filhas entregue ao bispo de Antiochia, porque, dizia o godo, não ha no mundo homem de mais honra, e de mais temor de Deus.

A edade media, farta de prepotencias feudaes, e famosa pela tyrannia de seus *senhores*, e pela humilhada obediencia de seus *escravos*, é tambem a idade da propagação do christianismo, cujas maximas santas chamavam ao sanctuario d'um Deus consolador o homem, que, torturado nas carnes, sentia-se invulneravel no espirito, que anciava a hora das recompensas eternas.

É que soavam ainda as palavras de Jesus Christo :

« Vinde a mim, vós todos que padeceis, e sois opprimidos, que eu vos livrarei. »

Até aqui, nem um de vós, leitores desapaixonados, hesitará em crêr na fidelidade d'este esboço, que é uma pagina da philosophia do Christianismo.

D'aqui em diante, lêde com mais precaução o que vae ser-vos contado ; e quando sentirdes impulso de exclamar — *é mentira!* — eu vos direi onde bebi o fel d'essa mentira, que nem ao menos me foi dada a beber por taça de ouro.

O Evangelho era a palavra de Christo. Christo era o Redemptor. O sangue do Justo lavara a nodoa do crime na face do homem. O homem, sem aquelle ferrete de ignorancia e degradação, devia civilisar-se. A civilisação pois era filha do Evangelho, e o homem, que regrára

os seus costumes pela possível imitação de Christo, estava civilizado.

Passaram os primeiros dez seculos, depois que os apóstolos sahiram do Cenaculo a derramarem a luz civilisadora na escuridade do mundo. O mundo, no fim d'esses dez seculos, estava alumiado; o espirito não tinha trévas que lhe empecessem o seu olhar aspirador por dimensões amplissimas, e, por consequencia, a luz do entendimento humano eclipsava a luz do codigo divino. Cessou o Evangelho. Cessou o apostolado; o homem, reanimado no seu pó, pelo *fiat lux* da civilisação, não teve mais nada com o papa, nem com a religião, nem com as excommunhões, nem com os interdictos.

Se me perguntaes que força sobrenatural fez que os homens voltassem as costas ao Evangelho de quem haviam recebido tamanhos beneficios, responder-vos-hei, em nome da *Peninsula*, que essa força não foi sobrenatural, mas foi logica, rigorosa, e naturalissima — foram as *expeculações positivas*.

Se tendes a perdoavel simplicidade de perguntar-me o que são « especulações positivas » dir-vos-hei em nome da *Peninsula*, que são as *transacções commerciaes*, e os *progressos das sciencias phisicas e artes mecanicas*.

Sabei, pois, que o adiantamento nas sciencias, e a permutação de generos, são uma qualidade inherente ao genero humano, em virtude da qual o homem é dispensado de tributar culto ao seu Creador; e o eleito de Jesus Christo, para velar na manutenção da sua obra divina, é como esses velhos de uma tribu selvagem, que morrem legalmente, como inuteis, ás mãos dos filhos a quem deram o ser.

Já sabeis que escrevo debaixo das impressões que recebi da *Peninsula*. O contexto das suas doutrinas é este; mas a intelligencia divina, que preside á fraqueza dos bem intencionados de coração, ainda que pobres de entendimento, permite que a heresia d'esses *nadas pomposos* deixe em minha alma vestigios de si, como

essas aves da noite, que esvoaçam occultas, e nem a olhos de lince deixariam no espaço um leve signal da sua passagem.

E eu vos digo por quê:

A *Peninsula*, quando fechou o primeiro capitulo do seu artigo do n.º 4, disse-nos desembuçadamente que, no seculo XVI, confiára a Providencia ao heresiarca Luthero a modificação do christianismo. Luthero descarregava vigorosos golpes na auctoridade papal, como consta das palavras da *Peninsula*, e d'essa tentativa, mais ou menos feliz, é que pendia o adiantamento do christianismo.

Preparei-me para encontrar no capitulo immediato uma correcção ao dogma e á disciplina da Egreja Catholica, correcção tal, que, sem ella, nem a humanidade podesse servir ao christianismo, nem o christianismo prestar incentivos ao progresso da humanidade. Imaginei que a reforma devia ser toda no poder espirital do papa, e nada tinha que influir no poder temporal, por isso que Luthero deu sentido novo ás palavras de Christo, em quanto ao primado do papa, e deixou ao seculo XVIII a liberdade de lançar mão sacrilega ao laço que prende o baculo ao sceptro.

Estas esperanças desvaneceu-m'as a *Peninsula*, quando, esquecida do preito, que prestára á infallibilidade espirital do pontifice, nada tem que fazer com o dogma, e afadiga-se em invectivar contra o poder temporal de Pio IX.

A guerra, pois, era toda ao poder temporal, á soberania, ao rei, ao chefe da nação, á jerarchia, á divisão de classes, e ao throno dominante e repressor das violencias populares. Assim era logico que fosse, porque sabido é que os ultrages feitos ao chefe da Egreja Catholica são armas politicas, cujos golpes seriam mortaes, se Jesus Christo não promettesse uma vida immortal á sua esposa mystica.

« No momento em que a plebe já vae conhecendo —

*

« diz a *Peninsula* — que tambem ella tem direitos a « quinhoar da ventura e gosos communs; agora que « começa a sacudir o jugo das classes opulentas; quando « a Italia aspira a regenerar-se, qual poderia ser a mis- « são do papa como soberano temporal? »

Nenhuma, certamente, porque não ha regeneração possivel, no vosso systema politico, sem que os monarchas se nivellem comvosco. Deverá o papa esperar no vosso tribunal um juizo differente d'aquelle que fulminaes a todos os soberanos? O papa, que na vossa opinião não passa d'um velho instrumento da civilização antiga, poderá fazer-se respeitado aos vossos olhos pela auréola divina que Jesus Christo fez descer no docel da sua cadeira apostolica?! Não. Demais é elle injuriado pelo odio impotente d'estes publicistas modernos, que despem as faixas dos primeiros rudimentos d'uma sciencia apoucada, para vestirem a toga de grandes doctores entre pequeninos ignorantes.

Pouco deixam assim mesmo, que recear pelo futuro da Egreja. Não conseguirão jámais as suas verrinas insultuosas o que não poderam conseguir os *pamphlets* de Mazzini.

« Eu sou algum tanto christão » diz o redactor da *Peninsula*. Calvino e Luthero diziam mais. Esses julgavam-se os verdadeiros christãos, e não consentiam que lhes chamassem *algum tanto*. Esta quantidade assim diminuta, se o auctor do artigo a escrevesse como protesto de fé no cimo do seu primeiro artigo, poupava-me este consumo de columnas no CHRISTIANISMO, porque não é com ellas que eu espero desilludir o homem *algum tanto christão*.

E que provas nos dá a *Peninsula* de que o seu redactor é algum tanto christão?

Cita-nos o cap. 23 de S. Matheus, em que Jesus Christo reprehende severamente os pharizeus e escribas, que, sentados na cadeira de Moysés, ostentam um orgulho de mestres e senhores, quando verdadeiro senhor, verdadeiro mestre, e verdadeiro pae é so Deus.

A que vem o texto aqui? É para negar o primado do papa? Desgraçada contradicção é esta de vossos principios tão manifestamente postos em favor da infallibilidade espiritual do vigario de Christo!

Como havemos nós accreditar-vos, quando dizeis, que « Jesus Christo, em pessoa, instituiu o papado! »

Combatido com bastante fragilidade, mesmo com astucia bem somenos do que devia esperar-se, o poder temporal do papa, a *Peninsula* eleva-se ás alturas da philosophia politica, e medita tristemente na situação que convem aos padres n'uma sonhada crise porque vamos passar de tormentosa *regeneração social*. Lembra-se de mil coisas tetricas, e uma que mais parece pungir-lhe sua alma, *algum tanto christã*, é que « uma nova religião venha alçar-se em frente da antiga, e assenhorear-se da sociedade sobre os destroços do extinto christianismo. »

É um temor bem significativo este! É o espirito do incredulo a enluctar-se, não pela morte possivel d'uma religião protegida pelo céo, mas pela desesperança de impulsar a sociedade ao seu abysmo, em quanto o estorvo do padre catholico lhe resistir com o vulto invulneravel da sua unidade evangelica.

O christianismo repelle os vossos systemas de sociabilidade, e permanece estavel n'aquella civilização, que fez a felicidade dos seus primeiros seculos, e continúa a operar nos fieis que se lhe votam de todo o seu coração.

Carpis a devassidão do clero, e prophetisaes uma época em que o padre negará a religião e a cruz.

Não, senhores, o padre, a quem gratuitamente chamaes ignorante, não abre os olhos a essa luz da vossa sciencia, que é inimiga irreconciliavel da religião e da cruz. Exclusivo vosso, a incredulidade será o lamentavel fructo do raro sacerdote que busca a arvore da sciencia na escola do mundo; mas o clero virtuoso e digno da sua missão, superior á dos anjos, quando houver de

lastimar-se na perda de um membro seu, reprehenderá o máo com aquellas doctrinas que vós ultrajaes na pratica, e hypocritamente douraes nos vossos libellos difamatórios.

A *Peninsula*, impondo preceitos ao sacerdocio, invoca o testemunho de S. Paulo, e cita o 1.º e 4.º versos da 5.ª epistola do apostolo aos hebreus :

« Porque todo o pontifice, assumpto d'entre os homens, é constituido a favor dos homens n'aquellas coisas que tocam a Deus, para que offereça dons e sacrificios pelos peccados. »

Se a *Peninsula* fizesse uma idéa cabal do que é *offerta de dons*, e o que são *sacrificios pelos peccados*, não tivera escripto que as excommunhões e os interdictos são bravatas ridiculas do Summo Pontifice. E se tivesse comprehendido o 4.º verso, que cita, de S. Paulo, não o traduziria com esta grammatica :

« E nenhum usurpa para si esta honra (a de pontifice) senão o que é chamado por Deus como Arão. »

S. Paulo não disse isto. O que na sua epistola encontramos é :

« Esta honra ninguem a attribue a si mesmo ; mas é necessario ser chamado a ella por Deus como Arão (1). »

Entre os judeus ninguem podia ser Pontifice fóra da linha d'Arão, a cuja posteridade Deus chamára para aquella dignidade. Na Igreja de Jesus Christo ninguem pôde ser sacerdote, nem ministro do altar, sem ser para isso chamado pelos que presidem n'essa mesma igreja, e que por linha recta, vem dos apostolos. (2)

A honra do sacerdocio ninguem a usurpa : é necessario ser transmittida pelo corpo gerarchico da igreja ; e nada importa a vocação espontanea do ordenando, quando o sacramento lhe não fôr imposto pelo ministro. A

(1) Nec quisquam sumit sibi honorem, sed qui vocatur á Deo, tanquam Aaron.

(2) Antonio Pereira de Figueiredo — Commentarios á Biblia.

Península valeu-se capciosamente do texto para aggravar os delictos do mau padre, reputando-o usurpador do seu ministerio. S. Paulo não auctorisa absurdos, embora o articulista sinta a precisão de dizer aos sacerdotes, com Jesus Christo :

« Mas ai de vós, Escribas e Phariseus hypocritas, que
« fechaes o reino dos céos diante dos homens, pois nem
« vós entraes, nem aos que entrariam deixaes entrar.

Os sacerdotes, sem sahirem das palavras de Christo, que a *Península* rebuscou para corroborar as suas invectivas, poderão tambem applicar aos douctrinarios da *Península* uma excellente parte do mal comprehendido texto de S. Matheus :

« Ai de vós, conductores de cegos... serpentes, ge-
« ração de viboras, como escapareis de serdes condem-
« nados ?...

« Enviar-vos-hei prophetas, e sabios, e doutores da
« lei : matareis e crucificareis a uns, e açoutareis outros
« nas vossas Synagogas, e os perseguireis de cidade em
« cidade :

« Para que assim cáia sobre vós todo o sangue dos
« justos derramado sobre a terra, desde o sangue do
« justo Abel (4)... »

(4) S. Math. Cap. 23 — V. 16, 33, 34, 35.

CAPITULO VIII

Razão

I

OS racionalistas rejeitam a religião verdadeira e as falsas religiões. Para elles, Confucio, Boudha, Christo, e Mahomet são a mesma entidade, e os mesmos impostores, desde o momento que se declaram inspirados do céu, e querem ser considerados com distincção entre os de mais homens. Socrates e Platão que escreveram moral, que legislaram a uns, e aconselharam outros, recebem honras de philosophos, e não participam do desprezo, decretado pelos racionalistas, indistinctamente, a Jesus Christo e Mahomet, que tiveram a audaciosa pertença de legislarem um como Filho, outro como propheta de Deus.

Tal é a opinião dos que, n'estas modernas sabenças, se declaram illuminados pelo sol do raciocinio. Tal é a lamentavel opinião dos que gratuitamente se intitulam deistas, para colorirem o seu profundo materialismo na vida pratica.

A *razão*, que é para o homem religioso a luz das

suas crenças, poderam os scepticos convertel-a em trevas do seu scepticismo! Astro brilhante, chamam-lhe elles; mas que estreitesa não é a d'esse circulo luminoso da vida, além do qual principiam as trevas do tumulto! Que pouco dura esse astro brilhante no espirito d'aquelle, que se considerou posto ahi no mundo, com a sua razão, opulenta é forte agora, para logo vergar a cabeça ativa debaixo da mão occulta, que lhe paralyza o exercicio de sua razão fecunda!

A razão, como elles a definem, é uma dadiva funesta, é um dom bem desgraçado, que o Creador concedeu á mais nobre das suas creaturas! Se a julgamos pelo que ella é nos paes que matam os filhos, instigados pela razão, tal dadiva, entre os chinezes, é uma arma infanticida, que nos obriga a descrever da bondade do Creador. Se contemplarmos o selvagem do Canadá, retalhando em postas seu irmão para devoral-o em banquete de anthropophagos, dóe-nos o coração de assim o vêrmos abrazado por uma sêde de sangue que elle chama a sua razão. Se virmos a viuva do indio lançar-se nas lavaredas d'uma fogueira, que a razão lhe aconselha, o genero humano deve considerar-se o ludibrio d'um Deus sanguinario, que se apraz em contemplar do alto do seu throno o vagido da creança, que se afoga nas ondas do Nilo, o grito do selvagem, que morre para alimento da sua tribu, e as vascas da mulher, que se contorce no lume da fogueira!

Mas não são estes os homens da razão, no entender dos deistas. Ha outros, que, por ella illuminados, crearam uma religião natural. São estes justamente. Inventaram-n'a, fizeram-n'a, sósinhos com a sua consciencia, e offereceram-n'a á sociedade civilisada como garantia, não do futuro, que lhes não davam nenhum, mas do presente, que é decididamente o fim da criação, e o complemento da grandiosa idéa do Creador!

Ainda assim, é absurdo pensarmos que essa decantada religião natural seja invenção dos deistas. As suas maxi-

mas Moraes, e seus códigos mais ou menos aformoseados pela excellencia de doutrinas, é no seio do Christianismo que mendigaram a inspiração. Vão passados seis mil annos, depois que Deus revelou a Adão os preceitos da religião primitiva. Busquem um código de sã moral n'essas nações, onde o clarão do Evangelho não penetrou ainda! Perguntem ao rajah chinez por que não invoca o talento da sua razão, e não traça em dois preceitos um código, cuja moralidade doutrinaria possa reger os costumes europeus!

Primeiro como philosophos, e depois como christãos, vejamos em que reputação devemos ter essa faculdade sublime, que o espirito da incredulidade alçou ás alturas de rainha e de divindade.

A razão é a faculdade de ser instruido, e de conhecer a verdade que nos é ensinada. Por ella conhecemos quantas verdades se deduzem d'um certo numero de idéas fundamentaes, que constituem a razão universal. No barbaro de costumes deshumanos, e na crença sem exercicio do raciocinio, existe uma intelligencia; mas falta-lhe a clara consciencia das idéas primitivas.

A civilisação para o barbaro adulto seria como a idade de razão para o homem nascido em paiz civilisado. Todos os nossos conhecimentos especulativos vem das lições, que recebemos do nosso semelhante. Devemos tudo o que somos á sociedade, que nos transmite pela palavra, e pela acção, a claridade precisa para darmos ás idéas primitivas o cunho luminoso da consciencia individual.

Ha pois no homem uma luz interior, sem a qual a tradição e a escriptura, como testemunhos divinos, não poderiam exercer os effeitos da sua divindade.

Investiguemos a harmonia estabelecida entre a razão, emanação de Deus, e a tradição e a Escriptura, testemunhos divinos.

A razão abraça um mysterio que a tradição e a Escriptura nos revelam. É o mysterio do bem e do mal.

Conhecemol-o pela razão : sentimol-o pela consciencia. A primeira mostra-nos a differença que existe entre o bem e o mal. A segunda faz-nos propender para um, e afastar do outro. Com a razão, fortalecida pela consciencia, reprimimos as vocações desordenadas da vontade. O remorso, que nos justifica as doçuras do bem, é a condemnação da consciencia, que não pôde vencer as más propensões da vontade. Deve-se a este pelear entre as vocações más, e a razão illustrada pela consciencia, o curto reinado das paixões torpes sobre o sentimento do bom e do honesto.

Vae mais adiante a razão, porque são amplissimos os limites das suas investigações. Do principio do bem e do mal tira ella consequencias, sem as quaes era inutil estabelecer differença entre a virtude e o crime. A primeira é a existencia de Deus. Por quanto, se Deus é uma chimera, se não existe uma intelligencia superior e infinita, que determine o exercicio das intelligencias creadas, a natureza é o resultado d'um mecanismo estúpido, a sua legislação é a necessidade mathematica, e por consequencia todas as acções são em si indifferentes, posto que produzam effeitos diversos (1).

« Que a idéa de Deus seja ou não seja innata é uma questão ociosa — diz o bispo de Hermopolis — mas será sempre verdade, que ella é tão conforme á nossa razão e natureza, que... deve classificar-se entre os sentimentos primitivos, universaes e invariaveis, que caracterisam a especie humana; de tal modo que o homem negando Deus, negará simultaneamente a sua propria existencia (2). »

A idéa da existencia de Deus complica a idéa de Creador. Ou os entes finitos tem uma causa infinita em Deus, ou nasceram de si mesmos, ou provieram d'uma

(1) Lacordaire — Conf. 11.

(2) Fraissynous — T. 1, pag. 83.

outra causa efficiente, que não é Deus, nem são elles. Se nascemos de nós, sem dependencia de Deus, é justo quanto queremos, e são bons todos os nossos actos, e, definitivamente, devemos ser estranhos ao conhecimento do bem e do mal. Se não temos origem em Deus, nem em nós, a causa primaria de nossa existencia é a materia, e, como materia, não devem exigir-nos uma perfeição, que nenhuma lei, superior a nós, auctorisadamente nos impõe. . . « Póde dizer-se ao homem *« sê perfeito! »* quando se lhe ajunta *« como vosso pae celeste é perfeito. »* Mas se tal pae não existe, se apenas temos um pae terrestre e corrompido, como podemos nós propender para a perfeição? Se a causa, que nos produziu não vale mais que nós, é, imitando sua baixeza, que lhe prestamos homenagem. Se a nossa origem é a materia, quem póde privar-nos de rastejarmos n'um lamaçal, e dizermos aos vermes: *« Vós sois nossos irmãos! ? (1) »*

O mysterio do bem e do mal seria impossivel de conceber-se sem o dogma da creação.

É, pois, a razão que nos eleva do lado dos materialistas, e do rasto escabroso dos deistas, a um mundo de luz, onde o dogma da creação, como resplendor da existencia de Deus, é o primeiro vòu dado para o mais sublime da Religão Christã.

II

Exalçados pela razão á idêa sublime do Creador, sentimo-nos orgulhosos d'esta primasia que nos avassala a creação, e, ao mesmo tempo, contrista-nos este continuo batalhar de instinctos máos, que parecem abater o homem aos habitos geraes da animalidade!

(1) Lacordaire — Pratica 11.

Sahiria eu assim das mãos de Deus?! Estas propensões malditas que me fazem perder o equilibrio entre o crime e a virtude, quando me despenho no mal, ser-me-iam entalhadas no espirito pelo sopro creador, que me deu o privilegio de o conhecer?

Se eu sou o effeito corrupto de uma causa pura — se assim sahi damnificado e máo do seio de Deus — por que não hei-de eu obedecer á minha razão, que me aconselha o crime, e á minha natureza, que me convida ao mal?

Feitura de Deus, emanção da intelligencia infinita, deverei eu temer que Deus me faça responder pelos crimes que a minha razão me aconselha?

Não.

Eu fui posto aqui na sociedade, com os meus instinctos irasciveis, assim como o filho da leão, que medrou no antro das selvas africanas. Eu e elle que fazemos? Não cumprimos a lei da natureza? Quem póde, acima d'uma sociedade despota que algema o leão, e me castiga a mim, pedir-me contas de meus actos? Ninguem. Ha uma lei humana que ousa cohibir-me a satisfação dos meus appetites? detesto essa lei, porque tenho em mim uma lei suprema, que é a minha razão. Se alguém tentar reprimir a lei suprema da minha natureza, eu hei de a ferro e fogo desfazer-me d'uma aggressão tyranna, que intenta anniquilar, pela força, a base fundamental da minha organização. Sahi corrupto, mas sahi livre das mãos de Deus. O Creador que me regenere, se elle tem interesse em que eu dê uma esmola a um necessitado, com esta mão que enterra um punhal no seio do irmão.

Vêde o escorregar d'um deista pelo desfiladeiro de seus raciocinios! Vêde-o guiado pela razão ás bordas de um abysmo insondavel de amarguras suas, e maldições da sociedade, que teve a infelicidade de o nutrir em seu seio!

Que lhe vale a elle a idéa do Creador, se entre Deus e o homem não existe mais differença que entre uma

causa pura, e o effeito impuro d'ella?! Para que é essa eterna peleja do bem com o mal, se, escravos d'uma razão inviolavel, d'ella pendemos, a ella nos sujeitamos, como o corpo que pende para o centro da terra, como a flôr que se abre ao raio calorifico do sol?

Esta razão que me lisongeia os habitos máos, e me estimula a saboreal-os, custe o que custar ao meu semelhante, não é a razão que Deus me deu, como guia. Mas eu conheço em mim um ente cogitante, um ser abstracto das coisas terrenas, um principio elevado de concepções grandiosas, que me obriga a lastimar-me na minha degradação, quando me vejo frente a frente contra as bôas maximas d'alguns homens virtuosos. Este ente, este ser, este principio, que me falla no segredo da consciencia, é que eu chamo a minha razão. Erguido por elle a um vôo de glorioso alcance, como a ave que se levanta orgulhosa sobre as piózes dos homens, encontro-me no momento em que o chefe do genero humano, despojado das insignias divinas, que a mão do Omnipotente lhe vestira, perde o candor de pureza intellectual que fôra seu patrimonio, e caminha através das gerações, corrompido e debilitado e decahido da sua primitiva natureza.

Livre no circulo de luz que a consciencia lhe marca, e a sua propria fraqueza lhe impõe, é a minha propria razão que me explica tres dogmas fundamentaes do Christianismo :

A existencia de Deus ;

A criação ;

E a queda primitiva.

Firmado na base eterna d'uma idéa — convencido da differença entre o bem e mal, pude sem invocar o testemunho da Escriptura, nem as decisões luminosas dos Pontifices, nem os veneraveis canons dos concilios, prestar, como philosopho, uma homenagem livre a tres dogmas do Christianismo.

Mas são cinco os seus dogmas fundamentaes. Se eu poder conciliar a minha razão com a necessidade do Redemptor, e com o julgamento final, curvarei o meu joelho perante a cruz da Redempção, e direi com o Evangelista: « Jesus Christo era a verdadeira luz, e todo o homem foi illuminado com a sua vinda ao mundo! »

O homem ergueu-se na pureza e cahiu na degradação. Alterada a sua constituição primitiva, as provas que elle se dá constantemente d'essa transição desgraçada são a guerra inquieta que o bem e o mal gladiam no intimo das suas propensões. Deve o homem considerar-se irremediavelmente degradado para sempre d'esse eden puro do seu primeiro dia? O sol da intelligencia infinita, que o fecundou no seio do nada, nunca mais lhe luzirá nas trevas do seu exilio? É perdida para o homem a esperança de regenerar-se, como para a flôr requeimada orvalho celeste, que lhe reverdeça a corolla? É! — diz-me o genio do mal, que tenta escurecer o bem com a venda tenebrosa da desesperança.

Não é! — responde-me a razão, que se levanta impetiosa entre os dois principios gigantes, que pelem no meu espirito debilitado pelos habitos máos.

Não é! — responde ainda a philosophia, que marcha com magestade e firmeza sobre as eternas deducções da verdade.

Não é! — brada bem alto a moral, que, em todos os seculos, e em todas as nações organisadas, forceja por crear leis que premeiem a virtude, e castiguem o vicio.

Separado, para todo o sempre, o homem repobro e amaldiçoado do reino da justiça, o bem ser-lhe-hia uma chymera, e o mal rasoavelmente deveria ser-lhe o seu eterno imperio. Já que o lapso lastimoso do primeiro homem o condemnára eternamente, que lhe importava a elle uma virtude esteril, ou crime recebido com despreso, entre seus irmãos! Para que eram então essas

leis repressivas para as inclinações malfeitoras, esses lictores para o assassino, e essas corôas civicas para o benemerito da sociedade?! O sacrificio dos prazeres reaes do homem, no altar da virtude, ser-lhe-hia bem penoso, sem a consolação da propria virtude! Os decantados versos de *Bocage*:

« O premio da virtude é a virtude,
« É castigo do vicio o proprio vicio,

seriam entre os homens uma inscripção de riso para insculpir no portico d'um hospital de philosophos dementes! Felizmente, o poeta deista, a mais livre e fogosa e desordenada cabeça dos *espiritos fortes* em Portugal, repetia duas maximas, que embriagam os incredulos d'um perfido licôr, ao passo que ensinam o philosopho a edificar com ellas o seu reducto de defesa contra a incredulidade.

« O homem pratica o bem, com esperanza e com ju-
« bilo... A sua quéda não o arremessou ao fundo do
« abysmo: não é queda irremediavel; uma reparação é-lhe
« possível, e principiou desde o dia da sua quéda, por
« que, desde esse dia, ficou-lhe a consciencia do bem, e
« o esforço voluntario contra o mal (1). »

A nossa consciencia é que nos julga. Reprehendemo-nos antes que Deus nos reprehenda. Somos indignos aos nossos proprios olhos, antes de o sermos na presença de Deus. Se o mal não se receia de uma condemnação ulterior, porque lançaremos uma linha divisoria entre elle e o bem? Provada a insensibilidade do bem e do mal nos juizos do Eterno, com que proveito sereimos nós sensiveis ao mal e ao bem?!

A brevidade da existencia, a prestesa com que aqui murcham as flores da virtude, alcançadas com sacrifi-

(1) Lacordaire. Confer.

cios, e abnegações de nossos interesses, não convidariam alguém a arrastar-se sobre os espinhos da honra, para legar ao julgamento da posteridade uma nomeada honrosa.

Ha no homem virtuoso uma aspiração meritoria para Deus. Nos actos transitorios da vida ao tumulto preluznos a presciencia d'um julgamento divino, em que o preço da probidade tem um quilate, que na terra é o falso ouro da adulação d'um dia. Onde não ha esta luz prevista e providente é nos corações obdurados pelo crime, e impassiveis ao remorso, porque então os juizos da terra são-lhes indifferentes, e a pedra do tumulto, que tem força para esmagar um cadaver insensivel, é como a porta do tribunal divino, fechada para sempre.

Razão e consciencia! — Bastaram estas duas potencias luminosas na minha alma para me revelarem os cinco dogmas fundamentaes do Christianismo :

Existencia de Deus ;
Creação ;
Queda primitiva ;
Redempção ;
E juizo final.

CAPITULO IX

Fé

I

FU elevei a razão humana a um gráo de pureza tal, que, reputando-a assim sublime, na generalidade dos homens, basta esse attributo para estabelecer a harmonia entre o creador e a creatura. Mas uma cousa é a razão alumiada pelo facho da consciencia, e outra é a razão, que repugna ser alumiada. Perdido o equilibrio entre uma e outra, isto é, confundidas as noções do bem e mal, do crime e virtude, a razão desce do throno em que a colloquei, e depõem a sua coroa no altar das paixões desordenadas.

O homem actual é o testemunho insubornavel da queda do primeiro homem. N'esta continua lucta em que se vê comsigo proprio, é victima do mal, em quanto a satisfação das suas necessidades está ao paladar dos seus appetites. É-lhe preciso superior alento para renunciar as lisonjas, que o mundo lhe dá baratas á sua natureza impura. É-lhe precisa animação celestial para

*

vencer as inquietas propensões, que o alliciam continuamente para as formosuras da terra!

Livre com os seus instinctos, e creador de novas impressões, em cada dia, o incredulo vai, de desengano em desengano, parar no extremo da morte, sem que a sua razão, orgulhosa e independente, lhe sustenha um passo, de cuja suspensão dependa o retardamento d'essa hora final.

Não assim o christão, que se deleita no delicioso eden, que a sua razão lhe marca dentro dos limites da fé. A fé é a visão celeste do que é invisivel na terra. É o raio de luz que se projecta da centelha do espirito religioso, e vai perder-se no seio d'essa mansão luminosa, onde se firma o throno do Senhor do céo e da terra!

Não bastam aos christãos os vãos da sciencia para se exaltarem á morada dos anjos. É necessario crêr; é indispensavel a fé.

O Christianismo é um objecto de estudo contemplado pela sua face luminosa; mas o christianismo tem outra face, em relação com a intelligencia humana, outra face, para assim dizer, voltada para o seu divino fundador, e tenebrosa para a creatura mortal. Com a primeira é-nos permittido o contacto espiritual approximado pela sciencia; á segunda, impõe-se-nos a submissão do fraco, e a crença, que tem o cego de nascimento na existencia das côres.

Se quero provar pela sciencia o Christianismo, estudo-lhe os seus phenomenos fysicos, moraes, e intellectuaes. A natureza, livro aberto a todos os olhos, entidade collectiva para todas as contemplações, é a minha primeira noção. Depois a Escriptura, depois a Tradição oral, depois o homem, com o seu orgulhoso prestito de sciencias, com a sua corôa imperatoria no centro das creaturas, com as suas esperanças insaciaveis no mundo, com a sua consciencia insubornavel... tudo me encaminha a penna fecunda nas provas do Christianismo, tudo me annuncia a existencia de Deus. Porém, que é a substancia divina? Moysés

conta-me a transição do cáos á creação; mas quem me explica o acto creador? Quem viu a transição do *nada* ao *ente*? Eu sei que a humanidade está degradada da sua primitiva pureza; mas na minha substancia não vejo o mais ligeiro indicio d'esse vicio original, que tanto se manifesta nos meus actos exteriores!

« Comprehendeis — diz um sabio de nossos dias — como a mesma doutrina pode ser simultaneamente fé e sciencia; porque o seu objecto é simultaneamente visivel em seus fenomenos, e invisivel na sua substancia. O fenomeno conduz logicamente a afirmar a substancia, e liga-se a ella como o effeito á causa... Mas o homem quer ver mais longe que os fenomenos: seu entendimento é todo luz: revolta-o a obscuridade... »

O mundo visivel é um complexo de fenomenos que lhe revelam o mundo invisivel, a causa infinita, Deus, cuja existencia elles accreditam por fé. Não existe uma só doutrina, que não seja recebida como fé e como sciencia. Quando os naturalistas, superficiaes na profunda sciencia da natureza, affirmam que as suas doutrinas são rasoaveis, explicativas, e estranhas á chimera da fé, enganam-se, ou enganam-nos com um pretexto impio.

Nas sciencias phisicas, nas phisiologicas, nas mathematicas, em todas as sciencias que constituem a chamada sabedoria do homem, ha uma fé cega e machinal, que não tem escriptura, nem tradição que lhe realice as crenças. E, com tudo, o materialista repelle o dogma do christianismo, e abraça o dogma da sciencia!

Buscai na glandula pineal do cerebro a alma, que o vosso Genuense, ecco de uma seita de espiritualistas, vos diz que estará la. Achais um tecido granuloso que se desfaz debaixo do escalpelo. E, depois, que dizeis vós, anatomicos racionalistas? Naturalmente o mesmo que dizia este homem, que escreve, quando a curiosidade o approximou d'um cadaver, para estudar-lhe a vida nos órgãos mortos: « mostrai-me aqui o logar da alma, e eu accreditarei na existencia da alma. »

A esta proposta jactanciosa, mas propria dos desesete mal guiados annos que a faziam, responde-me *Lacordaire*, sentado na cadeira evangelica de NOSSA SENHORA de Pariz. « E accreditas no corpo, por que o vês? Bem! Vou darte uma triste nova: tu não vês o corpo! Que vês tu n'esse objecto que chamas corpo? Certas propriedades: extensão, peso, côr, e figura; mas a substancia, que lhe é occulta, isso é que tu não viste. Queres uma prova?... Eleva essa temperatura a alguns grãos... *Em que darão essas propriedades?* N'uma bola de sabão que se esvaece no ar! » E, effectivamente, eu accreditava, como hoje accredito, como todo o mundo accredita, na existencia dos corpos; mas accreditava por fé, senão divina, por fé natural, que me era imposta por certos fenomenos exteriores, e não pela substancia incognita dos corpos.

Em phisiologia perguntava eu aos meus expositores o que era a vida. Um disse-me que era a organização, outro contava-me maravilhas do sangue, este disse-me que era o espirito, este falla-me n'uma *vis insita*, que nunca pude entender; e o que eu julgava mais rasoavel disia-me: que não sabia nada a respeito de vida.

E todos elles accreditavam na vida: viam-lhe os fenomenos externos: palpavam-na, digamól-o assim, n'um encadeamento de suas funcções, e quando se avizinham do elo imperceptivel do principio vital, disiam que não era das attribuições do medico a methaphisica do homem! Havia muita fé nas crenças d'aquelles medicos! Se elles fossem exclusivamente mestres de methaphisica ficariam muito aquem dos limites da medicina. Perguntar-lhe-ia eu o que é o pensamento, ou que aparelho phisico exercita a substancia, que pensa, na sua funcção do raciocinio.

Responder-me-ia com o silencio do chimico a quem pergunto o que é a substancia da *affinidade*; — com o silencio do phisico que me explica tudo pela *attracção* inexplicavel; e com o silencio do astronomico que me desorienta com as suas forças centripetas e centrifugas.

Quando inclinaes a agulha sevada para o polo, quem vos ensina essa operação?

A fé.

Quando aparelhaes a pilha galvanica, ou estabeleceis os polos *negativo e positivo*, quem vos promette o fenomeno, que ha de operar-se?

A fé.

Quando nos dizeis que uma oitava de iman fará erguer, como por encanto, uma alavanca de ferro, quem de antecipação vos auctorisa a não temer o titulo de impostores?

A fé.

O vosso edificio é alto, naturalistas, e não sabeis que alicerces elle tem!

Refugiais-vos na certeza das mathematicas? Ouviu uma confissão insuspeita d'um celebre medico. Barthez estava nos paroxismos da morte. Matava-o, mais depressa que a enfermidade phisica, a dôr moral de não poder morrer com uma certeza, fosse no que fosse. Um padre, condoído d'aquella posição especial, caridosamente lhe disse « — Mr. Barthez! nem ao menos nas mathematicas achaes uma certeza?! » As mathematicas — responde o moribundo — tem uma serie de consequencias inevitaveis, perfeitamente encadeadas; mas a baze... não sei qual ella é! » (1) A baze que Barthez não conhecia, é a baze de todas as doutrinas — é a substancia occulta de todos os fenomenos.

Uma pergunta agora aos homens, que crêem por fé nas bases da sciencia humana:

Repellis a fé, quando estudaes o dogma da sciencia divina?!

(1) Essai sur l'indifference L. 4.º Lamennais.

II

A duvida é uma tortura.

S. João chorava, quando via nas mãos do Eterno o livro dos sete sellos, apregoado, pelo anjo, como mysterioso para os que habitam o céo, e a terra, e os infernos.

O filho dos homens queria erguer o véu do sanctuario defeso aos anjos! É que a anciedade do infinito affigia-lhe o coração, vasado nos moldes angustiados da humanidade.

A religião dos mysterios é como a columna de fogo, que nos obriga a crêr a sua existencia pelo calor que derrama, e não consente ser palpada pela mão atrevida do homem.

A razão natural, auxiliada pelos sentidos, reconhece os phenomenos da divindade, e maravilha-se perante elles com temor e respeito. O homem das selvas é o homem da razão natural: a sua religião é a religião dos mysterios.

A razão, cultivada pelo estudo, e illustrada pela consciencia, contempla os phenomenos da divindade: explica-os no ambito da sua comprehensão, e abate o seu vôo arrojado para o raso da terra, quando topa, na escala da sciencia, um degráo, que sobe para a região dos mysterios.

A substancia das cousas, a intimidade das sciencias, o objecto espirital das crenças religiosas, e das hypotheses scientificas, é a fé. Esta virtude, como a Egreja a define, não é exclusivo de ignorantes, nem chymera que foge envergonhada da sciencia dos sabios.

A fé é uma herança igualmente distribuida por todas as intelligencias, desde S. Agostinho até Bossuet, desde Archimedes até Newton, desde Newton, que se descobre á palavra Deus, até o pastor das montanhas, que resa as *Ave Marias* ao descer da noite.

A fé, nas sciencias humanas, será sempre um exclusivo dos sabios; mas a fé nos mysterios augustos do Ente Supremo será sempre o apanagio universal de grandes e pequenos.

O homem do povo não é torturado nas suas duvidas, porque não as tem. O seu espirito, não ulcerado pela incerteza das sciencias, aspira, em todo o aroma da sua pureza, o ar que lhe bafejou o berço e as primicias religiosas da sua educação. Importa-lhe mais a immortalidade de sua alma, que o sol, mandado parar por Ptolomeu, ou mandado caminhar por Copernico. Entre os sabios, Montesquieu, o insuspeito commensal de Ninon de Lenclos, dizia que melhor era indagar a espiritualidade d'alma, e deixar o sol quieto ou caminhante á vontade do Eterno.

As crenças do povo são invejáveis. Não só Montesquieu, mas quantos d'entre vós, homens gastos n'este anhelar insaciavel de uma cousa real e fixa, darieis a vossa sciencia incerta por uma d'essas preces que sobem fervorosas do coração do rustico?

Se vos fosse possivel adquirir a fé, com quanto ardor não a buscarieis na sciencia, se a sciencia pudesse dar-vol-a?

« A fé é possivel — diz um illustre missionario de « Pariz — comtudo homens ha que não a tem porque a « perderam: outros ha que a procuram, e dizem que não « a encontram. A fé como se adquire? Perdida a primitiva simplicidade do coração, como voltaremos a « Deus? »

Eu posso buscar na minha consciencia o mais irrespondivel argumento em resposta. Tenho em mim o homem do passado, e o homem do presente. Posso, mais ainda que o mais justo d'entre vós, posso com a mão sobre um Evangelho, e com o livro do meu coração diante dos vossos olhos, apontar-vos a pagina da experiencia, que é a mais eloquente prova para um sceptico, e jurar-vos pela verdade d'ella.

« Não te embaraces em saber se é de muita ou pouca sciencia aquelle que escreve — diz Kempis — porque só o amor da pura verdade deve levar-te a lêr o que lêres. Considera o que se diz, e não examines quem o disse. »

Mas aqui deveis examinar quem diz as cousas, e desse exame tirareis luz sufficiente para entender as que forem obscuras.

A infancia é a estação das crenças, dos temores, e das superstições. A crença é o leite da educação, libado na idêa instinctiva de Deus.

O temor é a coacção que nos retém em certos actos pueris, que nossos paes nos affiguram reprehensíveis nos juizos do Senhor.

A superstição é esse ascendente panico e reprehensível que os outros exercem sobre a debilidade de nossa razão.

São estes os tres sentimentos, que nutrem o espirito d'uma creança, em quanto a sociedade lhe não franqueia a sua escola.

Ha uma sociedade, que recebe o adepto, sem lhe deturpar os tres sentimentos constituintes da sua crença. É a sociedade do povo rude, antes que a desmoralisação a constitua sociedade de tigres.

Ha outra sociedade, que o purifica da superstição, a favor d'algumas zombarias, e lhe deixa a livre escolha entre a crença e o scepticismo, entre o temor e o desprezo — esta é, não direi a sociedade dos sabios, mas a sociedade onde está a sciencia com todas as suas variantes de spiritualistas e materialistas.

Para os segundos é que estas linhas são escriptas, com a duplicada vantagem de lhes serem dedicadas por quem os lá encontrou no banco onde se aprendia a sciencia, na praça onde se discutia a religião, e nos conciliabulos desabusados onde a religião era condemnada ao ostracismo das idêas despoticas.

Ha um abysmo entre vós, onde cada homem, consti-

tuido em certa posição, arremessa a muita ou pouca fé divina, que póde reprimil-o em suas propensões. Este abysmo tem um nome pungente para os que lhe pagam a dolorosa contribuição das suas crenças, e raro ha quem fuja d'elle espavorido ; raro quem lhe não dê esse triste nome, que de jus lhe compete.

Este abysmo chama-se a *ignorancia*.

Não vos morda a soberba, homens d'um orgulho vão ! Eu venho d'entre vós com o coração despedaçado pela vossa sciencia, e não me déstes um balsamo caridoso que vos abonasse a profunda phisiologia que ostentaes do coração humano ! Eu tenho uma auctoridade, conferida pelas amarguras, e ousou adjudicar-me uma bem desgraçada soberania, quando vos lamento, e não posso mais que lamentar-vos !

A ignorancia é o abysmo da fé, porque a fé é um acto de intelligencia. A faculdade de receber e combinar idéas, que são as relações eternas das coisas, é o que se diz *intelligencia*. A harmonia da intelligencia com as idéas naturaes, chama-se *razão*. Mas ha umas outras idéas, chamadas divinas; e quando a intelligencia estiver em harmonia com ellas, está constituida a fé. Para adquirirmos a *razão* temos um processo, que é o *estudo*. O estudo é o identico processo, que temos para adquirir a *fé*.

Sabeis, pois, como a fé se adquire ?

Desviai-vos d'esse abysmo, em que lancaes uma por uma as tradições religiosas da infancia. Não lamenteis a perda d'um passado farto de desastres, porque a sciencia divina não é o fructo de vigílias laboriosas, que deixa no fim da vida o vacuo afflictivo das sciencias humanas. Sobeja-vos tempo, se quereis aproveitar o perdido.

Estudai a religião christã, como criticos, como philosophos, como moralistas, mas estudai-a.

Dai logar a que o christão vos chame duros de coração, mas evitai o apellido de ignorantes, que é um

arauto de descredito, que trazeis na vanguarda dos vossos raciocinios.

Nas mãos de Deus está o raio de luz, que accende no espirito do homem o incendio da caridade ; mas o dom sobrenatural da graça é um privilegio dos escolhidos, é uma prerogativa d'aquelles a quem o Altissimo disse : « hide, e ensinai ! »

Apprendei, pois.


A nós, homens do crime e da cegueira, pertence-nos abrir os olhos ao que ensinaram esses, que vieram, mandados pelo Eterno. Pertence-nos o quinhão da sciencia divina, cuja ignorancia nos será levada em conta, segundo o numero dos talentos, que recebemos da intelligencia infinita. Pertence-nos buscar nos effectos patentes as causas occultas da divindade. Pertence-nos a submissão de vermes, que passamos um dia a rastejar nas visinhanças do tumulo. Pertence-nos erguer as mãos para Deus, e exclamar, com Lacordaire :

« Ó tu, quem quer que sejas, que me fizeste ! Deixa-me tirar da minha duvida, e da minha miseria ! »

CAPITULO X

A' cêrca dos dois artigos anteriores

...et dicunt :
Quis est hic ?

 Os artigos, publicados com referencia á razão e fé, e contestados pelo jornal litterario do Porto, deram em resultado o condemnarem-me de herege os polemystas. Da arguição me defendi bem ou mal com o seguinte escripto, que reproduzo como complementar dos anteriores :

Eu não contava com a minha instrucção da vasta sciencia religiosa, quando escrevi, no prospecto d'este jornal, uma sincera declaração de obediencia ás capacidades idoneas da jerarchia ecclesiastica. Tinha de meu um coração que não mentia á minha consciencia; animava-me o alento fervoroso das minhas crenças em Deus; mas pouco subsidio era este para vingar uma empresa difficil, sem lhe experimentar os estorvos, que me estariam acobertados pelo véo da minha ignorancia.

Outros alentos, porém, mais animadores, me prometiam uma peregrinação segura por este caminho cortado

de veredas que eu desconhecia. Mal de mim, se a vaidade me não deixasse aqui dizer a felicidade que tenho de possuir sabios mestres e bons amigos, a quem peço o julgamento de meus pobres escriptos no CHRISTIANISMO, embora eu haja sempre, á custa de muitas vigílias, extrahido de bons livros a sciencia a que todas as minhas idéas são filiadas.

Nas minhas ingenuas consultas, não tive até hoje o desprazer d'uma censura. Se o tivesse, para logo o desprazer se mudaria em contentamento, porque é grande alegria para a ignorancia docil, á custa ainda d'uma decepção no amor proprio, augmentar uma idéa, que traz do coração d'aquelle que nol-a ministra o cunho da verdade, e da sabedoria.

Assim contente de mim, e confiado nos auxilios do céo, seguia eu o caminho de escriptor catholico, quando, em remate d'uma questão que eu tomára sobre mim, fui analysado nos meus artigos, e arrastado ao concilio de Orange para ahi escutar o anathema dos hereticos.

Quem quer que fosse o encarregado da accusação, devia ser para mim uma auctoridade. Não são estes os tempos, em que a jurisdicção das censuras, confiada aos successores dos Apostolos, assegura á consciencia do escriptor religioso a orthodoxia das suas idéas, em quanto do seu prelado lhe não baixa o anathema irrespondivel. A philosophia politica não se contenta com as amplas seáras que lhe são annexas, transpõe com affouteza e segurança a herdade inalienavel da Egreja, disputa-lhe o dominio e a natureza senhorial, e ousa mesmo condemnar, em nome dos concilios, se tanto é necessario, todo e qualquer zeloso da casa de Deus, que pouco ou muito lhe advogar os direitos.

O « poder temporal do Papa » motivo de tres artigos, que escrevi n'este jornal, não suppunha eu que gerasse o pretexto da minha condemnação. Eu não podia ser herege por defender, com as minhas poucas forças, o poder temporal do Papa. Não podia sê-lo por analysar

os artigos que, sob aquella epygraphie, foram publicados na *Peninsula*. Mas um dos redactores d'aquelle jornal quiz á força que eu fosse herege, e, favorecido pela sua astucia, conseguiu polluir dois concilios, com Urbano VIII e Santo Agostinho, fazendo-os cúmplices da sua má fé, para que eu não ficasse em duvida sobre a minha heresia. O corpo de delicto foram os meus artigos RAZÃO e FÉ.

Eu sou um principiante n'estes estudos. Participo de um character commum a todos os homens: a ignorancia sem o estudo. Duvido sempre das melhores intenções do meu espirito em materias de sciencia, quando o talento cultivado lhes não corresponde. Nada mais possivel que um peccado involuntario nos meus escriptos, e no snr. A. V. uma superioridade tal de conhecimentos que me obrigasse a consideral-o, para desdizer-me aqui, com tanta gloria minha, como do meu censor.

S. s.^a, porém, não quer o seu triumpho á custa da minha cobarde subserviencia. Em questão de menos vulto, se o meu silencio lhe grangeasse reputação, que não precisa, calára-me eu, e calára-se comigo a minha vaidade. Mas eu não posso consentir que o snr. A. V. me conteste a gloria de pertencer ao gremio da Igreja.

S. s.^a, antes de analysar os meus artigos, analysou a minha vida. Viu a corrupção do meu passado, e tirou dahi partido para as suas ovações, quando devêra lamentar-me, a não poder favorecer-me com um outro sentimento mais generoso. Viu-me a folhear o *Citador de Pigault Lebrun*, e a *Pavorosa illusão*, antes de *Lacordaire e Frayssinous*. Talvez porque s. s.^a me não conheceu, nem ainda me conhece, aventurou com graça, mas sem verdade, uma asserção, menos digna d'outros melhores recursos que o snr. A. V. tem para argumentar.

Soube s. s.^a « que eu havia recentemente voltado ao gremio da Igreja. » Foi mal informado, ou não tem

uma exacta idêa do gremio da Igreja. Eu vivi sempre n'esse gremio, com quanto me fosse applicada a expressão de S. Paulo, quando compára a Igreja a um grande salão, onde se misturam adornos de ouro e prata com os de pau e barro. (1) Eu era o adorno de barro, ou seria o joio de que falla Jesus Christo (2) semeado na seára do bom grão; mas era a planta da seára, estava no gremio da Igreja.

Nem infiel, nem heretico, nem apostata, nem scismatico, nem excommungado, eu estava no caso dos muitos peccadores « que a Igreja supporta em seu seio, em quanto pôde esperar a sua conversão (3). »

Se o snr. A. V, dadas estas explicações, me considera em algum tempo da minha vida fóra do gremio da Igreja, eu não hesitarei em invocar Santo Agostinho, e o concilio d'Arles, e a conferencia de Carthago para s. s.^a ser condemnado como donatista. S. s.^a preparou-me o banco dos réus heresiarcas, e veio assentar-se ao meu lado.

Fui obrigado a fallar de mim, porque seria impossivel deixar de assim fazer, logo que um novo adversario subiu á tribuna, onde se agglomeram os juizes do meu passado.

Não alcançam grandes creditos aquelles que pessoalmente me ferem, nem a idêa sublime d'este jornal hade magoar-se das aggressões directamente feitas ao seu redactor. É, porém, de notar, que nos meus artigos de polemica com a *Peninsula*, nem sequer ousei escrever o nome do snr. A. V. ! Que tinha eu com o homem, se o meu pleito era todo com a sciencia !?

Eu devo lamentar-me pelo demerito a que o snr. A. V. me reduziu, considerando-me fraco de mais para

(1) II Tim. C. 2, V. 29.

(2) S. Matt. C. 13. V. 44.

(3) Bergier — art. Eglise.

entrar com s. s.^a na controversia do poder temporal do Papa. Não me considerava eu tanto abaixo: não pedira piedade a alguém, nem a peço agora, bem que me sinta algum tanto atemorizado pelo apurmo com que s. s.^a declara que seria em si uma imperdoavel cobardia rebater os meus argumentos. O snr. A. V. não tem jus a tamanha sobranceria. A mim me quer parecer que ha fraqueza rebuçada em commiseração, e fingida generosidade de quem me quer levar á presença dos Santos Padres para me submitter ao anathema dos hereges.

Esta commiseração, porém, era uma belleza rethorica no discurso do snr. A., o qual, prevenindo a má significação que os leitores da *Peninsula* dariam á sua piedade, responde acrimoniosamente á controversia do poder temporal do Papa. Vejamos se a modestia e a suavidade fazem valer mais a razão e a justiça.

O snr. A. V. quando agride os meus artigos sobre o « poder temporal do Papa » não parece o homem da sciencia, que é sempre, em litigios de sciencia, o homem sereno e de boa fé. Eu não mesclei o scisma do oriente com a antiga Grecia. S. s.^a tinha dito que a egreja grega era toda progressiva e civilisadora, e eu devia mostrar-lhe o má influxo do scisma religioso nos negocios civis da Grecia. Que tinha eu, ou que tinha o snr. A. que ver com a Grecia antiga? Eu não confundi a philosophia de Platão com os circos e espectaculos da devassa Roma. O snr. A. V. havia fallado d'uma elevada civilisação nos costumes romanos, antes da vinda de Christo, e eu precisava fallar dos espectaculos e dos circos, como especimen d'essa tão mal denominada civilisação. Os meus artigos ahi estão no *Christianismo*, e venha o menos ignorante de meus adversarios julgar este debate, em que o snr. A. V. tão indiscretamente deturpa o que está escripto contra as suas doutrinas, verdadeiramente hyperbolicas e sybillinas, mas justamente condemnadas pela Egreja.

S. s.^a atira á face do Catholicismo uma ironia amarga,

quando affiança ao leitor que os seus artigos eram orthodoxos! É necessario uma grande transcendencia de genio, e esforço especial de sofisma, para divinisar uma impiedade. O snr. A. V. carece d'esses attributos, e não pôde por muitas linhas colorir mentidamente suas más tenções contra a Santa Fé.

Maldiz s. s.^a o clero portuguez, que crusa os braços impassivel, quando S. Santidade considera extinto para Portugal o padroado do Oriente, cujas condições de posse não eram cumpridas.

Apellida « espoliador » o Vigario de Christo; considera a cessão do padroado um feito capaz de » revoltar de indignação as cinzas de nossos avós » e zomba do rei de Roma, que derrama beneficios espirituaes sobre aquelles que o protegem das furias de Mazzini e Garibaldi. Esta orthodoxia é brincadeira.

O clero portuguez, elevado ao apogeu da illustração, e perfeito, quanto é possivel a homens, nas virtudes christãs, não deveria ter um procedimento diverso do que teve, a respeito do padroado do Oriente.

O padroado foi uma concessão feita aos nossos reis. Militou como condição n'este contracto bilateral a nomeação de governadores e bispos, que, reciprocamente, se coadjuvassem na propaganda do Catholicismo. Mãos extranhas se apossaram das nossas colonias, quando infelicidades politicas nos debilitaram a coragem, e o nome entre as nações fortes. Os bispos enviados não viam em torno de si um clero illustrado, porque Portugal não podia enviar-lh'o. Sem este indispensavel subsidio, o bispo no padroado era um pastor paralytico no centro do seu rebanho. Mostrai-nos os bispos nas egrejas d'Africa e Angola. Como trareis ao redil as ovelhas dispersas de S. Thomé e Principe, e Moçambique? Que direito podereis allegar em vossas queixas contra a Santa Sé, se virmos vigarios apostolicos regerem espiritalmente o territorio que temporalmente não possuíamos!?

O clero portuguez, sem dar o mais cabal documento

da sua necedade, não poderia erguer-se scismatico e desobediente contra as justas e valiosas determinações do seu chefe.

Até aqui não poderei ser alcunhado de herege: entrego ao leitor o epytheto para que seja devidamente applicado a um de nós, e passarei, depressa quanto eu possa, sobre o libello que me condemna por sentença do snr. A. V.

Os meus artigos de RASÃO e FÉ, estudados essencialmente em Lacordaire, e concebidos pela meditada applicação do meu entendimento, que muito se aprazia em harmonisar a Tradição e a Escriptura com o espontaneo exercicio do espirito, foram motivo para a minha condemnação de herege. O adversario falseou as minhas tenções, porque é incrível que m'as não comprehendesse.

Assumptos dogmaticos, tractados n'uma época em que não póde o escriptor religioso contar com o espiritualismo dos leitores para fazer-se comprehender, são assumptos estereis, se a razão os não illucidar aos olhos incredulos, com uma luz diversa d'aquella que os Santos Padres lhes derramaram nos seus felizes seculos de crenças dóceis, e fé.

Eu quiz confirmar a supremacia espiritual da Igreja pela razão, e pela fé, não raciocinada; não ha, porém, uma só palavra minha que defina a fé como complemento de estudo. Sei que não ha verdade fóra da Igreja Catholica; mas esta crença não faz implicancia ao que a propria consciencia me testemunha das verdades, que a Igreja Catholica me ensina.

« Ha, no homem — dizia eu no artigo RAZÃO — uma luz interior, sem a qual a tradição e a escriptura, como testemunhos divinos, não poderiam exercer os effeitos da sua divindade. »

E accrescentava seguidamente :

« Investiguemos a harmonia estabelecida entre a razão, emanação de Deus, e a tradição e escriptura, testemunhos divinos. »

*

O snr. A. V. enredou a minha demonstração n'um labyrintho de palavras, donde já não havia sahir a doutrina sem o stygma de deista. Asserções gratuitamente calumniadoras, glossas, mais ou menos abstrusas e cavilosas, foram os alicerces de areia sobre que s. s.^a quiz erguer-se um padrão de theologo, corregindo-me defeitos em tom de mestre.

S. s.^a torce as mais claras proposições dos meus artigos, e consegue enfileirar-me entre os deistas, embora a deducção final d'aquelles principios, desnaturados pelo meu censor, lá esteja assim consignada por estas inequivocas palavras :

« É a razão que nos eleva do lodo dos materialistas, e do rasto escabroso dos deistas, a um mundo de luz, onde o dogma da creação, como resplendor da existencia de Deus, é o primeiro vòo dado para o mais sublime da Religião Christã. »

Copiarei um periodo completo do articulista, e farei por não imitar astuciosamente a subtracção d'algumas orações, que s. s.^a faz n'um dos meus artigos, para mais seguramente deduzir o que lhe disse ao intento. É este o periodo, que não saberei eu dizer se s. s.^a reputa orthodoxo :

« Da existencia do mal moral em a nossa alma, conclue (4) a queda primitiva do homem ; mas a existencia do mal é um facto accessivel á observação psychologica, em quanto que a queda primitiva é *uma hypothese metaphisica, nascida do desejo de explicar esse facto* ; e que não pertence exclusivamente á Religião Christã, pois que já era conhecida na philosophia antiga. É todavia a essa quéda, que o snr. F. reduz todo o dogma do peccado original, mysterio cuja essencia

(4) Refere-se á minha demonstração, pela consciencia moral, dos cinco dogmas fundamentaes do Catholicismo.

está menos na degradação humana, do que na justiça de hereditariedade da culpa de nossos primeiros paes. »

A « queda original » é um elo da cadeia de provas, que tenciono adduzir nos primeiros artigos d'este jornal. A completa refutação do periodo do snr. A. V. ha de lá encontrar-se, se desgraçadamente é preciso combater o gigante da philosophia do seculo passado. A *hypothese methaphisica nascida do desejo de explicar o facto do mal moral*, como s. s.^a define a « queda original » é justamente como Voltaire a definia — *uma historia de invenção ridicula e fabulosa*.

Na actualidade, o fim especialissimo com que o mal moral é subordinado a uma investigação meramente psicologica, é porque muito convém aos discipulos de Proudhon e Mazzini dar mais latitude á doutrina catholica, e corrompel-a para auctorisar as theorias do communismo e socialismo.

O obstaculo, que o snr. A. V. encontra no dogma da queda primitiva, por causa da universalidade d'essa tradição entre todos os povos, é uma das poderosas razões do catholico para lhe prestar adhesão de fé, e até certo ponto, assentimento de raciocinio. O redactor da *Peninsula*, com toda a sua capciosa orthodoxia, colloca-se na linha adversaria de todos os santos padres, desde S. Justino até S. Thomaz.

Ainda assim, s. s.^a não hesitou em fulminar-me anathemas, que lhe não sobejam das suas doutrinas. Eu é que sou o semi-plagiano, o condemnado pelo 2.^o concilio d'Orange, o adversario de Santo Agostinho, porque escrevi artigos de fé, cuja doutrina se reduz ao contexto dos seguintes periodos :

« Não basta ao chistão o vôo da sciencia para se librar á morada dos anjos. É necessario crêr, e indispensavel a fé.

« O Christianismo é um objecto de estudo, contemplado pela sua face luminosa ; mas o Christianismo tem

outra face em relação com a intelligencia humana; outra face, para assim dizer, voltada para o seu divino fundador, e tenebrosa para a creatura moral.

« Com a primeira é-nos permittido o contacto espirital, aproximado pela sciencia; á segunda, impõe-se-nos a submissão do fraco, e a crença, que tem o cégo de nascimento na existencia das côres. »

Que ha de commum entre esta doutrina e o « livre arbitrio » das *conferencias espirituales* de Cassiano?

Seria fastidioso reproduzir aqui os artigos, que já escrevi, que foram hontem lidos, que são hoje patentes, e que não podem ser commentados para o fim unico de aquietarem o espirito reprovador do snr. A. V. Eu busco o repouso da minha consciencia, colleccionando os treze numeros publicados do *Christianismo*, e depondo-os humildemente na presença do meu prelado, com o requerimento que os acompanha. Não é ao snr. Amorim que eu dou uma satisfação. Deus me livre d'essa baixesa, em quanto o meu terreno de peleja fôr o pisado por aquelles, que defenderam a causa de Deus, embora a caridade evangelica lhes aconselhasse humildade para com os orgulhosos. A satisfação dou-a, mas é ao publico, é ao clero, que s. s.^a deprime, e que eu tomára poder exaltar ao fastigio da dignidade, que Deus lhe conferiu, e os homens lhe mascabaram no delirio das suas odientas paixões. Não é ao snr. A. V., que eu peço favor para as minhas doutrinas: s. s.^a, revestido das gallas d'uma *theologia politica*, não merece resposta no *Christianismo*; e, quando muito, ha de tel-a n'um jornal politico.

CAPITULO XI

A casa da oração, e a musica profana



CHRISTÃO exalta-se espiritualmente á adoração do Omnipotente, sem que os sentidos externos lhe encaminhem ao coração o toque do enthusiasmo.

Orar é necessidade do espirito. Elevarmo-nos para um mundo invisivel, com anciedade e temor, é sentimento espontaneo.

Os mortos é que não oram, porque as suas contas estão saldadas com o mundo, onde todos os dias constituimos a eternidade crédora de amarguras indemnisações.

A oração é do espirito, como a dôr é do corpo, e o peccado da natureza humana. Escravo da vontade, o corpo é o apparelho externo que a intelligencia infinita subordinou ao exercicio da nossa intelligencia limitada.

Sentimos a alma que se eleva; ao mesmo tempo sentimos que o joelho se dobra voluntariamente.

Alvoroça-nos o coração um pensamento remontado

ao céu para logo as mãos se erguerem tremulas d'um fervor, que nos exalta á magestade do Eterno, e nos eleva aos nossos proprios olhos.

Punge-nos agudamente a contrição dorida de injurias feitas ao Creador; eis que as lagrimas rebentam dos olhos, e a fronte pende alquebrada e timida diante da Cruz que nos remiu.

D'esta mysteriosa harmonia, que o verme humano não comprehende, nasce o culto externo, que a má fé dos impios injuria com sorriso boçal. D'este enlace sobrenatural, que a mão da morte desata n'aquelle adeus ao mundo das chimeras, é que impendem as ceremonias magestosas do culto, com todas as suas circumstancias.

O templo é a casa da oração; mas a oração é de toda a parte.

Quando oro na solidão do meu quarto, basta-me o espirito: está n'elle gravada a imagem do meu Deus: resumo n'uma hora de supplica vehemente quantos desejos anhela a minha alma; mas se a minha oração é de joelhos e mãos erguidas, eu sinto estranha consolação de me vêr assim humilde na presença d'um Pae, que tem meus dias contados, e a minha salvação na sua misericordia.

No templo, porém, as minhas orações são mais ferventes e como arrobadas nas santas maravilhas d'aquelle aparato religioso.

A minha alma, sujeita ao fozoso impulso das sensações terrenas, está alli compressa e recolhida n'aquelle sanctuario respeitoso.

Alli subjugo as distrações, que me materialisam na convivencia das praças, no ajuntamento das salas, e no inquieto scismar n'um passado alegre ou triste, e de futuros de loucos e lisongeiros, que me sorriem pelos labios mentira.

No templo tenho a coragem de affastar os olhos do homem, que mofa da minha reverencia, ou da postura devota d'aquelle, cujo espirito supplica por esse mesmo, que o escarnece.

No templo, ha virtuosos que me dão o exemplo, ha indifferentes que me ensinam a abandonar-lhes toda a largueza da sua estrada, e ha, superior a todos, como o juizo de Deus sobre o juizo dos homens, aquella Cruz dos tormentos, que esforça o fraco da terra para grandes sacrificios do seu *nada*.

Dêem ao templo do SENHOR toda a magestade que lhe é devida; offereçam-lhe as riquezas, que lhe podem offerecer, sem deixarem morrer á fome o necessitado; decorem-no com os atavios do mundo, porque é do mundo que conquistamos o céu; reverenciem-no como a tabernaculo de JESUS CHRISTO, porque o templo é a casa da oração.

Agora, direi duas palavras ás pessoas encarregadas de engrandecer a magestade do culto externo com as harmonias solemnes do órgão, e com os estrondosos côros das orchestras.

Não sei se a vós me deva dirigir; não sei se é incompetente a citação, que vos faço a este tribunal; mas Deus me livre suppôr que vos obrigaram a fazer das teclas d'um órgão, ou das chaves d'uma flauta, um bem desnecessario incentivo para a falta de respeito nas Egrejas.

Elevai-vos ao grandioso mysterio do sacrificio incruento: attentai n'esses trances augustos que vos são symbolisados pelo ministro do altar, vêde essa hostia e esse calix, onde Jesus Christo vos offerece o seu corpo e o seu sangue: buscai com os olhos do entendimento, na amplidão dos mysterios divinos, o Senhor misericordioso, que, na Cruz das affrontas, verteu um sangue, que remiu as lagrimas infecundas, e já mais estancadas do genero humano!

Elevai-vos, filhos da Egreja Catholica, porque é digno da vossa admiração esse lance todos os dias repetido no altar do Deus vivo!

Sim! eu elevarei o meu espirito até onde suba o vôo da minha fe; mas calai esse órgão profano, que me

verte o fel das mundanidades na alma, que eu preciso erguer do lamaçal da terra! calai essa orchestra ruidosa e festival, que me arrebatou o espirito nas suas notas, pedidas ao risonho passatempo d'um theatro lyrico!

A hostia consagrada, a divindade real de Jeus Christo, ergue-se veneranda, nas mãos do levita, sobre as multidões que se prostram! Eu quero recolher-me no seio da minha alma; quero meditar profundamente nas palavras — *corpo, sangue, alma, e divindade de Nosso Senhor Jesus Christo, tão real e perfeitamente como está nos céos!* e, com tudo, relucto com a minha fraqueza, porque me é impossivel cerrar os ouvidos a um *côro de Macbeth*, que o orgão me recorda, — a uma aria de *Hernani*, com que o orgão tenta afervorar a minha oração ao Cordeiro de Deus!

Calai, pois, o vosso orgão, innocentes instrumentos do mal! Dai-nos a toada melancolica e religiosa de nossos templos, mais velhos que *Verdi e Donizzetti!* Sacrificae esse vão desejo de ostentar progresso na musica de Egreja, porque a Egreja sahi civilisada das mãos de JESUS CHRISTO, e repelle de si a nesga de mundo profano, que lhe quereis, á força, cerzir nas suas vestes solemnes!

Se comprehendeis a profanação que involuntariamente, talvez, vos faz responsaveis perante Deus, e menos dignos perante os christãos de convicções, erguei as mãos, no acto da missa, e deixai o orgão no seu eterno silencio; se não desvirtuaes o culto, roubando-lhe o respeito.

CAPITULO XII

Reagimos



NÃO esperéis de nós as posturas e arrebiques com que os capciosos *moralisadores* de nossos dias enfeitam os seus cathecismos de civilização popular.

Repellida de todos os reductos, a seita dos philosophos socialistas recorreu ao Evangelho, e quiz á sombra do Evangelho erguer o seu pagode. Explicou-o, commentou-o, fundiu-o nos moldes d'uma absoluta irreligião, e teve o despejo de chamar os povos á revolta, em nome de JESUS CHRISTO.

Os povos vieram, tingiram as mãos no sangue dos reis, no sangue dos padres, no sangue de seus irmãos, e esperaram depois encostados á columna *Vendome*, que o balsamo do Evangelho cicatrisasse as feridas abertas no coração da humanidade.

Começou a desesperança a descoroçoal-os, porque os beneficios do Evangelho não vieram ao chamamento dos apóstolos traidores.

A columna *Vendome* esperava que um empuchão de

braço corajoso lhe desconjunctasse a peanha. O braço chegou. E o padrão da immoralidade cahiu, e cahiu para sempre, quando os ultimos esforços dos modernos Julianos, ainda em nome do Evangelho, bradavam, como energumenos pela civilisação do povo.

Era mentirosa essa civilisação, e contrafeito esse Evangelho. A lei de Deus não transige com as imposturas dos homens. O homem passa a rastejar no lodo da sua mentira, e a lei de Deus, immutavel como os seus juizos, permanece estavel nas alturas da sua divindade.

A educação do povo está no Evangelho; mas este codigo, inspirado pelo Senhor do Universo, não foi dado ao homem como simples formulario da sua educação moral e civil. Os *humanitarios* dos seculos XVIII e XIX reduziram-no áquella missão, e apagaram-lhe a luz religiosa de cujo reflexo se allumiavam a moral a civilisação, e a vida futura. Desceram as trévas nas leis, nos costumes, nas vocações, nas esperanças, e em todos os sentimentos grandes que se nutriam dos grandes preceitos do Evangelho.

Depois de estirados annos de angustia social, a verdadeira luz evangelica parece derramar o imperio da luz na face escura da França. O dominico Lacordaire agrupa as multidões da mocidade franceza em volta da sua cadeira. O livro de Deus é aberto na escola do templo, e perde o brilho traiçoeiro, que tentaram dar-lhe na escola de Fourier. A civilisação, com todos os seus caracteres de pureza e religião, recebe-se ao pé do altar, e derrama-se no seio das familias, que deixaram de chamar-se *phalansterios*.

JESUS CHRISTO, sem transtornar a marcha dos astros, nem paralyzar a mão do escriptor impiedoso, esmagou o verme, que ousou assignalar a sua missão redemptora com o sangue do povo ignorante.

A sociedade terá de gemer as ultimas dôres de trabalhoso parto, mas o renascimento da moralidade será a doce indemnisação dos seus padecimentos.

CAPITULO XIII

(BIBLIOGRAPHIAS)

I

Poesias religiosas (1)



E algum poeta irreligioso pudesse conciliar os desatinos de sua vida com as suas poesias christãs, tal poeta, só por enriquecer-se de estro, só por brilhar aos olhos da sociedade, só por engrinaldar-se das flores do genio, deveria pedir ao Christianismo todas as suas inspirações.

Não ha mais alto poiso onde elevar o extasis, nem de mais alto pôde a poesia derramar um orvalho benefico sobre o espirito do homem! Quantas vezes, para intelligencias superficiaes, a bondade de uma doutrina consiste nas fôrmas em que lh'a apresentam! Quantas vezes a poesia religiosa, gravada,

(1) Com referencia ás do snr. José Maria Vieira, publicadas no CHRISTIANISMO, e na Cruz.

pela harmonia do metro, no coração do leitor, lá vai vagarosamente lavrando, como faisca divina, um grande incendio de amor de Deus!

Muito se tem ahí abemolado os cantares pela nota do céo. Muito se tem pedido aos anjos o enthusiasmo dos sagrados hymnos. Mas, se fôrdes apoz o canto e o hymno, vêl-o-heis descer, como aguia ferida no alto, e cahir voluptuoso e froixo e amortecido no colo da mulher, que é, no remate de todas as elevações, a essencia reanimadora das poesias modernas.

A mulher é certamente um grande vulto nas affeições humanas. Por ella fomos resgatados; devemos-lhe o nascimento, e as primicias da educação, os nobres impulsos do coração viril, e o amparo carinhoso nos dias melindrosos da velhice. A sua missão fez-lh'a Jesus Christo grande e preciosissima na terra; mas, se por ventura ella não carece de estimulos para elevar-se ao grandioso de seus deveres, perderá no subido quilate do seu valor, se lhe não chamarem anjo todos os dias em versos de incansavel panegyrico?!

Por certo, não. Tomara ella mais amor de Deus no coração dos homens, e menos febre de sentimentalismo na cabeça dos poetas!... Se lhe fosse possivel renunciar essas corôas de um dia a favor da Religião Christã, que excellentes vantagens não seriam as da mulher!... Todas, e quantas ella deve ambicionar do homem, que lhe é promettido em alliança perpetua.

Ha mancebos, raros mas bem avaliados pelos entendedores, que sagraram as cordas da sua harpa ao Altissimo, e n'essas mesmas desferiram o cantico dos affectos mundanos, mas cantico rescendente de affectos divinos.

Dar-vos-hemos o snr. João de Lemos como exemplar d'esse genero tão pouco cultivado, e de si tão opulento. Quem lhe não póde — e raro ha quem — correr parelhas n'aquelle seu elevar-se para o mais alto da poesia religiosa, corra á fonte das suas candidas ins-

pirações, e afaça-se a saboreal-as, meditando-as, antes de as soltar nos ambitos da metificação. Quem póde ahí estirar-se em trovas a uma açucena, não tem impulso que o levante ao Creador das primaveras? !Se tão vasta e rica é essa messe de fructos christãos, abásta-nos, poetas, dizer-nos em verso, que é Deus o senhor de tudo, que vos exalta em nuvens de harmonia? Dizei-nos como esse Deus se manifesta Creador, redemptor, justiceiro, e misericordioso. Historiai-nos o primeiro dia da criação, e vinde no declive dos seculos fazer-nos derramar lagrimas, quando a vossa elegia murmurar as amarguras do calvario, e os gemidos afflictivos da MÃE de JESUS CHRISTO. Então, sim, a humanidade submete a melhor parte dos seus destinos ao vosso talento, e vós tereis um myster util entre os vossos amigos e irmãos.

Não vem ao nosso chamamento o nosso amigo Jesé Maria Vieira. Já possuíamos as suas poesias religiosas, quando meditamos estas linhas, que deixam margem a copiosas reflexões. O pensamento do nosso poeta é grande e proveitoso : promette, e crêmos que cumprirá, uma resenha escolhida de successos principaes na Biblia, e encerrada pela morte de N. S. JESUS CHRISTO. A sua poesia, facil e fluente, parece triumphar das prescripções que a arte do soneto lhe impõem. Singelos e, ao mesmo tempo, vigorosos, os seus sonetos são aquelle genero de poema, que, pelo severo e cadencioso, mais se adapta á magestade do assumpto. Agradecemos, em nome d'um publico, que temos a liberdade de chamar *nosso*, esta offerenda ao nosso jornal. Ha um outro publico, que póde rir, e não póde mais nada. Nós é que nos não devemos rir d'elle ; mas temê-lo... tambem nos quer parecer que não ha para isso razão desculpavel.

II

Saudade (1)

A saudade!... que sentimento, e que palavra! que doçura e que fel exprime! que suave melancolia e que pungente desesperação revela! Não haverá talvez na lingua humana palavra, que melhor exprima as ultimas gotas de seiva que nutrem o coração arado pelos desenganos, e descrida da esperança em venturas d'este desterro! Nem para o desgraçado ha outra seiva que lhe faça abrolhar no coração a candida flôr da fé, pallido reflexo do formoso jardim de flôres esperançosas, esfolhadas pelos ventos tempestuosos das paixões.

É então a saudade sublime de mágoa; e, se a sua dôce irmã, a carinhosa esperança, não enxugasse as lagrimas do homem, a vida seria um lento agonisar, e a morte a consolação do atheu.

Ha, porém, uma saudade, estremecida filha do céu, e embalada comnosco no nosso berço de infancia. Brincamos com ella no collo de nossas mães, ouvimos-lhe melodias, que os anjos lhe emprestaram, beijamol-a em nossos sonhos, temêmol-a em nossos temores infantis, viemos abraçados com ella até ás portas do *mundo*, e ahi... perdêmol-a, chamâmol-a em vão, e lamentâmol-a para sempre perdida.

Essa saudade é a crença religiosa que nos desceu ao coração filtrada pelos labios maternas. D'essa crença o que nos ficou foi a cruel certeza de estar quebrado o sancto prisma por onde a viamos; o que se perdeu foi

(1) Referencia a uma poesia religiosa de José Barbosa e Silva intitulada: A MINHA CRENÇA, publicada, em 1853, no Semanario religioso «A Cruz».

o ideal da singela fé com que nossa mãe nos dourava as sanctas aspirações a um mundo, que não era, que não podia ser este.

E o coração do mancebo, que se sentou fatigado do mundo no longo caminho da sua peregrinação, tem instantes de enlevo, que o transportam ao tumulto de sua mãe, pedindo-lhe palavras de conforto, hálito de vida para a fé em Christo, que sente morrer-lhe no espirito.

Os labios do cadaver respondem-lhe pela voz da saudade; e o mancebo a quem Deus confiára uma lyra, tão cêdo enluctada pelo véo do desalento, faz que o seu canto gema, faz que o seu estro se alevante do pó da terra, e procure no céo o espirito de sua mãe.

Foi assim que eu comprehendí a dorida poesia do meu amigo José Barbosa e Silva.

É o talento protestando contra a ignorancia audaciosa dos que passam no mundo, vermes d'um dia, escarnecendo cynicamente a fé e amor dos que adoram a Cruz, pharol divino da morada immortal dos justos.

III

Os dous artistas

A leitura d'uma obra consoladora deixa sempre no coração vontade affectuosa de recommendal-a. É tão raro agora encontrar um livro bom e util!

Os dous Artistas, romance do snr. conselheiro, José Joaquim Rodrigues de Bastos, contem e aformosea a mais san doutrina da moral christã, com applicação áquellas paixões tempestuosas, que mais hostis pelejam

contra os preceitos do Evangelho. Ahi se vê quão donoza seria uma sociedade, em que a maior parte dos amantes modelassem os estímulos da paixão pelo espirito religioso, e não sacrificassem ao obcecado egoismo do coração as aspirações immortaes, que alteam o espirito sobre as cousas do mundo !

Albano e Virginia decerto não são typos de fantasia. Para nós, imaginario é aquillo que é inverosimil; e não ha um quadro no precioso livro do snr. conselheiro Bastos que a verdade não reconheça, e o entendimento não julgue realisado, ou possivel de realisar-se em duas almas incendidas por a mesma faisca divina, pelo mesmo entusiasmo de divino amor.

Não é tão somente um romance que recommendamos : é um compendio de moral, aformoseado das flores da erudição, e, algumas vezes, profundo em materias theologicas, que convidam á leitura pela suavidade e clareza com que são enunciadas. O capitulo, consagrado ás ordens religiosas, é um como gemido de saudade por esse abrigo dos foragidos do mundo, doce remanso de paz, de arrependimento, e de esperança, que a malfeitoria dos homens varreu d'esta sociedade em que os infelizes são tantos !...

Deleita-se o coração saboreando doutrinas, que não foram ahi desenvolvidas pela intelligencia d'um homem, interessado em politicas, ou ambicioso de celebrar-se como excepção do seculo material, em que vive. O author da *Virgem da Polonia*, e dos *Pensamentos religiosos*, tradusidos no estrangeiro, conquistou pela sua virtude renome tão illustre e duradouro como a sua nomeada nas lettras patrias. A virtude e o talento abraçam-se nas suas obras, como nos actos publicos da sua vida, que bem privada é hoje, porque as decepções dos homens desacoraçõaram para muitas cousas prestadias aquelle nobre coração, e distincta intelligencia.

E é por isso que temos muita fé nos escriptos do author dos *Dous Artistas*, e muito respeitamos as suas palavras

porque sabemos que ellas são aferidas pelo padrão de consciencia recta e espirito illustrado. Hoje, é necessario partir do author para o livro, e não do livro para o author.

Ha um capitulo n'este affectuoso romance que parece introduzido á força no entrecho; é aquelle em que são chamados a um tribunal, raras vezes aberto, os jornalistas e os jornaes, os politicos e os negociantes de politica. O nosso reparo, porém, desvaneceu-se quando o espirito, congratulando-se com as justiceiras idêas do sabio author, sente que não fosse mais ampla ainda aquella suave, mas severa crytica á litteratura van e esteril, com que mais horas perdemos n'estes nossos dias de mesquinhas intrigas.

Ahi temos, pois, um romance, embalsamado d'aquelle insenso que tão raro aspiramos nas obras do seculo. É um livro, que pode chamar-se um cantico á pureza de dous corações excepçionaes, embora electrizados pela trivial paixão do amor.

É magnifico este protesto do talento christão contra as fantasias incendiarias dos novelleiros desgrenhados da época. Repousa o espirito em jubilos do céu, quando, fatigado d'irritar-se com os lugubres quadros de cynismo, em que abundam os romances francezes, se lhe depára esse oasis d'amor, essa estrella de saudades, que o regenera insuflando-lhe vida d'esperanças, e esperanças de vida melhor! A maneira como na terra pode presentir-se a existencia dos anjos, está indicado n'esse livro com penna inspirada. Nutrem-se, ao lê-lo, anhelos de copial-o para o coração, de convertel-o em vida propria, de navegar para a luz d'aquelle santo fanal, e de morrer d'aquella abençoada morte de Albano e Virgínia. Ha ahi unção, que não parece feitura d'homem, e homem, cujo alento luctou nos variados naufragios d'este seculo! É preciso mui grande recolhimento d'alma em quem o escreveu, grande deleixo das coisas terrenas, e um tenaz apego aos santos liames da bemaventurança.

*

Tudo isso por ventura existe no grande homem que saudamos aos setenta e cinco annos da sua idade, e pedimos a Deus lhe dilate uma intelligencia, que tão abençoados fructos germina e reparte por esta sociedade, que o abençoa (1).

(1) O snr. Conselheiro Rodrigues de Bastos morreu em 1862 com oitenta e quatro annos de idade.

CAPITULO XIV

Conceição de Maria

ANALISE SUCCINTA Á ORAÇÃO DO SNR. JOSEPH GREGORIO LOPES DA CAMARA SINVAL, PRÉGADA NA CAPPELLA DA VENERAVEL ORDEM TERCEIRA DE S. FRANCISCO, NA CIDADE DO PORTO, EM 15 DE DEZEMBRO DE 1851.

§ I

QUANDO ASSUMPTO era magestoso, e sublime de poesia religiosa, que é por certo a sobre excellente poesia! Rasgavam-se horisontes infinitos onde voejar o espirito nos arrobamentos da inspiração. Verdadeira inspiração é a que nos desce do céo; verdadeira poesia é a que se exalta até ao ideal da Divindade.

MARIA! Esta palavra é um manancial de sublimes relances, qual d'elles para maiores prodigios de entusiasmo. O genio do homem, circumscripito entre as

balisas angustiadas da culpa original, não sei porque attracção celeste, parece desprender-se de suas algemas, e transportar-se ao sacrario dos mysterios, quando os olhos do espirito se fitam extaticos na aureola, que circumda a fronte de MARIA! Anceia o coração, a alma pejeja com a tibiesa dos sentidos, e o homem, que não cabe na grande esphera de sua intelligencia, espiritualisa-se da essencia dos anjos, e sobe a banhar-se de luz nos resplendores eternos de MARIA! A fé duplica as forças do espirito. Com ella exalta-se o homem acima da sua natureza terrena. Por ella presentimos o fim da criação, e a passagem d'esta vida de esperanças illusorias ao foco luminoso do seio divino.

Estes enlevos experimentados nas varias manifestações do sagrado culto da Religião Christã, são celesantemente tocantes na santa e calorosa homenagem, que o Catholicismo presta ao culto de NOSSA SENHORA.

§ II

O snr. Sival, traçando eloquentemente as primeiras linhas da sua oração, no silencio do seu gabinete, sentiu-se, por ventura suspenso pela mão do genio na altura da sua missão gloriosa. O coração, rico de sentimento religioso, e ferido pela faisca electrica da intelligencia, expandiu-se-lhe em invocações vehementes á VIRGEM dos céos, e exultou-lhe d'aquellas palpitações de entusiasmo santo, que não sentem almas captivas no carcere da vida material! Aquelles primeiros traços sahiram-lhe espontaneos da alma, como essas fontes limpidas, que brotam cristalinas, sem que a mão do homem lhes devasse o manancial no seio da rocha.

Bello quadro seria, sob a palheta do artista christão, a scena magestosa do orador sagrado, que dobra o joe-lho á Imagem da VIRGEM MARIA, ao mesmo tempo que

a penna, fecunda e arrebatada, obedece ao preceito luminoso da inspiração!

D'um exaltamento assim, d'um assomo calido, e privilegiado dos homens d'alma grande e grande intelligencia, nasceu o exordio da oração do snr. Sinval. Subimos á elevação do seu extasis quando o orador subiu. Voamos a saudar a RAINHA DOS ANJOS, na esphera sublime da SUA CONCEIÇÃO, quando o orador subiu. Sentimos o calefrio que precede as lagrimas quando o orador balbuciava com terna effusão, a sua affectuosa apostrofe.

Pelo que sentimos, ajuizamos que o exordio fora uma ascenção grandiosa, d'onde o snr. Sinval, natural e artisticamente, tinha de descer.

§ III

Lêmos n'um jornal, a respeito da oração do snr. Sinval, não nos lembra que reflexões ao *substancial* do assumpto, e outras á *peroração* do discurso. Estamos em desharmonia com taes formulas, applicadas a tal oração. Quanto ouvimos era substancial. O *exordio*, que, por necessidade, assim denominamos, era essencialmente ligado á substancia, e esta deixou de o ser na palavra final do discurso, que não teve, nem podia ter *peroração*. Não se tratava de historiar a vida e morte de MARIA. O assumpto era todo contemplativo. A IMMACULADA CONCEIÇÃO é um mysterio, não é um epysodio narrativo na existencia da Santissima VIRGEM. Os extasis não se adaptam ás deducções formulares da rethorica; e no elevado motivo de orações, assim meditativas, não ha *substancia*, que não seja o *todo*, e não ha *peroração*, que não seja forçada e incompetente. O snr. Sinval obedeceu mais ao coração que ás regras. Fez bem. Ganhou mais no espirito do auditorio.

S. s.^a demonstrou que MARIA fôra privilegiadamente preservada da culpa original.

Os seus argumentos foram saturados da propria convicção, que é o mais brilhante esmalte de todos os argumentos, e fundamentada na san theologia de cento e trinta e seis escriptores, que defendem a immaculada Conceição da Mãe do Redemptor.

Demonstrou, depois, que MARIA fôra isempta da divida do peccado, ou que « não era obrigada a peccar. »

Um jornal politico, inspirado por suggestão occulta, imputou visos de novidade n'esta proposição. O distincto orador não lh'os quiz dar, porque realmente lh'os não deu.

Os doutores, que assim pensam, fundam-se no texto de S. Paulo: — *Omnes in Adam peccaverunt*. Adão, tronco do genero humano, envolvendo em sua vontade a de toda a sua geração, dava traça a julgar que MARIA fôra incursa na divida do genero humano, a não ser *ELLA ab initio* distincta, e excluida da vontade de Adão por favor especial do Eterno. « Tomos por certo — diz S. Affonso de Ligorio — e quasi como artigo de fé. . . que MARIA não participou do peccado de Adão. » S. Ambrosio, Origenes, S. Jeronimo, e tantos outros fachos de luz dão á proposição repetida do snr. Sinval o caracter de certeza, e não o de novidade.

§ IV

Sciencia é o primeiro attributo do bom orador religioso. O snr. Sinval possui este dote, inherente á sua vida estudiosa de congregado, e, depois, pollido pela sua vida posterior sempre repartida em estudos diversos, mas compatíveis. A physiologia do homem, desamparada das noções theologicas, é o materialismo de *Barthez*. O

segredo da fecundidade, a operação incognita da geração, submettida ao raciocínio, independente do medico, é um como accaso repetido, que o theologo esclarece admirando a incomprehensibilidade das operações divinas. Não ha implicancia entre os conhecimentos humanos.

Ha um segundo attributo essencial no orador, que o snr. Sinval, na sua posição, respeita exemplarmente. É o que se deduz das palavras de S. Gregorio: *Cujus vita despicitur, quid restat; nisi ut prædicatio contemnatur*. Despresam-se as palavras do prégador, cuja vida é despresivel. Muitas intelligencias no seu tyrocínio naufragam n'este escolho.

Superior a estes urgentes attributos está o temor de Deus. O Padre M. Avila, sendo interrogado, sobre a melhor regra, que um orador devia seguir, respondeu: *Amar Jesus Christo*.

Não pedimos a ninguem perdão do nosso mysticismo. Isto são verdades eternas. A nossa maior consolação é considerarmol-as dispensaveis na applicação que lhes damos.

O verdadeiro sabio não respira bem no ar que lhe carregam de perfumes: o thuribulo da lisonja desagrade ao provado merecimento. A consciencia do snr. Sinval deve assignar-lhe o logar distincto, que lhe compete entre os oradores do pulpito portuguez. Mas, se na escala do merito, todos os degráos são tremidos, ousamos recordar ao eloquente orador uma pagina de *Luiz Muratori*, no seu livro de *Eloquencia Popular*. É textualmente a seguinte:

« Dous generos ha de eloquencia: um, a sublime; outro, « a popular. Com a *sublime*, formam-se discursos ricos de « idéas grandiosas, engenhosos argumentos, brilhantes « expressões, e arredondados periodos. Com a *popular*, « expõe-se chãmente as verdades eternas, e ensinam-se « ao povo cousas do alcance d'elle, em estylo simples

« e familiar, de modo que o ouvinte possa comprehen-
« der o que lhe foi enunciado. Não é sómente a sabios
« que fallaes da cadeira da verdade: fallaes tambem a
« ignorantes, os quaes, pelo ordinario, são a maior parte
« do vosso auditorio. Assim é que muito importa fallar
« sempre de modo chão e popular. . . Tão caras são a
« Deus as almas dos doutos como as dos indoutos, e o
« orador tem de obrigação ser prestativo a todos, sem
« estremal-os, conforme o dizer do apostolo: *Sapientibus*
« *et insipientibus debitor sum.* »

CAPITULO XV

Missões

VIRÁ um dia de grandes commoções para a cidade da VIRGEM, quando a palavra do Missionario descer do pulpito, como orvalho do céo, sobre a aridez de tantos corações, que ahi se esterilizam á mingua de seiva religiosa. Esse dia será o de muitas lagrimas, e conversões prodigiosas, porque este profundo dormir dos nossos mancebos não é o lethargo da impiedade, é o entorpecimento transitorio do indifferentismo.

É bello contemplar o vehemente alvoroço, que estão sentindo os espiritos, onde teem chegado esses poucos homens respeitaveis, que em commum linguagem são chamados *missionarios*, e que nós chamaremos anjos de consolação n'estes dias de attribulada existencia. É bello, mas é triste em relação a nós! Que scenas de profunda magestade! que lucha vigorosa entre a luz e as trevas! que brado providencial ouvimos ao longe, onde mil christãos, simultaneamente, banham de lagrimas a mão abençoada, que lhes ministra o pão dos anjos, o corpo de Jesus Christo, o preço incomprehensivel da salvação eterna!

É lá que a philosophia do seculo, envolta nos seus

arminhos d'um dia, suspende o passo á porta do templo, e olha envergonhada para si, que não tem nada que a ligue ao passado, nem uma aspiração que a leve ao futuro, nem já ondas de sangue sobre que affrontar as borrascas desencadeadas por sua propria mão!

Declinou esse astro maldito que, levantado do seio da França immoral, dardejou na face da península o seu fulgor sinistro!

Por cá o lavrador, que guarda illesos os costumes de seus avós, vai, com sua familia, encher o presbyterio aldeão, que os *philosophos* da cidade não poderam infectar com a peste da sua sciencia.

Por cá a filha dos campos colhe flores agrestes, como em dia de noivado, para desfolhar na peanha do cruzeiro, que se ergue, ha seculos, entre a sua habitação modesta, e a egreja, onde, menina, recebeu o sacramento do baptismo.

Por cá enchem-se os templos de familias, e as familias de creanças, quando um homem de virtude, em nome de Deus, estende o braço profetico, e aponta a aurora do dia final, que nascerá ao som tremendo da trombeta do Archanjo.

Que esbraveje em impotentes furias o espirito das trevas! Que os soberbos da impiedade se contorçam entre as ruinas do seu edificio da impiedade!

A missão é o anjo da luz. A missão é o som da tuba de Josué, que faz ruir os muros d'esta Jericó irreconciliavel com o Eterno. Seja pois o missionario o anjo percuciente, mas a sua espada venha brilhante como o Evangelho, e os seus cortes sejam profundos e suaves no coração, como as admoestações de Moysés, como os preceitos de Jesus Christo, e como as exhortações humildosas de S. Paulo.

Deu-nos o Eterno a comprehensão para avaliar a magestade d'esses lances; seja-nos, pois, dado juntar nossas commoções a esse arrobamento de tantas almas regeneradas pela MISSÃO.

CAPITULO XVI

Duello

I



ODARAM os seculos sobre numerosos empêcos do paganismo, venceram-os com o violento impulso da sua marcha triumpante, e deixaram, no lugar da barbaridade, o vestigio da civilisação. O brilho das lampadas, accesas no altar da idolatria, deslumbrou-o o facho do christianismo. A arvore robusta que, ha quatro mil annos, medrava, regada pelo sangue da humanidade sem Deus, esterilidou-a a gota do sangue da redempção, apenas do lado de Christo lhe cahiu nas raizes de quarenta seculos. O que eram sombras de morte foi alumiado como facho esplendido de vida. O que era fructo de maldição converteu-se em maná celestial. A esponja de fél, que rossára os labios de Christo, tornou-se para a humanidade a saborosa fonte de Siloé. Dérase na terra uma transformação maravilhosa, um milagre de Deus, um testemunho indestructivel da divindade de Jesus!

A carnagem dos amphiteatros, a estatua em fogo de

Molok, o parricidio legal do povo egypsiaco, a degradação aviltante da mulher, as apotheseos consagradas aos suicidas, os suicídios religiosos consagrados aos deuses, o rancor sanguinario de homem para homem... taes recordações horrorisavam a nova geração, levantada das ruinas do paganismo, com as mãos erguidas para a nova estrella, apontada por S. Paulo, no céu da redempção.

E, com tudo, parece que uma nova maravilha devia manter illesa uma nesga da sociedade velha, para que o homem se lembrasse da sua gerarchia peccaminosa, e tivesse sempre diante de si o espelho das suas imperfeições. Essa maravilha, esse retalho do manto funebre que a sociedade despira no Calvario, esse crime hereditario, como legado irrecuzavel de Caim, é o duello!

Espanta que no seculo desenove, mil e oitocentos annos depois do Christianismo, se escrevam censuras, e promulguem leis contra o habito selvagem de dous homens se collocarem frente a frente para vêr qual dos dous cai primeiro varado por uma balla, ou cortado pelo gume d'uma espada! E mais espanta ainda que taes censuras sejam estereis, e que taes leis sejam impotentes para lavarem o stygma de sangue, que a humanidade, todos os dias, espontaneamente recebe na face! Nem a religião, nem a philosophia, nem o vulgar discernimento lograram ainda remir a humanidade d'esse barbaro feudo, tributado á mais absurda das tyrannias! Nem hoje que tão apregoados são os dons da liberdade, póde o homem quebrar essa algema velipendiosa, que o prende ao tumulto do paganismo! Nem hoje, que a honra desceu ao baixo preço de uma utopia, é possível despersuadir o homem d'uma outra honra especiosa que lhe dá o direito de matar seu adversario, ou de baixar á sepultura com a affronta que quizera lavar!...

Mas o que é a honra?

Vamos d'este principio, que é a base fundamental da lamentavel questão.

A honra, segundo a definem os mestres da moral, é o justo sentimento da nossa dignidade pessoal, fundada na virtude, e na estima de nós mesmos.

Ha uma outra definição, mais auctorizada na escola do mundo actual: honra é o sentimento da nossa dignidade, fundada na estima dos outros.

As duas definições distinguem duas honras: uma é-nos dada pela consciencia propria: outra pelo suffragio da sociedade.

A honra, que conquistamos á sombra da opinião publica, não é sempre a honra fundada da virtude. Praticamos actos que a consciencia nos sanctifica, e a sociedade nos escarnece. Soffremos uma injuria com a resignação da virtude, e a opinião publica chama-lhe cobardia. A consciencia, muitas vezes, manda-nos receber uma affronta como justa expiação de nossos delictos, e a sociedade, que presenciou a nossa humildade, murmurou uma censura contra a nossa deshonor. E, todavia, nós caláramos a voz da vingança porque a honra da consciencia, a honra da virtude, nos imposera o silencio, que a sociedade reprova. Eis-ahi a grande corrupção, que soffre essa palavra, quando sai do sacrario da consciencia para ser interpretada e julgada em praça.

Aristides queria antes ser justo, que parecer que o era. Aristides seria um homem deshonorado, se o medissem pela craveira dos caprichos, em que vemos afferir o gráo de deshonor, que permite a desafronta d'um ultrage na direcção incerta d'uma balla. Aristides, esperando que o tempo desmentisse uma calumnia, que ferira o seu character, valeria menos que o allucinado cravando um punhal no peito do seu calumniador. A sociedade actual olharia de revez para o primeiro, e applaudiria o *gentil* desforço do segundo.

O respeito humano, é pois, um imperioso agente do duello; mas é necessario accetar a immoralidade dos costumes para elevar á consideração um juiso, cuja

opinião escarnece a humildade soffredora, e exalta a coragem da provocação. Em publico, uma palavra equívoca irrita, muitas vezes, o cioso pundonor d'um homem, que, em particular, se não ressentiria ligeiramente. A presença de testemunhas, eivadas do espirito do seculo, impõe áquelle o dever de julgar-se affrontado, e pedir satisfação. Se a não pede, sôa-lhe aos ouvidos um murmurio, que exprime verdadeira affronta ao seu character brioso, e, na collisão de desaffrontar-se do primeiro homem, que, nem por sombras, quiz offendel-o, ou dos circumstantes que realmente o offendem, resolve chamar o primeiro a combate singular. O seu adversario, se não acceta aquelle convite de morte, aquelle dyploma de homicidio, colloca-se na situação critica em que vira, ha pouco, o *seu amigo*, talvez; e, cedendo á intimação tacita dos espectadores, que lhe aguardam a decisão, levanta a luva, e caminha, altivo de si, para o local da briga selvagem, como para acto solemnissimo de probidade e honra. Da parte d'este, nada mais justo, que justificar a bôa intenção da palavra equívoca, que dissera. A sua consciencia aconselhou-lhe talvez esse prudente meio de evitar as funestas conclusões d'um falso principio de honra; mas a opinião publica, com o seu sorriso avexador, com a sua ironia ludibriante, violentou-o a calar a voz da consciencia, para deixar fallar a do orgulho descomedido.

Deveremos, porém, respeitar esse jury depravado, que decide vaidosamente os lances, em que somos cobardes, ou destemidos? Não. A maior prova de estima, que devemos dar-lhe é illuminal-o com os claros principios da moral, que encerra as verdadeiras deducções da honra. Este apostolado, que é de si um santo duello oferecido á corrupção, ha de encontrar ouvintes, e sympathias, porque, na anarchia social, em que vivemos, ha ainda um partido são e honesto, que considera muito honroso o procedimento d'aquelle homem, que não hesita aviltar-se um momento, na presença d'aquelle que o de-

safia, para engrandecer-se na estima das pessoas de bem. Tal homem, bem longe de ser depreciado no seu caracter de honradez, será encarecido pela estima d'aquelles cujo applauso é titulo que nobilita.

II

Que o duello é, só na idéa, uma comparação repugnante com os preceitos do Christianismo, seria, demonstrando-o, querer provar, com grandes argumentos, que os raios do sol são caloríferos. A ociosidade, sem invenção, apraz-se em repetir verdades eternas, com esteril fadiga. Não podemos reconciliar-nos com esse logar commum; nem concedemos a algum raro leitor o direito de circumscrever-nos ao circulo da escholastica, quando, em nossos dias, os seus mais grandiosos dominios devemos grangear-ll'os no campo da moral. O Christianismo uma só palavra lhe basta para fulminar a barbaria do duello: CARIDADE! Os numerosos preceitos e conselhos que, no Evangelho, santificam aquella palavra, não só são conhecidos pelos crentes, mas, a cada passo, citados pelos scepticos. Cada leitor, n'este instante, recorda um ou muitos d'esses preceitos do divino legislador.

Mas não é só o Evangelho que reclama os sagrados direitos da razão. Todas as authoridades, e philosophos, dignos d'este nome, o condemnam como incompativel com as virtudes sociaes. Bacon, Puffendorf, e Grotius, fulminam-no com a severa energia de homens, que se propozeram dar á humanidade uma lei, purificada no melhor de todas as legislações. Rousseau provou, em demasia, a demencia d'essa honra especiosa, que dá ao duello a importancia d'um acto moral, d'uma desafronta cavalheirosa. De Maistre exprime-se assim: « Arrojem-se dous homens, um contra o outro, a punhaladas; ireis

apartal-os, e conduzil-os á prizão, como criminosos; mas dai a essas armas algumas pollegadas mais, de modo que esses homens, em vez de punhaes, se despedacem com espadas, e que se matem com reflexão, em vez de cógos pela cólera, chamar-lhes-eis — *homens honrados.* »

O conde de Tilly, cujas *Memorias* revelam um pessimista moralista, quando falla do duello, exprime-se de modo, que nos assegura do principio do bem, innato no coração do homem, e illeso no marulho de todos os erros da educação.

« A França, diz elle, é a patria dos duellos. Viagei na maior parte da Europa; passei no novo mundo; vivi entre militares e cortesãos, em parte alguma encontrei esta nossa *susceptibilidade*, que, a cada passo, origina offensas, insultos, e provocações. Donde vem, pois, a disposição peculiar dos francezes, cujo caracter é tão nobre para ser vingativo, de se baterem em duello por motivos quasi sempre ridiculos? É a educação, e só ella... Tivestes uma contenda com um amigo intimo. Posto que não excedesse os limites d'um calôr ordinario, as mulheres viram ahi certos *dictos injuriosos*; antes quereis matar um amigo, ou ser morto por elle, que ser suspeito de fraco. No jogo, fizestes um lance duvidoso, e mal comprehendido. Um particular sorriu sardonicamente, e fallou baixo com sua irmã, que murmurou com sua prima: pois bem! consenti em ser morto, por que podereis passar por um velhaco no jogo, e não ha nada que esclareça esta questão como um talhe de sabre. Vossa mulher é uma namoradeira consummada; arranjai a ser morto pelo amante, e vossa mulher ficará honrada. Sedusistes a mulher d'um homem honesto, que se vos mostra ressentido; matai-o; porque, se lhe roubastes a paz e a ventura, é justo que lhe tireis a vida! (4) »

(4) Historia dos duellos — pag. 306, 307. — Tilly, Mem. ch. 8, t. 1.º.

Charma (1) condemna formalmente o homicídio em todos os casos, e com especialidade no duello: tão longe vai com sua severidade, que nega ao homem a legitima defesa em perigo de morte.

Hobbes, e só elle, como philosopho, approvou o duello, pela mesma razão que santificára o direito da força. Foi logico, ao menos: tirou consequencias legitimas de principios absurdos. O homem que queria a humanidade n'uma guerra continuada, como a melhor das suas situações, a não poder inventar a polvora, devia proclamar o direito da força.

É um contra-senso honrar o duellista com a imputação de corajoso. Encarar a morte com cynismo poderá ser demencia n'este, e despejo absoluto moral n'aquelle, mas não será coragem em alguém. A verdadeira coragem tem sublimidade, que merece louvores. O cadaver do que se bateu em duello move á piedade; e o assassino, que acertou melhor no coração d'esse cadaver, excita a indignação, e não o elogio pomposo d'um ardido cabo de guerra. Temos visto o militar defender com o peito um reducto perigoso que corajosamente pedira. Temol'-o visto por entre chuva de ballas ir conquistar uma bandeira, hasteada entre cadaveres; e ouvimol'-o depois repellir com toda a serenidade um cartel de desafio. Este militar seria um cobarde? É valente, por ventura, aquelle homem, que vos corta de proposito os botões da camisa com o gume d'um florete, antes de vos abrir o peito? Sereis vós o valente, cruzando os braços, e abandonando a vida á descripção do adversario? No primeiro ha coragem brutal, e friesa de humor, mas é a coragem, e o humor do homicida; no segundo ha a negação de amor proprio, uma intrepidez de suicida, que significam absoluta impiedade, se não é requintada demencia. Onde está o lance arriscado para aquelle que

(1) Respostas ás questões da philosophia, moral, social, n.º 27.

*

vai bater-se com a certeza da superioridade, que leva sobre o seu adversario, que não joga as armas? Chamareis denodado aquelle que mata um cego, com feroz gallardia? E fareis ao cego as pompas funebres d'um valente?

« O duello nada prova, e de nada póde servir, diz um celebre jurisconsulto francez. Não prova o verdadeiro valor, em caso nenhum restitue a honra ao que a perdeu; e além disso nunca póde provar aquillo que se quer provar. Um extravagante, um ebrio, exaltado pelo vapor do cognac, encara-vos insolentemente, ou vos insulta em fórma de desafio; e vós deixaes passar a injuria. O doudo ficará muito bem reputado? e vós perdereis a bôa reputação que tinheis? E, suppondo que, menos avisado, entraes com elle em briga, e sois morto, será egual o partido? e será admittido pelo senso commun, que, vós, pessoa grave e honesta, jogasseis a vida com um homem inutil, perigoso, e desacreditado? »

Todavia, ha taes affrontas, e conflictos, que, meditados superficialmente, justificam o duello. É quando a lei, insufficiente ou subornada, não intervem a favor d'aquelle, a quem cuspiram na face uma nodoa affrontosa, d'aquelle cujo ardor de vingança não deixa obrar os frios calculos da razão.

Um homem de mãos instinctos sabe encubril-os para entrar em vossa casa como digno amigo. Conquistada a vossa confiança, urde pela astucia atraçoada a deshonra da vossa familia; apaga essa luz de felicidade que esperaveis vos alumiasse até ao tumulo; retira-se de vossa casa, como um saltador que nada vos deixou da riqueza d'espírito, que d'antes possuieis; e, requintado infame, vem ás praças assoalhar o seu triumpho, para que os seus conhecidos lhe lavrem o diploma d'um grande perverso.

Esta situação não é uma fantasia. São tão frequentes no *grande mundo* estes logares communs da ignominia, quanto a lei é impotente, ou remissa no desforço devido á honra, e no castigo infligido ao crime.

E ha ahi n'esse trance afflictissimo para um pae ou para um marido razão idonea para arriscar a vida no travar incerto de duas espadas? Marido, ou pae, não podem cair mortos, deixando ao infame, que privára em traições domesticas, a *ovação* d'um homicidio publico? Que é da desforra? Que é da desafronta? Onde está o exemplo da punição?

Quaesquer que sejam as causas, futeis ou imperiosas, o duello é sempre desgraçado, sempre immoral, sempre affrontoso á civilisação, ainda mesmo que não passe d'um ceremonial irrisorio.

III

Ha quem diga, que o duello mantem respeitadas as leis da delicadeza. Grave injustiça é esta á humanidade! Ninguem, de bôa fé, se persuade que o acatamento ás leis da polidez precise, para manter-se, d'uma perigosa ameaça, d'um repto continuado entre homem e homem. Isso é o mesmo que negar ao coração instinctos nobres, e generosidade espontanea; é suppôr que a delicadeza tem de ser coacta para cumprir a sua bella missão na sociedade.

A origem real da urbanidade está no espirito. Quem quizer semear ahi o grão abençoado, para que os seus fructos sejam sempre de paz e amor, eduque-o nas verduras da infancia, affague-o com os carinhos da fé e temor de Deus, bafeje-o com as suaves impressões d'um verdadeiro brio, e d'uma honra não especiosa, como a honra, tantas vezes, apregoada nos duellos.

Quem desaprecia as leis da delicadeza, é o egoismo, o amor-proprio, a arrogancia despresadora. Estes attributos são a negação religiosa? Por certo. Educai religiosamente as creanças. Fazei-as timidias perante Deus, e darlhe'-eis a coragem — a grande coragem da resignação

— na presença d'affrontas, que os vícios arremessam á virtude que tacitamente os reprehende. « Para que a sociedade seja pollida e amavel, diz Collet, é preciso acostumar desde o principio as creanças a respeitar as mulheres: respeitando-as, saberão, depois, prestar o culto civil que é devido ás mães de familia. »

Se a polidez vivesse á custa do sangue, desperdiçado no duello, qualquer espadachim, com pontaria certa, e humor sanguinario, poderia exercer as funcções de moralizador no meio de nós. A cada lapso, que dessemos na estrada da civilidade, a cada falta commettida, responderíamos com a vida, ou com a *vergonha* de não querer sacrificar-a. E, por tanto, esse homem temido podia, á sua vontade, fantasiar um codigo de civilidade, citar-nos pela infração de cada artigo, que seria necessariamente um chamado *caso d'honra*. E quem nos assegura que tal mestre de urbanidade era um libertino, um ébrio, e mesmo uma machina alugada a caprichos particulares?

Nos dez mandamentos da lei do Senhor incluem-se os mais justos e sociaes preceitos da cortesia. Amar a Deus, e amar o proximo, são dous mandamentos, que exprimem esse vasto complexo de leis civis e criminaes, que fiscalisam a harmonia social, desde a policia preventiva até a executiva do cadafalso. Ao filho venturoso da Igreja de Jesus Christo será preciso um director armado de espada que o faça respeitar os deveres, que o ligam ao bem-estar commum? A resposta affirmativa seria um ultraje a Deus, e outro á dignidade humana.

Mas os mandamentos de Deus, bem que simples para serem proveitosamente ministrados, carecem d'um processo, que implica muitos deveres. Não basta ao educando ser sabio: é necessario que aprenda a ser filho, pae, marido, e cidadão. O amor da humanidade deve alvorecer-lhe no coração com a primeira luz da sua dignidade pessoal. Quando souber amar-se, ha de amar o seu amigo; ha de poupar-o a uma injuria, para

não ser injuriado ; ha de engrandecer os outros, para engrandecer-se na estima alheia.

Ao sahir do collegio d'onde se trazem poucas idéas rudimentares da sociedade, embora lá se apprendam as ultimas consequencias da sabedoria profana, ao sahir da vigilancia dos mestres, poderá collocar-se ao abrigo, não menos vigilante, de pessoas experimentadas, que o affastem dos contactos perigosos — facil cousa de conseguir, porque a virtude tem em si uma luz divina, que cega os olhos do vicio.

Em quanto, porém, nos desvellamos em sondar, apenas, um futuro, promettido pela reacção religiosa, estudemos as providencias, que podem legalmente empregar-se na repressão do duello.

Em França, onde mr. Dupin, meditou largos annos uma lei efficaz, é hoje o duello tão frequente como o fôra antes da lei. Aqui, em Portugal, ha uma prohibição explicita, uma lei, que vinga a moral, mas que nunca vimos applicada. Embora digam que os reptos entre nós são truanescos por serem frustrados, convençam-se que é sempre criminosa a *caricatura* da immoralidade. Se não vingam a sua ultima consequencia, os duellos aqui — ao menos os de que temos noticia — são sempre tencionados com resolução, com rancor, e de caso pensado para não serem baldados.

Como quer que seja, a policia preventiva não se dá canceira em obstar o resultado das provocações, nem vai no dia assignalado para a lucta, estorvar os combatentes no local do desafio. Não nos faremos cargo de citar a lei morta, porque é vaidosa redundancia de palavras, que nada importam a favor d'esse contra-senso, que vêmos inaugurado como lei de honra. Lá fôra não é assim. Quando dizemos *lá fôra*, não queremos exemplificar Londres nem Pariz, onde dizem que refina a *civilisação*. O que vai em Pariz e Londres não é a civilisação christã, e nós não reconhecemos outra.

Nos Estados-Unidos são enormes as multas fulmina-

das ao duellista, que matou o seu adversario. Não louvamos o modêlo como aproveitavel. A pena pecuniaria pôde garantir ao opulento a impunidade d'uns poucos de duellos, uns poucos de homicidios, que, proporcionada a pena com o delicto, podem considerar-se impunes. Na Belgica são punidos os padrinhos, depois de processados os réos, conforme a gravidade do ferimento. O castigo infligido aos padrinhos é indiscreto. Muitas vezes são os padrinhos quem annullam um duello, ou pelo menos, lhe suavizam as condições. Peior seria a causa do odio e do capricho, abandonada aos contendores, sem intervenção de segundas pessoas.

Sem ferir na raiz a arvore amaldiçoada do orgulho e da mentida honra, os duellos continuariam, sem padrinhos, e dous homens poderiam apunhalar-se livremente, como assassinos.

Em virgínia, nos Estados-Unidos, o homem que se bate em duello é capturado como demente, é privado da administração de sua casa, da educação de seus filhos, do dominio em sua mulher, e recebe apenas d'uma tutoria o indispensavel para viver. É sensível ahí a efficacia d'esta pena, porque a não ha maior, attendendo ao muito que assim é ferida a honra, e a dignidade pessoal d'um homem a quem chamam doudo, e a quem privam de educar seus filhos, e de amar sua mulher. Os padrinhos esses são banidos para sempre dos cargos publicos que serviam.


Antevemos a esterilidade d'estes artigos, dedicados a um motivo de vergonha e opprobrio para este seculo, tão orgulhoso da sua luminosa moral, e legislação. Tem-se escripto muito, e magistralmente sobre o duello. Este cancro social é repugnante a todos os philosophos e legisladores. Não são precisos ao homem de bom coração esses titulos para lamentar a frequencia infeliz de tal delirio, que leva o homem a deixar orfãos seus filhos, ou inconsolaveis seus paes. Depois o agonisar do que morre em duello tem a perspectiva hedionda dos paro-

xismos do reprobado. Ali não ha ministros de Deus, nem a cruz da contricção, nem o abraço derradeiro dos que deixamos no mundo a pedir por nós ao Senhor das misericordias. A derradeira palavra do expirante deve ser a ultima imprecação, o torcimento impotente do rancor sem vingança, e talvez da honra sem desafrenta! . . .

Em quanto o suspirado futuro não vem refrigerar os corações do orvalho d'amor, emanado do seio do Christianismo, reclamemos o concurso de todos os publicistas illustres, e homens religiosos para confeccionar uma lei, que restabeleca a honra dos cidadãos nos casos de injuria pessoal; lei que previna o duello, e puna severamente os duellistas. Entretanto dê-se á sociedade uma educação, que a encaminhe ao respeito da sua dignidade pessoal, á melhor interpretação do Evangelho, e ao conhecimento da verdadeira honra. E, depois, o duello, emprestimo aviltante dos barbaros, contrahido pelo seculo da civilisação, será recordado como um marco vergonhoso na historia das gerações.

CAPITULO XVII

Amor de familia

A aurora dos tempos, ligou Deus a humanidade pelo nó instintivo e providencial, que vincula a natureza phisica e moral dos sexos. A base e modelo de todas as sociedades é a familia. A humanidade, em toda a sua extenção, é uma mesma familia, embalada no mesmo berço, e filha d'um mesmo pae. A terra e o céu são o seu patrimonio commum, em quanto, victimado á paixão d'aquella, o homem se não desherda da propriedade celestial, que a redempção lhe grangeou no reino Eterno.

A mais habil legislação é aquella, que derigindo a grande familia, constituída em nação, melhor soube deduzir a lei dos principios, que regem a familia individual e particular.

A palavra « familia » resume o complexo de virtudes sociaes, e nobres instinctos, que engrandecem o homem, e lhe dão ao espirito esses maravilhosos attributos, que a historia do Christianismo nos faz admirar nos seus lances heroicos, na sua magestosa philosophia. Os doces liames de familia são a candura nas affeições, que não se esvaem com o tempo; são os sacrificios espontaneos e agradaveis, que não cançam o coração do pae dedicado

ao filho: é o affecto de mãe, fervorosa de ternura, que estabelece a extremosa sociedade d'irmãos, fomentando o amor fraternal entre seus filhos. A Providencia não deu aos homens mais dulcificante vida que a dos laços de familia, se consideramos a humanidade no que ella tem de melhor, temporalmente fallando.

Esse sublime modêlo, esse formoso quadro de virtudes sociaes, devemol-o ao Evangelho. Sem elle, a humanidade não comprehendêra o que ha ahi mais sublime em suas mutuas relações. Foi necessaria a revelação Evangelica para que o homem se levantasse da sua ignorancia, abysmo cavado pela culpa, trevas interpostas aos seus nobres instinctos e á graça divina.

Na instituição da sociedade, qual o Genesis nol'a revela, deparamos os caracteres, que constituem as leis eternas, por que deve ser regida a familia humana, durante a sua passagem na terra. Deus creou o homem á sua imagem; e da substancia do homem formou-lhe a companheira da existencia. A razão de todos os dogmas, que constituem a primitiva unidade da familia humana, acham-se inscriptos n'essa prodigiosa fecundação, enlace mysterioso, e nó indissolúvel, que santifica os vinculos conjugaes. O pae do genero humano comprehendêra o sublime d'esse mysterio, quando exclamou « *Os ex ossibus meis, et caro de carne mæa* (1). »

O poder e a primasia, a intelligencia e a força são a prerogativa do pae, que, obrigado por seus mesmos privilegios, deve á familia a protecção, que reclamam as necessidades do corpo, como alimento, e as do espirito, como educação. A soberania do amor e da brandura, os attributos da graça e da belleza, estes são a terna compensação, que constituem a mãe um ente vigoroso e debil ao mesmo tempo: vigoroso no imperio que tem com seus conselhos, e ás vezes com suas lagrimas; debil

(1) Genesis -- C. II, 23.

pela sugeição em que voluntariamente se dá aos preceitos do marido, renunciando, sem reserva, os direitos que pela sua intelligencia poderia exercitar na intelligencia de seus filhos, entregues á conquista das posições sociaes.

O amor de mãe é o raio mais ardente que se irradia d'aquelle fóco d'amor de familia. Ao seu calôr levedam-se no coração do filho sentimentos brandos, que não soubera a meiguice d'um pae lá germinal-os. As lagrimas são raras no homem, e essas poucas estimuladas pelos affectos do coração, e pelas paixões violentas da alma, não seriam bom exemplo para filhos. Mas a mulher, anjo das lagrimas, quando o é da sensibilidade, essa chora sempre, e faz chorar os que a contemplam com os olhos innocentes, e vendados ainda para as impurezas, que endurecem o coração, e atrophiam a sensibilidade. Não estão n'esta lastimavel situação seus filhos, que apprendem o melindre, a meiguice, os sentimentos ternos, na ternura de sua mãe, no melindre d'aquellas sensações, e na meiguice que aformosea suas lagrimas. E de todo este complexo de alegrias e tristezas domesticas, gera-se o fogo que alimenta uma luz perenne no altar do amor. A palavra « familia » symbolisa, a suprema das venturas mundanas, o sacrario mysterioso onde se divinisam as grandes virtudes, que depois se apresentam á luz da publicidade, no commercio do mundo, para serem admiradas.

E quantas vezes nos maravillhamos d'um mancebo, dotado de attributos nobres, e não attingimos logo a origem d'onde afflue aquella torrente de virtudes! Não deveriamos elevar o pensamento ao amor materno, ás santas maximas da mulher, que d'entre seus braços deixou sahir para o mundo o filho querido, a batalhar com as armas d'uma educação religiosa, profunda, e inflexivel aos embates da impiedade!?

Houveram, e ainda os ha, homens que inspirados da grandeza das republicas gregas, da belicosa e devassa

Sparta, dos lubricos e nauseentos quadros do paganismo, proclamaram, e proclamam, a abolição do matrimonio, pela cessação do direito paternal, e pela extincção da propriedade.

Não é conveniente demorar o pensamento n'uma discussão, argumentando contra a ridiculez pungente de semelhantes systemas. É necessario fazer justiça á humanidade, não a julgando capaz de entrar sériamente n'uma questão d'esta natureza, esperando que nós lh'a apresentemos em toda a nudez da sua repugnante impiedade.

JESUS CHRISTO, o Filho de Deus, e não o philosopho dos racionalistas, creou a familia, bafejou-lhe o amor que a prende em nó de felicidade insolúvel, e collocou-a n'um caminho de virtudes austeras, de fidelidades conjugaes, de preceitos grandiosos de educação, que a conduz á sociedade eterna dos anjos, depois de mostral-a modêlo de governo e felicidade entre os homens.

Que importam as guerras surdas no lar domestico, e que ha de maravilhoso n'esses tristes lances que observamos n'esses gritos que vem accusar-nos a desarmonia do pae com os filhos, da esposa com o marido?! Lançae a cargo da irrelição essas lamentaveis excepções; e indagai a cilada traçocira que o demonio do odio urdiu para quebrar os vinculos do amor, e tornal-os a ligar em aborrecimento eterno!

Em quanto a nós, aquelle homem que entra o limiar da paz, e vai lá dentro verter o fél da desordem na taça onde uma familia libava o mól da ventura commum, tal homem, devêra ser punido tres vezes, em quanto o assassino, em sua defeza, recebiao perdão d'um crime involuntario. Fazer a desgraça d'uma familia, despedaçando os liames d'amor que a religião lhe déra, é victimar não só o esposo, não só a mãe, não só os filhos; mas a geração consecutiva d'esses, que legam um desgraçado exemplo a seus herdeiros.

Ha casos infelicissimos d'este genero de crime, d'este processo de irrelição em nossos dias.

CAPITULO XVIII

A incredulidade

UMOVIMENTO religioso, que se observa no seio das nações menos propensas, segundo pareciam, a recebê-lo, não é sensível ainda entre nós. É um segredo providencial o contraste, que apresentam as nações, primeiras a apostatar da fé e amor de Christo, com as ultimas que, arrastadas pelos successos da politica, renegaram enfim os santos principios do Christianismo, do qual tão vantajosas sequencias tiraram, em honra da patria, em proveito da civilização, e em gloria de seus destinos immortaes!

A Alemanha, foco das tremendas conspirações contra Roma, e das batalhas sanguinarias contra a humanidade, solta hoje um brado de contrição, pela bocca dos seus philosophos, dos seus professores, e d'aquelles a quem serviam as riquezas para que bem cumprissem os legados do implacavel heresiarca do seculo XVI.

A França, a orgulhosa innovadora d'idéas desvirtuadas pela experiencia do seculo, não quiz cingir-se aos

moldes alemães, que lho vedava o seu orgulho; mas arrojou-se ás extremas illações de Luthero, annullando a tradição oral bem como a escripta, e dando aos homens a natureza, como unico livro digno d'estudo, e de explicação. A França é hoje a rainha usurpadora, que despe a purpura aos pés do vigario de Christo, e depõe o seu diadema, salpicado de sangue, na fronte augusta da verdade, que volta do seu desterro com o sorriso de perdão para aquelles que a saúdam.

Portugal, a patria dos valentes descobridores de mundos novos, a estancia predestinada, donde o genio civilizador, a par do animo destemido, voava com o estandarte de Christo sobre milhões de tribus; Portugal é hoje o velho sem alentos, sem dignidade, sem attrição, que, vergado sob a carga do seu proprio vilipendio, não póde altear a face para contemplar a cruz levantada, e adorada entre as nações, d'onde a atrophia da incredulidade viera a empeçonhar-lhe o sangue.

Este contraste maravilha, e desconsola! Esta incoherencia é um symptoma indelevel de ignorancia ou de perversão! Não podemos ao certo determinar se os espiritos d'este canto do mundo são incapazes de interrogar a sciencia; ou se a immoralidade, enervando-lhe a fé no coração, pôde tambem abafar-lhe aquella ancía tão natural de caminhar á sepultura, com a certeza em alguma coisa, além d'esse extremo arrimo do cadaver! Tudo haverá ali! Ignorancia e immoralidade, são as duas fortes columnas onde os homens penduram os trophcus do atheismo; mas não é crível que absolutamente reinem esses dois inimigos do homem, bemquistos d'elle.

A incredulidade, aqui, nutriu-se ás escondidas no seio d'uma politica desvairada, que não podia vingar, sem deprimir, pela palavra, a idéa religiosa; nem, vingaria sem amiquillar, pela obra, os ministros, apologistas d'essa idéa. A guerra surda á Cruz era ao mesmo tempo uma guerra clamorosa ao sacerdocio. Prostrar em terra um padre, com a arma do sarcasmo, era ao mesmo tempo

destronar a Cruz, e fazel-a baquear com o seu ministro. E, quando algumas vozes soltas, para cohonestarem a impiedade, reclamavam illustração para o padre, e adoração para o symbolo d'aquelle grande socialista, chamado JESUS, o bom senso de alguns poderia exclamar: « hypocritas! » e o de outros, melhores juizes, poderia dizer « blasfemos! »

A hypocrisia não foi sentimento aproveitado nas manifestações anti-religiosas da França de Robespierre e Marat. Alli foram direitos ao templo, e revolveram-no desde os alicerces até aos espiraculos. O pó das ruinas embeberam-o de sangue, abandonaram-no á influencia dos annos agros de experiencia, e vieram depois colher os fructos, que fertilisam hoje o espirito faminto d'essa nação doridamente penitenciada.

Aqui, deixaram o templo, mas inauguraram-no, primeiro, um passatempo d'irrisão; depois um ermo d'alguns foragidos da *sociedade illuminada*; e ultimamente, quando viram que este povo não dispensava o Christo, nem o sacerdote, concederam-lhe o Christo como um philosopho, mais socialista que Platão e Socrates, e deixaram-lhe o sacerdote, como um ente, tão necessario ao culto de Jesus, como o fakir ao culto musulmano, e o bonzo ás lyurgias de Brahmá.

A « philosophia » é uma palavra ôca e banal, desde que a deram em pretexto á incredulidade. D'antes o homem consummado nas sciencias honradas, e tido como tal na opinião publica, avaliadora de suas obras, chamava-se um philosopho, pois que o amor da sabedoria, rigorosa significação da palavra, era a sua paixão fecunda em verdades prestiativas á sociedade.

N'este nosso tempo, porém, de intelligencias vans e encyclopedicas, é mais barato encontrar dez philosophantes, em cada duzia de homens, que deparar-se-nos um que o não seja em materia de religião.

Nunca as nomenclaturas arbitrarías adoptaram palavra

menos cabal para exprimir o que os incredulos querem significar.

A ignorancia, por mais que torturem a palavra, nunca poderá sinceramente chamar-se philosophia. A crença, que ainda hontem despiu as mantilhas dos rudimentos escolares, pôde mover o sorriso da piedade, mas difficilmente se dará importancia litteraria, quando se proclama arrogantemente *philosopho*. A genuina interpretação d'este termo assignala irrisoriamente as pretensões irrisorias d'aquelles que nunca se sugeitaram á experiencia d'uma polemica religiosa. Se a pedissem, devia servir-lhes de muito. O espirito lucrara o convencimento d'algumas verdades; e o amor proprio, subordinado pelas disciplinas d'uma correção proficua, habilitara-se melhor para dominar-se, antes de dar-se em espectáculo com os seus argumentos ignaros e ôcos.

Mas seja a verdade confessada em honra da verdadeira philosophia: Os discipulos d'essa escola do scepticismo tem mais de *quakers*, que de materialistas. O silencio é o mais respeitavel artigo de seus estatutos. Cogitam muito, ao que parece; mas não é pela palavra que nos asseguram a realidade da conjectura. Serão vigorosamente sistematicos, mas não é pelos argumentos que denunciam a incredulidade, formulada pelas leis do systema. Se não fosse a vida pratica, e o sorriso da indifferença, e o sarcasmo solto na conversação, ou desapegado nos folhetins galhofeiros, podéramos julgar estes philosophos uns ferventes energumenos do culto interno, e profundos pensadores nas glorias celestiaes.

Todavia, nem todos os philosophos escrevem folhetins, nem mesmo a existencia do folhetim, filho bastardo da litteratura, lhes é conhecido. Ha d'elles, que chamados a uma suave palestra sobre as mais vulgares idéas do catholicismo catholico, ignoram-nas, e descrêam-nas pelo facto simples de as não meditarem para sabel-as. Outros, versados em humanidades, se devemos acreditar-os, e versadissimos em grosso cabedal de sciencia respigada

nos celleiros dos almanaks, vão a Coimbra examinar-se em doutrina christã, e voltam reprovados, como quem fôra defender theses *de omni scibili*.

Estes vergonhosos factos não são raros, e pena é que esta asserção não seja mero incentivo á hilaridade, quando, com ella, fazemos jus á compaixão, e á censura tão bem merecida pelos paes, e pelos mestres.

O certo é que dos nossos philosophos muitos são assim. D'outro quilate, se os ha, não os conhecemos; nem devemos julgá-os encapotados no rebuço da modestia.

Desde que, infelizmente, a questão religiosa desbordou da esfera ecclesiastica, a imprensa catholica lançou a luva aos seus poderosos adversarios. Era tão brava a remettida dos livres pensadores, apregoavam-se tão alto as victorias da razão sobre o Christianismo — que, por mais convictos e armados, os soldados fieis d'aquelle magestoso symbolo, retrahiam-se pavidos, ao pensarem na grande lucta, que travavam com as hordas philosophicas, capitaneadas pelo genio do seculo XIX.

As batalhas, apenas feridas, desfalleciam. O inimigo, perdido o terreno, guerreava de soslaio, acommettia atraçoadamente, como conquistador, que almeja uma victoria; mas que ella seja inquinada com as bandeiras deshonoradas. A deshonor, que mancha a estrategia philosophica de nossos adversarios, é a manobra de ridiculez, a que recorrem, depois que a verdade solemne e severa os feriu na face.

A minha razão! Esta soberba confiança, que os incredulos tem na sua razão, é o primeiro e ultimo golpe que elles dão na sua deusa. Chamam á incredulidade o signal d'un espirito independente; e a razão é o sepulcro da incredulidade!

« Acreditei — diz La Harpe — porque examinei; examinai, e acreditareis como eu. »

Mas o peor é examinar, porque no exame vai a difficuldade do estudo; e para não crêr dispensam-se cuida-

*

dos e talento: é a triste admissão do axioma: *Plus negaret asinus quám probaret philosophos.*

Dos incredulos ha alguns que o publico reputa instruidos, e nós forçosamente consentimos n'esse conceito. Mas, desde a infancia, entretidos nas sciencias de immediato interesse na vida, não lhes sobra tempo, nem vontade, para se desvellarem n'um estudo methodico em religião. Outros, tambem dignos da admiração que pedem seus brilhantes poemas, seus deleitosos romances, e mesmo suas profundas lucubrações em sciencia, consagraram á religião as horas d'ocio; porém, como ociosos, crearam romances, sonharam reformas, e decoraram o symbolo christão de poeticos apparatus, a titulo de novas consequencias tiradas do Verbo. São quasi sempre inintelligiveis; mas em todo o caso compete-lhes o juizo que Rousseau fazia dos seus contemporaneos: « Hoje não se estuda, nem se analysa: sonha-se, e da-se-nos, como philosophia, os sonhos d'algumas noites de pesadello. »

Em verdade, os preceitos de Jesus Christo são gravissimos para aquelles que não sentem de dentro o nobre impulso de acolhel-os. A virtude não é filha das bossas, nem a frenologia modifica as más indoles, que repugnam dulcificar-se pelos conselhos evangelicos. « Eu queria vêr um homem — dizia La Bruyere — sobrio, moderado, justiceiro, negar a existencia de Deus, e o futuro, por consequencia; fallaria ao menos sem interesse; mas tal homem não se encontra. »

A incredulidade, irmã da ignorancia, é filha da vaidade e da libertinagem.

CAPITULO XIX

Esperança

NÃO queremos formular um artigo com o apparatus de poesia, que é costume acompanhar aquella palavra. Não ha talvez uma idéa, por mais terrena e material que a façam, que tantas expansões motive no espirito, menos propenso a ellas.

Não fallamos das illusões d'este mundo, nutridas no seio da esperança, que, tantas vezes, lhes prodigalisa uma nutrição impura. Essa tarefa é a do romance, e a da poesia, e ninguem dirá que o seculo vai minguaado d'esses productos.

A nossa esperança é a virtude theologal, é a esperança no céo, é a confiança na misericordia de Deus. A nossa esperança é infallivel, porque tem as promessas e os merecimentos de Jesus Christo a abonar-a. A nossa esperança é aquella que não faz bater o coração do incredulo, porque a fé, no que se espera, é a essencial inspiração da esperança, é a sua irmã, fecundada pela mesma vontade omnipotente, e no mesmo instante da sua apparição; é, finalmente, o seu fundamento, como diz S. Paulo.

A esperança christã não nos dá certeza absoluta da nossa santificação, da nossa perseverança no bem, e glo-

rificação celeste, como querem os calvinistas; mas sugere-nos segura confiança na bondade de Deus, nos socorros da graça, e nos merecimentos de Jesus Christo. Esta confiança, porém, não deroga a humildade que Deus nos impõe, nem nos permite adormecer no seio da nossa fraqueza, sem recear a queda, a que propende o espirito, por mais desligado que se julgue dos vinculos da terra.

A presumpção, e o desespero são dois excessos oppostos á esperanza.

Presumimos, quando tão arceigadas julgamos nossas virtudes, e tão fortes nos desvaneecemos em conserval-as, que não mais receamos perder a graça, e a felicidade eterna.

Desesperamos, quando alteamos a enormidade da culpa sobre a misericordia divina, e nos julgamos demasiadamente quebradiços e frageis, para que a graça nos sustente, em harmonia com os preccitos do Eterno.

Desesperar é um ultrage ao Infinito, que previra as fraquezas da creação, quando, por um acto de sabedoria immensa, permittiu que a alma infinita se revestisse da materia, que se anniquila depois de enfraquecer-se nas gloriosas luctas do martyrio, ou nas baixas sensualidades das paixões.

Desesperar é o extremo dos infortunios, que repelle o chamamento do juiz, que tantas vezes nos chama, quantos são os sobresaltos de desesperação que sentimos!

O coração não adormeceria marasmado em seus vicios, se entre a culpa e a misericordia existisse uma barreira de perpetua separação?!

Diz a philosophia que o temor e a esperanza são incompativeis. Respondem os theologos que a mais segura esperanza não exclue o temor filial, que nos afasta da culpa, para que assim a mão invisivel do anjo nos encaminhe por estrada desatravessada de empêços, que, ás vezes, embaraçam o transito das mais rebustas virtudes.

A base do Christianismo são os merecimentos de Christo: e o só nome d'este Justo, sellando as promessas do seu reino, promettendo-nol-o como conquista de seu sangue, vale mais, falla mais alto, que os escrupulos detestaveis d'alguns theologos, que, sentados indignamente no tribunal dos perdões, d'alli declaram cerradas as portas do céo para o penitente, que não sabe avaliar o gráo de parentesco que tem os escrupulos requintados, com a rude ignorancia.

« Deus — diz S. Agostinho — constituiu-se nosso devedor, não por ter recebido alguma coisa de nós, mas promettendo-nos o que lhe aprouve. »

« Deus — diz S. Paulo — é fiel ás suas promessas, e não permittirá que a tentação seja superior ás vossas forças; mas fará que da mesma tentação tiréis vantagens, para que possaes perseverar. »

Recordemos a misericordia do Senhor em todos os tempos, e com todos os peccadores.

Possuam-se de esperançosa consolação os que são arrastados no turbilhão d'um seculo, em que as cidades são Ninives, e os homens não sentem a contricção dos Menassés: possuam-se das esperanças, que sentira Achab, e David, quando azedavam no travor das lagrimas aquella perversa doçura do crime, momentaneamente convertido em remorso.

O remorso é, a um tempo, voz do crime, e chamento de Deus: é o bem que suspira e geme abafado pelo mal.

Jesus Christo, em suas maximas, nos exemplos da sua vida, respira até á morte indulgencia e misericordia. O quadro, que ELLE nos deixou, foi o da sua misericordia, e não o da sua justiça. As parabolás da ovelha desgarrada, do filho prodigo, dos operarios da vinha, e do publicano no templo são lições de misericordia. Zacheu, a peccadora de Nahim, a mulher adúltera, S. Pedro, e os judeus, que o crucificaram, são sublimes exemplos de confiança.

rificação celeste, como querem os calvinistas; mas sugere-nos segura confiança na bondade de Deus, nos socorros da graça, e nos merecimentos de Jesus Christo. Esta confiança, porém, não deroga a humildade que Deus nos impõe, nem nos permite adormecer no seio da nossa fraqueza, sem recear a quédá, a que propende o espirito, por mais desligado que se julgue dos vinculos da terra.

A presumpção, e o desespero são dois excessos oppostos á esperança.

Presumimos, quando tão arreigadas julgamos nossas virtudes, e tão fortes nos desvancemos em conserval-as, que não mais receamos perder a graça, e a felicidade eterna.

Desesperamos, quando alteamos a enormidade da culpa sobre a misericórdia divina, e nos julgamos demasiadamente quebradiços e frageis, para que a graça nos sustente, em harmonia com os preceitos do Eterno.

Desesperar é um ultrage ao Infinito, que previra as fraquezas da criação, quando, por um acto de sabedoria immensa, permittiu que a alma infinita se revestisse da materia, que se anniquila depois de enfraquecer-se nas gloriosas luctas do martyrio, ou nas baixas sensualidades das paixões.

Desesperar é o extremo dos infortunios, que repelle o chamamento do juiz, que tantas vezes nos chama, quantos são os sobresaltos de desesperação que sentimos!

O coração não adormeceria marasmado em seus vicios, se entre a culpa e a misericórdia existisse uma barreira de perpetua separação?!

Diz a philosophia que o temor e a esperança são incompatíveis. Respondem os theologos que a mais segura esperança não exclue o temor filial, que nos afasta da culpa, para que assim a mão invisivel do anjo nos encaminhe por estrada desatravessada de empêços, que, ás vezes, embaraçam o transito das mais rebustas virtudes.

A base do Christianismo são os merecimentos de Christo: e o só nome d'este Justo, sellando as promessas do seu reino, promettendo-nol-o como conquista de seu sangue, vale mais, falla mais alto, que os escrúpulos detestaveis d'alguns theologos, que, sentados indignamente no tribunal dos perdões, d'alli declararam cerradas as portas do céo para o penitente, que não sabe avaliar o gráo de parentesco que tem os escrúpulos requintados, com a rude ignorancia.

« Deus — diz S. Agostinho — constituiu-se nosso devedor, não por ter recebido alguma coisa de nós, mas promettendo-nos o que lhe aprouve. »

« Deus — diz S. Paulo — é fiel ás suas promessas, e não permittirá que a tentação seja superior ás vossas forças; mas fará que da mesma tentação tireis vantagens, para que possaes perseverar. »

Recordemos a misericordia do Senhor em todos os tempos, e com todos os peccadores.

Possuam-se de esperançosa consolação os que são arrastados no turbilhão d'um seculo, em que as cidades são Ninives, e os homens não sentem a contricção dos Menassés: possuam-se das esperanças, que sentira Achab, e David, quando azedavam no travor das lagrimas aquella perversa doçura do crime, momentaneamente convertido em remorso.

O remorso é, a um tempo, voz do crime, e chamamento de Deus: é o bem que suspira e geme abafado pelo mal.

Jesus Christo, em suas maximas, nos exemplos da sua vida, respira até á morte indulgencia e misericordia. O quadro, que ELLE nos deixou, foi o da sua misericordia, e não o da sua justiça. As parabolás da ovelha desgarrada, do filho prodigo, dos operarios da vinha, e do publicano no templo são lições de misericordia. Zacheu, a peccadora de Nahim, a mulher adultera, S. Pedro, e os judeus, que o crucificaram, são sublimes exemplos de confiança.

CAPITULO XX

● Pantheon



GRIPPA, valido d'Augusto, dedicou a Jupiter um templo, quando seu amo voltava vencedor do Egypto. Chamou-o Pantheon — honra a todos os deuses.

Os Cezares curvaram a frente, quando passara o estandarte da cruz, hasteado por Bonifacio IV nas cupulas do Pantheon.

O Jupiter *vingador* cahira deante da *humildade* de Jesus, e o cortejo dos deuses lubricos do paganismo soterrou-o a mão poderosa da civilização debaixo das peanhas em que hoje são adoradas as ephygies dos apóstolos.

No logar do idolo, que empunhava um feixe de raios, está hoje arvorada uma cruz, aonde o JUSTO, com a face inclinada, ensina aos homens, o triumpho pelas armas da humilhação.

Em Roma não ha Pantheon ha quinze seculos: esse tempo, cujo pavimento pizaram privilegiadamente os Cezares, como ultimo degráo da immortalidade, é hoje *Santa Maria dos Martyres*, abrigo de todos, genuflexo-

rio dos reis e do ultimo dos filhos da sociedade, que não deixa por isso de estar entre os primeiros filhos de Deus.

A França quiz um Pantheon. *Pompadour*, digna de muitas virtudes por algumas que teve, pediu a Luiz XV a reedificação do templo de Santa Genoveva. O rei chamou um architecto superior, e deu-lhe ampla liberdade para o mais grandioso plano.

Veio a onda de sangue de 1789, e borrifou o marmore das columnas, em que deviam pendurar-se os trophêos do Christianismo, na presença d'uma geração d'íngratos, que murmuravam contra a idéa que lhes dera uma civilisação. O cinzel revolucionario escreveu ahi estas palavras :

« Aos grandes homens a patria agradecida! »

Estes grandes homens eram *Voltaire*, *Rousseau*, *Mirabeau*, e *Marat*! *Voltaire* e *Rousseau*, que afiaram o punhal de *Mirabeau*, e *Marat*! Dignos commensaes no banquete dos vermes como o tinham sido no sangue da humanidade! Eram estes os Cezares aquem os Agrippas de 93, embriagados n'um festim de guilhotina, consagravam as vinte e duas columnas corinthias do templo de Santa Genoveva! Eram esses os *homens grandes*, que desceram ás catacumbas do Pantheon, em quanto as mulheres das praças, cá fora, coroavam a mulher d'um typographo, a *deusa da liberdade*, para espaiorecer saudades de *Marat*, que o punhal de *Carlota Cordai* fizera subir prematuramente ás honrarias gentilicas do Pantheon.

Veio depois Napoleão, homem de todo o mundo, mas até hoje um problema nos segredos de sua alma. Queria agradecer ao Deus dos exercitos as bandeiras que arrastara vencidas aos pés das suas legiões? Queria dar a sua ultima batalha contra o atheismo, reconquistando para o povo francez a moral perdida? Queria, como disse um jornal portuguez, arranjar na reacção religiosa um alliado, um amigo, e até um protector?

Napoleão restituiu ao culto do Christianismo a apo-

theose dos homens que lhe applanaram o caminho do seu capitolio. Com quanto a consciencia lhe dissesse que, sem *Voltaire* e *Marat*, *Bonaparte* seria sempre um official de artilheria, a razão, com o seu cortejo de circumstancias imperiosas, aconselhou-lhe a adoração de Deus no mesmo recinto em que se acatavam as cinzas dos *grandes homens*.

Quem devia prestar uma completa cortezia de gratidão ás ossadas d'aquelles *homens grandes* devia ser alguem que escalasse o poder, sem ardimento, sem soberania, mas atraçoadamente e pelos degráos do mais astucioso aviltamento. Foi *Luiz Filippe*, o filho do regicida, o symbolo da absoluta negação religiosa. Desde 1830 cerrou-se ahí o sacrario, e levantaram-se lapides para os infelizes, que apparecem sempre a offerecer a cabeça em defeza dos grandes criminosos. Ao menos o templo de Deus para esses que passaram da embriaguez da guerra civil a dormir o somno eterno n'um chão abençoado! Seja permittido aos que ficam na terra acreditar que o anjo do perdão ahí desceu a callar os labios dos que morreram vomitando imprecações. Mas, por ventura, o homem que subira victorioso ao throno profanado de S. Luiz, deixaria ao orfão e á viuva a esperanza de encontrar, uma vez, o pae e o marido? O reinado de Luiz Filippe resumio a philosophia escura e desconsoladora de todo o materialismo do seculo que o precedera.

Luiz Filippe passou, fugindo, ao sopé da columna onde subira *Luiz XVI*, na ultima hora da sua vida. Aquelle lance de vista foi o seu ultimo adeus á patria, que deixava contorcida entre as garras do tigre revolucionario. Desde esse momento era um homem digno de compaixão; e a compaixão dos homens é um presentimento da misericordia de Deus. *Luiz Filippe* é a historia como *Filippe d'Orleans*, como *Mirabeau*, como *Marat*; mas a piedade religiosa condoe-se de todos, e aparta-se da austeridade da justiça quando tem de contemplar os homens pelo prisma da caridade.

Veio, depois, um outro fructo do doloroso parto da revolução. A França republicana de 1852 tem um imperador em 1853.

Luiz Napoleão suppoz que o archanjo da paz chamára os francezes a uma existencia nova. Estudou a sociedade que lhe dava o sceptro, e viu-a fistulada até ás entranhas pela podridão da impiedade. Curvou o joelho deante da theara, e quiz que um raio da gloria de Carlos Magno reflectisse na sua coroa aventureira. Chamou o clero a juntar os tropheus dispersos da sua magestade antiga, mandou alçar a cruz no frontal de todos os estabelecimentos pios, que o materialismo córara com o falso polimento da philantropia. Fez-se um homem grande aos olhos de tantos, que esperavam d'elle um novo instrumento de severidade providencial. Á sombra da arvore, que produz os abençoados fructos da fé, Luiz Napoleão avulta-se-nos um gigante, uma reputação veneravel, um homem de boa vontade, em cujos hombros muita gente honrada collocaria o manto real, se a mão revolucionaria o despojasse d'elle.

Luiz Bonaparte restituiu o Pantheon ao culto da santa padroeira de Pariz. No dia 3 do mez passado as reliquias de Santa Genoveva foram pomposamente instauradas no seu antigo sacrario.

Quantos espectadores ahi estariam n'esse concurso espontaneo de catholicos, dos que viram caminhar para esse recinto o cadaver de *Marat* e os acutilados de 1830?

Poderiam elles prever que vinte annos depois um imperador de francezes acompanharia ahi a procissão, que solemnisava a restituição das reliquias de Santa Genoveva ao seu piedoso cinerario?!

CAPITULO XXI

Naturalismo

LES philosophos, estudando as leis que regem o mundo, proclamaram a natureza como primeiro principio de todas as cousas. Perguntados se prescindiam de Deus no seu systema, responderam que Deus existia, mas não intervinha nas theorias do mundo.

Outros philosophos, estudando individualmente a natureza no homem, admittiram um destino sobre-natural, mas negaram a graça, porque esse destino consegue-o naturalmente o homem, por força da sua condição.

O primeiro systema exclue Deus, porque, privando-o d'acção, importa o mesmo que negal-o.

O segundo nega a necessidade da graça.

Pelo que, o naturalismo, representado por qualquer d'esses dous systemas, implica a negação de uma verdade de primeira ordem, ou a subordinação d'um elemento principal a um elemento secundario. Logo, o naturalismo é um systema integralmente falso.

O pantheismo, o atheismo, a heresia pelagiana, o racionalismo são uma fôrma do naturalismo.

São duas as suas mais salientes physionomias ; uma é o systema philosophico ; a outra é a heresia.

Diderot definiu naturalistas os que admittem uma só substancia, dotada de attributos diversos, em virtude dos quaes tudo no universo necessariamente se executa.

E accrescenta, depois, que a sua doutrina é identica á dos atheus, dos materialistas, e dos spinosistas (1).

O naturalismo foi a religiãõ e a philosophia da antiguidade.

A natureza-materia e a grande alma do systema dos Induos, attribuido a Kapila, exclue a idêa de Deus. É o naturalismo.

A philosophia de Kánada fundamenta a theoria do mundo nos principios do materialismo, dignos de Epicuro. É o naturalismo.

O buddhismo é a emanação do Ente infinito nos entes finitos, onde o Deus-natureza incarna identificando-os. É o naturalismo.

E os cultos de Mithra na Persia, e o de Osiris no Egypto são o naturalismo, mais ou menos materializado por fôrmas exteriormente religiosas.

O naturalismo, á chegada do Evangelho, mudou de caracter.

O dogma catholico da creação explicava, quanto é possivel a homens, a origem das cousas. Deus imprime um impulso de vida aos seres, cuja possibilidade de existencia estava n'elle, desde toda a eternidade.

A doutrina da creação foi acccite por todos os philosophos, e todas as escôlas, afora a de Alexandria.

O naturalismo — diz um sabio — não fôra destruido, mas mudára de terreno. Considerou-se o homem em relação com a graça, proclamada pelo Christianismo.

(1) Encyclopedia methodica da philosophia antiga e moderna, art. Naturalistas.

A palavra « graça » tomado no sentido que lhe dá a theologia catholica, contém, na idéa que exprime, uma noção dupla. A graça está appensa á natureza humana, mas é independente d'ella.


A graça eleva-nos onde a natureza não sobe.
Negar alguma d'estas noções é negar a graça.

CAPITULO XXII

Carta

(1851)

Meu caro amigo.

 consolação bater ás portas do coração de um homem, e ouvir a voz da consciencia que responde ao chamamento da *virtude*. Esta palavra, F***, nos meus labios será uma profanação; mas no meu espirito é uma excellencia, um facho de luz, que pude salvar do sopro das minhas deploraveis tempestades. Não te desperte ella, pois, o sorriso malfeitor dos que não sentem a inspiração da caridade, que é a mais grata das santas virtudes do Evangelho.

Gostei da tua carta. Por entre os espinhos da incredulidade, vejo desbotar-se a flor da religião. Mandas-me buscar o abrigo da cruz, como extremo refugio d'um coração ulcerado. Capitulas-me de morto para as sensações terrenas, e applicas-me a religião como balsamo, que muito preciso me é, e que tu careces menos que eu. Erraste, amigo. Em quanto consideras a cruz

como refugio de espiritos afflictos, provas que és religioso pela crença; pezar devêras ter se o coração não tomasse parte n'essa espontanea confissão. Porém, meu amigo, vem comigo entrar na ultima analyse que faremos juntos a esta sociedade tantas vezes discutida por nós. Encaremos o amor por uma das faces que nunca lhe estudamos. Vejamos se nos é possível comprehender o grande prestigio que este nobre sentimento gozou nas idades mortas, quando tão saudosas e bellas circumstancias lhe aformozeavam a existencia larga, virtuosa, e sempre vivida e enthusiastica. O amor d'esses tempos rudes e ingenuos assentava n'uma base de virtudes sociaes, e estas eram filhas da religião. Os votos que então faziam dous amantes, no ardor de uma paixão desenfeitada e franca, eram testemunhados por Deus, a quem elles criam, e a quem invocavam para presidir ao juramento que devia alligar um dia duas existencias que se comprehendiam. Esses grandes dramas de abnegação e lealdade, que não são mentiras que a historia nos legou, mas heroismos que o coração adivinha, eram outras tantas virtudes christãs encobertas pelo magico véo d'um amor mundano; mas este amor, F***, era o reflexo d'um amor celeste; era o temor de Deus, sanctificando os actos da vida; era a alma, aspirando a eternidade, que divinিসava na terra a existencia que devia unir-se-lhe.

O amor que é hoje, meu caro amigo? Uma vocação dos sentidos, instincto de sociabilidade, apêgo ao bello ideal da terra para os que não conhecem o bello ideal do céo. Não penses que crimino os affectos: eu sei o que elles são na infancia; mas na infancia cega e preocupada, quando as portas do mundo se nos abrem, como um salão de fadas com os seus milhares de lampadas que nos cegam o entendimento. Se entre a mulher que nos fascina, e o coração que nos arde por ella, estivessem puras as nossas crenças em Deus, como encarariamos nós a mulher que nos faz estremecer de

gozo? Um anjo; mas não um anjo d'hoje, e mulher de amanhã, e demonio do futuro; não, meu amigo, um anjo de toda a vida, thesouro de virtudes que lhe dotára a magnificencia de Deus, pagina em branco onde teria-mos de escrever boa parte de nossa vida, e talvez o documento mais valioso d'ella na presença do Eterno! Não é assim a pratica d'este seculo contaminado. Entremos no tribunal da tua consciencia. Tu, que és poeta do coração, e que dizes sentir o que ha de mais ideal acima da existencia material da mulher — diz-me — n'essas elevações de espirito apaixonado subiste á grandeza de Deus, como quem busca no Creador a imagem formosa da creatura? Não. Eu sei como são esses arrobamentos de poesia mentirosa e vã! Sei como depressa se consomem os incensos lançados no thuribulo das paixões sensitivas, embora as nós queiramos espiritualisar no altar d'uma idolatria sem convicções... Ah! meu amigo, tu bem sabes o porquê d'esta minha triste sciencia do coração humano; tens ido de par com a minha existencia para que duvides d'esta desgraçada theoria. Como entramos nós no mundo, meu caro amigo? Com as idéas religiosas da infancia adormecidas, com o coração vasio d'aquella fé, que deixamos no berço, onde nos emballaram mãos de paes, que não podem depois encaminhar a nossa carreira por entre abysmos. E depois? O gozo absoluto, a satisfação das paixões sem o intermedio da virtude, a saciedade a tantas sêdes repetidas e sempre ardentes, derranca-nos o espirito, gasta-nos o corpo, corrompe-nos o coração, e deixa-nos o vasio das tristes desillusões, que é o mesmo dizer, das tristes descrenças em Deus. Segue-se a esta morte moral, este grito que todos soltamos, este grito que nossos avós não soltavam, esta voz unanime e terrivel: — *Estou gasto!* Não é *gasto*, é *corrupto!* A corrupção, que envolve a immoralidade e a negação inteira d'outros affectos além dos da terra, essa é a corrupção que esterilisa as mais ardentes aspirações d'um mancebo, que ap-

*

pareceu no mundo cheio d'amor, e não soube comprehender que todo esse amor não podia ser consagrado e gasto apenas com o mundo! F***, porque não repartes com o Creador uma parte desses candidos amores, que te enriquecem o coração? Porque não consideras a mulher virtuosa como um forte estímulo para que LHE sacrificques um d'esses extasis que te arrebatam por ella?

São horas de fechar esta carta. Deixa-me traçar-te em duas palavras a conclusão d'esta longa tirada de moral.

A existencia do homem é como a aguia que se embala na mesma columna de ar, e descança um instante, para depois erguer mais arrojado o seu vôo para o céo. A mulher é a creatura que deve doirar-nos essa existencia d'um dia, em quanto nos não obriga a rastejar-lhe pelos pés com esta face que devemos ter sempre levantada para Deus. Não ha homens gastos pelas paixões. Esta atrophia, que nos entorpece, é o corroer lento da incredulidade. Todo o amor assenta na virtude. Sem esta a paixão é uma mentira, que o dia de amanhã desenganará. Isto são maximas, meu amigo. Queres accreditalas? Lê a historia do mundo, desde o paraizo terreal até á morte do Redemptor. Estuda os homens desde esse dia até á tua intima consciencia de hoje.

Adeus. Teu do mais intimo da alma...

CAPITULO XXIII

Paradoxos da incredulidade



EDITANDO na concorrência prodigiosa dos trabalhos scientificos, em confirmação das crenças religiosas de nossos paes, uma bem amarga contrariedade penalisa o coração de quem medita.

A luz, que parece descer a todos os corações pela abundancia em que desce do céu, encontra, em muitos, resistencia pertinaz, negação furiosa, despreso sacrilego!

Nem o exemplo das pasmosas conversões, nem o testemunho authenticico de successos maravilhosos, nem a eloquencia dos milagres, que, em nossos dias, não movem, nem pungem aquelles para quem se operam, conseguiram ainda civilisar corações selvagens, que por ahi blazonam de afinada cultura!

Repugna accredital-o; mas é certo que o contumaz espirito do erro não se acobarda, na presença dos respeitaveis triumphos de CHRISTO, e pugna, não como Lucifer, contra a mão de Deus que o despenhára, mas, como filho ingrato, contra o espirito de Deus, que o

chama. O esforço do homem contra o homem, essa batalha íntima, que alvoroça a consciencia do incredulo, esse afanoso desejo de materialisar os affectos religiosos dos seus semelhantes, revelam a duvida, e não a certeza; o temor, e não a confiança; o tremor das consequências e não a solidez dos principios.

São tão diversos os caminhos que levam o homem a Deus!...

A anciedade do incredulo em augmentar partido; aquella vontade, que elle accusa, de acabar com Deus, e com o culto, e com a moral, não serão um brado continuo, que lhe grita na consciencia: DEUS EXISTE! E tantas são as conversões, que, por este brado, foram feitas! Tantos são os corações orvalhados pelo céu, ao sentirem-se morrer na sede de affectos, que a sciencia dos impios não poderá mitigar-lhes!... Quantos, buscando um formal desgano do seu destino no estudo dos mestres, que a impiedade divinisára, depararam a mentira do impio, a verdade do religioso, a existencia de Deus, a immortalidade da alma, a divindade de Christo, e a sentença da Eternidade?

Que importa para alguns o exemplo, o toque mysterioso, o abalo inesperado da consciencia, e a desgraça, que flagella a sociedade, perdida nos desvios da irrelição?

Na mente do Senhor é que se escondem as soluções d'estes problemas, que não decifra a humanidade, circumscripta na esfera limitada da sua razão. Lá é imutavel a vontade omnipotente, em quanto aqui a creatura, hoje rebelde, ámanhã submissa, caminha ao seu destino por veredas agora espinhosas, por estradas logo floridas, agitando o estandarte do erro, apregoando as verdades do Evangelho, gemendo sob o fardo de remorsos, sorrindo sob o pezo da sua cruz.

Pelo que, embora em volta da Cruz se agrupem milhões de amigos, embora o impio de hontem levante as mãos constrictas ámanhã para o Pae misericordioso, o erro

tem seducções, a impiedade tem o seu throno, e seus compendios doutrinarios, e seus apóstolos apparentemente convencidos da doutrina, que apostolisam.

Temos visto sustentado, pertinazmente, um paradoxo d'entre os muitos, que deshonoram seus inventores, e corrompem seus sequazes, tão ignorantes como credulos, tão faceis em crêr como incapazes de pensar.

Este paradoxo acha-se assim formulado, nos livros da philosophia alemã :

« A religião nada contribue para a pureza dos costumes. As opiniões dos homens nada influem sobre suas acções. »

Se assim é, racionalistas, que motivo vos afervora tanto em ensinar aquillo que vós chamaes « a verdade?! » Se as opiniões e os dogmas não contribuem para a bondade das acções humanas, que vos importa a vós que os homens sejam christãos ou atheus?! Prêgar a impiedade e ensinar a religião não será o mesmo absurdo?

Avaliemos a falsidade de uma tal maxima comparando os costumes dos adoradores do verdadeiro Deus com os das nações votadas á idolatria.

Nos livros de Moysés, especialmente no Genesis, e nas Lamentações de Job, poderemos ir pelos vestigios da sociedade primitiva. Ha uma grande differença entre os costumes dos patriarchas, e aquelles descriptos, na Byblia, entre os egypcios e chananeus. Abrahão é veneravel pelas suas riquezas, mas tambem o é pela sua virtude. Esta palavra, que os detractores dos sentimentos nobres reputam a formula d'um sentimento de convenção humana, já então, applicada a Abrahão, significava a regularidade dos costumes, o desinteresse, a justiça, a humanidade para com os estrangeiros, a fidelidade nos contractos, e a obediencia a Deus.

A familia de Labão, infeccionada de idolatria, não é semelhante em virtudes á familia de Abrahão. Que im-

portam as desordens, que, algumas vezes, denunciam máo character nos filhos de Jacob? É que o seu nascimento, e a sua educação, no seio d'um povo, inquinado de polytheismo, devia resentir-se dos costumes de Labão. O Egipto, depravado e corrupto, não poderia manter-se firme na tradição das antigas virtudes de seus antepassados.

Job revela-nos muitos crimes dos idumeos, adoradores do sol e da lua. As historias chinesa, indiana, romana, e grega pintam-nos suas primeiras assembleas, tribus das selvagens constituidas nações. Nunca as familias patriarchaes descerao ao abatimento da barbara ignorancia d'aquellas multidões.

Parece-nos escutar uma objecção mil vezes repetida: « Segundo vós, todas as antigas povoações reconheciam e adoravam o verdadeiro Deus, pois que o polytheismo não é a religião primitiva. »

Reconheciam-no, mas não o adoravam como a um só Deus. A revelação aos hebreus, por ministerio de Moysés, indica a desordem do culto, apenas guardado, na pureza da sua primeira revelação, entre aquelles patriarchas que o Eterno designára, como thesouros futuros das puras doutrinas. A pintura, que fez Moysés da corrupção dos cananeus, não quadra aos costumes israelitas. Este legislador vaticina ao seu povo queda egual á dos seus visinhos no lodaçal dos vicios, se desgraçadamente se vincularem com elles em sociedade. Moysés era propheta. As desgraças predictas realisaram-se; e os inspirados do céo, posteriores a Moysés, lamentando os infortunios d'Israel, fallavam da communhão de vicios, que o povo de Deus participara, associando-se aos filhos dos homens.

Os incredulos, porém, dos vicios do povo judaico argumentam contra a pureza dos seus costumes. Eis-ahi uma prova da depravação dos idolatras. Tivessem os judeus obedecido a suas leis, e nunca os prophetas reprehenderiam, na sua desventura, um povo, que

nascera feliz, e, por suas proprias mãos, abraçara a desgraça, filha do crime, imitando as desordens de seus visinhos. É tão visivel aqui o plano, que a Providencia entrega á execução dos homens, para que elles mesmos, á custa d'uma experiencia amarga e sensivel, reconheçam as verdades que a razão allucinada desap-prova!

O livro da *Sabedoria* observa que a idolatria era a origem, e o receptaculo de todos os crimes. Os que duvidam d'esta auctoridade, sagrada para nós, leiam o que disseram auctores profanos dos costumes das diferentes nações conhecidas, na época da apparição de Christo. Poetas, philosophos, e historiadores contribuíram todos para legar-nos um quadro perfeito das propensões, dos costumes, e do regimen das nações contemporaneas de Tiberio.

N'esta terceira época da revelação, a influencia da religião sobre os costumes é incrível, sem que a luz da sua divindade nos explique uma reforma tal nos costumes dos diversos povos do mundo. Não fôra tão cruel a resistencia, que venceram os primeiros apóstolos do Christianismo, se não fosse preciso refundir a humanidade para vasal-a nos moldes do Evangelho.

Não diremos aos incredulos, que cedam ao testemunho dos padres da Egreja, nem ás reflexões do *Discurso sobre a historia universal* de Bossuet, nem aos *Costumes christãos* do abbade Fleury. Busquem auctoridades insuspeitas, inimigas do Christianismo. Plinio, Celso, o imperador M. Aurelio, Juliano apostata, esses, sim, que o que tem de commum com os apóstolos, e com os martyres é serem seus perseguidores mais ou menos sanguinarios.

Plinio certifica, na celebre carta a Trajano, que, por confissão dos sectarios do Christo torturados, ou pela dos que apostatavam, nada descobrira, a não ser que os christãos se ajuntavam em segredo para honrar Christo como Deus, e se obrigavam por juramento a abster-se

do roubo, do adulterio, do prejuizo, de negar um deposito, de faltar á sua palavra, etc... Que elles — accrescentava o pretor da Abyssinia — comiam em communidade uma innocente refeição, e fecharam suas assembleas, apenas lhes foram prohibidas. (L.º 10. C 97.)

Celso confessa, que, entre os christãos, existiam homens moderados, sabios, intelligentes, e sobrios. Não tem um crime a reprehender-lhes, senão a sua recusa em adorar os deuses, e reunirem-se, contra a lei, e procurar persuadir suas doutrinas a jovens inexperientes e ignorantes. Deixemos Celso confessando a *sabedoria e intelligencia* dos christãos, e ao mesmo tempo a *ignorancia e inexperiencia* desses sabios, e consultemos o imperador Antonio no seu rescripto aos estados da Asia.

Reprova aos pagãos obstinados tamanha perseguição contra os christãos: que estes homens, cuja morte pedem, são mais virtuosos que elles. Faz justiça á innocencia, character pacifico, e coragem dos christãos: prohibe matalos por causa de religião.

Juliano elogia-os em muitas de suas cartas. Censura os pagãos, por menos caridosos e virtuosos que os galileus, Diz que a impiedade d'estes se fizera acreditar no mundo pela hospitalidade, pelo zelo em sepultar os mortos, pelo regramento da vida, e pela apparencia de todas as virtudes. « É vergonha — diz elle — que os impios galileus, além de seus pobres, sustentem ainda os nossos por nós abandonados! » Queria elle introduzir entre os padres pagãos a mesma disciplina e regularidade dos padres do Christianismo.

Luciano admirando a caridade, fraternidade, coragem, e innocencia dos costumes christãos, escreve: « Regeitam, com constancia, os deuses dos gregos: adoram, apenas, aquelle sofista, que foi crucificado; regulam seus habitos e acções por suas leis; despresam os bens da terra, e põe-nos em commum. »

Dos fragmentos de Porfirio, Jamblico, e Hyerocles,

e de outros philosophos inimigos do Christianismo, não deduzimos uma frase que condemne os costumes christãos. Aos olhos de todos os philosophos pagãos, os sectarios de Christo eram indignos, e perseguidos, e mortos por seguirem Christo. Não é bem pasmosa a impudencia dos modernos inimigos dos christãos, que vituperam a memoria dos primeiros martyres, e desmentem os historiadores contemporaneos d'estes, asseverando que as assembleas christãs eram focos revolucionarios contra a ordem estabelecida no imperio romano, e contra o legitimo dominio dos Cesares?! Por Deus! que elles não amam a religião do Crucificado mais que os Cesares!...

A não ser a virtude, que attractivo chamaria um pagão ao seio do Christianismo? Comparando a indole d'esta religião de sacrificio, com as praticas do paganismo tão querido das paixões, vêr-se-ha, que para abraçar o primeiro, e repellir o segundo, era necessaria uma miraculosa mudança no coração do convertido. O paganismo ensinava que o mundo era governado por multidões de genios viciosos, inimigos entre si, caprichosos, indifferentes ás virtudes, mas vaidosos dos sacrificios de sangue tributados pela humanidade. Era licito supplicar aos deuses, mais devassos que o supplicante, os meios de satisfazer uma paixão criminosa. E' que os philosophos tinham decidido que a virtude não era dom da divindade mas uma vantagem, que o homem podia dar-se. A parte mais cultivada do paganismo era a impudicia, o sortilegio, a magia, os agouros, e a effusão do sangue humano. Mandassem regrar os costumes, e formar o coração com taes costumes! E, comtudo, os *iluminados*, que abriram os olhos á luz do seculo XIX, dizem-nos, em tom de mestres, que a religião nada influe nos costumes da humanidade!

O Evangelho disse ao homem que um só Deus, infinitamente santo, sabio, e justo, creára o mundo por sua palavra, e com ella governava o universo desde o homem, creatura immortal, até ao insecto, que rasteja no

pó; desde a myriade dos astros, que rolam nas alturas, até ao grão d'areia, que se perde nos abysmos.

O Evangelho disse ao homem que este Deus é incapaz de não punir o crime, e deixar sem recompensa a virtude: que seu culto não consiste em vans ceremonias, mas em sentimentos de respeito, amor, confiança, obediencia, e gratidão.

O Evangelho disse ao homem, que a caridade era a mais sublime das virtudes, e que a migalha de pão, esmolada em nome de Jesus Christo, não ficaria sem recompensa.

O Evangelho disse ao homem que abençoasse a Providencia quando as afflicções lhe arrancassem lagrimas, pois são ellas a expiação das culpas, o crysol onde as virtudes se purificam, a repressão das paixões indomitas, e a pedra de toque para avaliarmos as afflicções de nossos irmãos.

Os pobres, que d'antes haviam sido julgados objectos da colera divina, foram chamados pela voz do Evangelho a um banquete d'irmãos com os ricos.

Cahiram as barreiras que separavam o barbaro do grego. Roma não mais zombou do peregrino, sem honras de cidadão romano. O judeu e o gentio sentaram-se no mesmo agape a saborear o pão da caridade. Os heroismos da caridade brilharam então sobre a face do mundo, como resplandores da lampada, suspensa na Cruz, onde o Redemptor agonisára. Nas calamidades publicas, os leprosos infieis apoiavam a face pustulosa no seio dos christãos. D'estes alguns venderam a liberdade para resgatar seus irmãos captivos. O pagão baptisado, deixou de arrastar-se debaixo do pezo d'ignominia, que, na situação de escravo, o paganismo lhe cuspira na face. Não mais o infeliz foi atirado aos amphiteatros para passatempo das multidões, sequiosas de rir-se com os labios humidados de sangue.

A polygamia e o divorcio foram proscriptos, ou reprimidos. O poder paterno, d'antes illimitado, prescreve-

ram-no as leis sob as formular que a razão aconselhára. Razão, essa palavra de guerra nas modernas batalhas do arbitrio com a fé, dêsconhecera-na os pagãos, quando cederam ao pae o poder de matar seu filho, se uma venda prompta o não indemnissasse do trabalho de collocar-o no mundo. O despotismo dos imperadores abateu consideravelmente, e o proprio Constantino, chamado por Deus a empunhar o facho civilizador, prescreve rigorosos limites ao seu poder, receando a crueldade de seus successores.

« Devemos ao Christianismo — diz *Montesquieu* — no governo, um certo direito politico de guerra, e um certo direito das gentes, que a natureza humana não seria capaz de reconhecer. » A estas vantagens, que uma supina ignorancia não ousará negar, juntemos as da sociedade civil, a confiança reciproca do commercio, e uma esfera de liberdades e prerogativas, que sabermos bem apreciar, se nos compararmos ás nações privadas da civilisação evangelica. Esta revolução abrangeu todos os climas, onde o Christianismo cedo ou tarde respirou seu habito de vida.

Que é d'esses principios que auctorisam a absurda consequencia impugnada n'este artigo?

Que religião é essa, sem influencia nos costumes das nações?

Debaixo do céo, onde está o povo cujos costumes realcem mais em civilisação que os d'aquellas nações, onde impera o Christianismo?

Meditem os « philosophos » a mentira, na solidão de seus gabinetes, que os viajantes tomarão a seu cargo desmentil-os.

CAPITULO XXIV

Domingo

O boi não póde trabalhar nove dias seguidos ; no fim do sexto seus mugidos parecem pedir as horas marcadas pelo Creator para o repouso da natureza.

CHATEAUBRIAND.



Não ha providencia mais caridoza, irrisoriamente fallando, que a dos philosophos politicos ! Vista mais penetrante, e que mais ao longe descortine a sonhada felicidade do povo, tambem a não ha ! Digase sinceramente, que esta magica philosophia de nossos dias não inveja nada aos famosos prodigios da pedra philosophal !

Viram os philosophos, no estabelecimento do domingo, uma lei prejudicial aos interesses do povo.

O repouso do setimo dia fôra instituido por Deus, e respeitado pelas gerações até nós. Era necessario por tanto declarar prejudiciaes as leis do Eterno ! Declararam prejudicial o domingo. Invocaram os respeitaveis

direitos da humanidade para abrogarem a lei odiosa do domingo. Chegaram mesmo a abolir o legislador, para que a lei perdesse o character divino que lhe fizera lavar raizes na sociedade.

Proclamaram tyranna a lei que impunha o descanso ao corpo, e lembrava ao espirito as obrigações da creatura para com Aquelle, que dera seis dias ao homem, e reservára um para si.

Proclamaram defeituosa a sabedoria de Deus, que não previra uma outra sociedade, com outras necessidades, muito diversas d'aquellas para quem a lei do descanso e do culto dominical fôra instituida.

É que os homens, auctorisados na correcção do decalogo, e do evangelho, profundaram com mais sciencia as necessidades humanas, e modificaram convenientemente o codigo divino, incompativel com o adiantamento das cousas e das pessoas.

Deus, dando ao homem a lei do trabalho, estabeleceu o principio fecundo dos desenvolvimentos da industria e da riqueza : mas a philosophia politica não comprehende que o homem deponha o laborioso instrumento, com que exerce a pezada condição da sua existencia, e levante as mãos agradecidas Aquelle, que mais imperiosa lhe fizera a obrigação de agradecer os beneficios recebidos. O philosophismo não se dá á penosa tarefa de saber se a vida futura tem alguma relação com os actos da vida presente.

É que o preceito dominical não tem em si o profundo sigillo da eternidade; e a eternidade não apresenta sensivelmente a justiça de Deus. São tudo palavras para os philosophos, e palavras que soffrem correcção com os tempos.

É falso que o repouso do domingo prejudique os interesses do *povo*. Cessem de jogar atraçoadamente com essa palavra, por que o povo tem a consciencia do valor que lhe dão.

O homem não pôde trabalhar sete dias sem repouso,

quando n'esse trabalho são as forças phisicas que predominam. As consequencias funestas, que provém do trabalho não interrompido, se não são immediatamente sensiveis, manifestam-se depois nas graves doenças da velhice, em que as despezas para paliar a existencia redobram os lucros, que o operario tirára da transgressão do preceito.

Um escriptor francez observou que as manufacturas das fabricas, em que o repouso do domingo era desprezado, sahiam inferiores em qualidade áquellas, que sahem de estabelecimentos onde o domingo se observa no rigor do preceito.

Como viviam os povos antes d'este prurido reformador?

Eram menos os pobres; e, com tudo, não podia ser mais austera a observancia dos domingos e dias festivos. A fé e a caridade eram então os magestosos preceitos da philosophia christã. Os homens não se afadigavam em crear sentimentos novos, que substituissem os de impressão congenial no coração da humanidade.

Em França adoptaram em algumas fabricas a segunda feira como dia de descanso. Esse dia é o da libertinagem. Não ha Deus a quem adorar, por que o dia da oração era o domingo, e esse foi abolido por uma philosophia que, no entender do artista, rigorosamente soube o que fez, por que fez o que a sciencia lhe mandou. Os ternos vinculos de familia, dôce liame, que tão jubiloso tornava o domingo do artista, quebrou-os a immoralidade do atheismo, por que — não haja pejo em diz-lo — o homem, desembaraçado de Deus, é incapaz de preencher as condições de espozó, de pae, e irmão, de amigo, e de cidadão.

« Os operarios habituados a violar as leis de Deus e da Egreja — diz Puymirol — perdem a moral, consomem a segunda feira nas tavernas, nas cazas de jogo e lupanares, e com o tempo consomem os lucros da semana, e sua immoralidade faz perder aos patrões o ganho, que esperavam receber do trabalho do domingo. »

Na Inglaterra, Suissa, e Estados-Unidos, tantas vezes citados como modêlos da liberdade religiosa, todos os estabelecimentos se fecham ao domingo, e seria gravemente punido qualquer negociante que exercitasse um pequeno trafico n'esse dia. O espirito imitador das franquias politicas d'essas nações cultivissimas, com que habilitações forceja tomar-lhes o passo no aniquilamento da herança de fé e respeito á divindade, que nos legaram os homens christãos, e fortes, e felizes d'esta lastimavel terra! Não basta correrem parellhas no caminho do progresso? É forçoso darmos o espectaculo de mais avançados na nossa grosseira ignorancia? Devemos ser impios forçosamente, antes de conquistarmos a gloria de civilisados?

A sociedade não pode subsistir sem religião. Destruir a sociedade é ir de encontro ao edificio religioso, deruindo-lhe os preccitos que constituem a sua observancia. A permissão legal de trabalhar ao domingo, é ministrar legalmente ao povo o veneno do desconceito pelas ordenações de Deus, e disciplinas ecclesiasticas. Suppondo até que certas localidades soffressem com a prohibição do trabalho no domingo, a resignação ás leis da Providencia é a mais sublime expressão de acatamento que a humanidade presta ao seu Creador. A historia convence-nos das indemnisações temporaes, que os povos recebem sempre dos sacrificios feitos á religião.

O *progresso* é o sinete que marca o cartel da philosophia moderna em duello de morte com as instituições do passado. Falla-se em industria, em actividade, em aperfeiçoamento material, como se o genio do artista carecesse de não interromper a sua applicação para hombrear com as artes das nações visinhas.

Inglaterra, onde é ocioso lembrar o progresso industrial, as officinas fecham-se ao domingo, e os artifices entram no templo, e prostram-se reverentes diante de Deus, que lhes dera seis dias de saude para o trabalho, e um de repouzo para a oração.

Caprichar em destruir, sem elemento algum para edificar, é um pessimo entretenimento com as nossas agonias, é uma ironia amarga, com que a sociedade costuma punir, quando Deus a constitue instrumento de punição.

O Prelado d'esta Diocese, pedindo ás authoridades civis a prohibição de vendas ao domingo, cumpriu uma obrigação das muitas que o governo lhe cerceou, ou que s. exc.^a não tem a precisa coragem de cumprir. A imprensa das liberdades licenciosas veio á rua com uma censura, e pediu audaciosamente a razão porque os estabelecimentos se fechavam. O *Portugal*, respondeu devidamente ao interrogatorio pueril, e confrangeu-se de ver a má fé com que depois lhe retorquiram. O articulista, precisamente insufficiente para entrar na questão séria do preceito dominical, declarou-se racionalista, porque a sua razão lhe inspirou aversão ao repouzo do domingo, e não comprehendeu o fervor da oração n'esse dia santificado.

Em religião, é assim que os philosophos rematam os seus litigios (1851).

*

CAPITULO XXV

Abbadessados

Os velhos costumes, que as leis novas não destruíram, corrompe-os a immoralidade, e melhor fôra que as leis os destruíssem d'um golpe, para que a corrupção os não gangrenasse lentamente.



OM este pensamento nos retiramos do outeiro, que, segundo o uso, se deu no mosteiro de religiosas dominicas em Villa Nova de Gaya, por occasião de eleger-se a Prelada.

Sahimos com o coração magoado. Viramos a chamada geração nova, com toda a sua generosidade, com toda a sua proverbial cortezania, aguçar o insulto nas rimas chasqueadoras para despertar a hilaridade nas turbas, e accender a vergonha na face d'aquellas senhoras, que vieram alli áquellas janellas dar-se em lastimavel espectáculo.

Antes de mais, é força dizer, que ouvimos poetas, que mantiveram sempre o decoro da sua missão, a honra

do seu talento, e o respeito devido ás senhoras que se mostravam complacentes em escutal-os. Algum, fadado não sei por que musa folgazan e chistosa, fazia que os seus garridos versos fossem desceçados, porque a sua graça estava no trocadilho engenhoso, no equívoco picante, na facecia espirituosa, mas abstinha-se da torpeza nauseante e repulsiva.

Não o nomearemos : aos do Porto é bem conhecido o seu nome ; e aos de fóra não lhe interessa conhecer este, sem conhecer o constraste que de certo lhe não diremos.

Outros poetas, rarissimos, dous talvez, ouvimos nós. O applauso que os victoriava era frio, e preguiçoso, como uma forçada admiração d'um parvo, que quer fingir intelligencia. É que a decima, ou soneto recitado continham idéas, e idéas sérias, e verdadeiramente modeladas segundo a arte, e segundo a decencia, duas vezes respeitavel n'aquelle local.

O resto não póde imaginar-se o que era, sem imaginar o desvario de uma duzia de ebrios, de intelligencia mediana, recitando trovas a êsmo segundo a inspiração devassa do vinho e da libertinagem.

Na primeira noite, as religiosas presentiram o que devia succeder ; e retiraram-se das janellas.

Na segunda appareceram, porque alguem as fez confiar na « civilização » e na « civilidade » da mocidade talentosa. Enganaram-nas.

Na terceira foi numerosa a concorrência de ouvintes, que se retiraram envergonhados, porque estavam ali familias.

No oitavario os licenciosos podiam vozear livremente, porque eram elles, e quasi só elles os que se ouviam e applaudiam.

As leis innovadoras não aboliram o uso dos outeiros, mas a desmoralisação dos poetrastos está provando que a lei não andou bem n'esta omissão, porque esta época tem organização especialmente sua, e os outeiros de ve-

lhos tempos não podiam co-existir com a sociedade nova.

Da parte das senhoras religiosas é que deve, d'ora em diante, vir o embaraço para que um acto semelhante se não repita. É facil a medida preventiva. Imaginem que as tres noites de outeiro são tres noites como todas as outras do triennio. Festejem a sua Prelada, no recesso e alegrias de sua communitade, e não permittam que a sua eleição venha ser incentivo para zombarem em verso os que nunca fallaram em prosa n'um circulo de pessoas melindrosas.

CAPITULO XXVI

● Bardo irlandez

(EXTRACTO)

§ I



QUANDO a sombria noite desce nas margens d'Antrym, e que as grandes columnas basalticas da Calçada dos Gigantes simulam ao longe os raios da lua, que se projectam nas aguas escumosas do mar do Norte, uma voz triste e melancolica suspira nos eccos d'essas praias solitarias. Será o canto lastimoso d'uma ave estranha, perdida n'essas plagas, que suspira saudosa pelas arvores, e grãos nutridores da sua patria? Esta dôce e tremula harmonia, que se ajunta ás frescas brizas da noite, e que se perde nos longinquos valles, é a voz d'um espirito ou o ruido do vento que suspira, escoando-se nas fendas da gigantesca columna de lavas?

§ II

É a voz d'um filho da viçosa Erin, a voz sancta do

poeta que geme assim no silencio da noite. Como o bardo antigo, assentado sobre rochedos que as vagas escumosas vem cobrir, e comprimindo ao seio a harpa gauleza que outr'ora festejava a Irlanda, conta em vozes melodiosas cousas passadas e misérias presentes da nobre terra, sobre a qual a sombria e fanatica Albião fez germinar a miséria e o captiveiro. Oh! a miséria de tuas ferteis entranhas, nobre mãe de tantos homens bravos! A escravidão para ti, bella e nobre Erin! para ti cuja fronte livre se elevava entre as nações, radiante do sagrado signal da Redempção, e carregada dos louros de cem batalhas!

§ III

Ah! assim o quiz o Senhor n'esses tempos remotos, em que o rei d'Anjou, acompanhado de seus barões normandos, vestidos, de malha, com grossa espada em punho, veio reclamar como dominio seu todo o paiz desde o cabo *Malin* até ao cabo *Clear*, desde as margens ferteis do Shannon, até ás costas selvagens do Antrim. Desolação! desolação! E foi um pontifice romano, um saxonio, cujos paes os normandos perseguiram, que te entregou ao furor dos normandos, minha Irlanda querida! Adriano, servo dos servos de Deus! que o Senhor te perdôe o breve sanguinolento, que, n'um momento d'erro, dirigistes a Henrique d'Anjou, dizendo-lhe: « Toma a Hibernia com os seus povos: dou-t'a pelo dinheiro de S. Pedro... »

§ IV

Assim como o filho do homem foi vendido pelo apostolo infiel, tambem, nobre Erin, tu foste entregue pelo pae commum dos fieis, tu, tão religiosa e terna! E tu devias tambem soffrer a tua cruz n'este mundo, devias ser calcada aos pés de soldados grosseiros, exposta ás injurias da população, e devias muitas vezes molhar teus labios

pallidos e moribundos no calice da amargura : foste escolhida para uma segunda expiação ; e, no meio de teus soffrimentos, levantaste para o céo teus olhos humidos, buscando ahi coragem e esperança!

§ V

Oh ! quantas vezes, apoz estes dias de lucto, não chorou a Egreja sobre ti, cuja voz supplicante, desgraçada Irlanda, se elevava para ella do seio do abysmo do mal, onde foste lançada ! Suas lagrimas misturaram-se ás tuas ; suas supplicas subiram com as tuas ao throno do Eterno, e um pensamento de futuro cahiu sobre tua fronte pallida, como um doce raio de sol de primavera faz germinar a flôr odorifera no cimo de tuas nevadas montanhas.

§ VI

E, comtudo, a Irlanda não cahiu como o pinho vecejante sob o machado do rachador : levantou-se tremula de cólera, quando os cavallo normandos rincharam nas suas encostas, quando as bandeiras inimigas se desfraldaram nas suas collinas. Era preciso que um de teus filhos, de braço forte e nervoso, se revoltasse contra sua mãe, para que dobrasses o joelho diante d'um suzerano, minha querida Irlanda ! Vergonha eterna sobre teu nome, rei de Laghoniagh, Dermot, filho de Morrogh ! tu, cuja voz sacrilega chamou o estrangeiro em teu soccorro, porque, muito debil contra um bravo rival, não havia ahi na tribu bastantes espadas que se desembainhassem por ti. O covarde ! . . .

§ VII

Não ! a Irlanda não desceu sem gloria ao abysmo profundo da desgraça ! bravos filhos morreram por ella ; e muitas vezes viu fugir á sua espada victoriosa o inglez

aterrado ; muitas vezes um grito de cólera e de liberdade retiniu nos eccos das suas montanhas ; muitas vezes a voz do seu povo mugiu como o oceano ao sentir a tempestade ; e então, Albião, teus lords orgulhosos, ministros infieis e corruptos da tua fé morta, teus ávidos traficantes, teus soldados mercenarios estremece-ram. Já elles julgavam vêr a harpa irlandeza sobre os velhos pardieiros da torre de Londres, acompanhando um canto de morte !

§ VIII

Albião, que fizeste de tua irmã, a bella e nobre Erin ? Agarraste-a pelas suas longas madeixas, espancaste-a no rosto e no coração, bebeste seu sangue, saboreaste suas lagrimas, riste dos seus gritos d'angustia, contem-plateste com sereno olhar a lepra da sua miseria. E quando, esquecendo teus crimes e tuas crueldades, a pobre Erin te pedia compaixão, e te dava palavras de amor, tu respondias-lhe com palavras d'odio : uniste longos e pesados anneis á cadeia de ferro com que algemaste seus membros partidos pela tortura ; foste insensivel aos infortu-nios, cuja historia faz chorar as mais remotas nações ; e, rindo, como Satanaz, no meio do luxo mentiroso que te cerca, pediste ouro !... Ouro para teus nobres senho-res, para teus galhardos representantes, cuja consciencia tem um preço como as especiarias da Índia ; ouro para ti que envelheces e tiritas sobre um monte de ouro !

§ IX

Olha, Inglaterra, tu serás derrubada de teu carro como o impio Antiocho ; serás chibatada como Helio-doro ; chorarás solitaria no seio dos mares, como Vene-za que foi grande e cruel como tu. O Senhor ha de apiedar-se dos desgraçados que fizeste ; ha de passar por ti o vento da sua cólera, dispersará tuas frotas, e en-cherá teu seio d'um mysterioso terror ; tua voz impe-

riosa tornar-se-ha mais impotente que o hálito ligeiro da viração que estremece apenas as petalas fanadas das flores da roseira silvestre. E ninguem te carpirá; nenhuma oração irá por ti ao céo irritado... e uma voz inflexível te perseguirá nos teus dias sem sol, nas tuas noites nevoentas, gritando em toda a parte: « Inglaterra, que fizeste de tua irmã, a formozza e nobre Irlanda? »

§ X

Perdão, perdão, Senhor! se estas palavras amargas sahem da bôca do poeta como as ondas irritadas das torrentes que vão engrossar as aguas do Shannon; é que elle ama ternamente sua mãe, e sua mãe tem chorado muito!... é que o pranto não consola; é que a paciencia não cura o coração que soffre... é que ha miserias muito grandes para tuas creaturas... Mas, porque duvidar, ó meu Deus! de tua justiça e de tua bondade? Tu só perdoarás áquelles que perdoam... Pois sim! que Albião prospere, mas que Erin seja livre! Oh! tu perdoarás, Senhor! se uma voz irlandeza te exclamar: Deus salve a Inglaterra! Nosso Pae que estaes nos céos, compadecei-vos da Irlanda catholica e resignada; que suas lagrimas e miserias sejam postas na balança de vossa justiça, e desçam sobre suas collinas dias de bonança!

§ XI

Ó mãe dos sanctos e dos heroes, minha Irlanda querida! o teu poeta que canta nas sombras da noite tua cólera e tuas esperanças, te pede aos eccos das praias d'Antrym; vem visital-o em seus sonhos do futuro; vem como uma apparição bemfazeja realisar o seu pensamento d'amor e de sacrificio. Oh! não és tu, minha mãe, que ajoelhada na praia pedes ao Senhor teu Deus por teus filhos? não és tu a carregada de ferros que comprime no seio a cruz do Salvador? Salve! minha nobre mãe!

§ XII

Oh! como és bella ainda, meu amor, na tua dôr sublime! Que viva e santa esperança brilhe em teus olhos que procuram no céo um refugio para tua miseria! A briza ondula tua longa trança, e as vagas languentes do oceano vem molhar as fimbrias da tua candida tunica. Uma santa e extatica harmonia te rodeia, porque a desgraça é sagrada... A pallidez de teu rosto attesta os teus longos soffrimentos, mas que delicioso sorrir vem estremecer teus labios!... Não são as melodiosas palavras d'um hymno de esperança, que misturas ternamente aos accordes da minha harpa, até ao momento em que o sol, descendo sobre as praias solitarias, acaba o sonho do poeta?

Então desaparece tudo, excepto a sua dôr! e os ultimos accentos da sua voz vão levar aos mais remotos eccos estas palavras, que o Senhor ouvirá: Irlanda! Irlanda! que Deus te proteja!

CAPITULO XXVII

Que ha de commum entre o regicida de Izabei II, e o jesuita?

(1852)

Aquelle que justifica o impio,
e aquelle que condemna o jus-
to, ambos são abominaveis dian-
te de Deus...

Prov. — 5.



Não julgues ligeiramente o teu proximo — diz o Ecclesiastes — porque os juizos precipitados são sempre signal d'um coração leviano.

O christão, sem faltar a este preceito, póde julgar que o espirito do egresso Merino era entranhadamente perverso, e que mãos instinctos, aguçados por más doutrinas, lhe deram ao coração a coragem do reprobado, e ao braço a ousadia cruel do assassino.

Para tal homem, se rebelde ao espirito da penitencia, e ao pungimento do seu crime, não ha a esperanza do perdão na terra, nem a misericordia no céo.

É lamentavel aquella frieza selvagem e extraordinaria,

com que Merino, á porta da eternidade, responde ás perguntas que lhe fazem juizes, que depois o condemnam a garrote vil!

Nem uma lagrima de piedade por si, que vae, alma tingida d'um sangue innocente, apresentar-se perante aquelle que dissera :

« O que tratar seu irmão com desprezo . . . será cita-
« do perante o tribunal do Juiz Supremo e condemnado
« ao fogo! » (S. Mat. C. 5.)

Ai d'aquelle que levou o ferro ao coração de seu irmão, e setenta vezes sete vezes perdido o que tentou contra a vida do seu rei! O apóstolo dissera, em nome do Filho de Deus, que toda a auctoridade vem do Deus Altissimo, que sobre a terra, por sua providencia, a estabeleceu; e assim os que resistem ás potestades, resistem á ordenação de Deus, e a si mesmos chamam a condemnação! . . . (Epist. aos Rom — 13.)

A nós, christãos, que adoramos os mandados do Senhor, pertence-nos lamentar a perdição irremediavel do condemnado, se é que nos seus ultimos instantes, lá dentro n'aquelle coração de propensões atrozes, não rebentaram lagrimas constrictas d'um crime imperdoavel na terra . . . Quem sabe?! . . . « O homem é somente capaz de julgar pelas apparencias, e Deus é o unico, que pode sondar os corações e penetrar os pensamentos. » (Liv. 1.º dos Reis. 16.)

Porém, nas suas horas derradeiras, o regicida ostenta impassivel coragem! Apavora ouvir Merino, quando o interrogam! Se lhe perguntam a que ligações estava sujeito para compromisso tão sanguinario, responde: « Eu era só: se houvessem mais doze como eu era feliz o genero humano! »

Feliz . . . porque? É elle que responde: « Desde o primeiro até ao ultimo rei todos são tyrannos. A Europa não estará em paz, em quanto não fôr livre de semelhantes monstros! »

Com que alma cravara elle o ferro no seio d'uma se-

nhora, mãe excellente, e christã piedosa, que offerece seu filho á Virgem Santissima? « Hia — responde elle — lavar o opprobrio da humanidade, vingando-a, quanto estava em sua mão, da nescia ignorancia dos que pensam, que é felicidade aturar os reis! »

Na mão d'esse máo homem não havia força mais atroz que a do punhal! N'aquelle espirito não haviam melhores doutrinas que as do regicidio! N'aquelle coração estava apagada a luz da piedade pelo sopro maldito d'este seculo perverso.

Quem leyrou aquelle homem áquella situação singular entre os réos de nefandos attentados?

Deus os fará passar em volta do condemnado, como essas larvas que perseguem n'um sonho tormentoso o espirito do que apunhala o seu irmão, o seu rei, e o seu bemfeitor, talvez!

Antes d'esse dia, que será o ultimo do *tempo*, além do qual se abre o infinito dos castigos e das recompensas, ouviremos vossas exclamações, homens que calumnias, impassiveis como Martin Merino cravando o instrumento da morte no seio de uma mulher.

Temos ouvido os vossos clamores estridorosos nos jornaes; outros os ouvem nas praças; e ao Deus das justicias compete julgar o assassino, e os seus juizes.

Chamais á barra Jacques Clement, e Chatel, e Mariana, e Malagrida, e Ravailac! Sabeis que homens esses foram?

O CHRISTIANISMO vos dirá, o que elles deviam ser na vossa opinião, se a nodoa do orgulho e da impiedade vos não cegasse o entendimento. Vêl-os-heis a seu tempo definidos, e pedi-nos então contas, que vol-as daremos com humildade.

Citaeis, todos ao mesmo tempo, quatro nomes, que a historia francamente vos emprestou; porque não citaes Cromwel, e o duque d'Orleans, e Mirabeau, e Robespierre, e Marat, e os successivos regicidas de Luiz

Filippe? Carlos I valeria menos que Henrique III? Luiz XVI seria menos rei que Henrique IV?

O assumpto é repugnante para aqui; mas a calúnia é reprehensível em toda a parte. O jesuita prostra-se diante d'uma cruz arvorada entre as tribus do mundo selvagem, em quanto Martin Merino proclama as theorias do regicidio com as mãos ensanguentadas da execução.

A vossa calúnia é reprovada por Deus, e não fere a sendalia do jesuita.

As vossas imprecações são o vociferar da Synagoga, que a espada da justiça arrasou no dia predito pelo propheta.

O jesuita virá entre vós, e as suas palavras serão de benção sobre os vossos fructos malditos!

Assim viesse para vós o dia do arrependimento como ha de raiar para elle o dia do triumpho.

A sua causa é a de Deus. A vossa... é a que se proclama com estas palavras significativas:

Acabemos com *as hordas cossacas de Roma* (*Jornal do Povo.*)


Isto escreve-se n'um paiz catholico!

« O dia da eternidade muito breve amanhecerá para nós... (1) »

(1) S. Paulo — aos Rom. — 48.

CAPITULO XXVIII

A rainha dos céos na presença dos humildes da terra

 M 1846 chegou uma nova maravilhosa ao paço episcopal de Grenoble (em França). Dizia-se — que, no dia 19 de Setembro do mesmo anno, MARIA SANTISSIMA, descêra sobre uma montanha da cadeia dos Alpes, na parochia de Salette, e ahi fallára a dois pastores. O rumor, que geralmente vagava sobre o assumpto da pratica, que a Santa Virgem tivera com os pastores, era a predicção de desgraças que ameaçavam o povo, principalmente por causa das blasfemias, e profanação do domingo. Dizia-se mais, que a soberana dos céos revelára a cada um dos pastores um segredo com prohibição de o divulgar.

Esta narrativa, assim perfumada de uma certa candura popular, foi recebida pelo prelado da diocese, senão com absoluta incredulidade, ao menos com a necessaria desconfiança em novidades de tal momento. O bispo de Grenoble, como elle excellentemente diz na sua pastoral de 19 de Setembro de 1851, sabia que a religião de Jesus Christo não carecia d'este factò particular para

*

estabelecer a verdade de mil outras aparições sobrenaturaes.

Guardou silencio, e silencio de cinco annos. Porém, vejamos os successos decorridos n'este intervallo de tempo.

Homens de boa critica, e desprevenidos de superstição, diziam que era impossivel uma combinação entre duas crianças ignorantes, que apenas se conheciam: notavam a constancia e firmeza do seu testemunho, nunca desmentido diante da justiça humana, nem diante de milhares de pessoas, que esgotaram todos os meios de seducção para os fazerem cahir em contradicção, ou para obter a revelação dos seus segredos. Estes mesmos juízos manifesta-os o prudente prelado na sua pastoral, mas, não obstante a auctoridade que os fazia attendiveis, o digno successor dos apóstolos tremia de faltar á prudencia recommendada por S. Paulo, annuindo de prompto ás exigencias do povo, que já começava a murmurar da indifferença e incredulidade do seu prelado. Mas não são as allegadas provas sufficientes para que a appareção da Virgem Santissima a dois meninos seja posta no numero dos milagres. Succediam-se outras provas de manifesta verdade, de evidente prodigio, de impossivel impostura.

Soavam por toda a parte as novas de curas extraordinarias em França, e em paizes muito distantes.

O enfermo, abandonado pelo medico, invocava Nossa Senhora de Salette, e erguia-se do leito da morte, usando da agua de uma fonte, que borbuhára no sitio em que a Mãe de Jesus Christo posera os pés. Principiaram a circular numerosos relatorios sobre os maravilhosos curativos, e um d'esses relatorios impressos era escripto pelo veneravel bispo da Rochela, que das praias do Oceano fôra á montanha dos Alpes conversar com os pastores.

No anniversario da appareção era immensa a affluencia do povo peregrino, que de remotas terras se agrupava em roda da fonte milagrosa.

O bispo de Grenoble, estimulado por estes tocantes incentivos, e depois de supplicar fervorosamente as luzes do Espirito Santo, convocou uma commissão numerosa, composta de homens graves, piedosos, e instruidos, para que maduramente examinassem e discutissem o facto da apparição e suas consequencias. Compareceram nas sessões os dois pastores; foram interrogados simultanea e separadamente; pesaram-se e discutiram-se as suas respostas; e foram livremente postas as objecções que podiam adduzir-se aos factos. Um dos vigarios geraes, encarregado de colligir os factos, publicou em seguida: *A verdade sobre os acontecimentos de Salette*. Vê-se ahi como o exame foi escrupuloso e prolongado, até ao encerramento das sessões em 13 de Dezembro de 1847. A peregrinação augmentou, ao passo que a obra do reverendo Rousselot foi traduzida em quasi todas as linguas europeas. Vigarios geraes, professores de theologia e leigos distinctos avultavam na multidão do povo, que vinha de centos de leguas offerecer á Virgem seus piedozos sentimentos d'amor, e reconhecimento pelas curas, e outros beneficios recebidos. No segundo volume publicado pelo reverendo Rousselot acham-se enumerados e documentados estes milagres.

Foram chamados os dois meninos á presença do bispo de Grenoble. Sua excellencia propoz-lhes que revelassem o seu segredo ao N. S. Pio IX. O nome do vigario de Christo impressionou as crianças, e deliberou-as a communicarem o thesouro, que a Virgem lhes confiara. É que a Mãe de Deus os inspirára nas suas resoluções. Escreveram separadamente: fecharam as suas cartas na presença de pessoas respeitaveis, e o chefe da Igreja Catholica é hoje o feliz e digno depositario d'essas palavras, que a Rainha dos anjos confiou aos humildes pastores.

Á vista de tão luminosa evidencia, o bispo de Grenoble, de cuja pastoral extrahimos esta breve noticia, deu como julgada a apparição da Santa Virgem, auctori-

sou o culto de Nossa Senhora de Salette, e exhorta, entre outros conselhos e admoestações, os fieis a que, em paga dos beneficios da Senhora, cumpram os preceitos e mandamentos de seu amado Filho, fugindo a blasfemia e a profanação do domingo.

Invoquemos a protecção da Santissima Virgem de Salette, para que os seus filhos de Portugal cerrem os labios á blasfemia, e guardem o domingo, que tão perdido aqui é, ou nos commercios terrenos, ou nas orgias dissipadoras de escandalosas folias.

CAPITULO XXIX

Eloquencia sagrada

ÁCERCA D'UM SERMÃO DO SNR. D.^r ANTONIO BERNARDINO DE MENEZES

(1852)



AS DORES DE MARIA foram o magestoso incentivo de duas festividades, que rivalisaram em grandeza e excellencia nos Congregados, e no Carmo.

O snr. Sinval orou nos Congregados. Não o ouvimos; mas poderíamos de antecipação escrever as impressões, que a sua oração nos causaria, porque não é difficil apontar o caminho que seguirá uma grande intelligencia, depois que fomos testemunhas do seu primeiro passo. Quando ouvimos a tocante oração do snr. Sinval, sobre o motivo da Conceição de Maria, presentimos o merito do mesmo orador commemorando o luctuoso quadro das afflicções de Nossa Senhora. O nosso juizo a respeito das vocações oratorias do snr. Sinval está feito. O mais, que podemos fazer agora é congratular-

mo-nos com os novos louros, que s. s.^a colheu na sua ultima oração.

O snr. dr. Antonio Bernardino de Menezes veio de Vianna, sua patria, orar ao Carmo, onde o chamou a zelosa Irmandade d'aquella confraria.

Era necessario que o orador tivesse um nome, com todas as circumstancias do merito, para de tão longe ser chamado ao desempenho d'um grande assumpto. Não foi temeridade o chamal-o. O snr. dr. Menezes não desmentiu a fama, que o pregoava, nem ficou inferior á espectação, o que realmente é muito difficil conseguir.

Um discurso sagrado, onde muitas scenas grandes da historia profana perdem o seu character mundano, e rescendem o perfume das coisas celestiacs : um contexto urdido pelo fio das glorias, e matizado com flores da poesia divina : um quadro d'amargas saudades do que foi Pórtugal, orvalhado por lagrimas que se inspiram da historia amargurada da Santissima Virgem : tal foi a oração do snr. dr. Antonio Bernardino de Menezes.

Suppomos que é muito engenhoso fallar commedidamente ao orgulho do homem, contando-lhe ovações de batalhas, e grandezas do Capitolio, quando é necessario pungir-lhe o coração com humildades do Divino Mestre, e as amarguras do Calvario.

E, todavia, o snr. dr. Menezes conseguiu vibrar as primeiras commoções sem enfraquecer o effeito das segundas. É que s. s.^a levantava o homem ao apogeu das magestades mundanas, e de lá apontava-lhe o abysmo do seu nada, onde as suas glorias eram symbolisadas por um craneo descarnado, e uns ossos encinerados, ludibrio d'algun dos mais abjectos escravos dos seus passados triumphos. Nas scenas patheticas, s. s.^a tinha o toque electrico para espertar a tibieza do coração; e nas pinturas grandiosas, que alteam o homem a um prestigio de mentirosa gloria, s. s.^a dispoz do segredo de o fazer cahir, como idolo de barro.

Grande gloria é alcançar tanto, e muito já seria o

snr. dr. Menezes, se não chegasse a conseguir todos estes raros triumphos sobre o coração d'uma sociedade descrida e marasmada.

Estas bellezas de eloquencia sagrada são as que constituem a oração do snr. dr. Menezes. Agora não nos cegue a vista do intendimento o brilho do que foi escripto. Não podemos ouvir sem desconsolação a maneira porque foi recitado.

O snr. dr. Menezes é moço, e, como todos os aspirantes ao exclusivo da gloria, creou uma escóla de declamação, que não poderá vingar muitos discipulos.

S. s.^a, a quem de viva voz fizemos uma ligeira observação, captivou-nos com a sua docilidade, não em respeito a nós, que fariamos rir se a exigissemos; mas a respeito de pessoas competentes, cujos respeitaveis conselhos fosse culpa não acceitar.

Redactor d'um jornal, que se não vangloria em ser o orgão da opinião publica, escreveremos a critica sem temor, como nosso juizo, todo particular, não pedida á opinião publica, nem ambicioso de applausos.

O espirito reformador não póde ser chamado sempre o espirito da perfectibilidade nas coisas do mundo. Embora, hoje em dia, a idéa innovadora se aformozeie com as enganosas esperanças do melhor, um triste destino influe em quantos actos humanos se affeiçoam em moldes novos, donde a mão do desengano tira sempre o peor.

Esta generalidade tem um ponto de contacto com a eloquencia sagrada, porque o espirito reformador não recuou diante da cadeira da verdade, que é sempre a mesma e inalteravel verdade. Tambem no pulpito o pensamento, que não podia ser reformado na sua essencia, firmou as bases da nova escóla sobre as intonações da voz, sobre o rapido da declamação, sobre as pausas e as virgulas, sobre as evoluções da lingua, sobre a quantidade de fôlego que alimentaria a expedição da palavra, emfim, o espirito da reforma estabeleceu todas as divisões

possiveis entre o classico e o romantico, e achou nos attributos da declamação os recursos da novidade, que o Evangelho lhe não daria, porque são immutaveis as suas inspirações.

A escola puramente romantica, installada no sagrado asylo do pulpito, é o theatro com todas as suas intergeições ruidosas e tragicas, com todas as suas desinencias e suspensões patheticas e sinistras, com todo aquelle apparatus de gritos sem applauso do coração, nem naturalidade.

A classica é a escola da monotonia clamorosa, o gemido continuado, aquelle tom funebre e das entranhas, que ás vezes faz tremer o coração, aterrado pelo vosear dos tumulos, e retrahido em recolhimento, que, em certas almas, é sempre dôr verdadeira, um chamamento á contricção.

Temos ainda nos ouvidos os ultimos sons da escola classica, onde o monge era o mestre e o discipulo, por que as divisões das escolas nunca poderam fundar cadeiras de declamação nos recintos dos mosteiros. Lembra-nos os sermões dos *expulsos*, ou *eggressos*, como irrisoriamente lhes chamam, e é certo que estas recordações vem acompanhadas d'uma saudade, e esta é a saudade dos seus sermões, do seu estylo, e da sua declamação.

Somos, pois, sectario da velha escola, admirador do velho estylo, e não o somos por capricho, nem cegueira, porque nos sentimentos que produzem a dôr e as lagrimas, nem o coração se cega, nem o capricho enturva a intelligencia do ouvinte.

Ora a dôr e as lagrimas não se prestam ás exclamações theatraes, nem a intonação romantica pode alcançal-as, embora as peça do pulpito, como de um local soberano, d'onde o antigo sacerdote arrancava lagrimas, quando as suas lhe desciam sinceras na face.

O snr. dr. Menezes não pode ser determinadamente classificado em uma d'estas duas formas ; mas é verdade

que tirou dos novos estylos o elemento organisador do seu. Não diremos terminantemente que a sua expressão é affectada á custa d'um mal encaminhado exercicio de exposição; mas trahiriamos as nossas convicções, se não dissessemos que, buscando affectar-se, pouco mais poderia conseguir.

As DÔRES DA MÃE DE DEUS, contempladas no silencio do coração, despertam idéas em que a sombra d'um luctuoso mysterio nos priva de comprehender as intimas afflicções da SENHORA, que as soffria. Taes idéas, formalisadas em palavras, e communicadas aos que nos pedissem o nosso juizo sobre as DÔRES DE MARIA, deveriam ter a fórma do pensamento, deveria a palavra repassar-se do funebre da idéa, deveria a voz vacillar nas suas expressivas inflexões, como o espirito, doído e contristado, exercita as suas operações na analyse d'um grande padecimento proprio ou estranho.

Não ousaremos affirmar se a escola romantica poderá enlaçar esta harmonia entre o sentimento e a expressão; mas, por experiencia, diremos que a declamação exaggerada dos modernos oradores, poderá quando muito, agradar n'um panegyrico, e ha de sempre debilitar o assumpto funebre, pelo divorcio em que reluctam a dôr com a musica da declamação.

A « natureza » deve ser a escola universal de todos os oradores; e os artificios, as escolas, mal lhe vão, se precisam de crear o gosto, á custa de tempo. Ora o publico, que ajoelha á sombra da cadeira evangelica, não vai admirar no templo difficuldades phonicas, e meneios estimados na declamatoria tragica. O que elle quer é sentir; e o sentimento, que está dentro em sua alma, não lhe mandará lagrimas aos olhos, se o ecco da declamação triste as não fôr lá excitar. A natureza humana não sahiu assim das mãos do seu Creador; mas é certo que o coração religioso tem necessidades, sempre as mesmas, apesar de todas as innovações, desde que o lapso original operou n'elle reformas que persistirão eternamente.

Se resumissemos, em poucas linhas, o que fica escripto, diríamos que o snr. dr. Antonio Bernardino de Menezes escreveu uma das excellentes orações, que temos ouvido, e sacrificou-lhe uma boa parte do merito ás inverosimilhanças da declamação.

CAPITULO XXX

Anedoctas do Ministerio do Marquez de Pombal, e Conde de Oeiras, Sebastião José de Carvalho e Meillo

Versão do francez — 2 tomos em 8.º port.



CRIME, acobertado nas dobras do manto impostor da mentira, não é mysterio muito tempo, nem ha geração viciosa, que possa legar á successora a sua capa de hypocrita virtude.

Vejam que D. José I, e o marquez de Pombal, e a expulsão dos jesuitas são homens e acontecimentos de hontem, que já hoje respondem no tribunal da critica, em que o juiz incorruptivel — a VERDADE — condemna com documentos insubornaveis.

As iras tempestuosas desse mar de sangue, em que os « amigos » da humanidade desejaram vêr o naufragio da companhia de Jesus, ahi vem partir-se no rochedo da historia, que, inabalavel de factos irrespondiveis, arremessa para longe, como o dedo de Deus, as sedições invectivas de calumniadores ignaros.

A palavra — jesuita — estremeceia os nervos d'esta

multidão de superficiaes, que desgraçadamente são sempre os primeiros a sentar-se nos ágapes da sciencia. Ao passo que motejavam as superstições, alimentadas pela ignorancia dos imbecis, davam de si um triste documento de céga credulidade no *ipse dixit* do Seabra, e de muitos outros Seabras, inspirados pelo celebre senhor d'Ociras.

A « Deducção chronologica » lida com anciedade por nossos paes, foi-nos transmittida como « cordão sanitario contra a peste jesuitica. »

Este gracioso epitheto faz-nos recordar um folheto, assim nomeado, e aqui publicado ha poucos annos, como prova da orthodoxia de seu auctor, que podéra melhor servir a causa do clero, a que pertence, se melhor comprehendesse o muito que recua no progresso das letras, onde quiz alistar-se com aquelle diploma de admisão em punho.

Felizmente os espiritos não se impressionam d'essas leituras, que, por mais capciosas que venham de seus auctores, accusam sempre deficiencia de verdade, que emparelha rigorosamente com a deficiencia do engenho. O mal não vem d'ahi, porque, n'un seculo analytico, a mentira não entra de barato na circulação como boa moeda. O mal veio do que nossos paes, sinceramente crentes, nos transmittiram a respeito da sociedade de Jesus. Em seu tempo, se viessem a campo as questões vigorosas de *Cretineau-Joly* com os jornaes italianos e francezes, a geração que passou, desilludida, tomaria a cargo legar-nos uma herança de verdade, que hoje vamos grangeando, apesar dos embaraços espinhosos da idéa antecipada.

Quem quizer averiguar o dolo e reserva com que foram redigidos os libellos que maculam a companhia de Jesus, leia, faça proposito de desenganar-se, dispa-se de preconceitos herdados, colloque-se ao lado d'esse tão apregoado luminar do seculo XIX, e revista-se da coragem, que demanda a profundeza d'um estudo, o qual,

astuciosamente, os inimigos da companhia enredaram de estorvos fraudulentos.

Obra, que muito póde contribuir para este valioso resultado, é a que annunciamos publicada. O auctor esquadrinhou subtilmente os escaninhos do sofisma, que, *momentaneamente*, desvirtuou o primor d'arte das instituições religiosas. O reinado de D. José I, não seria melhor desencavilhado do seu enredo de intrigas, por um diplomata, que espreitasse invisivel cada passo do rei, cada pensamento do valido, e cada feito dos jesuitas, na crise angustiosa, em que se viram.

A obra tem a excellencia do fim, que é desafivellar a mascara da calumnia. Os hypocritas impios são peores que os outros. São os *Tartufos* da impiedade, que Molière não conheceu.

As edições são repetidas em Genova e Pariz. Portugal precisava d'este livro, para melhor interpretar as *Memorias do marquez de Pombal*.

A versão, com quanto defeituosa, parece achar uma tal ou qual desculpa no merito do texto.

CAPITULO XXXI

A actual instrucção do clero

(1850)



IGNORANCIA predicado, que ninguem possue de boa vontade, e por mais depreciada que esteja a sciencia, tomaram todos os ignorantes amanhecerem sabios, ainda que para isso tivessem de perder os grandes interesses que, por não sei que maravilha, correm parellhas com a escassez de entendimento.

Não duvida ninguem d'aquelle axioma, embora alguns escriptores, feridos d'ingratidão, blasfemassem contra a sabedoria que os tornára felizes, quando a ignorancia tão farto patrimonio grangeia a seus filhos. Essas caprichosas aberrações nada prestam em philosophia, e apenas podem afigurar no drama e no romance as luctas interminaveis da luz com as trevas, da instrucção com a rudeza.

Sendo, pois, inquestionavel que ninguem se esmera em não saber, vejamos a injustiça com que o clero, ordenado em nossos dias, é aggreddido com epythetos mais ou menos variados, mas quasi todos aferidos pelo primeiro que lhe arremeçam: — *ignorante*.

Não sei com que bom senso investivariamos um cego, que nos pisasse, chamando-lhe *cego*! E o cego se recalcitrasse, como injuriado, não provocaria o riso? Seria como o padre, effectivamente ignorante, se quizesse provar-nos que o não era. Quando o cego discretamente dissesse: « Deus permittiu que eu não visse o pé que pisei » o padre deveria judiciosamente responder: « os governos privaram-me da sciencia, que não encontrei. »

É má fé exigirmos d'um padre, que hontem recebeu esse augusto titulo, e soberana missão, uma synopse dos estudos que lhe enriqueceram o espirito de dons, que a Egreja lhe manda derramar pelos homens, pobres d'aquelle espirito do Evangelho, que resume em si um grande curso, e uma extensa philosophia. É má fé pedir ao que balbucia os rudimentos da latinidade uma dissertação de theologia mystica, uma época de historia ecclesiastica, uma questão de principios e consequencias que concluam victoriosamente em favor de Jesus Christo contra Mahomet, em favor de Paulo III contra Calvino, em favor da razão catholica contra a razão philosophica, em favor de Lacordaire contra Victor-Cousin.

A resposta satisfatoria seria milagrosa como a agua do rochedo de Horeb, e como a intelligencia momentaneamente inspirada dos pescadores do lago de Gethsemany.

A ignorancia não responde á sciencia, e a incredulidade joga sempre as melhores armas quando repta cobardemente as crenças d'um padre que as não justifica pela sciencia. O incredulo não deve arrogar-se triumpho, que a sua obra foi uma fraqueza.

Porque são ignorantes os padres? Querirão volunta-

riamente, instinctivamente sê-lo? Não: outra resposta seria um absurdo sem espirito de galanteria sequer.

O padre, qual hoje sahe das mãos sagradas do seu prelado, é um ignorante por força, pois que o sacramento imprime o character indelevel da ordem, mas não infunde sciencia.

E o padre não tem outro precedente, além de ajoelhar aos pés do prelado, e cumprir determinadas ceremonias que o sagram ao culto de Deus, e á tutela da humanidade?

Tem. O padre tem a rigorosa obrigação d'instruir-se. O padre é o depositario do livro de Deus, e o livro de Deus é um thesouro de mysterios, que, aberto pela mão intelligente do seu ministro, derrama torrentes de luz, que illumina verdades sublimes.

Pois bem. Dai-nos assim o padre — exclama o homem das duvidas — dai-nos assim o confidente dos céos, porque eu, filho das paixões mundanas, não sei decifrar a mystica d'esse livro, que *Rousseau* julgou superior a todos os codigos humanos.

Procurai — redarguimos nós — procurai o padre dos tempos passados. Entrai na sella deserta do mosteiro, e pedi a essas paredes que vos contem as vigalias do homem, que ahi encaneceu sobre os livros. Indagai, depois, se vive esse homem, ou se a penuria o surpreendeu ajoelhado supplicando ao Senhor paciencia para as dôres. Se elle vive, procurai-o: fallai-lhe como um impio, como um philosopho, como um sceptico, e ouvilho-heis; mas ao padre que hoje vêdes envergar a batina official, como um distinctivo de emprego, como uma capa de camarista, não pergunteis nada, porque a ignorancia tem um silencio, que não é o *silencium ore fucundius*.

Quereis ajuizar da instrucção d'esse padre? Imaginai-o estudando na aldêa as primeiras letras com o visinho lavrador, nas horas da sésta, cerceadas ao trabalho. Vêde-o, depois, estudando Eutropio, e Justino com

*

algun padre, que sabe o que ensina, mas não póde ensinar o que não sabe, por uma regra muito conhecida. Ultimamente segui-o na tarefa do Genuense, nos scolios infecundos, nos corollarios desapegados, n'aquelle profundo methodo de cogitar que esterilisa a cogitação.

É chegada a época de entrar em estudos secundarios.

O ordenando vem ao lyceu do Porto, supponos nós.

Senta-se á banca : apruma-se no estaleiro da intelligencia, responde pelo caso que lhe fazem a pergunta, mas esta pergunta é sempre feita, depois que os arguentes mutuamente se dizem : « Vai para padre. » Ir para padre é estar conscienciosamente habilitado para uma reprovação, e receber as melhores informações, o mais lisongeiro *nemine*.

Abrem-se as aulas de theologia. O estudante, munido d'um livrinho em 8.º chamado *Lugdunense*, entra nas complicadas veredas do dogma. O compendio é em latim, e o estudante lucta com as difficuldades do idioma, antes de penetrar os segredos da idéa. Esmorecido, abandona o inconcebivel, e senta-se placidamente no banco da aula. Chamado a dar conta do seu cabedal de sciencia, confrange-se, como se lhe fallassem nos mysterios d'Eleusis, calla-se, e retira-se com mais um dia ganho no seu tirocinio da ordenação.

Chega o fim do anno. Se a fortuna pela bocca da revolução decretou um perdão d'acto, o estudante retira-se, e vem em tempo competente receber ordens. Se a paz anniquilou as esperanças, sempre vivas no perdão de acto — venha elle donde vier — o estudante passa pelo incommodo d'estudar o ponto, d'entregar algumas cartas de recommendação, de lembrar que é filho d'um pobre lavrador, de carpir-se aos examinadores da desgraça em que fica se o reprovam, e, feito isto que equivale a estudar muito, vai-se embora com a certidão do seu optimo exame.

Permitta-se-nos este colorido d'estylo faceto, que é

o azado para a exposição de certas verdades, que desmerecem tratadas sériamente. Antes o risonho, que a severidade.

O segundo anno, e ultimo de seus estudos, occupam-no em theologia moral, e seria propagar o absurdo da sciencia infusa suppôr que os estudantes, findo o anno lectivo, podem resolver um caso dos que se toparam a êsmo no Diccionario do *Collet*.

Ahi está um padre, e, n'esta apresentação, não me restringo ao bispado do Porto.

Resta saber que compendio estudam, que doutrinas decoram, que sciencia levam para o povo esses homens consagrados á revelação das verdades catholicas.

O compendio deve forçosamente ser a expressão genuina do Evangelho, não vos parece? O compendio deve ser a sciencia de S. Ireneu, de S. Clemente d'Alexandria, de S. Agostinho, de S. Thomaz, não é bem natural? O compendio deve ser a doutrina de Roma, e a palavra eterna de Christo, e do seu vigario na terra, não é muito crível?

Ouvide agora: o compendio é um livro condemnado em Roma, é um livro reprovado pelo vigario de Christo, é um livro combatido pelos que professam as crenças da egreja unica, catholica, apostolica, romana.

Abride um livro intitulado: *Index librorum prohibitorum, juxta exemplar romanum, jussu Santissimi domini nostri, editum anno MDCCCXXXV*.

Procurai a paginas 189, e encontrareis:

Institutiones Theologicae ad usum Scholarum accommodatae: quae vulgariter circumferentur sub nomine THEOLOGIAE LUGDUNENSIS. Lugduni 1780. Cum caeteris editionibus inde secutis. (Decr. 17 Decembris 1792).

O nosso dever seria agora mencionar a justeza da prohibição?

Roma julga e reprova com justiça, e seria uma affronta á infallibilidade dos seus juizos trazel-os aqui á discussão. Mas, por desventura, quererá o exc.^{mo} bispo que

reproduzamos as actas da censura? Haja quem nos dê um leve signal d'assentimento, mas que tal assentimento venha de quem se interessa na conservação d'um tal compendio, e tão promptos na defeza como na accusação, exporemos com verdadeiro zelo as doutrinas de Roma, e as doutrinas do compendio, pelo qual se ordenam sacerdotes catholicos.

CAPITULO XXXII

Usura

NÃO vem aqui a insolúvel questão, pendente no tribunal dos theologos, sobre a usura legal, ou ganhos provenientes d'um commercio legitimo. Insistam os jurisconsultos nas hypotheses de que o legitimo interesse se transforma em roubo, e o roubo em rigorosa restituição, conforme o preceito da theologia moral. Nós, com *Bergier*, não imputamos criminalidade aos proventos commerciaes, quando uma tabella, organizada pela lei, os determina, sem offensa da razão e do direito natural.

A palavra, que intitula este artigo, em nossos dias, abrange um numero infinito de factos, que os santos padres não conheceram, nem previram, quando se impozeram legislar para uma certa *usura*, que bem poderamos hoje apellidar *honradez* se d'essa tirassemos o assumpto para este escripto.

Cá, entre nós, homens da industria progressiva, e do progresso industriozo, usura é um trafico de dimensões

amplíssimas que comprehende o roubo em todas as suas modalidades.

Atravessai uma longa cadeia em que se atam os elos de toda esta sociedade que mercadeja, á força d'astucia, faceis e rapidos bens de fortuna, e atinareis com o vultoso grandiozo da usura.

Esta definição metafisica não significa a idéa precisa e palpavel do facto immoral, que tentamos definir nas palavras.

Assima das palavras, e das idéas vagamente abstractas, que vos pintam a usura, está a realidade das muitas dôres que passa n'esse mundo, onde tres partes se disputam, na lucta da penuria, o privilegio d'enriquecer aquella parte que lhes ministra uma migalha de pão, a qual, lançada ás entranhas famintas de quem a pede, vem por fim a produzir fructos que fartem para encher o celloiro d'aquelle a quem sobeja o pão na mesa, e a impiedade no coração.

Quem vive nas cidades populosas de Portugal, quem investiga a existencia d'essas multiplicadas situações que ahi se acotovellam, quem sonda o infortunio no coração alheio, se lhe não sobra experiencia do seu, demore-se alguns instantes a pensar nos lances que atravessa o homem, que precisa de bater á porta do usurario para satisfazer as suas primeiras necessidades. A meditação ser-lhe-ha mais eloquente, bem mais commovente, que estes traços esboçados n'um quadro, que seria preciso encastoar-se em ouro para transpôr o limiar do rico.

É necessario partir d'um ponto remoto quem houver de enfeixar todos os fructos, da seára da irreligião, e lançal-os no regaço d'esta deusa do seculo — a AGIOTAGEM — alma de todas as associações politicas, e ancora de salvação para todos os governos, que cahem de impotentes, se não se arrimam áquelle esteio d'immoralidade.

A *corrupção*, palavra symbolica, que pouco ha vimos irrisoriamente arvorada em marco milliaro na estrada

da « regeneração portugueza » convem despil-a d'essa parvoa importancia, que a politica lhe déra, e estampal-a na frente de todos, como symbolo, não d'um governo cahido, mas de todos os governos, e de todos os homens, que se intitulam puros e immaculados, sem apostatarem a impiedade cega que os encaminha.

Não queiram vêr aqui, os que vêem pouco, lapsos politicos, quando tão plana e segura temos para trilhar a estrada da caridade. Aqui não ha frases odientas, nem lamurias hypocritas. O que ha é o anathema á corrupção dos costumes; e se ao regimen d'estes está vinculada a administração d'aquella, não venha a mão imprudente do descrido lançar uma linha divisoria entre a religião e a politica, entre a corrupção e a sociedade.

A usura é o manancial fecundo do ouro, vertido ahi pelas mãos da miseria. A miseria é a ultima consequencia d'uma pessima organização social. O socialismo, como do Evangelho se depreheende, é uma entidade impossivel, quando o verme da usura lhe devora os alicerces da caridade, unico ponto de apoio que assegura estabilidade á alavanca dos politicos.

Os haveres accumulam-se prodigiosamente em poucos possuidores. A opinião publica tem a má fé de se admirar dos rapidos saltos que vê altearem o homem ao fastigio da opulencia. É que a opinião não desce a entreter-se na contemplação da miseria, quando sobe a espreitar o que vae dentro da mysteriosa casa do rico. Não espere essa curiosa investigadora vêr resaltar o ouro do fundo d'algum cadinho de alchimista. O aparelho é simples : o processo é baratissimo, com tanto que uma mão cheia d'ouro, e um coração cheio de insensibilidade estejam á disposição do homem que quer enriquecer-se.

D'antes corria uma idêa popular a respeito d'algumas riquezas repentinas. Dizia-se que o rico, antes de sê-lo, abjurára a fé da religião christã, cuspira na face de Christo, alistara-se na seita dos « pedreiros livres » e

desde logo abrira os seus cofres vasio para os fechar depois repletos d'ouro. Esta mentira era a idêa preexistente, se assim podemos chamar-lhe, d'uma grande verdade. Quem renega a religião christã, quem cospe na face do Christo, quem calca as mais santas leis da humanidade, antes de ser rico, é o usurario. Esse sim, que não precisa, para sê-lo, arrear-se com o pomposo titulo de « carbonario. » Esse, do escuro de seu laboratorio, não sopra a flamma depurativa da pedra philosophal, mas ateia a lavareda das revoluções, que nunca se apresentam ao sol do triumpho, sem mendigarem á agiotagem a luz que deve dirigi-las.

Mas que desçam a analysar os contrastes esses incansaveis interpretes de « fortunas » improvisadas. Não se demorem a contemplar o egresso, e a viuva do militar que morreu, e a mulher do que vive na inactividade, e o empregado, que trabalha com a penna, e inveja os que trabalham com uma enxada : não se demore n'esta dolorosa analyse, fertil de lances na antecamara d'um agiota ; mas observe de perto o filho-familia, que victimado ás multiplicadas urgencias e despezas, que uma pessima educação lhe creára, sacrifica a uma onzena enorme o patrimonio que hade advir-lhe, que deve pertencer-lhe, e que desde já presta em letras, que firma, a seguridade ao usurario, que lhe satisfaz a paixão do jogo, a paixão dos vicios, e o vicio da mocidade desregrada.

Não muitos aqui, mas em Lisboa são lamentaveis os innumeraveis exemplos desde conflicto entre o homem carecido de abraçar-se ao salteador, que recebe a victima á sombra da lei !

Quando a idade traz consigo a posse dos bens herdados, que importa a emancipação, que importam as conveniencias d'um matrimonio, se nas mãos do usurario já estão os bens do chefe de familia que deveram assegurar aos filhos subsistencia, que, mancebo, lhe vendêra por um prato de lentilhas ? !

Estas vagas considerações, que tão de leve resvalaram no vasto desfiladeiro da usura, inspirou-nol-as a leitura da carta, que vae lêr-se, e nós tivemos cuidado de aspar n'alguma fraze, que revelasse o ponto d'onde partiu :

« Snrs. RR.

« Eu já vi, não sei em que jornal, um bem traçado
« artigo, que se occupava dos usurarios de *** Se
« bem me lembro dizia elle, que esta terra, com os
« seus mil fogos, contava 120 usurarios. Isto era ver-
« dade; mas tive pena que o auctor não estivesse
« cabalmente informado para dividir em parcellas esta
« sómma total. Saibam Vv. que dos 120 — dez são
« sacerdotes, e entre estes ha um que préga o Evange-
« lho de Jesus Christo, e diz que S. Lucas (no cap. 6.
« V. 35) dissera: « Fazei bem, e emprestai sem nada
« esperar » e (no verso 38 ».) Dai e dar-se-vos-ha » e
« Moysés (no Deut.) « não emprestareis a vossos irmãos
« dinheiro com usura » etc. etc. S. Em.^{ma} o arcebispo
« de Braga não é estranho a esta biographia. Já alguém,
« zeloso do pastor e do rebanho, levou onde devia a
« pagina negra da historia d'este clerigo, e nada obteve,
« que servisse de exemplo para resalvar o bom clero
« das imputações que o fazem victima deste typo de
« corrupção, lançado entre muitos sacerdotes dignos, a
« todos os respeitos, da alta missão que exercem... »

O CHRISTIANISMO, atalaia que, do alto do seu magisterio sublime, vigia as acções louvaveis e reprehensíveis, não póde deixar de considerar em muito a correspondencia transcripta, e gostosamente ajuncta os seus esforços aos d'aquelles que se pejam d'un *padre usurario*. S. Em.^{ma} o snr. cardeal arcebispo de Braga, não desconsidere as reclamações que são justas, e lhe pedem remedio como a pastor do rebanho, que Jesus Christo lhe confiou. O padre uzurario é por, sem duvida, a mais tinhosa das ovelhas, que se enroupam nos trajés sacerdotaes.

CAPITULO XXXIII

Imagens de Christo



A poucos annos que o engenho especulador d'um ocioso pintor de Pariz creou, copiando d'um typo ideal uma bella imagem d'homem. Deu-lhe aos olhos a languidez sympathica da ternura; as faces contornou-lhas de linhas harmoniosas; ondulou-lhe os cabellos, como era fama que assim os hebreus os tinham; e rematou a sua obra, muito longe de ser correcta, intitulado-a *verdadeira imagem de NOSSO SENHOR JESUS CHRISTO.*

E o certo é que as lythographias francezas responderam ao pensamento lucrativo do inventor, derramando sobre o mundo catholico milhares d'imagens, authenticadas por não sei que legendas cavadas em ruinas, que Chateaubriand, não viu, nem os nossos zelosos franciscanos em Jerusalem noticiaram.

Qualquer taboleta de paineis fez provisão da imagem, e o publico concorreu ao mercado, a saciar a vista e a boa fé do coração n'aquelle fiel retrato do Redemptor do mundo, a quem nas horas da oração devia ser

consolador elevar-lhe os olhos, como á vera effigie do espirito de Deus, no seu involucro dolorozo da carne.

Ainda hoje são procurados estes paineis, e não será estranho acontecimento que outro francez manhã, cavando novas ruinas, reproduza umas novas feições, e faça jus a um novo commercio com a innocente credulidade dos menos avisados.

Parece a proposito avisar o leitor, que precisar de aviso, sobre o que ha crível nos retratos que a pintura nos dá de JESUS CHRISTO.

As actas do concilio de Nicea, reunido para decidir contra os iconoclastas, fallam d'um retrato, que, contra todo o verosimil, o proprio CHRISTO, enviára a Abgar, rei d'Edessa, e d'um outro quadro miraculoso, existente em Béryta, onde o Salvador era figurado de pé; e tambem menciona uma estatua de bronze, erigida a JESUS, por uma das mulheres curadas, e pulverisada pelo apostata Juliano, quando quiz, no mesmo local, erguer a sua, destruida immediatamente pelo fogo celeste.

A authenticidade d'estas imagens é duvidosa.

Não é averiguado entre os artistas que alguma vez existisse uma imagem authentica de CHRISTO. Os typos que lhe consagram os pintores e esculptores, depois que as artes se aperfeiçoaram, é por consequencia duvidoso. Quando, no V seculo, a philosophia pagã suspendeu a cruêza dos seus flagellos impotentes contra o espirito christão, e ao circos dos leões succedeu o templo, e aos subterraneos do culto o altar, e o sacrificio em pleno dia — a pintura e a esculptura, chamadas a formosear as ceremonias e os symbolos, eram tão rudes e barbaras no seu mesquinho desenvolvimento, que de tudo o que podiam nos deixaram um triste documento nas figuras traçadas sobre os sarcophagos e medalhas. Ora, não vai tão longe o seculo V, que não possamos estudar o especimen da esculptura contemporanea nas figuras monstruosas, que difficilmente acreditaremos que eram humanas na imaginação dos artistas.

Não é d'esses esboços imperfeitissimos que Nicolau de Piza, e os que decorreram até Leonardo de Vinci, se inspiraram para crearem o typo de CHRISTO. Dos escriptos dos PP. da Egreja é que, mais naturalmente, se serviram, e, com especialidade, talvez, do patriarcha de Constantinopla Nicephoro, que descreve assim a phisionomia do Salvador:

« Estatura elevada, e gesto de tal sorte grave, que quantos se approximavam, amavam-no e temiam-no. Seus cabellos, repartidos na testa, segundo o uso dos nazarenos, tinham a côr d'uma avelã madura, e eram lizos e abundantes. Alastrados sobre os hombros, arqueavam-se em ondas, até terminarem em caracoés. A testa era espaçosa, e o aspecto sereno, sem rugas nem nodoas. As faces eram docemente coloridas, e a bocca e o nariz perfectos. Em todas as suas feições era insculpido um sensível character de constancia e de verdade. Tinha grandes e brilhantes os olhos: era terrível a sua expressão quando reprehendia; affável e doce quando exhortava. A alegria tinha em seus labios uma gravidade propria: ninguem o viu rir, e seus olhos estavam sempre embaciados de lagrimas. Fallava pouco; mas sempre com dignidade; por seu mesmo exterior, parecia altear-se sobre a fôrma humana. »

Seria impossivel ao primeiro pintor, como o foi a Miguel-Angelo, revelar com o pincel esse typo que S. Nicephoro expoz subordinado a feições ideaes. Quando Leonardo de Vinci, no admiravel quadro da *Ceia*, pintava a mais bella cabeça, que fantasiaram homens, era a arte operando, segundo as tradições escriptas, e imperfeitamente figuradas. Era Phidias traçando o typo de Jupiter Olympico.

« Toda a pintura — diz um collaborador do *Diccionario Catholico* — que não tiver, como a de Leonardo não tem, o character israelita marcado por todas as feições phisicas, e moraes, que constituem o homem por excellencia, isempto de vicios e dotado de todas as virtudes,

o homem, não alterado nas proporções por alguma enfermidade da alma ou trabalho do corpo... tal pintura não tem direito á nossa fé e admiração. »


Não restringiremos tanto o rigor da arte em nossos respeitos ás variadissimas imagens que temos de JESUS CHRISTO, mais ou menos modeladas pelas de Rafael, Carrache, Carlo Dolce, Holbein, e Miguel-Angelo. Todas ellas nos excitam o fervor da oração; e se os olhos, mais attentos, fixam n'esta imagem os traços afflictivos, que aquell'outra não tem, ha dentro em nós aquelle olhar do espirito, que procura no throno dos céos, o ente supremo, cuja imagem é impossivel no pincel e na concepção dos homens.

O fim d'este conciso artigo, sobre um assumpto de mais amplas lucubrações, é mostrar a falsidade dos retratos, que se attribuem á figura de JESUS CHRISTO, sejam seus auctores quem forem, porque todos elles são pura invenção; trabalhos d'uma « iconologia » sempre imperfeita, como deve ser a intelligencia do homem traçando os caracteres da divindade (4).

(4) Quem quizer consultar uma « Iconologia » abundante dos retratos de CHRISTO recorra á obra intitulada M. J. Reiskii Exercit-histo, de imaginibus Jesu Christi, Jena, 1685. « Les Tetes de Christ — publicadas por Junter em 1777, e Joh. Fechtii — Noctes Christianæ. (Rostock, 1706.)

CAPITULO XXXIV

Consequencias da Irreligião

 M todo o tempo, ao lado das arrogantes columnas do palacio do rico, appareceu a casinha de barro amassado pela mão do pobre. A desgraça e a opulencia é de todas as gerações e de todas as épocas. Os rizados folgados da alegria, e as lagrimas inexauriveis da penuria misturaram-se sempre debaixo do mesmo céo, no seio da mesma sociedade, ao abrigo de todas as legislações, e sob a influencia de todas as formulas religiosas.

O astro do Christianismo, porém, eclipsando os faustosos luzeiros dos salões dos ricos, allumiava mais dentro n'aquelle escuro d'alma, onde não chega o reflexo dos brilhantes atavios da terra, e, na vertigem do goso, gerava o sentimento de piedade por essa porção de creaturas, que não podiam, do tremedal da pobreza, altear-se a rebuscar os desperdicios dos banquetes do afortunado.

Era grande o influxo do Christianismo, na sociedade. Era mais que sublime o seu preceito consolador dos

afflictos, e nunca indifferente para os mimosos da fortuna. Era esta tres vezes santa religião de JESUS CHRISTO a mãe providencial dos infelizes, que não receava sentar-se, como um anjo invisivel, á cabeceira da prodiga meza do abastado, e mostrar-lhe seus filhos com a face annuviada pela amarellidão da fome.

E, contudo, o homem desgraçado é de todos os tempos. A causa da pobreza tem atravessado as gerações, como o sello da sua degradação. Um dia, porém, amanece na vida amargurada d'essa porção desvalida da sociedade. A aurora d'esse dia é perfumada e bella como nunca a viram ricos, dourando-lhes as purpuras de seus leitos. O desgraçado, erguendo-se de suas palhas, para adiantar um dia mais na sua peregrinação dolorosa, encontra um marco, levantado entre as torturas do seu passado, e a desesperação do seu futuro: encontra uns braços, que o recebem no seu manto de farrapos; encontra uns labios, que lhe lêem o seu destino, na fronte, onde a sociedade lhe insculpira um desprezo perpetuo. . . e estes braços, e estes labios eram os de JESUS CHRISTO, que lhe diz: « Bemaventurados os pobres. . . Bemaventurados os que soffrem, porque é d'elles o reino do céo. »

Desde esse momento o pobre pôde levantar os olhos enxutos para o céo, como para o seu thesouro! Não descessem os Neros e os Caligulas as escadas d'ouro de seus thronos para deporem suas purpuras nos hombros do pobre, mal cobertos d'um andrajo fetido! Não viessem do fastigio das glorias terrestres os hypocritas das lamurias sociaes bradar reformas, a favor d'uma tribu de proletarios, que se assentava á noite no liminar da sua possilga, vasia de tudo, esperando que a providencia do dia seguinte lhe ministrasse um bocado de pão incerto!

O desgraçado tinha no seu intimo o refrigerio de consolações, que, n'este desterro, não podiam dar-lhe. Embora a mão da fome lhe cerrasse os olhos da face,

a luz da fé brilhava-lhe nos olhos do espirito, e os horisontes da esperança dilatavam-se-lhe n'essa herança infinita, que era sua, que era a conquista das suas dôres, a arvore regada pelas suas lagrimas, e o deposito sagrado, que, em suas mãos santissimas, JESUS CHRISTO lhe garantira.

E JESUS CHRISTO, sentado sobre o seu throno de justiça, estendendo sempre a mão da recompensa, e alargando continuamente o coração da misericordia, não cessava de proferir, pela bocca sagrada do seu representante na terra, as palavras que proferira no alto da montanha, quando os foragidos ao orgulho dos opulentos da Judéa seguiam o unico sabio, o unico piedoso, o unico homem, que, semelhante a um Deus, tinha a eloquencia de convencer o desgraçado da sua suprema felicidade: « Sois felizes, quando os homens, vos cobrirem de maldições, e perseguirem, e contra vós, por minha causa, vociferarem todo o genero d'affrontas. Alegrai-vos, estremecei de prazer então, porque uma grande recompensa vos é reservada nos céos... »

Esta voz soou sempre dos labios de CHRISTO, como nos dias da sua passagem entre os filhos da redempção. Não era preciso ao pobre seguir os vestigios do sangue d'AUELLE, que fallára; não lhe era necessario folhear, á porta do rico, o livro do Senhor, para ensinar a piedade a corações insensiveis; não lhe era finalmente imposto, como condicional d'um pão negro de cada dia, renunciar a todas as alegrias d'este mundo, para não enjoar com seus esqualidos andrajos a sensibilidade repellente de seu irmão, coberto d'ouro.

Quem lhe administrava o pão providencial, e a palavra symbolica para entrar no reino do céu; quem lhe estendia a mão, nos grandes abysmos do seu trabalhoso caminho para a sepultura, era o chamado por Deus; era o levita coberto de uma tunica, pobre como a sua; era o monge, que levantava os joelhos da lage do templo para derramar o pão do corpo, e o orvalho

*

da alma nos pobrinhos, queridos de JESUS CHRISTO, os quaes, desde o amanhecer, esperavam sentados á porta do mosteiro.

Um dia o sopro da tempestade apagou a lampada que brilhava no topo do templo : esse farol, que chamava a si os perdidos nas voragens d'este mar da vida, escureceu-o a nuvem da impiedade, que lhe passou por cima, e os naufragos, cansados de luctar contra os ventos encontrados da « philosophia » e da « fome » n'um só dia perderam o fanal que os chamava ao porto de salvamento, e a ancora da fé, que poderia, durante a tempestade, contel-os... reanimal-os na esperança d'um melhor futuro!

A fé! Essa flor, sempre viçosa no coração do infeliz, honrado, poderia resistir, quando o sopro abrazador da irrelição lhe desfolhava, em cada desgraça, uma petala, em cada petala uma d'essas expansões d'alma, que o desgraçado tem com Deus!? O ouvido do indigente poderia ensurdecer á voz do seculo, que continuamente lhe bradava: « a tua fé mente-te! N'este mundo, qual o fizeram os vicios, o que ha é um fardo pesadissimo nos hombros do desgraçado, que não tem o valor de sacudil-o! »

Estava discutida a razão do soffrimento. Estava determinada o nada como complemento do homem. Estava constituido o sepulcro como um leito placido d'um somno infinito. Estava, finalmente, laureado o suicidio com as ovações da intrepidez!

A escola do suicidio funcionava, desprendida e livre de embaraços, porque a impiedade trancára as portas do mosteiro, donde não podia sahir o anjo da salvação para sentar-se á sombra da morte ao lado do desesperado.

Temos visto em cada jornal, em cada dia, o annuncio d'uma, duas, tres victimas d'esse genero de morte, que obrigam os olhos a verter lagrimas de piedade por essas almas, que d'aqui partiram, laceradas pelas agonias do desespero, para um mundo, onde a misericordia do

Altissimo lhes será tardia! Compunge a meditação nos lances tormentosos, que, sem a consolação d'algum, debilitaram as forças moraes, que reagem incessantemente contra a destruição d'aquelle que se faz victima do seu braço. É pavorosa a resolução d'aquelle que se atira ao sepulcro, atando com suas proprias mãos o elo, que prende a cadeia da vida á eternidade dos reprobos!

E não é só na taça da indigencia, que muitos desventurados, n'estes ultimos mezes, tem tragado o veneno do suicidio. Vemos que algumas infelizes se precipitam nas ondas, ou nas lagens das ruas, quando não é a fome que lhes perverte a razão, nem a nudez que as envergonha de se olharem postas em espectaculo de irrisão. Não é a fome, nem a nudez, É talvez a *deshonra* — palavra tremenda de impiedade — que significa um enlace maldito entre a pomba e o açor, que teve a perversa coragem de desvirtuar a sua victima, a ponto de arrancar-lhe do coração o temor de Deus, e as crenças na eternidade, primeiro e derradeiro amparo d'uma pobre mulher!

Não fatiguemos a imaginação debuxando, com o sangue d'uma realidade cruel, os quadros variadissimos do atheismo pratico. Balsamo, balsamo para tantas chagas!

É necessario que todos os homens de bom coração se esforcem por destruir esse refugio, que a immoralidade construiu para os desgraçados. É necessario que os que podem se não recusem a valer ao infortunio, que lhe ergue as mãos, pedindo-lhe um recurso, muitas vezes pedido na vespera d'aquelle dia em que determina aniquilar-se. Não haja constrangimento em sondar muitos segredos, que, na escuridade d'um sotão, elaboram o veneno do suicidio, depois que o desfallecimento moral inervou o braço da religião. Haja piedade em todos os homens para que a mulher, exauthorada do seu diadema de virgem, não busque cobrir a vergonha da face com o véo pallido da morte. Venha a caridade substituir

esse sarcasmo aviltador, que convence pouco e pouco o infeliz da sua indignidade entre os homens, até arremessal-o para fóra d'elles, dando-lhe, como salvo-conducto um punhal, uma pistola, um despenhadeiro, e por fim uma gargalhada sobre o cadaver. Quando d'entre vós houver um homem, que a necessidade forçou a degradar-se para um degráo vergonhoso na escala das infamias, não o apupeis, como a um maldito, porque o Senhor das misericordias não delegou em vós a vara do poder. O homem, assim lacerado pelas affrontas d'uma sociedade inexoravel ; a mulher assim repellida pelos motejos d'uma sociedade hypocritamente ciosa das suas purezas, não é já um suicida, quando se lança nos braços da morte: é um assassinio da sociedade. E quando os principios da irreligião procuram acobertar-se n'um véo hypocrita d'estremado pudor e honradez, o suicidio é a derradeira consequencia do atheismo, para quem a *caridade* é uma palavra sem significação!

CAPITULO XXXV

Santo Ignacio de Loyolla



COMO defeza e anteparo aos nossos mal bosquejados artigos á cerca do fundador da companhia de Jesus, damos a versão d'um sobreexcellente escripto de Luiz Veuillot. E um como epitome das virtudes, dos triumphos, e da animozidade ferina que os abateu como baluartes mais resistentes aos assaltos da impiedade. Gloriamo-nos de ter comnosco, ou de nos conformarmos, sobre este assumpto, com abalisados pensadores como Créti-neau Joly, e Luiz Veuillot. Acclararam-se os tempos borrascosos. A humanidade despreoccupada principia a ler a historia da companhia de Jesus em livros mais serios que a *Deducção Chronologica*, e o romance de Eugenio Sue, que morreu primeiro que seu author. A luz plena ha de vir, e a historia honrará as mais illustres victimas da corrupção victoriosa.

Segue a magnifica apreciação do escriptor francez, que ahi relembra um feito glorioso da portugueza Izabel Fernandes, façanha do céo não contada nas chronicas das batalhas sanguinarias:

« Que é o que vêmos na historia dos jesuitas? Uma sociedade de homens piedosos, corajosos, e sabios — piedosos pela maior parte até á santidade, corajosos até ao heroismo; tão perfeitamente experimentados, tão admiravelmente dedicados a suas santas leis, que, apenas no decorrer d'um seculo, se vêem fraquear alguns, que são logo expulsos.

« Taes homens vão a todo o mundo soccorrer a fé catholica, em toda a parte ameaçada; arrancam ao protestantismo uma parte da Alemanha, salvam de seus venenos a Polonia e a Bohemia; vedam-lhe a entrada na Italia; expulsam-na da França; regeneram o espirito de fé em Hespanha e Portugal; affrontam os supplicios em Inglaterra, na Irlanda, e na Escocia; são civilisadores no Canadá, conquistadores, como os apóstolos, na America e nas Indias. Resultados grandes corôam estes trabalhos immensos, mas o triumpho da Companhia custa-lhe o seu sangue. Em toda a parte os jesuitas luctam com o odio, são prêsos, espoliados, proscriptos, mortos, feitos pedaços. Vêem-se na India sobre lavaredas e sobre cruces; em Inglaterra enforcam-os; em França rodam-os. O legista calumnia-os do alto da sua tribuna, cobarde algumas vezes como um assassino de emboscada; o protestantismo pendura-os nas vergas dos navios que levava com elles o Evangelho aos idolatras; o selvagem devora-os. Não ha nada comparavel á raiva dos tyrannos contra elles! Izabel de Inglaterra não fica contente ainda, quando os vê mortos; quer deshonorral-os na sepultura: emprega n'este feito diabolico a sua manhã de mulher, a perspicacia de um seu procurador, e a ignobil industria d'um letrado. Esforços vão! os jesuitas triumpham, mais poderosos quando a tempestade os affronta! É tal o amor que inspiram, que, em toda a parte, as mais nobres almas querem soffrer com elles! Seus inimigos julgam enterrear suppliciadados, e não fazem senão consagrar alguns pedaços de terra, d'onde, mais tarde, brota a vir-

tude, que vincula a empresas grandes os grandes corações, e onde os mesmos que applaudiram os algozes vem aprender o *Credo* dos martyres.

« Os mais illustres nomes da Europa anceiam por preencher o vacuo que tantos assassinos fizeram na ordem. Os procuradores geraes d'Izabel e de Jacques, os agentes do parlamento, da Sorbonna, e da Universidade, os senadores de Veneza, secretamente conquistados para o Calvinismo, viram lords inglezes, gentis-homens francezes, parlamentarios, universitarios, senadores, a gloria de seu paiz, de sua raça e corporação, vestirem este habito, abraçarem esta regra, fortalecerem esta ordem, cujos membros foram cem vezes declarados infames. D'onde nasce isto ?

« Mr. Sue e outros affirmam-nos que tudo isto se explica por uma vocação para o crime e para a libertinagem; e mr. Sue ganha, dizendo isto, cem mil francos (1), e outros ganham o ministerio. Escriptores, e politicos, por mais habeis que sejam, duvido que saibam o que se passa em uma alma, que só aspira aos estipendios do céo. Ganhar o céo pelo trabalho, pela oração, pela renuncia, pelo sacrificio, pelos supplicios — tal é o fim que a Companhia de Jesus propõe áquelles que adopta; e são elles mesmos que o dizem. Ora, *eu creio no testemunho d'aquelles que se deixam decapitar* (2).

« Allega-se que o publico murmura. Se devemos dar attenção ao murmurio publico, que ha ahi no mundo mais mal conceituado que esses homens politicos, a cuja sombra se renovam hoje calumnias, que nem a morte, nem a historia podem desarmar? Escreveremos com os

(1) Mr. Engenio Sue recebeu cem mil francos pelo seu romance o *JUREU ERRANTE*, expressamente escripto para descredito dos jesuitas. Este romance foi bem avaliado pelo illustre Victor Joly.

(2) São palavras de Rousseau, fallando do testemunho dos martyres do Christianismo.

jornaes a historia 'dos ministros? escreveremos a historia d'um partido com o testemunho que nos lega um partido opposto?

« Mas se ha um publico rumor contra os jesuitas, tambem ha outro, penso eu, em seu favor.

« Esses povos que os chamam, esses principes que os protegem, essas familias que luctam para confiar-lhes a educação da mocidade, esses homens de bem que lhes supplicam a accitação da sua vida, esses heroes que os admiram, os sabios que vão ás suas escólas, esses philosophos e historiadores, que não se imbuem de prejuizos... tudo isso não valerá cousa nenhuma? Tantos testemunhos gloriosos serão considerados como se não existissem, porque não poderam obter a voga brutal de um livro atirado á multidão em folhetins ⁽¹⁾?

« Ouço os cem mil leitores do *Constitucional* gritar que os jesuitas são scelerados, mas a historia mostra-me silencioso Henrique IV que os sustenta, Condé que os ama, Bossuet que os louva, Leibnitz que os honra, Fenelon que se forma dos exemplos d'elles. Parece-me que uma palavra de Montalembert, que altamente os venera, desvia d'elles a lama que lhes é atirada por mil folhetins.

« A Igreja, pela voz do Concilio de Trento, diz mais ainda; e, finalmente, ouço os proprios jesuitas, recolho suas palavras, conheço suas acções.

« Conheço que os christãos e os padres são aborrecidos, porque ha ahi desgraçados que aborrecem Deus, e o padre diz palavras que mandam amal-o, e tem obras mais poderosas, mais irresistiveis que suas palavras. Concebo que todo aquelle que tentar rasgar o seio do Catholicismo, em cujo seio reside o poder de Deus so-

(1) O *JUDEU ERRANTE* foi publicado em folhetins no *CONSTITUCIONAL*, que desde muito se pavoneia de ser o apostolo infatigavel da impiedade.

bre as nações, ha de aborrecer implacavelmente o padre. Porque os padres ergueram em redor da religião um anteparo de pedras animadas, que repelliram com vezes os inimigos; inflammaram com incomparavel ardor de fé e sacrificio os homens que se lhe aproximaram; ensinaram a milhões de christãos a arte de subjugar os subterfugios do espirito, e as rebeldias da carne; ensinaram-nos a desprezar a argumentação dos sophistas, e a logica dos verdugos. Tal é o seu crime: e não devem esperar perdão!

« Se elles apresentassem uma associação de franc-maçons, ou de quakers, que fizesse alguma cousa do que fazem os jesuitas, isto é, que se retirassem de todo o seu interesse da terra para se occuparem do interesse dos mais homens, assistir-lhes, consolal-os, instruil-os, excitar os ricos á esmola, os pobres á paciencia, os desgraçados á esperanza, todos á mais pura virtude; se se vissem seus esforços coroados do bom exito; se se soubesse que o seu zêlo os excita a supportar fadigas, a affrontar os perigos; se não fosse duvidoso que elles resistiram á ira dos tyrannos, reforçando a coragem de seus irmãos perseguidos — parece-me que o mundo nunca se fartaria de elogial-os!... Mas, em lugar de serem franc-maçons, esses publicos bemfeitores são christãos; em lugar de se ligarem por ceremonias pueris e sacrilegas, ligam-se por votos sagrados e irrevogaveis: com estes não quer o mundo nada! Tomaram o nome de Jesus, como um estandarte dos seus designios, e um memorial dos seus deveres; e nada lhes será permitido, nem a livre respiração na patria; nada lhes será perdoado, nem as consolações ao moribundo, se não fizerem segredo do seu nome! O que o Mestre dizia, ha mil e oitocentos annos, os discipulos tem ainda o direito de dizer: « Soccorri os pobres, curei os enfermos, e ensinei a verdade entre vós. Por qual d'estes crimes me espancaes? »

« Uma só cousa parece mais estranha que esta per-

severante injustiça: é a sinceridade com que os perseguidores se espantam de não ter vencido, e notam a obstinação do nosso amor. Evidentemente algumas das mais nobres satisfações da alma não as conhecem: não comprehendem que prazer é honrar a virtude proscripta. Felizes somos nós: curvamo-nos perante aquelles que tão iníquos clamores perseguem; e essas injustiças, que os fazem mais respeitaveis e queridos, fortalecem-os ainda mais para nos guiarem. Mais de pressa elles alcançam de nós promessas, actos, e sacrificios que devemos a Deus. Como resistir, se é do alto da cruz que sua voz dôce e serena nos apostolisa a cruz? Livres e honrados, aconselhariam; mas, injuriados e proscriptos, mandam; e n'isto está a gloria da alma humana. Quem nos diz que não está ahi todo o mysterio d'essas injurias, das quaes ninguem em tempo algum os defendeu? Da perseguição tiram elles mais merecimentos, e nós mais vantagens. Procedimento bem digno da misericordiosa Providencia que adoramos.

« Um governador do Japão, que não escrevia romances, mas queria agradar ao seu principe, e não era fahlo d'imaginação, como vai vêr-se, fez construir, sobre uma rocha que entrava mar dentro, uma prisão exposta a todos os ventos. Compunha-se de gaiolas onde não era possivel estar-se de pé nem sentado, e que não abrigavam o prêzo dos fogos do sol, nem dos gêlos do inverno. E, depois, o tal governador atirou para ahi um jesuita, o padre Spinola, e quatorze religiosos, réos por pré-garem no seu paiz a castidade, a esmola, e a egualdade christã. Esperava elle, fazendo-os morrer de fome, de nudez, de podridão, extinguir o zêlo, que antigamente era extincto nas lavaredas das fogueiras. Que aconteceu? O numero dos encarcerados cresceu: os christãos japonezes denunciaram-se para entrar n'esta prisão; e, logo que entraram n'ella, sollicitaram a honra de serem aggregados á sociedade de Jesus. Spinola admittiu-os: a enxovia tornou-se um collegio de noviços.

O governador, vendo isto, julgou, aconselhado pelos protestantes inglezes que navegavam n'essas paragens, que o melhor de tudo era queimar os jesuitas.

« Depois de passarem tres annos nas cadeias d'Ormura, Spinola, seus companheiros e seus neophytos, foram conduzidos á fogueira. Trinta e um christãos indigenas deviam ser decapitados no mesmo dia, e no mesmo logar. Quando estes dous batalhões de martyres se encontraram, Spinola entoou o *Laudate, pueri, Dominum*. Os padres, os christãos, que aguardavam a morte, aquelles da multidão que se honravam com a sua amizade, com o seu parentesco, ou com a sua constancia, todos, com uma voz vibrante, fizeram soar o cantico dos louvores. Spinola fallou em seguida. Os illuminados do Japão, instruidos pelos mercadores protestantes de Hollanda e Inglaterra, allegavam já contra os jesuitas os argumentos do folhetim, e os do *Collegio de França*.

« Spinola do alto da sua fogueira, diz, em poucas palavras, que ambição o animára; e regosija-se de possuir em fim os bens que viera buscar. Em quanto fallava, viu Izabel Fernandes, esposa do portuguez em cuja casa se hospedára. Uma dôce recordação exalta seu espirito, e pergunta a esta mãe onde está seu filho Ignacio. Era o filho de Izabel, que, quatro annos antes, o jesuita baptisára, na madrugada do dia em que fôra prêso. Izabel levanta o menino nos braços, que, como todos os christãos, estava vestido com a sua melhor roupa, e diz: « Eil-o, meu padre: elle folga de morrer comvosco! » Depois dirigindo-se ao pequeno Ignacio: « Olha, continuou ella, aquelle que te fez filho de Deus, aquelle que te revelou uma vida preferivel áquella que vamos deixar. Meu filho, implora a sua benção para ti e para tua mãe. » Ignacio ajoelhou: ergueu as mãosinhas, e, já quasi rodeado de chammas, o confessor, provado em vinte annos de tribulações, abençoou este martyr no berço. Um grito de piedade fugiu de

todas as bôcas. Para comprimil-o, os juizes dão o signal da execução, e trinta e uma cabeças de Christãos cáem uma apoz outra (4). »

« Este meio de atalhar depressa á veneração que inspiram os jesuitas, e o unico, que vinga, applicado áquelles que os conhecem e são dignos de conhecêl-os; ha tres seculos que não se topa outro melhor: tão empregado elle tem sido! Mr. Sue escreve para os descendentes d'aquelles, que, em quanto os jesuitas morriam d'este modo, pizavam e cuspiam a cruz de Jesus Christo, para obterem o direito de traficarem no Japão. Limite-se elle a encantar estes *pensadores*, e consinta que nós e nossos filhos nos ajoelhemos, como Izabel Fernandes, ao pé do cadafalso e da golilha.

« Todavia, no meio d'estas perseguições, que milagre faz viver e multiplicar os jesuitas? Existem sempre e em toda a parte: vencidos e conquistadores, destruidos e indestructiveis. Depois de Spinola, quando a morte é certa, nenhum missionario do Japão deserta a fileira da morte, e outros vão da Europa tocar este chão, onde os tormentos são inexprimiveis. É preciso que os holandezes e os inglezes estabeleçam na costa uma cruzada severa para suffocar ahi o Evangelho, suffocando o sacerdocio: em tal caso, os jesuitas vão morrer á China.

« E é sempre assim.

« Hoje mesmo renascem na Europa, sobre os destroços das leis fulminadas contra elles, como na America sob as frechas dos selvagens, como na Asia das torturas do cavalete. Vaticino que o mundo nunca os expulsará. Embora a calumnia aguce os cutelos, e sobre as fogueiras, e irrite a populaça, e amatilhe os legisladores: em quanto fôr gloria ser jesuita, nunca os christãos deixarão esquecer tal nome. Para que os jesuitas desappa-

(4) Hist. da Comp. de Jesus, T. III. p. 194. Episodios d'este genero abundam no excellente livro de M. Crétineau-Joly.

reçam para sempre, é preciso que o mereçam pela sua quêda. Tudo quanto, contra elles, se apprehende hoje, é, como outr'ora foi, interesse para a ordem, sempre inconcussa, apesar de todas as tempestades presentes e futuras: attrahir ao seio da companhia o maior numero das vocações religiosas.

« Todas as almas, sedentas dos opprobrios da cruz, sentem-se attrahidas por este instituto, que tão ao justo representa Jesus insultado pela população, flagellado pela synagoga, condemnado por Pilatos, Jesus morto sobre o Calvario, e resuscitado ao terceiro dia. Lá vão dar os mais firmes espiritos, os mais dedicados corações, as mais fortes virtudes.

« Eu poderia dizer a certos jornalistas, tão meus conhecidos como os que ultrajam, eu poderia dizer-lhes em que dia, em que hora elles fizeram d'um padre secular um jesuita, que talvez, sem elles, nunca deixasse o seu tranquillo presbyterio. O effeito é semelhante sobre os leigos. De todos os nossos padres são os jesuitas aquelles que mais convertidos chamam a seus pés. O homem que rompe com as maximas do mundo, sente grande jubilo em consummar nas suas mãos o proprio sacrificio: é uma reparação de mais n'esta obra das reparações solemnes, e Deus se apraz sustentar a coragem de seus servos, permittindo-lhes absolver seus antigos adversarios.

« Possam todos aquelles que os maldizem, e espancam, e calumniam serem citados ao seu tribunal. O espectaculo das injustiças passadas enche a alma d'uma força singular contra as injustiças presentes: sente-se ali tanta piedade pelos algozes, como piedosa admiração pelas victimas. Vendo-se o que uns e outros se tornaram ao cabo d'alguns annos, como lastimar os martyres? Perderam algumas horas de vida para mais cêdo entrarem na posse d'uma gloria, cujo brilho eterno resplende até nós; e por certo nada ganhariam se morressem pacificos em seu leito. Como odiar os persegui-

dores? O que elles ganharam de dinheiro, de prazer, e de poder, pouco durou! Morreram, e deram contas a Deus. A historia falla muitas vezes dos horrores do seu passamento; e nunca disse que elles, morrendo, cantaram com voz serena o psalmo do resgate, louvando o Senhor que os chamava a si. Mostra-nos seus rivaes mundanos satisfeitos, seus inimigos vingados, seu poder abatido; nenhuma mãe a implorar-lhes benções para seus filhos, nenhuma pessoa honesta a invejar-os, a admirar-os, e a lamentar-os. Morrem; e o seu nome, se fica nos annaes humanos, torna-se o opprobrio da pagina onde foi escripto.

« E, como estes, não morrerão, e não serão julgados aquelles que os imitam? Diz-nos alguma probabilidade que os plagiarios serão mais felizes? Acharam estes o processo de cavar á virtude um sepulcro esteril?

« Ah! por certo que nos indignam e enojam, quando retardam até amanhã o bem que hoje podia fazer-se; mas, alguns annos mais, e qual d'entre elles, a não detestar seus erros, nos não fará compaixão? »

CAPITULO XXXVI

Ignacio de Loyola

Serão ditos o bem e o mal : o bem sem admiração ; o mal sem azedume ; e tudo sem parcialidade.

HISTORIA DA COMPANHIA DE JESUS — CRETINEAU-JOLY
— T. 1.º C. 1.º

§ I

O CAVALLEIRO



EINAVAM em Hespanha Fernando e Izabel, e corria o anno de 1491.

N'um dos mais illustres solares de Biscaia, nascia um representante da velha linhagem dos Loyolas.

Ignacio, com os seus sete irmãos faziam o mais nobre cortejo dos sarãos de Madrid, e mais nobres lhe chamaremos, porque a cortesia d'aquelles oito irmãos era um mixto de virtude e delicadeza, um donairoso enlace de fidalguia e decoro.

D. Antonio Maurique, duque de Najera, e grande de Hespanha hasteára o seu balsão de guerra contra França.

Ignacio de Loyola dá um adeus de mancebo aos

folgedos da côrte, o vai saciar as ambições de rapaz nas eventualidades das pelejas, á sombra do estandarte de seu tio duque.

Nas fileiras do exercito hespanhol avultava esse official d'uma coragem prodigiosa! Ignacio de Loyola, coroado nas batalhas, e laureado pelas damas, nos intervalos da paz, foi tributario nas paixões do coração, como qualquer galhardo mancebo da hoste de D. Antonio Maurique.

Nos seus amores cavalheirosos e romanticos, como deviam de ser os amores affeiçoados pelos rimances de cavallaria, que então se liam, Ignacio não presentia que os seus futuros depressores lhe imputariam uma vida desipada na idade das paixões.

Calumniaram-no, porém, como se o homem da cota e da lança devêsse alojar no seio o espirito do penitenciarario da roupêta e da cruz!

Incoherencias da calumnia! . . .

Era em 1521.

Pamplona, a filha de Pompeu, a mais robusta cidade de Navarra, gemia no cinto de ferro, que André de Foix lhe cingira em nome do rei de França, falsario nos seus tractados com Carlos V.

Ignacio de Loyola, que não tinha, como soldado, o direito de reprehender as injustiças do seu rei, já que a sorte da guerra o fizera compartilhar da derrota ou triumpho dos cercados, assumiu o supremo commando das forças sitiadas, e rebateu valorosamente as primeiras investidas do exercito francez.

Repetem-se os assaltos, e Pamplona, como a arvore secular cortada pelo gume do machado incansavel, começa a fraquear no interior da sua rubustez, e solta o grito de vencida, quando o sangue de seus filhos lhe tinge as muralhas arruinadas.

O baluarte dos bravos, a forte que sorrira durante sete seculos ás cóleras francezas, era acalcanhada por Foix, como 778 annos antes o fôra por Carlos Magno.

Ignacio de Loyola, victima da sua coragem, ebrio d'aquelle ambiente de sangue, recolhe-se á cidadella, pobre de munições, indefeza, debil, e quebradiça nas mãos do inimigo.

Não era tanto assim. É que lá dentro, n'aquelle tumulto de vivos, batia um coração de soldado essas pulsações profeticas d'um grande chefe na milicia de Deus.

O general vencedor propõe capitulação a essas dezenas de loucos que lhe affrontam o triumpho. Ignacio repelle-a com indignação. Estalla o choque da peleja. Banham-se em sangue de seus irmãos os que avançam um passo para as muralhas. De dentro ha o batalhar da desesperação. A morte é a corôa de triumpho para cada hespanhol. Olham-se como homens cujos dias estão contados. Reanimam-se de alentos ferozes, quando uma lança cahe do braço morto do seu companheiro.

Trocam-se os derradeiros golpes... vão travar o ultimo recontro de bravos, que nada esperam... eis que Ignacio de Loyola é ferido de uma bala na perna direita, cahe, e n'esta queda arrasta consigo os alentos de seus soldados como se o brilho da sua espada fosse a luz do enthusiasmo para aquelles bravos.

A cidadella rendeu-se, como a viuva d'um grande general, á descripção do seu vencedor.

Os francezes olham com respeito para aquelle homem prostrado. Erguem-no. Parecem invejar-lhe o triumpho de vencido! Pensam-lhe as feridas, que são ameaçadoras, e transportam-no, como a um rei que venceu á custa do seu sangue, ao castello de Loyola, ao seio de sua familia!

Um inimigo sanguinario, nas mãos de Deus, é um anjo de paz! É que Deus tinha escolhido aquelle homem, e mandara-o levantar das mãos de seus inimigos, como a Lazaro do seio da sepultura!

Posto em tratamento, Ignacio soffreu, com resigna-

*

ção, uma segunda fractura, para remediar a má articulação da primeira.

Livre da morte, sentindo-se defeituoso n'um joelho, quiz que a parte ossea, que lhe privava o exercicio da perna, fosse cortada. Vence o terror que lhe incutem com o doloroso da operação, e é operado. Depois reconhece que uma perna carece de elasticidade. Entra no supplicio d'uma machina de ferro, que lhe não arranca um gemido nem uma lagrima.

A serenidade d'aquelle rosto vaticinava os tormentos que deviam mais tarde combater-lhe a serenidade do espirito.

Ignacio de Loyola vigorisava-se na convalescença. Um dia, por defastio, pede um livro de cavallarias. Trazem-lhe a *Vida de Jesus Christo*, e a *Flor dos Santos*.

Leu.

O que foi de intimo no segredo d'aquelle coração, viu-o Deus!

Loyola cahira n'um leito de tormentos, como soldado das batalhas da vida, e erguera-se n'um extasis fervoroso, para as milicias do céo!

§ II

O PENITENTE

É corajosamente sustentada a mentira : os accusados condemnam-n'os sem os ouvirem ; e os accusadores accreditam-n'os sem os examinarem .

S. BASILIO, discurso X — sobre a inveja e o odio...

Na côrte de Castella soava um nome celebre, e a esse nome succedia uma historia de heroismos, que promettia, nos fastos da Hespanha guerreira, a mais gloriosa das suas paginas.

Este nome despertava a anciedade de conhecer o guerreiro de Pamplona, de engrandecê-lo ás alturas do fastigio mundano, e, por ventura, de saudal-o no verdor da existencia, como homem fadado por altos destinos do céo.

Este homem era Ignacio de Loyola.

Perguntavam os gentis-homens pelo seu irmão das batalhas ; as damas pelo brioso amator das suas virtudes ; e, entre tantas, que lhe adoravam o prestigio das glorias, uma ahi havia, que lhe jurára o amor immaculado d'aquellas eras, quando o joven soldado, d'entre as pilastras douradas dos salões de Madrid, fôra, ebrio de enthusiasmo, sorver uma vida nova de commoções no ar agitado pelos estandartes de guerra.

Ignacio de Loyola tinha morrido para esse mundo que o desejava engrandecer nos perfumes do respeito, e para essa mulher que lhe abria o coração como thesouro de recompensas para tamanho valor.

Não o busqueis entre vós, grandes d'Hespanha ! Desfolhai essas flores d'um dia, formosas da côrte, que a fronte do penitente vão os espinhos da contricção borrifal-a d'um sangue, onde não medram as vossas grinaldas mundanas ! Buscai-o aos pés da virgem, mas VIRGEM dos céos, consolação dos que choram, coração sem macula, mas aberto ás maculas do peccador, como taça

divina em que as culpas do homem constricto são postas na presença de JESUS CHRISTO!

Ignacio, acompanhado de dous servos, sahira furtivamente do castello de seus paes.

Avistando o mosteiro de Montserrat despediu essa pobre comitiva, e bateu á porta d'aquelle mosteiro, com o fervor de homem, que vae dentro vestir as armas indispensaveis para um grande triumpho.

O seu passado, inquieto de paixões, e ambicioso de palmas, colhidas entre cadaveres, contou-o elle ao primeiro monge, que podesse prometter-lhe o céo, em nome de lagrimas, não choradas de balde aos pés do que perdôa em nome do SENHOR.

Seguiu-se-lhe uma noite de sentimentos indefiniveis para nós, homens da fraqueza viciosa, que não alteamos do baixo de nossa miseria o pensamento ignobil aos arrobamentos d'uma devoção fervente!

Ignacio de Loyola velou as armas aos pés de uma imagem da VIRGEM. O clarão da manhã coou-se pelas frestas do templo sobre a fronte penitente do cavalleiro. E, quando as portas do sanctuario eram abertas aos peregrinos que vinham, o homem das batalhas depõe aos pés da MÃE do REDEMPTOR a espada das suas lides gloriosas, e sobre os hombros d'um mendigo o manto dourado de gentil-homem.

Para aquelle corpo macerado por contusões da guerra, ha, desde aquelle instante de abnegação prodigiosa, uma cadeia de ferro que lhe cinge os rins, um cilicio que lhe roxeia as carnes, e um manto de sacco, que veda aos olhos dos homens esse martyrio occulto que lhe flagella o corpo.

Ignacio estende a mão de mendigo á porta da caridade, e encontra, muitas vezes, o ultrage do abastado, que o manda curar d'outro mister de vida.

Em 1522, o portento de sacrificios, pedia, na cidade de Manreza, o miseravel gazalhado d'um hospital de mendigos.

Amparado n'aquella vida, que parecia extinguir-se, antes que o homem de Deus saciasse a sua sêde, Ignacio de Loyola, a seiscientos passos de Manreza, depara um rochedo cavado. Viveu ahi a vida de um anno de austeridade, alimentando-a com o raro pão e agua da caridade, e com a abundancia da graça de Jesus Christo.

Foram terriveis as suas angustias. « Deus remunerou-lhas com usura. Ignacio, cortesão, homem de prazeres ou soldado, carecera tempo e vontade para indagar a sciencia dos livros. A sciencia dos homens, difficil entre todas, foi-lhe revelada. O mestre, que devia subministr-a a tantos outros, foi instantaneamente formado por uma illuminação divina. Compoz o livro dos *exercicios espirituaes*, obra, que tanto diz da sua vida, e que tamanho fulgor reflecte na historia de seus discipulos » (1).

Livro inspirado, exaltação d'um santo a quem o seio de Deus se abria no mais augusto de seus mysterios, os *exercicios espirituaes*, na bella expressão do padre Jouvency, produziram tantos santos quantos foram os seus leitores.

Haviam ahi paginas onde a mão de Deus escrevera — deixai-nos assim fallar — o segredo da sua divindade, durante oito dias que Ignacio de Loyola, aparentemente morto, mergulhava os olhos do espirito no oceano infinito dos mysterios celestiaes. E que é d'essas paginas? Ninguem as leu. A mão moribunda de Ignacio de Loyola, lançou-as no fogo, e o braço da Providencia não as salvou em proveito dos homens!

No resto precioso d'essa serie de visões profundas, e esperanças propheticas, transpira a conversão do peccador, a aspiração do justo, e um quê sublime que « força o homem a sahir do mundo, e o deixa palpitante de temor e de esperanza entre as mãos de Deus » (2).

(1) Cretineau Joly — Histoire — T. 4 pag. 48.

(2) Idem.

O resumo da Regra da sociedade de Jesus, cujo instituidor era ainda um possível na intelligencia do Omnipotente, escreve-o Ignacio de Loyola, n'esta sublime contemplação de um rei da terra, chamando ás armas os seus vassallos :

« Imaginei, e figurei ante meus olhos um homem, que a escolha do proprio Deus collocou no throno, e a quem todos os principes e povos christãos devem respeito e obediencia. Imaginei ouvir tal rei fallando assim a todos os seus subditos : Desejo curvar ao meu imperio todas as regiões dos infieis. Quem quizer seguir-me deve, pois, dispôr-se a não ter outro vestido, nem outro alimento que eu não tiver ; em uma palavra : viver como eu. Que se prepare para os mesmos trabalhos, para supportar as mesmas vigílias e correr, comigo, os mesmos perigos. Com taes condições, participando da minha victoria, quinhoará mais ou menos da minha gloria e da minha felicidade, segundo o seu merito de zelo e coragem em seguir-me nos perigos e trabalhos. »

Seguiu-se outra visão: Lucifer desenrola o seu estandarte, e recruta a hoste dos seus escolhidos. Jesus Christo, em frente do principe das trevas, elige os fortes para o SEU dia de triumpho.

Ignacio de Loyola era o propheta, que os inimigos da sociedade de Jesus, os soldados do anjo rebelde, não ouviram, no ardor da sua peleja, apregoar-lhe a sua sentença dois seculos antes.

§ III

A VISÃO REALISADA

Nunca na memoria dos justos serão deslebrados os nomes d'esses filhos d'Ignacio, que, regeitando cargos de sublimada confiança, organisaram uma pequena assemblea de padres, gernes bem-abençoados d'esta comunidade.

FENELON.

O plano do instituto de Jesus era ainda uma esperança de remota realidade no espirito de Ignacio de Loyola, e já as criticas malevolas rumorejavam surdamente contra alguma coisa indefinida que transpirava os *Exercicios espirituaes*. Bem cêdo se encorporaram as visões do santo, na guerra intempestiva, que elle previra capitaneada pelo espirito das trevas.

Alcunhavam-lhe o livro de presumçoso temerario, attribuindo-se a influencia do Espirito Santo, e o poderio jactancioso de aperfeiçoar neophitos em trinta dias. Accusavam-n'o de magia, porque tinha a mentirosa vaidade de dar regras e preccitos para obter o extasis e a visão. Reputavam-n'o finalmente como um vehiculo para a demencia, por isso que as repetidas conversões operadas por elle, eram, na opinião de seus detractores, uma especie de desarranjo mental, que precisamente remataria em loucura.

Embora S. Francisco de Salles asseverasse que « os exercicios espirituaes converteram mais peccadores do que as letras que tinham, » Ignacio de Loyola foi apellidado heretico, porque teve a indiscripção de revelar o segredo das suas visões!

Citados ao tribunal ecclesiastico os « Exercicios espirituaes » e analisados escrupulosamente, como convinha á natureza das accusações, a critica retirou-se enver-

gonhada, e deixou de si o documento de má fé que devia, de geração em geração, passar como herança de máos avós a pessimos netos.

Com quanto, na judiciosa opinião de *Crétineau-Joli*, n'aquella obra se destacassem palavras e prescripções, capazes de ferir susceptibilidades e mormente espiritos desattados, é certo que, no processo de canonisação de Santo Ignacio de Loyola, deparamos estas palavras, que o sabio historiador da companhia de Jesus, cita como *chave d'aquella obra* :

« Os mencionados « Exercicios » foram compostos n'aquelle tempo em que o bemaventurado padre ignorava as humanidades, e forçados somos, pois, a confessar que a intelligencia e luz lhe desceram sobrenaturalmente, e não foram adquiridas. »

Citaremos ainda do mesmo auctor as palavras de Paulo III na sua bulla de 31 de Julho de 1548 :

« De nossa sciencia certa, approvamos, louvamos, e, por auctoridade d'este escripto, confirmamos as instrucções e exercicios supraditos, e quanto elles em geral e particular contem, exhortando vivamente no Senhor os fieis d'ambos os sexos, e de todos os paizes, a não duvidarem usar tão piedosos exercicios, e devotamente pratical-os. »

A resposta é preemptoria aos adversarios de Santo Ignacio, cujo espirito descera do scio de Deus, com a sciencia ignorada dos homens, que, por força da sua fraqueza, deviam aspergil-a do seu fel.

Opulento d'aquella riqueza intellectual, que o seu livro lhe ministrava, Ignacio, cuja imaginação calorosa anciava por deleitar-se nos vestigios de Godofredo, abandona a cidade de Manreza, e parte só, pobre, e peregrino para o tumulo de Christo, como quem, com os labios sobre a pedra d'onde o Redemptor subira, queria murmurar a oração de graças por tamanhos beneficios que recebêra.

Em 4 de Setembro de 1523 na rocha do Calvario

joelhava um homem, em cujas faces juvenis desciam lagrimas d'um grande remorso, ou d'uma fervente devoção.

Remorso... não era esse o espinho que varava o seio do homem, que tantos de seus irmãos abraçára no instante solenne de roubal-os á impiedade, para restituil-os ao seu creador!

Fervente devoção... essa, sim, que duplicado pranto lhe custou, quando terminantes ordens do turco o forçaram a sahir da Palestina.

Em Janeiro de 1524 estava Ignacio em Veneza, lamentando a sua pobreza de sciencia das letras humanas, sem cujo auxilio era inutil a sua piedade. A grammatica latina, na idade de 33 annos, parecia-lhe uma sujeição enfadonha, mas, sendo maior a sua alma que os embaraços da sua idade, Ignacio foi sentar-se nas escólas de Barcelona entre crianças, e aprendeu latim. Nas horas livres, a sua missão, toda apostolica, exercia-se amaciando, pelo toque do remorso, corações endurecidos, ou despertando-os do somno da indifferença pelo abalo das convicções.

Da universidade de Alcalá, onde estudou philosophia, passou a Salamanca, e dahi, em 1528 Ignacio de Loyola era um prodigio de eloquencia na universidade de Pariz.

Era n'esses dias sanguinarios em que a guerra religiosa se debatia na Europa, e cujo clarim de batalha soava nos bancos theologicos da universidade de Pariz, pois de lá era que as scitas vinham para o campo, como se a guerra da palavra fosse incompleta sem o esgrimir das espadas.

A igreja tinha sectarios, que não sobravam de vigor para atenuarem a viçosa robustez dos apaixonados de Luthero, reforçado por Zwingle, Calvino, e tantos outros innovadores, que o espirito do mal endeusava no altar das paixões livres. A's fadigas da lucta, travada entre as duas potencias, succedeu o marasmo da indifferença; e, se algumas vezes faiscava das cinzas do Christianismo

uma ou outra queixa piedosa, os braços fraqueavam de parte a parte, e os contendores, que se despedaçavam como inimigos religiosos, acabavam por abraçar-se como *homens*, a quem era livre o maior numero de gôsos, segundo a habilidade ou destino de cada um.

Seja-nos permittido, sem desvio do assumpto, desviar a penna da biographia de Santo Ignacio de Loyola, e deixal-a traçar algumas linhas sobre um factio, que não deixará de ser uma verdade, apesar dos inimigos irreconciliaveis da Inquisição.

Tractando d'essas luctas encarniçadas, que tingiram de precioso sangue a França, a Alemanha, a Inglaterra, a Suissa, e os Paizes Baixos, admira que a Hespanha, e Portugal não figurem entre estas suas irmãs europeas, que tão irmãs lhes eram por vinculos de sangue, e de costumes!

No « Ensaio sobre a historia geral » maravilha-se *Voltaire*, que nos seculos XVI e XVII não soffresse a Hespanha alguma d'essas revoluções sanguinolentas, d'essas conspirações, ou algum d'esses crueis castigos, que se viram nas outras côrtes da Europa! . . .

É obvia a resposta, e *Voltaire* achala-ia nas palavras que rematam aquelle seu periodo de justa admiração: — *sem os horrores da inquisição nada haveria que censurar á Hespanha.*

A paz da Peninsula, n'esses dous seculos de atormentada peleja, é á Inquisição que se deve. Quando o rei Fernando a pedia para a Hespanha em 1483, e D. João III para Portugal em 1535, viam elles levantar-se ao longe o fumo d'um grande incendio na face da Europa. Sirvam estes nomes e estas datas ao desengano d'aquelles que vociferam injurias ao clero, como fundador dos dous tribunaes de inquerito na peninsula. Leiam o chamado *Amigo dos homens*, e lá verão, com bem energica linguagem esta confissão, que se não abona os principes, justifica a innocencia dos padres, que não vem a pello discutir aqui:

« A Inquisição, esse tribunal horroroso, outro tempo, na ordem civil... era a propria instituição dos príncipes... (1) »

Não se persuadam, porém, que salvamos o padre, para condemnar o príncipe. Os príncipes previram, calcularam, e legislaram com uma sabedoria tal, que de mais se aviltariam elles se respondessem hoje pelas providencias do tribunal da Inquisição a « vós, ignorantes orgulhosos, que nada tendes previsto, e que tendes alagado a Europa em sangue (2). »

Quem embalava o placido socego de Portugal no seu leito d'ouro quando Luthero accendia uma guerra de trinta annos; quando a França, a Inglaterra, e Flandres eram o theatro da mortandade de S. Bartholomeu, da carnificina de Merindol, e Cevennes, do assassinio de Maria Stuart, de Henrique III, de Henrique IV, de Carlos I, e do príncipe d'Orange? Seria a tibieza, ou a ignorancia dos portuguezes? Seria a generosidade e a tolerancia do seu espirito religioso? Mas vós invocaes a cada pagina dos vossos bellos livros civilisadores a mortandade de 5,000 judeus na praça do Rocio, pelo espirito intolerante dos christãos velhos! Quem susteve, pois, os dous inimigos irreconciliaveis dentro do paiz, e quem obstruiu nas fronteiras a importação das novas idéas do norte?

Temos a coragem de dizer que foi a INQUISIÇÃO. E quando nos fallarem em autos de fé, com grande vozeria de carpideiras hypocritamente condoidas, citaremos as seguintes palavras textuaes de *Bourgoing*, embaixador francez na Hespanha, filho querido do Directorio, e fidalgo inimigo do Tribunal:

« A Inquisição poderia ser citada em nossos dias como um modelo de equidade... Mais de nove annos

(1) Bispo d'Hermopolis -- Defeza do C. T. 2. p. 191.

(2) Idem, T. 3. 83.

de rezidencia e de observação me tem mostrado, que, com alguma cautela nos discursos, e no procedimento, relativamente á religião, pode-se facilmente evital-a, e viver tão socegradamente em Hespanha, como em outro qualquer paiz da Europa (1). »

É certo, porém, que a caridade, e os de mais sentimentos elevados, que se enlaçam no vinculo sacro-santo do amor de Deus, reprovam magoadamente o abuso, que fez delinquente a mão executora d'uma lei justa, em relação á época da sua promulgação. Todavia — como diz o bispo de Hermopolis — na sociedade não se trata de saber, o que pode vir a ser o poder, nas mãos d'aquelles que abusam d'elle; mas o que viria a ser a mesma sociedade sem o poder que a governa; por consequencia no christianismo, não examineis unicamente o abuso, que o homem pode fazer d'elle: mas o que viriam a ser sem o christianismo as nações, que o professam (2).

Quando pois, a Peninsula contemplava horrorizada a febre cruenta que incendiava as nações vizinhas, Ignacio de Loyola, mal repartido o apoucado tempo entre a lição, a oração, a disciplina, e o debate religioso, achava-se só, e lastimava-se na falta de companheiros, que se viessem alistar debaixo da bandeira que, Jesus Christo lhe entregara n'um dos seus extasis gloriosos.

Entre os seus condiscipulos, existia uma alma candida, espirito cultivadissimo, e coração piedoso. Pedro Lefevre era um moço de 22 annos, com uma docilidade de predestinado, e uma sujeição infantil ás maximas piedozas de Ignacio de Loyola. Foi este o primeiro que a Providencia collocou ao lado do fundador do instituto de Jesus.

Francisco Xavier, gentil-homem de Navarra, era es-

(1) Quadro da Hespanha moderna — T. 4. p. 388.

(2) Defeza do Ch. T. 3. p. 89.

cravo d'uma imaginação ambiciosa, cujos vôos pairavam sobre as cumiadas das glorias mundanas, e não achavam poiso digno de si nas urzes rasteiras, a que a humildade de Ignacio queria abatel-os. Foi pela grandiosa pintura d'essas mesmas glorias, que o humilde condiscipulo amaciou os orgulhos terrenos de Francisco Xavier.

Jacques Laynés, e Affonso Salmeron, vieram offerer-se e prostrar-se deante das virtudes famozas de Ignacio de Loyola. Nicolau Affonso, e Simão Rodrigues não hesitaram reunir-se a seus collegas.

A 15 d'Agosto de 1534, estes sete companheiros, em uma capella subterranea da Egreja de Montmartre, em dia festivo da Assumpção da Virgem, fizeram voto de castidade, de pobreza perpetua, e de se juntarem, no espaço d'um anno, em Jerusalem, ou de supplicaram de joelhos ao Summo Pontifice, que lhes recebesse o seu voto de obediencia.

§ IV

O VOTO CUMPRIDO

Não basta que eu sirva o Senhor : é preciso que todos os corações o amem, e todas as línguas o bendigam.

S. IGNACIO DE LOYOLA.

N'esse tempo, Ignacio sentiu anciosos desejos de abraçar seus irmãos, como se outro adeus lhes não podesse dar, quando a morte, longe da patria, lhe fechasse a carreira da sua peregrinação. Quando a ponte levadiça do castello de Loyola descia ao chamamento do filho d'aquelle solar, que se aproximava, envolto em pobre habito, d'onde sahira em rutilantes gallas de guerreiro — quando, pois, os senhores do castello inventavam brinquedos e folias para o seu irmão saudoso, Ignacio, fugia aos braços carinhosos de seu irmão mais velho, resistia ás instantes supplicas que lhe eram feitas para alli pernoitar, e buscava no asylo dos pobres de Azpetia, uma das suas enxergas para repouso de suas penosas fadigas e jornadas.

A sua primeira diligencia foi prégar aos povos, com uma unção privilegiada, e com o eloquente testemunho das suas virtudes.

A segunda foi reformar os costumes do clero, cuja conversão foi o toque de conversões maravilhosas n'aquelles dias em que o homem não era impio por officio, nem prestára á sua consciencia o juramento de o ser, sem quebra da sua desgraçada palavra.

A terceira foi vender a herança de seus paes, e distribuil-a na fundação d'asylos para pobres envergonhados.

Depois, superior a um adeus de lagrimas, e benções de um povo, que se julgava orfão d'aquelle pae de caridade e amor, Ignacio caminhando a pé para Veneza, veio abraçar ali a familia, que lhe era mais cara — os seus companheiros queridos do instituto, que, durante

a sua ausencia, augmentára em tres valiosos membros, attrahidos por insinuação de Pedro Lefevre. Eram Claudio Le Jai, da diocese de Genova; João Codure, da cidade de Embrun, e Pasquier Brouet, natural da Picardia.

Ignacio era então conhecido pela fama de suas orações no pulpito em Hespanha; pelas discussões religiosas, que seus discipulos sustentavam, inspirados por elles; e pela derrota, que, em Alemanha, os protestantes haviam soffrido, forçados pela sua logica invencivel.

Era já conhecido em Roma, quando a Paulo III constou a existencia de dez missionarios, que de longe lhe pediam faculdade de receberem ordens sacras. O papa attendeu-os, maravilhou-se, e, como se o Espirito Santo lhe illuminasse uma resposta digna dos que lh'a pediam, concedeu-lhes a ordenação por qualquer bispo a quem se apresentassem.

A 24 de Junho de 1537 o bispo d'Arbe sagrou as dez columnas d'esse edificio magestoso, onde Jesus devia hospedar o seu nome augusto.

Vimos, no capitulo III, o voto feito por Ignacio de Loyola, e seus companheiros, na capella subterranea da Igreja de Montmartre. Consistia elle em se ajuntarem no sepulcro de Christo, para, com um mesmo coração, e lagrimas simultaneas, pedirem ao Senhor a protecção, coragem e resignação, que necessitavam para superarem as difficuldades que lhe empéceriam á execução do seu grandioso plano.

Este voto era inexequivel, por isso que, organizada a alliança entre Carlos V, e a republica de Veneza, e a Santa Sé contra os turcos, as portas da Palestina foram fechadas á christandade.

Apresentarem-se ao chefe da Igreja, supplicantes, submissos, e exaurida com temor e respeito a auctoridade apostolica, que não tinham, era esta a segunda parte do seu voto, que nenhuns impedimentos receava para ser cumprida.

Ignacio, Lefevre, e Laynés foram a Roma, ao passo que seus companheiros se disseminaram nas mais celebres universidades de Italia para augmentarem o numero.

Quando estes homens, com o soffrimento estampado na pallidez da face, passavam, como homens de estranha missão, entre os povos, eram interrogados a cada passo sobre o seu fim, e a natureza do seu instituto. Era esta a sua resposta:

« Reunimo-nos debaixo da bandeira de Jesus Christo para combater as herezias e os vicios: somos a companhia de Jesus. »

Duas leguas fóra de Roma, Ignacio entrou n'uma capellinha, em Storta, e pediu a Deus benevolencia e protecção para a sociedade nascente. Um extasis profundo — diz Crétineau — enlevou aquelle espirito supplicante. Ignacio de Loyola viu, com os olhos da fé, o Padre Eterno, que a recommenda a seus filhos. Jesus Christo, acceita-lhe a dedicação, e lhe diz, olhando-o com affabilidade :

« Ser-te-hei propicio em Roma. »

Alguns dias depois d'esta visão, que produziu o nome á Companhia, entraram os tres padres em Roma.

Consideremos a capital do mundo christão em 1538.

§ V

O INSTITUTO

Estes são os homens que, impellidos pelo sopro do Espírito Santo, convergiram de remotas regiões do mundo, e, desprezadores dos prazeres do seculo, consagraram a Nosso Senhor Jesus Christo, para sempre, a sua vida...

BULLA • Regimini • DE PAULO III.

O prestigio da Santa Sé no espirito dos povos diminuiu consideravelmente em tempo de Paulo III.

Segundo a phrase judiciosa de Crétineau-Joly, a Igreja adormecêra confiada nas promessas do seu divino pastor. Logo que o clero, forte das suas riquezas, adornou a larga esphera do seu dominio com o luxo das sciencias e das artes, parece que os povos, instigados pela revolta das igrejas alemãs, desceram da supremacia espiritual, e afervoraram-se no gozo das glorias mundanas.

A acção religiosa, que tão vastos ambitos conquistára no universo, estremeceu-se d'aquella natural fraqueza, que vem sempre desvirtuar os actos humanos, levados ao excesso do zelo. Os povos contemplaram os abusos em que os seculos XV e XVI descahiram nos grandes feitos da propagação religiosa. A Suissa, a Alemanha, e a Inglaterra foram as primeiras mutilações na unidade catholica. É porque o exame fôra causa da duvida, e d'esta derivaram o scisma e a heresia.

O veneno da « Reforma » circulava nas entranhas da Italia, porque a duqueza de Ferrara, discipula de Calvino, franqueava os seus salões á disputa religiosa, que rematava sempre pela apothese de seu mestre. A infecção da heresia, derramada nos espiritos da Romania, ameaçava atacar o coração da christandade, a Roma de Paulo III, que, sem desconfiar nas promessas de Jesus Christo, tremia diante do vulto arrojado dos innovadores destemidos.

*

A iniciativa da desobediencia não era o povo que a dava. Os principes, e os grandes, e alguns padres, ávidos de celebridade, eram os agitadores da violencia reformadôra, sem a qual a unidade não corria risco, e por tanto o clero não poderia ser espoliado dos seus grandes haveres. « Não era um culto mais verdadeiro que os homens e os padres apóstatas invocavam — diz o historiadôr da companhia de Jesus, de harmonia com escriptores d'entre os proprios protestantes — o que elles pediam era a confiscação dos bens » e conforme a confissão d'um protestante « o lutheranismo, quando lhe prometteram a espoliação, cresceu admiravelmente. »

Carlos V, cujas idéas de monarchia universal atterravam os monarchas mal seguros em seus dominios, contribuiu grandemente para que a revolução religiosa recrutasse muitos principes devassos e sanguinarios. Mal sabiam os reis que armando os povos contra a Egreja, lhes davam armas contra as monarchias. . . As ultimas consequencias d'esse desgraçado principio, estabelecido pelos principes alemães de 1540, vimol-as nós em todo o rigor logico da anarchia e do exterminio n'estes ultimos annos.

As palavras de independencia e liberdade, lançadas no seio alvoroçado das multidões, deviam, como semente do mal, germinar fructos de maldição. A liberdade e a independencia não seriam bastante incentivo para mover as molas estupidas das massas, se alguma grande promessa a cumprir logo lhes não fosse feita. Prometteram-lhes a partilha dos dominios exaggerados das ordens religiosas; prometteram-lhes uma liberdade d'acção, que não gosavam, sugcitos ao jugo sacerdotal; prometteram-lhes o roubo, e a licença... — que mais alentos precisavam as turbas para marcharem entusiastas á destruição da Egreja?!

Com pesar e constrangimento somos obrigados a reproduzir um periodo, que não entraria na meditada obra de Crétineau-Joly sem o criterio, que demanda uma tal affirmativa :

« Os inimigos, que a Egreja alimentava em seu seio, eram os mais encarniçados : a corrupção penetrára no Santuario : corrupção terrivel que se aproveitava do que era santo para, mais ao largo, derramar o seu germen. Sentada no altar, reinando no claustro, fornecia aos da seita as suas mais terriveis armas, porque não é a Religião que o povo discute — é o seu ministro, é o padre. Ora o padre chegára a causar a duvida sobre a Religião, entregando-se, desenfreado e impudico, a quantas desordens elle devêra guerrear, se cumprisse a missão que recebera. »

Em 1538, Paulo III, comprehendendo os perigos da sua situação, delegou em quatro cardeaes e cinco preladados o poder reformador. Nos archivos do Vaticano existe em vivas côres o quadro lamentavel das ordens religiosas, das escólas publicas, e do espirito de disputa, que nem a casa do Senhor respeitava nas suas escandalosas rixas. Esse documento, a que nos referimos, são as instrucções de Paulo III á congregação dos reformadores.

É n'este tempo que Ignacio de Loyola, Lefevre, e Laynés apparecem na presença do Summo Pontifice.

§ VI

ODIOS IMPOTENTES

Se o mundo vos aborrece, sabeí que primeiro eu fui aborrecido. Mas os máos tratamentos que vos dèrem, por causa de meu nome, vos serão dados, porque não conhecem aquelle, que me enviou.

S. João, XV, 18 e 21.

Paulo III, recebendo alegremente estes experimentados obreiros da trabalhosa vinha do Senhor, collocou-os onde mais urgentes necessidades os reclamavam. A cadeira de escolastica, e a da Sagrada Escriptura, no collegio da Sapiencia, foram confiadas ao zelo de Laynés, e Lefevre. O pulpito, d'onde a voz apostolica devia tropejar sobre as multidões da Roma immoral, coube a Ignacio de Loyola, n'esta partilha solemne d'uma difficullosa regeneração de costumes.

De differentes cidades da Italia convergiram a Roma, ao chamamento de Ignacio, aquelles sete missionarios, que aguardavam a palavra do chefe para entrarem na grande lucta do catholicismo contra o bando heresiarca de lutheranos e calvinistas.

Estas são as palavras que Ignacio de Loyola fallou aos seus irmãos de batalha nas vespèras do seu vigoroso accommettimento :

« Cerrou-nos o céo as portas da Palestina, para que as do universo nos fossem abertas. Para tamanha empreza era pequeno o nosso numero : cresceu ; mais crescerá ainda : quasi constituimos uma hoste. Mas os membros não se fortificam em corpo, se os não prende um mesmo vinculo. Convém estatuir leis que regulem a familia reunida á voz de Deus, e que não só aviventem a sociedade, que vamos organizar, mas tambem lhe dêem uma perpetua duração. Oremos juntos e separadamente para que a vontade divina se manifeste. »

Na segunda assemblea, unanimemente convieram em

que a sua nascente sociedade fosse submettida á approvação pontificia. Na ausencia de Paulo III, o cardeal, legado de S. Santidade, concedeu-lhes, visto que mais não podia, a faculdade de prégarem. Os padres, dispersos pelas egrejas mais populares, exerciam uma tal influencia no espirito das turbas, que Roma parecia transformar-se no seu character pervertido, e possuir-se, como prodigiosamente, d'uma severa consciencia do seu passado, que é o recolhimento precursor da contricção.

Agostinho de Piemonte, religioso eremita do santo de seu nome, vertia no coração de seus ouvintes o veneno de Luthero, quando do pulpito hypocritamente bradava contra o relaxamento da disciplina ecclesiastica. Loyola encarrega a dois padres a vigilancia sobre as doutrinas do heresiarca; e, convencido d'uma verdade que lhe parecia incrível no centro do Catholicismo, sóbe ao pulpito, e de lá arranca a mascara ao hypocrita, que protesta vingar-se pela traição, já que a eloquencia era impotente, depois da sua derrota.

Quatro hespanhoes, assalariados pelo lutherano, divulgam que Ignacio era feiticeiro, e heresiarca, e, como tal, fôra queimado em estatua nas praças em Pariz, Alcalá, e Veneza.

A calumnia produziu uma impressão desagradavel no povo: Ignacio desmereceu na opinião que o favorecia; mas o brilho da calumnia é um relampago, que rapido se apaga no espirito tenebroso do calumniador. Ignacio de Loyola faz instaurar um processo no tribunal do bispo, governador de Roma, Benedetto Conversini. Abre-se o processo, as testemunhas não apparecem. Pergunta-se ao auditorio, qual a testemunha que viu Ignacio de Loyola queimado em estatua em Veneza, em Alcalá, e em Pariz. O auditorio olha-se mutuamente silencioso, quando do seu seio se levantam tres homens, que juram pela innocencia do accusado. Estes tres homens eram os tres magistrados ecclesiasticos das tres cidades, onde a calumnia inventára fogueiras para a estatua de Ignacio de Loyola! Providencia de Deus!

Agostinho de Piemonte, como espavorido pelo phantasma da sua deshonra, fugiu para Genova. Ahi o demonio da vingança inspirou-lhe imprecações escriptas contra a S. Sé, e mais tarde a Inquisição foi o tribunal onde o heresiarca obstinado fechou a sua lamentosa biographia.

Ignacio não adormeceu nos regalos da sua justificação. Corpo solidario com seus irmãos, o mais zeloso da honra de seus companheiros, Ignacio fez que de todos os pontos onde a doutrina d'aquelles se exercita, uma voz unisona proclamasse a santa vida dos missionarios. Não foi bastante um tão eloquente testemunho. A inquietação, filha da desconfiança, agitava o espirito popular, cujas preocupações lavram profundas raizes no escuro da ignorancia. Era necessario o argumento positivo dos factos: era indispensavel um d'estes successos grandes, que a intelligencia popular não comprehende em theoria, mas que o tacto material crê, santifica, e eleva ás honras d'um venerando prodigio. A mão providente do Altissimo manifestava-se no gume dos perigos.

Em 1539 as chuvas do céu afogaram as sementes nas searas de Roma. As classes pobres vagavam, pallidas de fome, e encostavam-se aos porticos dos palacios, como quem, nos trances da indigencia, busca morrer á sombra da grandeza. Ignacio, e seus companheiros, mendigavam o pão da caridade, e distribuiam-n'ó ás victimas da penuria, que mal podiam gemer uma supplica ao abastado que passava indifferente. Pobres, nós e desamparados sobre as lages das ruas, eram os futuros jesuitas quem os tomavam aos seus hombros, e os recostavam nas pobres enxergas do seu asylo. Depois, á porta do rico batia a mão humilde de Ignacio de Loyola, e o rico, condoído pela supplica que lhe era feita em nome da desgraça, lançava no regaço do Gentil-homem de Hespanha a bemdita esmola, que o missionario levava aos infelizes, que não eram mais pobres que elle.

Então, sim, O povo comprehendeu. As suas lagrimas applaudiam e justificavam o homem dos sacrificios. Ignacio de Loyola já não era o herege, nem o suspeito de tenções cavillosas. Era um anjo, em redor do qual nove apóstolos se illuminavam do reflexo que o céo vertia sobre a fronte do seu enviado.

Ignacio, instigado pela aura popular que seus feitos lhe grangearam, cura dextramente de formular as constituições do seu Instituto. Apresentadas pelo cardeal Contarini ao chefe da Igreja, Paulo III, meditando-as exclamou :

« Está aqui o dedo de Deus ! »

§ VII

Nenhuma associação conseguiu, como a de Jesus, dar simultaneamente leis aos povos mais selvagens, e aos mais civilizados.

O protestante «João de Muller.» — «Historia Universal» — T. III.

Ignacio de Loyola, reanimado pelo lisongeiro elogio de S. Santidade, qual de viva voz nos foi transmittido através tres seculos de provas grandiosas que o justificam, pediu ao chefe da christandade a sua approvação authenticada por um acto, que garantisse á sociedade a boa consciencia dos seus feitos.

Paulo III interrogou a opinião de tres cardeaes, antes de formular o seu justo assentimento. Um dos cardeaes, Bartholomeu Guidiccioni, inimigo de innovações, e escrupuloso em demasia na observancia d'aquellas determinações de Concilio, oppostas á multiplicação das ordens religiosas, oppoz-se, e arrastou comsigo os votos dos dois cardeaes, e até mesmo o do Pontifice, que, momentaneamente impressionado pelas rasões do erudito cardeal, obrou judiciosamente na sua irresolução. Guidiccioni tinha-se creado uma tal reputação de sciencia e santidade, que a magnitude dos seus votos sugeitava sempre o espirito de seus companheiros (4).

Esta frieza inconsequente na recepção do instituto de Jesus por parte do collegio cardinalicio, que mais vivaz e energico devêra abraçal-o, explica-a o mais profundo historiador da Companhia com estas poucas linhas de penetrante analyse:

« A curia pontifical tem como principio nunca precipitar os negocios de mais vantagem quer para a Religião, quer para a sua politica. De tempos immemoriaes o Sacro-Collegio é um senado de principes da Igreja

(4) Morrendo este cardeal, exclamou o papa: «acaba de morrer o meu successor!» Estas poucas palavras são a apologia eloquente de Bartholomeu.

togados de purpura, que, convictos da perpetuidade prometida á fé, não se dão pena em aventar a hora nem o dia da sua decadencia. São outras tantas imagens d'aquelle Fabio Cunctator, que, temporisando, salvou a velha Roma. Mantém com piedoso respeito a usança d'antigas tradições, e fazem revivel-as nos seus actos, e suas ceremonias, e immobilisam-se, crendo que deve tudo immobilisar-se ao longe e em volta d'elles, e que o mundo intellectual gravita apenas entre o Quirinal e o Vaticano (4). »

Superior, porém, a estas inertes reverencias, a um passado de paz, quando o presente era tumultuoso de scismas, manifestou-se o vulto dos grandes meritos d'esses dez homens, que tomavam sobre seus hombros o pezo d'um edificio, que mãos sacrilegas ameaçavam destruir.

Instados pelos bispos, os dez membros de uma congregação, que a presença do Altissimo sancionára na capella onde Ignacio de Loyola orára com seus companheiros, dispersaram-se por aquellas cidades, a cujas portas a serpente da duvida entonava o collo atrevido.

D'entre elles, Simão Rodrigues e Francisco Xavier vieram a Portugal, invocados pelo rei, que do alto de seu throno dominador por longos ambitos, contemplava nos seus territorios indicos a penuria da semente da fé.

De todas aquellas partes, onde passaram os abençoados semeadores do pão da alma, convergiam a Roma as novas maravilhosas de eloquencia e santidade, que, postas como exemplo nas pessoas de seus apóstolos no meio das multidões, fecundavam conversões e virtudes, que não poderiam, sem o sensível auxilio da Providencia, manifestar-se.

Então é que o irresoluto cardeal Guidiccioni resolve

(4) Cretineau-Joly — T. 4. pag. 43.

lêr a regra, que não quizera vêr, do procedimento d'estes homens, e decidiu, que, para debellar as heresias, era indispensavel a ordem proposta por Ignacio.

A 27 de Setembro de 1540 foi proclamada a bulla *Regimini militantis Ecclesiae*, cuja versão é do seguinte theor :

« PAULO, BISPO, SERVO DOS SERVOS DE DEUS,
Para memoria perpetua.

« Proposto, apesar de nossa indignidade, para o governo da Egreja militante, e penetrado, em salvação das almas, d'aquelle zelo que nos é imposto pelo encargo de Pastor, investimos de todo o favor apostolico os fieis, quaesquer que sejam, que nos exponham a tal respeito seus desejos, reservando-nos ordenar depois o que, segundo o maduro exame dos tempos e dos logares, nos parecer salutar e util no Senhor.

« Assim, soubemos que nossos caros filhos Ignacio de Loyola, Pedro Lefevre, Jacques Laynés, Claudio Lejay, Pasquier-Brouet, Francisco Xavier, e Affonso Salmeron, Simão Rodrigues, João Codure, e Nicolau de Bobadilha, todos padres das cidades e respectivas dioceses de Pamplona, Genova, Siguenza, Toledo, Vizeu, Embrum, Placencia, todos mestres em artes, graduados na universidade de Pariz, e exercitados longos annos nos estudos theologicos: soubemos — dizia-mos nós — que estes homens, impellidos, como piamente se acredita, pelo sopro do Espirito Santo, se reuniram de differentes regiões do mundo, e, renunciando aos prazeres do seculo, consagraram para sempre sua vida ao serviço de N. S. Jesus Christo, ao nosso, e d'outros Pontifices Romanos nossos successores. Os quaes já trabalharam, de louvavel modo na vinha do Senhor, prégando publicamente a palavra de Deus, obtida previamente a permissão requerida; exhortando em particular os fieis a viver uma vida santa e meritoria d'eterna felicidade, e inci-

tando-os a piedozas meditações ; servindo nos hospitacs, instruindo os meninos, e os ignorantes das cousas necessarias a uma educação christã ; em uma palavra, exercendo, com ardor digno de todos os elogios, em quantos paizes percorreram, todos os officios da caridade, e todas as funcções proprias á consolação das almas.

« Emfim, depois de vindos a esta illustre cidade, persistindo sempre no vinculo da caridade, a fim de cimentar e conservar a união da sua sociedade em Jesus Christo, elles adoptaram uma regra de vida em harmonia com os conselhos evangelicos, as decisões canonicas dos Padres, conforme sua experiencia lhes inspirou mais util ao fim que se propozeram. Ora, este genero de vida, expresso na formula, que deixamos mencionada, tem não só merecido os elogios dos homens sabios e cheios de zelo em honra de Deus, mas ainda tamanho gosto ha causado a alguns d'elles, que resolveram abraçal-o. Eis-aqui esta regra de vida, qual a conceberam :

« Quem quizer, á sombra do estandarte da cruz, armar-se por Deus, e servir o unico Senhor, e o Romano Pontifice, seu rigario na terra, em nossa sociedade, que, desejamos seja chamada a Companhia de Jesus — feito voto solemne de castidade, deve propor-se fazer parte d'uma sociedade principalmente instituida para trabalhar no adiantamento das almas no caminho e doutrina christã, na propagação da fé, por pregações publicas e ministerio da palavra de Deus, por exercicios espirituales e obras de caridade, especialmente explicando aos meninos o cathecismo, e aquelles que não estão instruidos no Christianismo, e ouvindo as confissões dos feis para sua espiritual consolação. Deve proceder de maneira que tenha sempre diante dos olhos : primeiramente Deus, e depois a fôrma d'este Instituto que abraçou. É a estrada que conduz a ELLE, e deve empregar todos os seus esforços por attingir este fim que o proprio Deus lhe propõe, segundo a medida de graça que recebeu do Espirito Santo, e o grão de sua vocação, para que nin-

quem se deixe transportar d'um zelo desigual á sua sciencia. O Geral ou Prelado é quem elegeremos para decidir do gráo proprio a cada um, bem como dos empregos, que serão todos em sua mão, a fim de que seja observada a conveniente ordem, tão necessaria em toda a communitade bem regrada. Este Geral é autorisado a fazer constituições conformes ao fim do Instituto, por assentimento dos socios, e em conselho, onde tudo será decidido pela pluralidade de suffragios.

« Nas coisas importantes que deverem subsistir no futuro, este conselho será a maior parte da sociedade, que o Geral poder reunir commodamente ; e, em negocios ligeiros e momentaneos, todos aquelles que se encontrarem no sitio onde residir o Geral. O direito de mandar é exclusivo do Geral. Saibam pois todos os membros da companhia, e nunca se esqueçam d'isto, não só nos primeiros tempos da sua profissão, mas em todos os dias da sua vida, que toda esta companhia, e todos aquelles que a compõem, combatem por Deus, debaixo do commando de nosso Santissimo Senhor o Papa, e mais pontifices romanos, seus successores. E posto que nós, pelo sabermos do Evangelho e da fé orthodoxa, façamos profissão de firmemente crêr que todos os fieis em Jesus Christo são sugeitos ao romano pontifice, como a seu chefe, e ao vigario de Jesus Christo ; todavia, para engrandecer a humildade de nossa sociedade, e a dedicação de cada um de nós, e a renuncia de nossas vontades seja mais perfeita, julgamos que seria utilissimo, além do vinculo commum a todos os fieis, vincularmo-nos ainda por um voto particular, de sorte que qualquer coisa que o actual pontifice romano e seus successores nos determinarem a respeito do adiantamento das almas, e propagação da fé, sejamos obrigados a cumpril-a immediatamente sem tergiversação nem desculpa, seja qual fôr o paiz onde nos enviem, ou aos turcos ou outros quacsquer infieis, mesmo ás Indias, ou contra os hereticos e scismaticos, ou a qualquer paiz de fieis. »

« Assim, pois, os que quizerem unir-se a nós, examinem bem, antes de se impôrem o jugo, se tem bastante base espiritual para, segundo o conselho do Senhor, firmar este edificio : isto é — se o Espirito Santo que os impelle lhes promette bastante graça para que possam esperar de, com sua ajuda, levar o pezo d'esta vocação : e quando, por inspiração do Senhor, n'esta milicia de Jesus Christo se alistarem, é preciso, que noite e dia, cingidos os rins, estejam preparados sempre para se desquitarem d'esta immensa divida. Mas para que nos não seja permittido sollicitar nem recusar missões em differentes paizes, todos e cada um de per si nos obrigamos a nunca, directa ou indirectamente, fazer a este respeito algum requerimento ao Papa, mas inteiramente nos abandonarmos á vontade de Deus, do Papa, como seu vigario, e do Geral. O proprio Geral prometterá, como os outros, de não sollicitar o Papa sobre o seu destino e pessoa propria, com preferencia de lugares, salvo se a sociedade lhe dér o seu consentimento. Farão todos voto de obedecer ao Geral em tudo que respeita a observancia de nossa regra, e o Geral prescreverá o que elle souber harmonisar com o fim que Deus e a Sociedade tiveram em vista. No exercicio de suas obrigações, lembre-se frequentemente o Geral da bondade, doçura, e caridade de Jesus Christo, bem como das tão humildes palavras de S. Pedro e S. Paulo, e nunca d'esta regra se apartem elle e o seu conselho. Sobretudo, tomem a peito a instrucção dos meninos e dos ignorantes no conhecimento da doutrina christã, dos dez mandamentos, e outros semelhantes elementos, segundo convier, attendendo a circumstancias de pessoas, tempos, e lugares. Por quanto, muito necessario é que o Geral e seu conselho, velem attentamente sobre este artigo, ou porque não é possivel sem alicerces construir o edificio da fé no coração do proximo, tanto quanto convém ; ou por que é de recear succeda entre nós, que á porção que mais sabio se é, menos se preste áquelle

exercício como menos bello e brilhante, posto que o não haja mais util para o proximo que se edifica, e para nós que nos exercemos na caridade e humildade. A respeito dos inferiores, tanto em razão das grandes vantagens que a ordem lucra, como pela assidua pratica da humildade, que é virtude superior a todos os elogios, devem elles sempre obedecer ao Geral em tudo que lhes impõe o Instituto, e, na pessoa d'elle, deverão representar-se a pessoa de Jesus Christo, como se presente fosse, e reverencial-a quanto é conveniente. Mas, advertindo-nos a experiencia que a mais pura, agradável, e edificante vida para o proximo é aquella que mais se aparta do contagio da avareza, e mais conforme por isso, á pobreza evangelica, e confiados em que N. S. Jesus Christo prestará os alimentos e vestidos necessarios a seus servos, queremos que todos os nossos, e cada um de per si, façam voto de perpetua pobreza sabendo que não podem adquirir nem particular nem commummente, para mantença ou uso da Sociedade, algum direito civil a bens de raiz, ou quaesquer rendimentos, mas devem contentar-se do uso d'aquillo que lhe fôr dado como exercicio para alcançarem o indispensavel. Todavia, poderão ter nas Universidades collegios com rendimentos, foros e fundos applicaveis ao uso e necessidades dos estudantes, conservando o geral e a sociedade toda a administração e superintendencia sobre os ditos bens e estudantes em relação á escolha, rejeição, recepção, e exclusão dos superiores e estudantes, e regulamentos instructivos, edificação e correcção dos ditos estudantes, maneira d'alimental-os e vestil-os, e todos e quasquer outros pontos de regimen e administração — de maneira, pois, que nem os estudantes possam abusar dos ditos bens, nem a sociedade convertel-os em seu uso, mas sómente subministral-os ás necessidades dos estudantes. Os quaes, alcançada a segurança de seus progressos na piedade e na sciencia, e depois de uma prova sufficiente, poderão ser admittidos em

nossa companhia, cuja totalidade de membros a ordens sacras, posto que não possuam beneficios ou rendimentos ecclesiasticos, são obrigados a rezar o officio divino, segundo o rito da Igreja, mas em particular, e não em communidade. Tal é a imagem que podemos esboçar sob a protecção de nosso soberano e da Sé apostolica.

« O que fizemos com o fim de instruir por este escripto summario os que presentemente se informam do nosso Instituto, e os que de futuro nos succederem, quando aconteça, que, por vontade de Deus, tenhamos imitadores n'este genero de vida, que, supposto rodeada de grandes e numerosas difficuldades, como d'experiencia propria o sabemos, julgamos a proposito ordenar que ninguem será admittido a esta companhia sem longo tempo de cuidadas experiencias, e sem ter-se manifestado como prudente em Jesus Christo, e distinguido na doutrina, ou pureza da vida christã: será então recebido na milicia de Jesus Christo, a cujo favor submettemos nossas pequenas empresas, para gloria de Deus, seu Pae, o qual e unico seja honrado e glorificado em todos os seculos. *Amen.* »

« Ora, não se nos deparando n'esta exposição coisa que não seja piedosa e santa, para que estes mesmos associados, cuja humilissima petição nos foi apresentada, abrissem o seu plano de vida com tanto mais ardôr quanto mais agradecidos do favor da Sé Apostolica; Nós, em virtude da auctoridade apostolica, e sciencia certa, approvamos, confirmamos, abençoamos e afiançamos perpetua estabilidade á precedente exposição, no todo e nas especialidades; e, quanto aos associados, tomamol-os debaixo de nossa protecção, e da Santa Sé Apostolica, permittindo-lhes confeccionar com plena vontade e pleno direito as constituições que julgarem conformes ao fim d'esta companhia, á gloria de N. S. Jesus Christo, e á edificação do proximo, não obstante as constituições e ordenanças apostolicas do concilio geral, e de nosso

predecessor de feliz memoria, o papa Gregorio X, ou outras quaesquer contrarias.

« Queremos, todavia, que as pessoas, que desejarem professar esta vida, não sejam admittidas nem aggregadas á sociedade além do numero sessenta.

« Ninguem tenha no mundo a temeridade de contravir ou contradizer algum dos pontos aqui expostos por nossa approvação, nosso beneplacito, nossa concessão, e acolhimento. Se alguém ousar attentar, saiba que incorre na indignação de Deus Omnipotente, e dos bemaventurados apóstolos Pedro e Paulo. Dada em Roma, em S. Marcos, no anno da Incarnação do Senhor 1540, quinto das calendas d'Outubro, e sexto de nosso Pontificado. »

Aos 17 de Abril de 1541, Ignacio de Loyola, eleito por unanimidade geral, na primeira votação, e á custa de instantes rogos, aberta uma nova eleição, mas identica nos resultados — o escolhido de Deus e dos homens, accitou o governo da companhia de Jesus.

§ VIII

CONSTITUIÇÃO DA ORDEM

O plano e fim das constituições é bem simples... É a santificação do mundo pela própria santificação do religioso.

C. JOLY. «Historia da Companhia.» T. 4. Cap. 2.
pag. 58.

Ignacio de Loyola é o auctor das « Constituições e Declarações » da Companhia de Jesus. O seu plano, esboçado em duas linhas, é o contheudo da epygraphic do presente artigo.

Parecêra uma temeridade no energico fundador da Companhia lançar os olhos para um claro céo de virtudes religiosas, quando a tempestade açoitava rijamente a cruz do Vaticano. Nenhumas ordens monasticas ousavam mirar tão amplos horisontes! Loyola ia cravar o seu estandarte sobre o reducto mais atacado pelos inimigos de Roma. Ia collocar-se ao lado do Pontifice, cujas armas da fé, poderiam triumphar, sem o soccorro dos novos soldados de Christo, se houvesse astucia e reserva no empregal-as. Dissemos já, porém, o que era a Curia de Paulo III, e que espiritos influíam na crise d'aquelles dias, em que o destino religioso dos povos balaceava indeciso entre Roma, catholica sem a energia das convicções, e a Alemanha heretica com todo o fogo de uma novidade enthusiasta.

Com a intenção de formar corações, semelhantes áquelles que o acompanhavam no instituto da Companhia, Ignacio lançou mão dos elementos d'ensino. Considerando no homem duas existencias, elle, que tão profundo estudo fizera em si, encarregou-se de formar o discipulo, ou regenerar o indifferente, na sua existencia interior, por meio da oração mental, exames de consciencia, leituras piedosas, retiros espirituacs, e frequencia de sacramentos. O homem exterior affligoou-o pelas sciencias, e predispôl-o a peregrinar com coragem no

*

terreno da virtude, sem que o aborrecimento lhe fatigas-se a vontade, que é, na maioria dos convertidos, o arrefecimento das suas vocações. Ai d'aquelles peregrinos, que desanimados, se sentam á borda do caminho a pensar no que perderam no mundo, porque a noite da desconsolação ha de ahi surprehendel-os!

Não quiz o fundador da companhia um traço particular para ella. Sotana negra, o manto antigamente usado, chapéu d'abas largas, hoje ainda conservado por S. Santidade e Sacro-Collegio: — sem notavel dessimilhança era este o trajar do clero secular (1).

Findo o trabalho das constituições, estabeleceu Ignacio de Loyola os pormenores condicionaes, que habilitavam o adepto na sociedade.

Quem n'outra ordem vestisse habito religioso, não podia trocal-o pelo da companhia. Entrar em noviciado, é renunciar á vontade propria, á familia, e a todos os vinculos da terra.

Os noviços eram tres classes: os « destinados ao sacerdocio » os « destinados a empregos temporaes, » e « os

(1) A casa, o sustento, e tudo que diz respeito aos usos da vida commum, estava em harmonia com este molde. As macerações da carne, sobre que algumas ordens antigas fundaram o seu Instituto, a solidão, o silencio, e os officios em côro, noite e dia, não entraram no seu plano.

O seu fim era dar á Egreja uma milicia sempre activa, prestes sempre a empenhar-se no mais forte do perigo, e não um corpo ascetico, quebrado de insomnias e abstinencias. Fez ao mesmo tempo Ordem mendicante, e Ordem de clero regular, porque o fim d'estas ordens, como a dos padres ordinarios, é trabalhar para a salvação do proximo pelo exercicio do santo ministerio. No amago de todas estas leis, encontra-se o vislumbre dos costumes hespanhoes. Mais de um artigo das Constituições parece modelado pelos «Fueros de Biscaya.» Mais de uma disposição recorda, mais ou menos, essas especies de cartas provinciaes, de que tão orgulhosos os hespanhoes se ufanavam. O que distinctamente se sente, é que Ignacio tinha um profundo conhecimento do caracter alheio. A cada instrucção revela-se o homem politico, e sem deixar possuir-se de idéas que podiam agradar a seus sentimentos religiosos, traça com mão segura as differentes regras, que a Companhia deve seguir em tudo que toca ao respeito material e individual de seus membros.

indifferentes, » isto é, os que se entrega msem destino á vontade dos superiores.

Os « irmãos temporaes formados » postos ao serviço da commuidade, dez annos experimentados, e, com trinta d'idade, são admittidos a votos publicos.

« Escolasticos approvados » são os que, findo o seu noviciado, e feitos os votos simples de religião, continuam em experiencias, até á época de seus votos solemnes.

« Coadjuutores espirituacs formados » são os que, sem o talento e necessaria sciencia, presidem ao governo dos collegios e residencias, á predica, ao ensino, ás missões, e á administração. Sem 30 annos d'idade, e 10 de religião não podem ser promovidos.

O « professo de tres votos » tem o mesmo emprego dos « coadjuutores espirituacs » em quanto não tem as qualidades exigidas para os quatro votos.

Os « professos dos quatro votos » são os que constituem a Companhia em toda a accepção da palavra.

A observancia das regras é egual para todos. O ultimo noviço e o Geral trajam, habitam, e comem sem distincção. Exceptua-se o barrete dos coadjuutores que é quadrado.

Os escolares promettem viver, e morrer observando os votos de pobreza, de castidade, e de obediencia. O Geral ou a Congregação póde dispensar este triple voto em casos judiciosamente permittidos.

Todos os paizes catholicos, afóra a França, acceitaram a livre posse dos bens, no acto da entrada, como medida approvada pela S. Sé, e Concilio de Trento; todavia, a sociedade não regeita as dadivas de seus membros, espontaneamente feitas.

O tempo de experiencias é de 15 a 18 annos. Só aos 30 são permittidos os votos finaes.

Pobreza total é uma das restrictas obrigações do professo. Quando uma ligeira modificação podesse alterar a regra, abraçada por voto particular, tal modificação deveria apenas ser admissivel, se d'ahi augmentasse o

rigor da sua pobreza! O egoismo não comprehende este sacrificio; e os inimigos d'esta respeitavel porção de homens, que abdicam aos pés de Deus o sceptro da soberania que a natureza lhes deu, não podendo conciliar o seu orgulho com aquella humildade, imaginaram a hypocrisia vestida de farrapos, para, mais despercebida, envergar a purpura!...

Um jesuita não póde aspirar ás dignidades. Offereçam a esse homem uma honra, que a recusa é uma obrigação que elle se impoz. A mão do pontifice poderá collocar-lhe na cabeça a mitra, mas ha de primeiro impô-lhe, no caso de rebeldia, a pena do peccado mortal.

Quando o jesuita educa, préga, e encaminha, não ha para elle recompensa: dai-lhe uma parca esmola, como a daes a um mendigo, e elle acceital-a-ha.

O principio d'auctoridade firma-se sobre estas bases.

A sociedade é governada por um Geral perpetuo e absoluto.

É nomeado pela congregação geral, e não póde recusar-se.

Roma é a sua residencia habitual, como centro da ordem e da catholicidade.

Não préga: governa livremente, como unico regulador e dispensador. D'elle é que os provinciaes recebem poderes. Sem o seu consentimento, ou o de examinadores seus delegados, nenhum auctor jesuita poderá imprimir a sua obra. Convergem-lhe amiudadas as informações das provincias, porque, em cada semana, os superiores locaes informam o provincial respectivo, e este, em cada trimestre, o Geral.

O Geral é mais que um jesuita humilde e passivo. Com o estandarte da cruz, á frente d'uma tribu predestinada, o Geral marcha, impavido a craval-o entre inimigos, e deixaria gotejar-lhe o sangue das faces, mas os labios não cessariam de exaltar as glorias de Deus, de exorar o perdão para os máos, e de alentiar a coragem dos seus. Antes d'esses lances, infelizmente repeti-

dos, no transitio dos filhos d'Ignacio entre uma sociedade ingrata, o Geral emprega as armas da intelligencia, as da penetração, e as da prudencia, que são quasi sempre as fadadas para todos os triumphos.

Só o Geral póde, per si ou por seus delegados, receber, nos collegios da Sociedade, os que pareçam aptos para o Instituto. Póde recebel-os, a contento, ou aspirantes á profissão, ou coadjutores espirituaes, ou escolares approvados. Tambem póde despedil-os; mas, para tanto, não basta elle, se o despedido é professo: então é preciso o assentimento do Papa. Rarissimos exemplos d'estes nos denuncia a historia do Instituto. É sublime o ultimo appello do professo, que grandes culpas desvirtuaram aos olhos do seu Geral! Resta-lhe a compaixão de Deus; e essa onde encontra-a, a não ser aos pés do vigario de Christo, do representante do Senhor misericordioso?! E encontra-a. Ignacio de Loyola, em cada artigo do seu Instituto, revela a inspiração do alto.

Não proseguiremos na exposição das prerogativas que são adjunctas á auctoridade do Geral. É demasia de noticias recordar aquellas que são sabidas, porque a Companhia de Jesus não é uma sociedade extincta, que a penna do historiador apresenta, contornada de virtudes, para que o seculo actual, saudoso d'ella, a revoque do seu tumulo. Ella ahi está na Europa, com o seu mais fecundo tronco em Pariz, vigorosa de seiva, e rica das mais infalliveis esperanças para o mundo catholico. Historiamol-a desde o seu começo, como quem busca, não alteal-a onde os tiros da calumnia afrouxem como partindo, de braço fraco; mas afastar-lhe as cortinas d'um mysterio, que os homens da « philosophia » tiveram a astucia de phantasiar para embair o povo amedrondado. Durante este trabalho de vontade e de zelo, nem nos lembra *Eugenio Sue* com o seu « Judeu Errante » nem *Edgard Quinet* com as suas lições de historia, nem *Victor Cousin* com o seu « racionalismo »

nem as fanadas heras de cá, a enroscarem-se, parasitas, n'aquelles troncos carcomidos, que o verme lento da sciencia corroeu n'essa grande cidade da religião e da impiedade, d'onde os adeleiros d'aqui mercadejam baratos farrapos de sciencia. O que nos lembra é fazer d'este jornal um monumento a tudo que é grande: uma lapide a todas as legendas, dignas d'atensão e de respeito; um papel, cuja leitura, hoje dissaborada, possa, no germen, que deixa, prometter algum fructo util para uma geração melhor, que ha de, mais venturosa, passar sobre nossos ossos.

É conveniente, expostas as principaes prerogativas da auctoridade do Geral, segundo o texto das « Constituições » examinar as precauções de Ignacio de Loyola para que fosse impossivel a demora d'um abuso n'esta especie de dictadura clerical — como lhe chama o consciencioso e ultimo historiador da Companhia.

São seis as disposições peremptorias do Instituto:

A primeira designa o vestido, o sustento, e as despesas do Geral. Quando a Companhia determinar o augmento ou diminuição das suas despesas, o Geral não a contraria.

A segunda restringe os trabalhos e as penitencias do Geral, para que a diminuição de forças não degenerem em desfallecimento no trabalho.

A terceira é mais um conselho de pae, que um preceito de instituidor. O Geral deve ter a seu lado um admoestador, que lhe note as suas irregularidades pessoais, ou as suas mais pequenas faltas no governo da Companhia.

A quarta é para affastar-lhe do espirito quantos escrupulos a ambição cavillosa podesse suggerir-lhe para desmoralisal-o. Se um grande rei, a preço de uma grande dignidade, tentasse captar-lhe a vontade, em detrimento da Companhia; e, suppondo mesmo que S. Santidade enlaçava o baculo com o sceptro, para atenuar a resistencia do Geral — ainda assim o Geral resiste, e a

sociedade sóbe ao tribunal para decidir entre o rei, e o seu chefe, e o chefe da Egreja catholica.

A quinta é sugeital-o a delegar n'um coadjuctor as suas funcções, quando a velhice ou a doença lh'as tolhe na mais cabal plenitude do seu exercicio.

A sexta é a de mais ampla jurisdicção na soberania do todo sobre a parte que delinuiu. É quando o Geral, desnudado da grande auctoridade, vem na presença da sociedade, responder antes que uma repulsão para sempre lhe seja intimada. Assim aconteceria ao Geral réo de escandalo n'um peccado mortal, suspeito de alienar os bens da casa, ou propagar doutrinas erroneas.

§ IX

NA IRLANDA

... Escravos d'Inglaterra, quizeram, ao menos, ficar catholicos.

C. JOLY. H. d'I.

Concluidas as trabalhosas Constituições da Ordem, Ignacio de Loyola envia seus irmãos ao combate da fé com o naturalismo, reanimando-os d'aquelles corajosos brios que succumbem ao martyrio, quando se não corôam do triumpho.

A Inglaterra d'aquelles dias define-se em duas palavras: era a Inglaterra de Henrique VIII.

Este monarcha, theologo no começo de seu reinado, transfigurou-se herege, quando as paixões não transigiam com os preceitos catholicos, e acabou no extremo gráo da libertinagem. Roma não lhe concedêra a dispensa de divorcio com Catharina d'Aragão, para, a bel-prazer de seus appetites, esposar Anna Bolen.

O monarcha despeitado separou-se da communhão romana. A seu exemplo, separaram-se os nobres, e o povo, acenado pela ambição de quinhoar nos bens da Igreja confiscados, separou-se tambem.

Henrique VIII, enfurecido contra o character immutavel da S. Sé, tornou-se sanguinario. A Irlanda, que despresára a inspiração odiosa d'Inglaterra, sellava com o sangue de milhares de martyres a sua nobre historia de constancia religiosa, que depois de tres seculos, é ainda o seu vigoroso protesto contra a prepotencia de seus oppressores.

Roberto, arcebispo d'Armagh, foragido em Roma, expõe a Paulo III o quadro lastimoso da infeliz Irlanda

S. Santidade não podia abrandar as fúrias do oppressor, mas tinha o balsamo para mitigar as dôres dos opprimidos.

Os jesuitas Salmeron, e Pasquier Brouet, legados da S. Sé, e acompanhados de Francisco Zapata, notario apostolico, partiram em 10 de Setembro de 1541, com as instrucções secretas, indicadas n'este sublime documento, e escriptas por Ignacio de Loyola, tão profundo diplomata, como fervoroso interprete da vontade divina :

« Recommendo-vos que sejaes, com todo o mundo em geral, mas sobre tudo com vossos eguaes e inferiores, sobrios e circumspectos em vossas palavras, sempre dispostos e pacientes a ouvir, prestando attento ouvido, até que as pessoas que vos tratam manifestem o fundo de seus sentimentos. Dar-lhe-heis, então, uma resposta clara e breve, que previna todas as instancias. Para conciliardes a benevolencia dos homens, no desejo de engrandecer o reino de Deus, sereis tudo para todos, á maneira do apostolo, para conquistal-os para Jesus Christo. Nada, com effeito, é mais adequado para ganhar os corações, e conciliar affectos, como a paridade de gostos e costumes. Pelo que, estudados o caracter e costume de cada um, procurareis ir com elles em quanto o dever vol-o conceda ; de modo que, a tratar-des com um caracter vivo e ardente, cumpre-vos activar a lentidão fastidiosa. Convém, pelo contrario, ser um pouco lento e reflectido, se aquelle a quem fallardes se mostrar circumspecto e mais pesado em seus discursos. De resto, se aquelle que deve praticar com um homem de temperamento irascivel, tem de si esse defeito, e não se harmonisam em seus juizos, muito é de temer que um accesso de cólera os arrebate. E por isso, conhecendo algum esta propensão em si, deve observar-se com o mais vigilante cuidado, e fortalecer seu coração d'uma provisão de força para não ser surprehendido pela cólera ; mas que elle soffra, com equanimidade, quanto soffreria da parte d'outro, embora seu inferior. As pendencias e

disputas são menos de temer em espiritos tranquillos e lentos, que em pessoas nervosas e ardentes.

« Para attrahir os homens á virtude e combater o inimigo da salvação, empregareis as armas de que elle se serve para perdel-as: tal é o conselho de S. Basilio. Quando o demonio ataca um homem justo, não lhe descobre suas astucias, pelo contrario as esconde, e ataca-o indirectamente sem combater suas piedosas inclinações, fingindo mesmo harmonisar com ellas; mas pouco é pouco o attrahe e surprehende em suas armadilhas. Assim convém seguir um semelhante trilho para arredar os homens do peccado. Começai por louvar-lhes prudentemente o que elles tem de bom, sem, ao principio, atacar seus vicios: quando tiverdes ganhado sua confiança, applicai-lhes remedio proprio a cural-os. A respeito de pessoas tristes ou perturbadas, mostrai-lhes, tanto quanto poderdes, em lhes fallando, um semblante alegre e sereno; usai da maior doçura em vossas palavras, a fim de trazel-as suavemente ao estado tranquillo d'alma, combatendo um com outro extremo.

« Não só em vossos sermões, mas tambem em vossos discursos particulares, quando, principalmente, reconciliardes inimigos, não percaes de vista que todas as vossas palavras podem ser publicadas, e o que vós dizeis nas trevas manifestado á luz do meio dia. Nos negocios, em vez de addiar, antecipai o tempo. Se promettestes para amanhã alguma coisa, cumpri-a hoje.

« Quanto a dinheiro não toqueis mesmo aquelle arbitrado para despezas. Fazei-o distribuir aos pobres por mãos estranhas, ou empregai-o em boas obras, a fim de que possais, se preciso fôr, asseverar com juramento, que, no decurso de vossa legação, não recebestes um ceutil. Quando fôr necessario fallar aos grandes, seja Pasquier-Brouet quem falle. Deliberai entre vós em todos os pontos sobre que vossos sentimentos estariam divididos; fazei o que dois sobre tres teriam approvado. Escrevei frequentemente a Roma, durante vossa viagem,

logo que chegardes a Escossia, e bem assim quando penetrardes em Irlanda; depois, prestai mensalmente conta dos negocios da legação. »

Antes de aportarem na Irlanda, os jesuitas, segundo as credenciaes de S. Santidade, pediram audiencia a Jacques V, rei de Escocia. A sua missão era exhortalo a favor da Igreja, e da sua propria corôa, pois que seu thio Henrique VIII esforçava-se em arrastal-o á sua impiedade, com intenção de atraiçoar a Escocia.

No começo da quaresma de 1542 chegaram a Irlanda. Presenciaram uma lucta cruelissima de infortunio, em que o tyranno d'Inglaterra, cevava, á farta, as suas iras impiedosas. Henrique VIII não guerreava apenas o catholicismo na Irlanda: minava-lhe a sua futura escravidão, negando-lhe a instrucção, para que a estupidez trouxesse a apostasia, e, privando-a de chefes legitimos, para que a perseguição não enfraquecesse n'um braço estranho e conquistador. Com todos os direitos, foi-lhe cassada a propria nomeação de seus bispos, e, ao mesmo tempo, decretado o incendio de todas as correspondencias vindas de Roma, e a captura dos legados para serem punidos pelas justças do rei d'Inglaterra.

Brouet e Salmeron não acharam asylo n'essa terra calamitosa. Fugiam-n'os como homens de terror, e não ousavam ouvil-os por que as palavras d'um padre eram a condemnação d'aquella multidão possessa, que se vigiava e accusava, e despedaçava mutuamente.

A muito custo, e depois de muito tempo, os jesuitas adquiriram a confiança d'alguns poucos. Estes, divulgando a missão apostolica d'aquelles anjos de paz no foco do exterminio, attrahiram em volta dos jesuitas porção de homens corajosos para affrontar o sacrificio.

Tal era a perseguição, e a vigilancia dos partidarios de Henrique VIII, que, a bem dos irlandezes, que os recebiam, os jesuitas nunca pernoitaram duas noites na mesma casa! E, comtudo, estes padecentes, sorriam á perseguição, como as mais lisongeiras ovações do

seu triumpho. Palavras de paz para todos, obras de caridade na presença de todos, humildade de martyres a todos os improperios — é assim que venciam aquelles protegidos do céo a lucta enfurecida das paixões, contra a qual não valeriam exercitos, abrindo caminho sobre cadaveres.

Os irlandezes cotisaram-se para alimentarem Salmeron e Brouet, que, fiéis aos preceitos de Loyola, nem ao menos percebiam a modica parcella arbitrada para a sua subsistencia. Taes proventos, administrados pelos bispos proscriptos, eram applicados a consolar as viúvas, a mitigar a fome dos orfãos, e a amparar a honra das donzellas pobres.

Os brados afflictivos d'Irlanda tinham levado um ecco ao coração do Vigario de Christo. Na sua desolação, os irlandezes reconheceram que suas lagrimas achavam um seio amigo onde cahir; mas a espionagem perseguia os vestigios dos enviados de Roma, cuja existencia transfigurava a Irlanda n'um aspecto desagradavel para Henrique VIII.

Foi posta a preço a cabeça dos jesuitas; e a pena de morte e confiscação de bens pronunciada contra a familia, que desse asylo a Salmeron e a Brouet.

O soberano Pontifice, prevendo a viagem, que os tyrannos subalternos exerceriam sobre os catholicos, chamou á Italia os jesuitas, que seriam pretexto para um grande exterminio.

Os irlandezes sentiam-se despedaçados nas suas esperanças, quando abraçaram os dois padres na despedida. Humildes a Paulo III, não podiam ceder á vocação de martyres, que lhes seria o extremo passo de uma carreira glorioza. Promettendo aos infelizes mover a compaixão de Henrique VIII, mal sabiam elles que invenciveis estorvos encontrariam na Escocia. Apenas desembarcados ahi, a perseguição, instigada por Knox, discipulo de Calvino, não os deixou pronunciar a primeira palavra de reprovação, e chamamento ao campo das

discussões religiosas. Fugitivos, entraram na França, e d'ahi foram apressadamente chamados a Roma.

Irlanda ficou, qual era, a victima a debater-se entre as mãos sanguentas do mais devasso monarcha; mas a sua fé robusteceu-se d'essa coragem que, ha trezentos annos, lhe dá heroico realce.

.....
.....

NOTA

O precedente trabalho, que foi publicado em jornal religioso, não o completou o author, nem as suas diversas occupações lhe deixam agora lazer e vaga para novamente compulsar os livros e documentos necessarios ao complemento da biographia de S. Ignacio. Era intento do author relatar extensamente a fundação da companhia de Jesus em Portugal, e, por isso, as relações trocadas entre D. João III e o corajoso e apostolico fundador. Não seria esta parte do seu trabalho a menos importante, para rebater calumnias que o tempo, em vez de destruir, nos animos apoucados em amor da verdade, como que foi consolidando e intranhando em odio e ingratição aos beneficios que a sociedade de Jesus derramou, com o sangue proprio, nas possessões barbarescas de Portugal.

Para de algum modo fecharmos a vida do fundador, iremos procurar-lhe a morte á noticia que nos deu do ditoso trespasse de Ignacio de Loyola o padre Balthazar Telles. Falleceu o varão de Deus em Roma, ao decimo setimo anno da fundação da companhia, com sessenta e cinco de idade, em 31 de Julho de 1556.

Segue a tocante e affectuosa noticia do Chronista :

« Tempo era já d'este bemaventurado Padre ir^o descançar, no porto da gloria, depois de tantas tormentas, levadas no mar do mundo. Os trabalhos passados foram muitos, os carceres, perigos, e perseguições foram mui grandes, e muito maiores, e mais vehementes eram os desejos de se vêr com seu muito amado Jesus. Costumava a repetir muitas vezes este dulcissimo colloquio, que como breve jaculatoria despedia ao céo, sahida da aljava d'aquelle peito cheio de settas de amor divino: *Quando, Senhor, se levantará este desterro, quando quebrareis as duras prisões d'este corpo; quando gosarei de vossa companhia, e presença? Ó meu bom Jesus, quem de todo o coração n'esta vida procurei amar, por quem sempre suspirei, cuja gloria e exaltação sempre busquei, pois me cumpristes, Senhor, todos meus desejos, o que agora resta é, que deixeis o vosso servo descançar em paz.*

« Ouviu o Senhor as ferventissimas orações de seu fiel servo, revelou-lhe o dia, e a hora da sua morte, começou-se a despedir de seus amigos por cartas, dizendo-lhes que elle se ia ao céo, que lá os encommendaria a Deus. Logo entregou o governo todo da Companhia, e da casa a alguns Padres graves, e elle se retirou ao campo, como outro S. Francisco ao retiro do monte de Alvernia, este preparando-se para receber as chagas de Christo, Santo Ignacio aparelhando-se para ser recebido nos braços de Christo. A fraqueza do corpo se augmentava mais cada dia, e os desejos de vêr a Deus cresciam por momentos.

« Voltou-se a Roma, confessou-se, e tomou o Santissimo Sacramento por viatico, com grande suavidade de lagrimas, e devoção, como quem sabia de certo que aquella era a ultima vez, que havia de gosar n'esta vida mortal das delicias d'aquelle divina meza; mandou logo chamar ao Padre Mestre João de Polanco secretario da Companhia, de quem, entre os da casa, quiz fiar este se-

grede; diz-lhe com grande paz, e serenidade, que vá ao Summo Pontifice, e lhe diga que elle estava de caminho para o céo, que para si, e para outro companheiro, que em casa estava doente, que tambem cedo morreria, lhes mandasse sua paternal, e Pontifical benção. Não se persuadiu o Padre Polanco que estava isto tão apressado, porque tal serenidade de rosto, tanta alegria no fallar, mais representava um exterior de quem estava mui alegre, do que de quem esperava a morte; porém uma, e outra cousa succedeu, o Santo se foi ao céo, como logo direi, e o Padre Martins de Olave, que era o doente, tambem d'ahi a pouco expirou: mostrando n'isto o Santo, que primeiro n'elle se acabava a vida corporal, que o espirito prophético, e o amor de seus subditos.

« Não temeu a morte, porque a tomava mui de longe, e muito meditada; não foi dos servos que dormiam quando veio o esposo, era do numero dos que vigiavam, e oravam, esperando a vinda do Senhor. Temeu Jacob quando viu aquella escada mysteriosa, e acordou bradando que era aquelle logar mui temeroso. A causa d'este medo não foi por ter visto a Deus na escada, por sonhar com anjos, que subiam, e desciam, porque lugar onde Deus se vê, onde andam, e passeam anjos, mais pôde causar alegrias, que motivar temores; contudo o Abbade Ruperto achou muita razão de medo no Patriarcha, porque buscando-o Deus, o achou dormindo: *Dormivit in e o-dem loco*. Não temeu o glorioso Patriarcha Santo Ignacio, antes esperou a hora do Senhor com grande alegria de sua alma, por que não dormia, velava, e vigiava, esperando a desejada vinda, em que havia de ser visitado do Senhor.

« Acudiram os medicos melhores de Roma, Turriano, e Petronio: viram o Santo enfermo, disseram que a enfermidade não era de consideração, — que com tão pouca costumam talvez fallar os medicos em materia de tanta importancia. — Porém o Santo sabia melhor tomar o pulso áquella febre, que como era a de que a Esposa

nos cantares tinha enfermado; não podiam os medicos terrenos, e ignorantes entender achaques celestiaes, e divinos. Deixaram-n'o só aquella noite, que para elle era principio de alegre dia, e como elle desejava vêr-se só com seu amado, n'aquelle tempo, em que esperava particulares mimos, e maiores regalos, estimou a soledade, e não pediu nenhum que o vigiasse, por que elle sempre esteve vigilante: ficou a sós com Deus, como outro Moysés em semelhante occasião. Passou a noite toda em suavissimos colloquios, que repetia em voz alta, com a Santissima Trindade, e com o dulcissimo Jesus, e com a Virgem Rainha dos anjos; ouviam os visinhos estas vozes, sentiam os suspiros, advertiam os affectos d'aquelle santissima alma, mas não entenderam que esta era a ultima cantiga d'aquelle Cysne do Paraizo; cuidaram que eram as ordinarias visitas do céo, que o Santo de noite gosava, e com semelhantes descantes recebia. Logo pela manhã o visitaram, acharam-n'o estendido na cama, com as mãos levantadas, como quando estava em oração, com o rosto, e com os olhos no céo, repetindo o Santissimo nome de Jesus.

« Encheu-se logo a casa de religiosos, por que todos os filhos tão amados quizeram, n'aquelle occasião, accudir a tão bom pae: offereceram-lhe uma pouca de sustancia, para levar para baixo, e cobrar algum alento, porém o Santo lhes disse, que já não era tempo — como se todo aquelle até á ultima respiração, estivesse applicado só a cousas da salvação. Pediu logo uma véla benta accesa que lhe metteram na mão — a qual ainda hoje se conserva como preciosa reliquia — protestando n'ella a fé catholica em que vivêra, e o fogo da caridade em que morria. Tomando esta tocha accesa, como luz para o guiar no caminho, que havia de fazer; para entrar seguro pelas portas escuras da morte, e para achar a claridade, e alegria da eterna vida: repetindo sem nenhuma interrupção com a voz o dulcissimo nome de Jesus, que sempre trouxera estampado no coração; com grande

*

serenidade de rosto, com admiravel paz, sem nenhum movimento do corpo, sahi aquella ditosa alma do carcere d'este mundo, em companhia dos anjos, e dos santos Patriarchas, para gosar eternamente das felicidades da gloria, que estão aparelhadas para quem tão bem soube contentar a Deus, e desprezar o mundo. »

CAPITULO XXXVII

Por que descrêem ?

Organisou-se um plano, assentou-se que se devia estabelecer o culto da razão, a saber o do homem, e para o pôr em effeito, era mister que se demonstrasse que a razão só por si era sufficiente, e que não havia Deus.

R. Lorgues—J. C. perante o seculo, cap. 1.º p. 24.

Et sicut Moysés exaltavit serpentem in deserto, ita exaltare oportet Filium hominis.

Joannes 111, 14, 15.



ós, os portuguezes, não tivemos ainda uma litteratura nossa, nem podemos ostentar aos de fóra uma faze de nossa vida intellectual, que nos não fosse emprestada por elles. Quasi nada imaginosos, e naturalmente levianos em materia de sciencia, temos a infelicidade de não ter, dentro ou fóra das fronteiras, um nome que tenha em si o cunho nacional da nossa litteratura. . . Camões nada próva contra a nossa opinião. Camões, o segundo poeta do seu seculo, e o mais duradouro entre os poetas portuguezes do seculo XVI, seria um forte estimulo para que os estranhos estudassem a nossa poesia, se não fosse aquelle capacete que recebia o ceitil para o poeta moribundo e aquelle lençol que d'uma pôdre enxerga lhe recebeu o cadaver levado. . . nem os portuguezes sabem para onde! . . . Patria, que

assim deixa morrer o filho, que com seu sangue lhe escreveu os triumphos, está desnaturada como mãe da sciencia, e esconde a face de envergonhada, quando lhe pedem genios laureados para a galeria da intelligencia humana.

Além d'essa epopea, cuidadosamente atauxiada de alguns melhores trechos dos poetas gregos e latinos, que outro livro mandaremos aos visinhos, antes do seculo XIX, que valha a nossa admissão no gremio das letras? Os nossos philosophos e historiadores do seculo XVI, eram, quanto podiam sê-lo, excellentes mestres da lingua, e mais ou menos fieis archivistas d'encarniçadas pejejas. Os do seculo XVII eram o ecco d'aquelles, mas ecco amortecido como a gloria da sua patria deslustrada, e tanto abaixo ella tinha descido, que a propria lingua lhe renegaram! Os do seculo XVIII eram os profundos mandriões das academias, que consumiram de bôa fé quantas variantes cabiam no possivel d'um trabalhoso estribilho. Os do seculo XIX são uns homens prodigiosos na faculdade da imitação; uns portentos de servilismo aos preceitos impostos pelos francezes de ha cem annos; são, emfim, tudo quanto pôde ser uma geração, que não herda a originalidade dos seus, e que não pôde, sem ser apupada, arremedal-a dos outros.

Antes do seculo XVI, se nos interrogaes pela infancia da nossa litteratura, dir-vos-hemos que nada tivemos. Gil Vicente e Bernardim Ribeiro. Um, como versificador de lôas, outro como frio copista das romanças provençaes, podem servir-nos para enfaixar no berço a chronologia da nossa amesquinhada litteratura; mas não podem com as honras de troncos medrados em bôa terra e opulentos d'esperançosos fructos. Se nos fossem compensação os padrões, que ainda hoje se levantam do razo da nossa miseria, apregoando glorias mortaes, nós, os d'este, paiz scientificamente ignorado, a não podermos enramar as fronteas com os louros de Homero, ostentariamos com justificado orgulho os trophéos de

Achylles; mas o « cabo das tormentas » não é um livro de philosophos, a « terra de santa cruz » não é um compendio de sciencias; e, se nos muros derrocados de Diu estão gravados a fundo os golpes da espada portugueza, isso falla da força de um braço, e não do vôo d'uma intelligencia. Lá, nos monumentos arruinados, como aqui, nos monumentos, que se arruinam, o genio, sopeado como um paralytico de nascença, jaz, mudo e triste como elles.

Escrevemos de proposito essas linhas, que parecem forçadas n'um assumpto estranho. Não o são. Um incidente poderia fazer-nos devanear por longos ambitos, onde nos fosse caro encontrar o fio que deve atar-nos o discurso á palavra « Religião. » Não foi incidente.

Queremos, negando conscienciosamente originalidade a tudo que é parto d'intelligencias portuguezas, criminar a mocidade de nossos dias pela subserviencia imitadora que os escravisa a systemas estranhos.

É desdita dos que aqui contrafazem a litteratura franceza consumirem, em nossos dias, o resto dos cem annos, que tamanho é o prazo marcado para a digestão das doutrinas que de lá importamos. Cem annos d'atrazo intellectual é muito para quem tenta hobrear em civilisação com os chamados povos cultos! Pedirmos a nossa emancipação de illustrados, quando mal engatinhamos no rasto de Voltaire e Diderot é uma pertençação irrisoria... irrisoria não: é uma bem desgraçada pertençação!

A julgarmos da exterioridade dos espiritos, que nutre a geração em que nascemos, que systema religioso, que intelligencia, em coisas de Deus deveremos suppor n'essa mocidade que estuda, e escreve, e pensa e aspira a tanta cousa vaga?

Temos a coragem de dizel-o, e o desconsolo de crer no assentimento que muitos darão á resposta que elles proprios nos dariam, se de viva voz os interrogassemos. Esse systema, é não ter systema algum n'aquillo em

que a razão não pode fundar os cimentos. É o racionalismo. É a incredulidade. São as « cartas persianas » e « o ensaio sobre a origem dos conhecimentos humanos » e a « encyclopedia » e o « contracto social » e o « espirito de Helvecio » e o « Christianismo descoberto ». É o sorriso ignorante que nos ensina aquella traiçoeira lição, quando temos de responder pelos motivos da nossa negação religiosa. É o relaxamento dos laços civis, que a mão impostôra do homem tenta substituir com as promessas d'um futuro todo luz, todo razão, nunca saboreado pelos que estudam a politica ha mais de dous mil annos. É um stygma de desprezo em tudo que sobrepuja a sordidez dos politicos ; é o ferrete cuspidado na célula do mosteiro, e o escarneo que responde ás lagrimas do monge ; é o insulto feito a Deus na pessoa do homem que lhe votára a sua existencia, e foi lançado do seu asylo de orações em galardão d'um homicida decorado!

Materialismo são essas causas e esses effeitos, inseparaveis d'ellas ; é essa enfermidade moral que, após o dilirio da destruição, descáe no marasmo da indifferença religiosa, que é o ultimo somno das sociedades antes da sua morte. A morte das sociedades — bem a sabeis — é a anarchia, o sangue dos irmãos, a agonia da nacionalidade, a servidão, e as algemas arrastadas no chão do estrangeiro. A morte das sociedades é Babylo-
nia, é Gaza, é Moab, é Tiro, é a Idumea. É a França de Robspierre, é « Gaston exclamando que Pariz como o Etna devia vomitar do seu seio a aristocracia calcinada » o Convencional David, em pé sobre o seu banco, gritando como um energumeno, e pedindo que o assassinassem ; Marat orando com uma pistola na mão... incitando o povo ao assassinio, pedindo duzentas mil victimas, e a cabeça do seu rei (4).

(4) Bastos — pag. 205 das MEDITAÇÕES.

Que era a França depois da bemaventurada morte de Luiz XVI? Um valhacouto de systemas destruidores, que vinham, foragidos d'Inglaterra, receber ali a ablução da philosophia, d'onde, apadrinhados por Voltaire, sahiam a derramar para dentro das fronteiras visinhas o veneno que trasbordava dos salões de Pariz. Como se manifestaram ali os primeiros symptomas de um futuro calamitoso? Nos sarcasmos que francamente ressaltavam das discussões philosophicas á face de Deus, ao phantasma da virtude, á estupidez da religião! « Esmaguemos a infame! » escrevia Voltaire a um seu amigo imperante, que já não viu mais tarde acalcanhados os estofos do throno de seu filho pelo homem, que em nome da revolução, envergou o manto real que os filhos da philosophia negaram ao cadaver de Luiz XVI. Que era pois a França n'esses dias de sordida ignorancia, e de insolencias escandalosas contra o Christianismo, que hoje abraça aconselhada pela sciencia? Era a incredulidade: era o Portugal de hoje, representado por uma grande parte da mocidade, e pela maior parte d'aquelles que não puderam combinar as cavillações politicas com as ordenações do Evangelho.

Aqui estão os cem annos interpostos aos espiritos fortes do seculo XVIII da França, e aos espiritos orgulhosamente cégos do seculo XIX em Portugal!

Por que são elles incredulos? Por que ouvimos nós da bocca de moços reputados como talentosos a triste confissão do « não creio? »

É que sahiram do berço, quando o altar se fazia pedaços sob o frankisk barbaro d'uns suevos que aqui appareceram, apregoando o anathema de *Voltaire* — « Foi-se o Christo! »

É que descrêram da providencia divina quando viram o máo, salpicado do sangue de seu irmão, posto sobre um carro de triumpho, e mostrado aos que passavam como benemerito da patria.

É, finalmente, por que a sua educação descida dos

governos e impia como a estes convinha que ella fosse, entorpeceu-lhes o espirito nos dias da infancia, e tolheu-lhes a propensão para esclarecerem as verdades religiosas, que não lisongeavam o seu viver de delictos impunes. Ha uma verdade divina que faz honra á religião. É aquella mesma verdade que fez dizer a Paschal que era uma gloria para a religião ter por inimigos taes homens ! — São summamente ignorantes em materia de incredulidade todos esses que aliás se justificam de sabios com alguns titulos apreciaveis. São summamente ignorantes porque não ousam impugnar ao christão os argumentos da sua crença. Falta-lhes essa pobre argucia do sophisma, que ha cem annos coloria com alguns traços de apparente verdade os argumentos da impiedade franceza. Convidae-os a pleitear comvosco em materia de religião ; deixai-os decorar os livros de seus mestres ; dae-lhes mesmo para maior gloria vossa argumentos que houverdes colhido em alguma estação da vossa vida de desvarios, e vereis como é facil emmudecer o impio, e como as eternas verdades do Christianismo não carecem da vossa eloquencia para o seu triumpho.

CAPITULO XXXVIII

Respeito aos mortos!

Haja tambem quem advogue a causa dos mortos.

Gomes d'Abreu. «Catholico» n.º 49.



RA nos dias malditos da revolução de França. Cento e trinta e oito prelados, expulsos de suas sés, eram apedrejados nos atrios dos templos.

Sessenta e quatro mil curas eram lançados de suas parochias, ou compellidos a pronunciarem um perjurio, com todas as nefandassolemnidades d'uma apostasia.

Os religiosos, espoliados do seu patrimonio, eram irrisoriamente mandados procurar um asylo como mendigos, que, em vez de pão, esmolavam a ferocidade dos revolucionarios.

Os templos do SENHOR eram os carcereiros de seus ministros, em quanto a morte, no seu delirio sanguinario, parecia recrear-se de antemão nas orações afflictivas de suas victimas innocentes.

Em uma só cidade, no espaço de doze horas, expiravam, a ferro frio, trezentos sacerdotes.

E os que poderam, por alguns dias mais, augmentar

a sua vida de amarguras, corriam, como os netos da escrava de Abraham, a parte do mundo que os não ultrajava, e lhe concedia, debaixo do céu, alguns palmos de terra, onde cahirem mortos, sem que a mão do assassino lhes entalasse na garganta a sua derradeira prece de moribundos.

Era pois n'esses dias de luto e de terror, em que a hydra popular, erguida sobre a sua esteira de cadaveres, alteava o colo supremo sobre a inviolabilidade do Eterno, e, grande da sua soberania, roçava com a fronte ensanguentada a cruz de dezeseite seculos!

Mas n'esses dias de tribulação, n'essas horas de inferno, n'esses lances acerbos de agonia para os ministros do Evangelho, os impios da mortandade, os algozes de Luiz XVI, os filhos de Robspierre e Marat respeitaram o que havia de mais veneração abaixo de Deus — Os LEGADOS PIOS!

O roubo corria parelhas com a morte. A cella do cenobita, vasia do cadaver de seu dono, era o patrimonio d'um assassino; mas o *legado*, que piamente onerava os bens da igreja, fôra respeitado como um thesouro de orações, que deviam ser o preço do céu para a alma do doador, que anciava no purgatorio o dia da sua bema-venturança!

Aqui, em Portugal, é que o roubo se revestiu de todas as insignias nefandas do sacrilegio!

Aqui é que as campas foram quebradas pelo camar-tello dos impios, e as cinzas dos mortos dispersas ao vento da devastação! Aqui foram escarnecidos todos os dogmas do Christianismo, e escarnecida a ultima vontade do christão, que, na hora do passamento, pozera a esperança da sua salvação nos suffragios, que confiára ao ministerio augusto do sacerdocio! Postos em vilipendiosa almoeda os bens da igreja — aquelles especialmente que lhe foram doados sob a condicional de suffragios — presenciemos uma sacrilega mercancia com a salvação das almas, para as quaes não mais valeu o

responso dos que, acurvados sobre a lapide do morto, appressavam o dia da misericordia divina!

Com que pretexto honesto podem as paixões politicas decretar que sejam esquecidas as obrigações que os legatarios tinham contrahido com as almas dos doadores? Sem calcar impiedosamente os dogmas do Catholicismo, quem pôde ahi mandar calar a oração, que, sem prejuizo dos incredulos, era a intima conversação do homem com o seu creador, e estabelecia entre o vivo que pedia, e o morto que esperava, no logar da purificação, um vinculo santissimo, cujo desenlace estava nas mãos de Deus? A mão segura, que lavrou *conscientiosamente* o decreto dos *bens nacionaes*, aboliu o dogma do purgatorio, senão por um artigo expresso e irrevogavel, ao menos por uma virtual e rigorosa intelligencia da lei!

Quantos figuraram, n'esse escandaloso baazar dos bens ecclesiasticos, eram rebeldes ao impulso d'um remorso religioso! Eram-n'o, quando reciprocamente se passavam uma mão cheia de ouro em troca de um edificio profanado, vasio de virtudes e de homens justos, mas tão cheio de responsabilidades para os que, em cada hora da sua vida, avançam um passo para o tribunal das tremendas contas!

E, comtudo, a impiedade ousa erguer-se entre nós com a mascara da hypocrisia afivellada na face inalteravel ás commoções do pejo. Apagaram na campa dos que legaram suas esmolas á egreja a luz da oração; mas ha ahi em cada anno um dia anniversario, em que os templos se toldam de crepes, e os cirios rodêam uma eça real, e as orações funebres trovejam dos pulpitos, e os dobres melancolicos parecem reclamar um *padre nosso* pela alma de um principe que espera ser chamado por Deus. Em volta d'esse luctuoso ataúde vereis os mentirosos de uma saudade que não sentem, penderem *officialmente* a phisionomia alquebrada... pelo fastio de se verem alli forçados a tributarem homenagens

estereis a um morto, que já não pôde cavar na ruina da igreja o ouro, que prodigamente derramou á rapacidade d'uns poucos.

De que serve ao que está para ouvir a sentença final esse vão simulacro de affectos pertenciosos! ? Se acreditaeis na purificação de uma alma cuja sahida do mundo memoraes em cada anno, com que coração impedís os suffragios d'aquelles que deixaram a causa da sua salvação confiada ao patronato da igreja ?

Vós, Senhores, que rasgastes os titulos obligatorios a que estavam sujeitos esses bens que comprastes, vêde que a alienação dos bens ecclesiasticos só é licita por uma causa justa. *Causa justa* é o pagamento das dividas da igreja, é o resgate dos captivos, é a sustentação dos pobres em tempo de fome, em cujos casos se pôde recorrer ás causas mais sagradas, menos — attendei, senhores mercadores d'um roubo ! — menos aos bens onerados por legados pios (1) !

Os bens da igreja, em conformidade com as attentões piedosas a que devem a sua origem, não podem ser subtrahidos geralmente ao seu destino. Por isso a igreja, para protegêl-os, ameaçou com vinganças divinas aquelles que lhes pozessem mãos criminosas : e, para este effeito, os mesmos doadores inseriam imprecações terribéis nos titulos de doação (2).

Se vos não é sensível, na vida que viveis folgada no crime, o abalo d'estas imprecações, estendei os olhos para os horisontes infinitos da eternidade !

(1) De reb. eccles non alien. in VI. Leo. 4.

(2) M. Fernand Walter, Dir. Eccles. § 251. T. 2.º

CAPITULO XXXIX

o Libertador annuciado e promettido a todos os povos

Feliz aquelle que comprehende as palavras d'esto livro
inspirado.

«Apoc.» 1. 8.



COMQUANTO não podemos escrever livros que aproveitem aos pobres da mais util e sã de todas as sciencias, iremos annunciando aquelles de que vamos nutrindo o espirito, para mais tarde os convertermos em bases do nosso monumentosinho d'escriptor religioso.

Não é soberba nossa, ou aspiração que nos minta, a certeza em que estamos do nosso aproveitamento em taes leituras. A aptidão menos talentosa, no estudo do Christianismo, sente-se dilatada e engrandecida ao passo que a luz da verdade lhe vae afugentando as trevas do scepticismo, que definiremos no homem a sua inteira e absoluta ignorancia. As sciencias humanas, essas, com as suas leis determinadas e positivas, são superiores a muitas intelligencias. A sciencia das coisas divinas, com a indefinivel sublimidade dos seus mysterios, adapta-se a todas as compre-

hensões, em quanto o verme da terra não ousa buscar entre a sua intelligencia e a razão suprema do Ente infinito um termo de comparação. A esphera intellectual do homem é de horisontes dilatados em quanto o seu espirito se não revolta dentro d'esses termos. O christão, convicto da idéa que aquelle titulo exprime, não acha termo ao vô da sua comprehensão. Perante o incomprehensivel da eternidade, sente-se elle espiritualmente ligado ao creador, e confessa que a terra lhe serve apenas de espelho onde se reflectem os resplendores d'uma outra existencia de luz immortal. Não é assim o incredulo. Circumscripito ás commoções apaixonadas de um dia, cançado de prazeres aborridos e materiaes, o seu espirito, como que angustiado entre o annel das desillusões infecundas, não crê porque não pensa, não pensa porque o pensamento roja-lhe baixo e sordido no tremedal dos vícios, e não comprehende porque o seu longo exercicio foi materialisar-se no sensualismo de seus rusticos instinctos. Vêde o que ha de grandiosa paridade entre o cego de nascimento em relação com as riquezas da terra, e o cégo de espirito avaliando as riquezas do céo. Ensinae ao primeiro que sete côres refractadas por meio de um prisma são o foco de todas as côres, que se variam na materia d'esses mundos que conhecemos. Ensinae ao segundo que o homem resume em si as perfeições de tudo o que é creado, e que, acima de toda a creação, ostenta no pensamento que o rege, e na palavra que o explica, essa emanação do infinito, que incessantemente o transporta das decepções terrenas ao complemento da sua immortalidade. O primeiro ha de comprehender-vos tanto como o segundo. A vossa theoria das côres será um mysterio irrisorio no entendimento do cégo, como o fim da creação no espirito obcecado do materialista.

Não assim o homem de crenças que busca tocar, mas não erguer o véo da Providencia para devassar os segredos augustos do Creador. Não assim o que abre os olhos

para a luz da verdade, e se faz bom de coração para levar a fim a magestosa empreza de saber se o sepulcro é o fim da creatura, ou se outra existencia nos foi concedida além da do quadrupede que vimos morrer indifferentemente á mão debil e dominadora do homem.

A razão exerce um dominio salutar sobre o espirito tenebroso do incredulo. A razão, que tão luminosa lhe veio de Deus, e tão escura os vicios lh'a converteram, é um ascendente invencivel sobre o homem, que busca em si a razão de sua existencia, e nos outros a razão das suas crenças, da sua fé, e das suas esperanças religiosas. A esse motor universal do genero humano é que se devem as conversões na orbita religiosa, e as mudanças na orbita politica.

Pouco importa que as consequencias d'uma apostasia politica sejam vergonhosas socialmente: a razão boa ou pessima, immaculada ou corrompida, lá aconselhou o apóstata, e ninguem dirá que este ou aquelle leviano procure nas suas transicções suicidar-se em seus interesses. É que a razão, que estabelece os vinculos sociaes, desajudada do influxo divino, resente-se do obscurantismo grosseiro, que nos vem de herança remotissima, desde que as primeiras familias, proclamando-se independentes do Creador, renegaram o codigo da lei tradicional.

Razão infallivel ha uma só: é a do Christianismo; é a que se presta humilde, e, ao mesmo tempo, orgulhosa da sua soberania, ás verdades que lhe são entalhadas pela mão de Deus.

Exercitae esse nobre distinctivo, que é causa da vossa soberba ultrajadora. Violentae a razão, que vos parece insubornavel, ao estado meditativo de alguns minutos em cada dia. Economisae uma hora das vinte e quatro, que vos são dadas pela riqueza do céu, para os prazeres que vos lisongeam, para as dissipações que vos perturbam, e para o molle repouso de peccaminosas fadigas. Dae essa hora, cercada ás imunidades do crime,

dae-a á leitura de bons livros, já que tendes a desventura de ser este um paiz excepcional, onde o clero, em grande parte, é pouquissimo lido. No cabo de um mez, se a leitura vos robustecer a incredulidade, que perdestes vós? Trinta horas, que vos salvaram d'aquella aborrecida duvida em que vivieis a respeito de vossa mãe, que vistes morrer com a oração nos labios, e não sabeis ao certo se devieis fallar com a sua alma, ou se espirito e corpo seria tudo um farto banquete de vermes. E se ao cabo de um mez sentirdes a anciosa necessidade de curvar o joelho ante a imagem de JESUS CHRISTO, e pedir-lhe a patria dos justos para vossa mãe, que era um anjo, não são bem pagas em consolações perpetuas as trinta horas, que consagrastes na leitura dos livros religiosos? Não podemos imaginar que a vossa resposta seja um sorriso escarnecedor. Ousamos mesmo pedir-vos alguns minutos do dia para a contemplação do livro que vos annunciamos, intitulado — *O Libertador annunciado e promettido a todos os povos*. Ides lêr o Evangelho que fez abrir o coração de Rousseau n'este jorro de lympidas verdades, como se a vara de Aarão tocasse aquella alma endurecida como a rocha de Horeb. Ouvide o homem que abjurou em Genebra o Christianismo, quando as iras do seu orgulho se revoltaram contra os preceitos do codigo, que sua alma parecia esposar, n'um momento de luminosa inspiração:

« Confesso-vos que a magestade das Escripturas me maravilha, a santidade do Evangelho falla a meu coração! Vêde os livros dos philosophos com toda a sua pompa como são pequenos em comparação d'aquelles! É' possivel que um livro tão simples e ao mesmo tempo sublime seja obra de homens! É' possivel que seja um homem aquelle que é o objecto d'aquella historia! Está alli o tom de um entusiasta, ou d'um ambicioso sectario? Que doçura, que pureza nos seus costumes! Que graça penetrante em suas instrucções! Que eleva-

ção em suas maximas! Que profunda sabedoria em seus discursos! Que presença d'espírito, que sagacidade, e que justezas em suas respostas! Que imperio sobre suas paixões! Onde está o homem, onde está o sabio que saiba obrar, soffrer e morrer sem fraqueza, e sem ostentação?... Diremos nós que a historia do Evangelho foi inventada?... Meu amigo, não é assim que se inventa; e os factos de Socrates, de que ninguem duvida, são menos authenticos que os de Jesus Christo! »

Não vos seremos fastidiosos com citações dos filhos queridos da Igreja, em quanto podermos invocar o testemunho d'aquelles, a quem prestaes céga homenagem, que nem sempre é devida ao talento malicioso; se desejaes as commoções, que não podem dar-vos os livros da sciencia duvidosa, que deixareis no fim da vida, envolta na faixa mysteriosa da sua infancia, buscae-as no livro de Deus, no Verbo divino, na obra do Espirito Santo, ainda que esta Trindade dogmatica vos pareça cerradamente escura para quem busca as primeiras restees da luz religiosa.

« Haveis pejo de ignorar a historia de Cezar ou de Alexandre, e ignoraes a historia de Christo. Sabeis que combates pelejaram esses grandes Capitães, que males carregaram sobre a terra, e quantas victimas estrangularam, e de Jesus Christo não sabeis que enfermos curou, que dôres consolou, e que mortos revocou á vida... No pó dos manuscriptos, sob o musgo das ruinas, nas entranhas da terra, rebuscaes as recordações mutiladas dos grandes homens; e que é pois Jesus Christo na vossa opinião? (1) »

O livro, que vos aconselhamos, não é o fructo d'um longo estudo, nem o esforço sublime d'um genio poderoso. É um livro copiado substancialmente do velho e

(1) LIBERTADOR... T. 1.º pag. 7.

*

novo testamento, o enlace da antiga com a nova aliança, é a explicação do Evangelho pelas predicções successivas no espaço dos quatro mil annos que o precedem.

Por ventura muitos são ahi os que tem votado ao esquecimento a Biblia, porque o seu volume, e talvez o seu latim se não adapta á intelligencia de uns, e não entretem a impaciencia de outros. Mas ahi tendes a essencia dos livros de Deus, copiada n'aquella linguagem, que vos é tão conhecida da leitura de estereis romances. Aproveitae todas estas condições, que parecem frivolas; mas que o não são, se d'ellas pende a instrucção do homem. Attentae na soberania d'esta sciencia, e considerae-vos lastimosamente infelizes, se por desleixo, viverdes sempre como se nunca tivesses de morrer.

CAPITULO XL

● Missionario

Multi autem eorum, qui audierant verbum, crediderunt...

«Act. Apost.» c. 4, v. 4.



A perto de 17 seculos, que Tertulliano, em face do Cezar, escrevia estas memorandas palavras :

« Nós existimos desde hontem, e enchemos todo o vosso imperio, cidades, ilhas, castellos, aldêas, ajuntamentos, campos, tribus, decurias, senado, palacios, e fôro : livres só vos deixamos os vossos templos ; poderíamos mesmo sem armas e sem revolta, só com a nossa separação, combater-vos... »

Tertulliano era um christão que abjurára os idolos do paganismo, quando o sangue dos martyres lhe borrifára a face, n'esse folgar feroz do povo cartaginez. Tertulliano, o maior homem da igreja christã na sua infancia, fazia a resenha dos sectarios do christianismo, quando o leão do circo rugia farejando as carnes do homem, que no seu estrebuchar entre as garras da fera, provocava a hilaridade dos successores de Nero, envolvidos na tunica dos senhores do Universo.

Era, pois, n'esses dias nefastos, em que o Evangelho de JESUS CHRISTO, levado sobre as ondas do sangue de martyres, entrava glorioso os muros de Antiochia, as cem portas de Thebas, os templos idólatras de Babylo-
nia, e escurecia as ovações esplendidas das aguias capitolinas.

O reinado de CHRISTO conquistára em menos de dois seculos o coração d'aquelles homens, que respiravam o ar pestilento da mortandade, e não puderam no correr de seculos de encarniçados odios, sacrificar ao sentimento da caridade um trago d'aquelle sangue d'irmãos, que lhes não matava a sêde de conquistas.

Roma, a rainha das cidades algemadas no estrado dos imperadores; Roma, a velha corrompida que tentava aformosentar-se com as galas da sua juventude perdida, sentia-se morrer no seu leito de ossadas christãs, abafada pela multidão de martyres, que mansamente lhe vinham estender o pescoço, sob o cutello do lictor.

É prodigiosamente milagrosa a conversão d'esses milhares de guerreiros, no curto espaço de 150 annos!

É celestemente tocante esse phenómeno sobrenatural, passado á face da mundo pagão, no dia em que S. Pedro, o pescador, do lago de Génésareth, cincoenta dias depois da ascensão de Christo, em algumas horas converte cinco mil d'aquelles que apuparam o Galileu nas ruas de Jerusalem!

Meditae senão como christãos, ao menos como philosophos n'este successo eloquente! Vêde que *Jesus de Nazareth*, morto entre dois malfeitores, goteja o ultimo sangue da redempção, em quanto a multidão deicida, voltada para as cumiadas do Golgotha, escarnece o FILHO de MARIA, o impostor nazareno, que lá exclama a SEU PAE o perdão para os seus assassinos! Vêde as turbas, tintas pelo sangue do Justo, que cincoenta dias depois, lavam no seu sangue o ferrete de réprobos, que ainda hoje marca a frente de seus irmãos impenitentes, dispersos na face do mundo!

Nós, homens do erro e filhos d'uma maldição que nós próprios nos damos, ousamos hoje, no fim de dezoito seculos, pedir á sciencia as provas do Christianismo! Nós, miseraveis instrumentos d'um seculo immoral, crianças embaladas no berço da incredulidade, adultos com o joelho curvado perante o altar da razão corrompida, velhos, que nos vêmos todos os dias esmigalhar como barro vil entre as mãos de Deus!... nós chamaremos, a brados de impiedade, o Senhor do Universo para que venha esclarecer-nos com seus milagres, com seus tormentos, e com a sua morte em nova cruz!?

Quem é que nos esconde as provas da nossa religião? Quem lançou por terra os monumentos, que JESUS CHRISTO nos deixou com caução do nosso resgate? Que é d'esse archivo precioso de documentos onde devemos estudar a existencia d'estes cincoenta e oito seculos, que constituem o passado do genero humano? Seremos impios, porque sahimos ignorantes das mãos de Deus? A religião christã será, simplesmente, uma piedosa tradição confiada a algumas familias virtuosas?

Estas perguntas envergonham o que nasceu no seio da Igreja, 17 seculos depois que Tertulliano ameaçava o imperador romano, com a perda dos seus vassallos, se por ventura os que eram christãos lhe abandonassem o territorio. « Se... nos retirassemos para alguma parte do universo — escrevia elle — o vosso poder ficaria confuso com a perda de um tão grande numero de cidadãos; a sua unica ausencia vos castigaria; estremeceríeis na solidão em que vos deixaria este silencio universal, e com o espanto em que ficaria a vossa terra como morta! »

São vergonhosas aquellas perguntas, se as fizermos com a mão sobre o Evangelho! Sabeis que livro é este? A vós mesmos, christãos que o sois pela vossa vida, o perguntamos — lestes o livro de Deus, onde cada linha parece escripta perante nós pela mão visivel d'um anjo, que o SENHOR nos envia, n'um instante de incerteza?

Sabieis que esse monumento, com as suas bases no coração do homem, e o vertice no throno do Eterno, é ainda a voz do neto d'Abrahão que nos falla pela bocca de seus discipulos?

Seculo d'angustias e de desalento, este em que vivemos, não é aquelle em que o reino das trevas fará farta colheita de almas votadas á sua eterna perdição. D'entre os espinhos da angustia, o homem afflicto brada pelo auxilio do céo na sua agonia terrena!... Sinto que o meu espirito se ergue sobre o pó do meu cadaver; sinto-me levado no perfume d'estas lagrimas, que a mão do crime me arranca do coração, para um mundo que me é promettido, como consolação aos que choram. É CHRISTO que me abre a pagina do Evangelho, onde essa esperanza me foi escripta para esta hora de descrença nos homens... São estas as consolações do Justo, que apagou com as lagrimas da penitencia o lume da desesperação que lhe queimava as entranhas. São estas as consolações, que sentiremos nós todos os que anciamos a palavra de Deus da bocca do sacerdote, se amanhã as portas do templo forem abertas ao desgraçado, cuja tibieza do coração lhe não permite buscar em si a crença reanimadora de seus paes!

As portas do templo estão abertas. Acercae-vos d'aquelle pulpito, vós que não vendestes a alma ao demonio da perdição. Ouvide um homem a quem as turbas appellidam santo. N'aquella face ha lagrimas que o hypocrita não sabe chorar. Não devasseis o seu passado, que é um continuo arroio de virtudes.

Ouvide-o, que é um anjo, não enviado por Deus, mas feito na santidade do Evangelho.

Curvae o joelho diante do apostolo, que teme transpôr as avenidas das cidades, onde o vosso escarneo é uma insolencia feita a Deus, e a vossa sciencia os apódos ultrajantes dos doutores da Synagoga.

É um *missionario*, senhores, que a estas horas, prostrado em fervorosa oração ao CRUCIFICADO, LHE-pede alentos, para manhã continuar a sua missão divina.

Eil-o ahi vae pobre como entrára, tão rico das suas conquistas, tão chorado das multidões, que o acompanham, abrir braços de pae aos orfãos que medram na desenvoltura do peccado.

Na aldêa visinha tange o sino da oração. O decrepito exulta no leito do seu entrevamento. « Ide, minha descendencia! — exclama elle com a voz quebrada pelos soluços — ide, que eu quero morrer abraçado aos que hão de pedir pela minha alma. »

Despovoam-se as cabanas: os fructos são abandonados no campo á Providencia divina. O templo está cheio hoje, manhã a voz do missionario não será abafada entre as paredes da Egreja. Recrescem as multidões; o pulpito é nos descampados, debaixo do céo, na presença das arvores seculares, que fallam das crenças passadas, na presença do sol, que apregôa a Omnipotencia do SENHOR!

Este povo era um povo rebelde. Deixaram-n'ò em abandono durante largos annos. Os impios disseram-lhe que não havia Deus. O povo era ignorante. Viu que a felicidade apparente era o castigo dos impios. Foi impio tambem. Vêde-o agora...

Chora !

As lagrimas do homem na presença de Deus não são mentirosas.

.....

Bemdito seja o MISSIONARIO, a cuja prece as portas do céo se abriram para tantas almas !



INDICE

PREFACIO	v
CAPITULO I — O Padre	7
» II — Assumpção de Nossa Senhora	17
» III — Festa da Razão	21
» IV — O Suicidio	27
» V — Caridade	39
» VI — As sete palavras de N. S. Je- sus Christo	59
» VII — Do papa e do seu poder tem- poral	67
» VIII — Razão	89
» IX — Fé	99
» X — Ácerca dos dois artigos ante- riores	109
» XI — A casa da oração, e a musica profana	119
» XII — Reagimos	123

	PAG.
CAPITULO XIII — BIBLIOGRAPHIAS :	
I — Poesias religiosas	125
II — Saudade	128
III — Os dois artistas	129
» XIV — Conceição de Maria	133
» XV — Missões	139
» XVI — Duello	141
» XVII — Amor de familia.	155
» XVIII — A incredulidade.	159
» XIX — Esperança.	165
» XX — O Pantheon	169
» XXI — Naturalismo	173
» XXII — Carta (1851)	177
» XXIII — Paradoxos da incredulidade	181
» XXIV — Domingo	191
» XXV — Abbadessados	197
» XXVI — O Bardo irlandez (extracto)	201
» XXVII — Que ha de commum entre o re- gicida de Izabel II, e o Je- suita? (1852)	207
» XXVIII — A rainha dos céos na presença dos humildes da terra.	211
» XXIX — Eloquencia sagrada	215
» XXX — Anecdotas do Ministerio do Marquez de Pombal, Conde de Oeiras, Sebastião José de Carvalho e Mello	221
» XXXI — A actual instrucção do clero.	225
» XXXII — Uzura	231
» XXXIII — Imagens de Christo	237

	PAG.
CAPIT. XXXIV — Consequencias da irreligião .	241
» XXXV — Santo Ignacio de Loyola .	247
» XXXVI — IGNACIO DE LOYOLA :	
§ I — O cavalleiro .	257
§ II — O penitente .	126
§ III — A Visão realisada .	265
§ IV — O voto cumprido .	272
§ V — O Instituto .	275
§ VI — Odios impotentes .	278
§ VII — Regra da ordem .	282
§ VIII — Constituição da or- dem.	291
§ IX — Na Irlanda .	298
— Nota	304
» XXXVII — Porque descrêem?	309
» XXXVIII — Respeito aos mortos!	315
» XXXIX — O Libertador annuciado e promettido a todos os povos .	319
» XL — O Missionario	325

11 JU 68

CATALOGO

DE ALGUNS LIVROS DE QUE É EDITOR, E OUTROS QUE SE
ACHAM Á VENDA

NA LIVRARIA E TYPOGRAPHIA

DE

FRANCISCO GOMES DA FONSECA

72 — RUA DO BOMJARDIM — 72

JESUS CHRISTO

PERANTE O SECULO

OU

*Novos testemunhos das sciencias em abono do catholici-
cismo, por ROSELLY DE LORGUES. 3.^a versão em por-
tuguez sobre a 15.^a edição de Paris, annotada por CA-
MILLO CASTELLO-BRANCO. — 1 vol. in-8.^o . . . 600*

○ PAROCHO

*Romance religioso de R. DE LORGUES e precedido d'uma
introducção por C. CASTELLO-BRANCO. — 1 vol. 500*

O CHRISTIANISMO E O SECULO

RESPOSTA

Á OBRA DE MR. RENAN — *VIE DE JESUS*

POR J. JOAQUIM DE ALMEIDA BRAGA

*Dedicado ao Exm.^o e Rvm.^o Snr. Bispo do Porto, — e
precedido da sua acceitação. 1 vol. in-8.^o . . . 300*

Sermões de Joseph Gregorio Lopes da Camara Sin-
val, com uma introducção por CAMILLO CASTELLO-
BRANCO. — 1 volume 1\$000

O PADRE PERANTE O SECULO

(VERDADEIRA HISTORIA UNIVERSAL DO CATHOLICISMO)

Em que finalmente se reduz á Precisão dos termos, á Unidade das partes, ao Poder da Demonstraçãõ, a magnifica Phylosophia, o Genio encyclopedico, as Virtudes, os admiraveis Benefizes, a Gloria e o Triumpho cada vez mais brilhante da Egreja Unica Romana em todo o Universo. — No meio da esterilidade, das desgraças, e da queda incessante de todos os seus inimigos, por A. MADROLLE. Nova ediçãõ. 1 vol. 500

A CRUZ NOS DOIS MUNDOS

OU A CHAVE DA SCIENCIA

PELO AUTHOR DO « JESUS CHRISTO PERANTE O SECULO »

Trad. da 3.^a edição de Pariz por A. Soromenho. 2 volumes in-8.^o 800

VIDA E MILAGRES

DO

THAUMATURGO LUSITANO

SANTO ANTONIO DE LISBOA

Reformada e illustrada com algumas reflexões evangelicas, e exposições religiosas: com a trezena e orações adoptadas pela Santa Egreja: pelo seu humilde e reverente devoto ANTONIO JOAQUIM DE ALMEIDA. 1 vol. in-8.^o com uma gravura 500

Flôres a Maria, ou o mez de Maria, consagrado á Santissima Virgem Mãe de Deus, coordenado por um presbytero bracharense. 1 volume 400

1982



